REALIDADE

JULHO 1966 ★ UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL

Cr$ 700

2.058,01,02

Nossa primeira grande pesquisa: vote a favor ou contra o DIVÓRCIO

FEITIÇO BRASILEIRO VAI A LONDRES

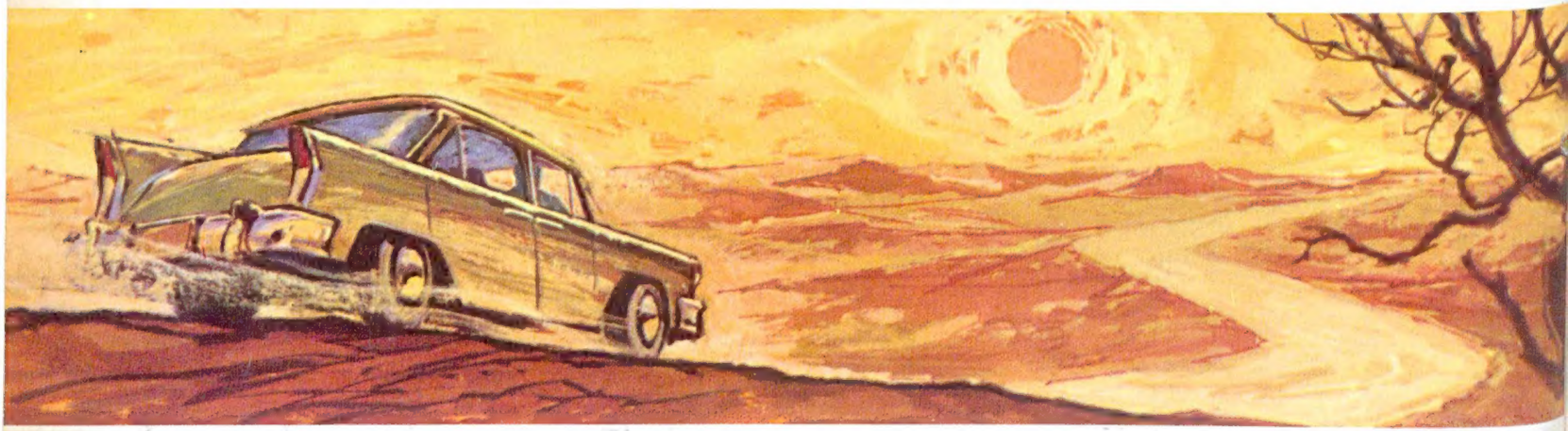
O HOMEM JÁ PODE SER RECONSTRUÍDO

O MUNDO SECRETO DO CANDOMBLÉ

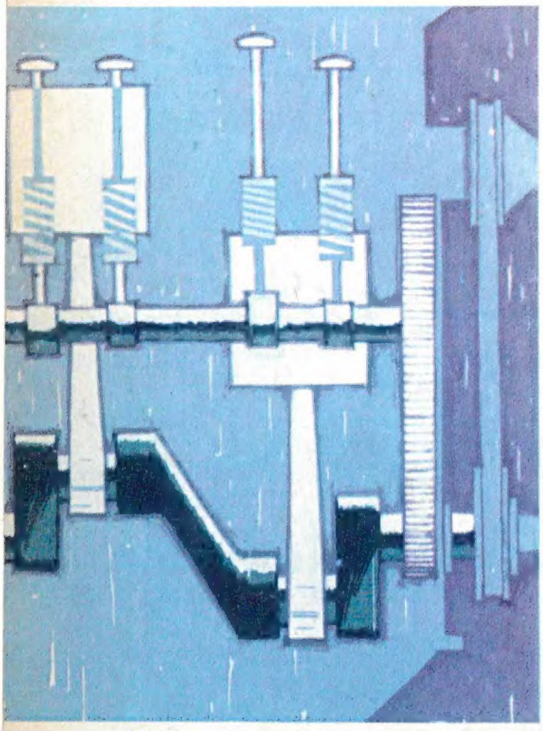
JANGO E BRIZOLA: A BRIGA DOS CUNHADOS

Quanto tempo sem ir à oficina?

É mesmo. Depois que o meu mecânico me aconselhou a usar HAVOLINE (Motor O ou Special 20W-40), acabou-se aquela história de passar fim de semana na oficina



Havoline não perde suas propriedades lubrificantes com o calor e os regimes elevados de rotação. E o que é importante - Havoline Motor Oil limpa enquanto lubrifica, mantendo desobstruída a passagem de óleo pelos condutos internos de lubrificação do moto



Formando uma película protetora nas partes internas, Havoline protege contra os depósitos e impurezas que podem danificar os mancais do motor. Lubrificação perfeita.

Seu carro merece o melhor:
Havoline e Havoline Special para motores a gasolina e Diesel satisfazem as especificações API: ML, MM, MS, TG e ITM. Para sua comodidade, Havoline Special 20W-40 atende si multâneamente SAE 20W, 30 e 40.

Prefira sempre os serviços do seu Revendedor Texaco

TEXACO BRASIL S. A.

TEXACO

o melhor amig do seu carro

IA - 26.139

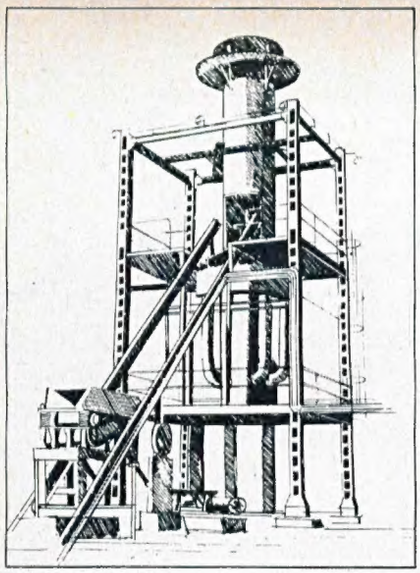
PEDIMOS DESCULPAS

Como o leitor muito provàvelmente já sabe, as três primeiras edições de REALIDADE esgotaram totalmente. Dos 250 mil exemplares de abril, passamos para 280 mil em maio e 350 mil em junho. Mas, de todos os cantos do País, cartas e telegramas continuam chegando, reclamando ainda mais revistas.

Assim, resolvemos imprimir, nesta edição, 450 mil exemplares. Esta decisão, entretanto, trouxe um dilema. De um lado, queríamos atender a todos os pedidos. Do outro, não tínhamos papel-REALIDADE em quantidade suficiente para enfrentar uma tiragem tão grande. Assim, fomos obrigados a utilizar estoques de papel diferente — menos branco e brilhante do que o nosso — para completar a impressão de algumas páginas dêste número.

Esperamos que o leitor compreenda e perdoe esta solução de emergência. Estamos certos de que até setembro teremos recebido todo o papel necessário para atender ao crescimento vertiginoso de REALIDADE. Desde já, o nosso muito obrigado.

I0000022292



um comboio chamado "soma" faz 37 anos e engata mais um vagão

Entre o dia em que iniciou suas atividades e o dia 18 de junho último, quando completou 37 anos, a CIA. SOROCABANA DE MATERIAL FERROVIÁRIO percorreu longo itinerário visando à modernização das ferrovias nacionais e cumpriu largo esfôrço de diversificação Dêsse esfôrço resultou a implantação da da Cia. Fuller Equipamentos Industriais em 1960 e a inauguração em junho último, da Siderúrgica Soma S.A.

Principais realizacões do Grupo SOMA:

— Vagões-tanque de 70.000 litros de capacidade, os maiores até então fabricados no mundo

— Vagões de basculantes pneumáticos para 70 toneladas de carga, inteiramente fabricados no Brasil

— Quatro tôrres sugadoras pneumáticas (150 ton/hora, cada) já em funcionamento, fornecidas à Cia. Docas de Santos

— Britador Giratório-Primário de 500 ton/hora de calcáreo, para a Cia. Siderúrgica Paulista.

— Resfriadores de grelha horizontal p/400 ton/dia, entregues à Cia. Santa Rita de Cimento e à CELUSA.

— Fornos rotativos de 360, 500 e 200 ton/dia para pozolana, cimento e agregado expandido, para Construções e Comércio Camargo Correia, Cia. de Cimento Vale do Paraíba e Construção Industrializada Nacional S.A., respectivamente

— Compressores rotativos Fuller, até 1.000 pés cúbicos por minuto

— Equipamentos navais, como escotilhas, catarinas, guinchos, mastros e outros equipamentos destinados à maioria dos navios brasileiros

— Estações de tratamento de água, esgôtos e resíduos industriais, com equipamentos Infilco, fabricados com exclusividade no Brasil pela SOMA

Marcus Pereira Publicidade

SOMA

CIA. SOROCABANA DE MATERIAL FERROVIÁRIO
CIA. FULLER EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS
SIDERÚRGICA SOMA S.A.

São Paulo: Av. Angélica, 1946 - Tels. 51-4005, 51-2106 e 51-2107
Osasco: R. André Rovai, 47 - Tel. 80-2199

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO I — NUMERO 4 — JULHO 1966

BIBLIOTECA BRASIL NACIONAL
I00000222924
2,058,01,02
ct:278923 B 213659

Capa — Foto de Nélson Di Rago: a estátua é homenagem de Serra Negra à nossa seleção; a mandinga, exemplo do que muitos vão fazer ao torcer pelo Tri.

Justiça 19 — **Justiça seja feita** — O que é o Supremo Tribunal Federal? Quem são e como trabalham os 16 ministros, cujas sentenças são sempre a última palavra.

Problema 26 — **Desquite ou divórcio?** — No Brasil, quem se desquita nunca mais pode casar legalmente. É justo? Quem responderá é o leitor, numa grande pesquisa.

Documento 36 — **Um despacho de amor** — O mistério do candomblé, suas cerimônias secretas e orixás mostrados numa história de amor, vivida em um terreiro da Bahia.

Gente 46 — **Jango e Brizola** — Êles estão brigados. Um vive em sua fazenda, criando muito gado; o outro, sustentado pelo Govêrno brasileiro, vive estudando.

Internacional 58 — **Assim nasce uma nação** — Um repórter e um fotógrafo foram até a Guiana Inglêsa para documentar a independência de um país, que nasce dividido.

Medicina 68 — **O homem reconstruído** — Para vencer a morte, a ciência aperfeiçoa cada vez mais o transplante de órgãos e a implantação de peças artificiais.

Aventura 84 — **Diamante, calibre 38** — Nos confins de Mato Grosso, homens violentos sacrificam tudo em busca de riqueza e poder: os garimpeiros são assim.

Arte 92 — **Michelângelo** — Para o pai, êle era apenas um vagabundo sonhador. Mas, como poucos, êste artista que viveu fugindo soube ver a beleza do homem.

Humor 100 — **Esquerda, volver!** — Para uns, a esquerda brasileira é assunto sério; para outros, tudo não passa de festa. Aqui, vê-se o lado ameno da questão.

Futebol 108 — **Feitiço brasileiro vai a Londres** — A superstição é titular na nossa seleção. E quem enfrentar o time nacional terá mandinga certa pela frente.

Perfil 116 — **O Padre Hélder** — Êle nasceu para ser um homem da Igreja. E conseguiu muito mais: ser um líder, um orientador e um político fora da política.

Conto 123 — **Aqui fala Moscou** — O conto que causou a condenação de seu autor, o escritor Yuli Daniel, a cinco anos de prisão num campo de trabalho russo.

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Redatores: Carlos Azevedo, Micheline Gaggio Frank, Narciso Kalili, José Carlos Marão, Luiz Fernando Mercadante, José Hamilton Ribeiro
Pesquisas: Duarte Lago Pacheco
Secretário Gráfico: Woile Guimarães
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Diagramadores: Jaime Figuerola, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Luigi Mamprin, Jorge Butsuem, Roger Bester, Lew Parrella
Sucursal, Rio: Alessandro Porro
Milton Coelho, Nélson di Rago
Sucursal, Nova Iorque: Odillo Licetti

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Vice-Diretor de Publicidade: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Sílvio Fernandes, José Luiz Decourt Ricci

Representantes, Rio: Nílson Alves
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives (gerente) e Vernei Pinto
Belo Horizonte: Afonso Tôrres
Curitiba: Édison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

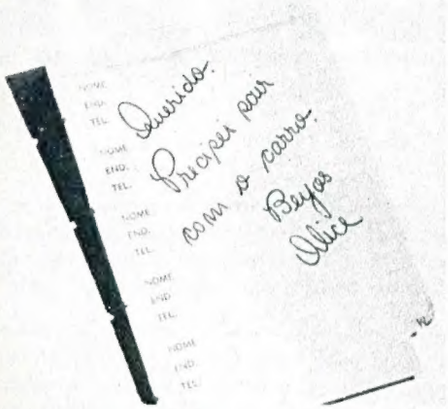
*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111 / Administração: Rua Alvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778 / Sucursal, Belo Horizonte: Av. Goitacazes, 43, cj. 301-2, fone: 4-7146, Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes. 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, Telefone: 4-5937 - 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso Cr$ 700. Assinatura semestral Cr$ 4.200. Assinatura anual Cr$ 8.400. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901.

/ Todos os direitos reservados.
/ Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo.
As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

De que maneira a sua espôsa lhe pede emprestado o Volkswagen?



1) Ela simplesmente acorda mais cedo e sai com o carro?

2) Preciso ir ao cabeleireiro, querido.

3) Levo as crianças à escola, vou à feira, vou à costureira, passo na casa do tio Felício...

4) Benzinho, não seja monstro!

5) Empresta, senão vou à casa de mamãe e volto com ela para casa.

6) Fique sabendo que eu preciso tanto do carro quanto v.!

7) Se v. empresta, juro que faço aquêle camarão à baiana hoje mesmo.

8) (Silêncio)

9) V. se importa de ir de ônibus hoje, querido?

As maneiras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 indicam espôsas que gostam de ficar com o VW do marido. Isso é perfeitamente natural. Mas se isso tem acontecido com v. ùltimamente, não seria também natural comprar um segundo Volkswagen só para ela?

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

cartas

Muita coincidência

Sr. Diretor: Como é que REALIDADE e "Manchete" apareceram nas bancas, numa mesma semana, com reportagens sôbre o primeiro ano de vida do bebê?

Rosalina Machado
Rio de Janeiro — GB

REALIDADE *também estranhou a "coincidência". A reportagem "A Vida Começa Aqui" foi realizada por Robert Freson, grande fotógrafo inglês, para quatro revistas: "The Sunday Times", de Londres, que a publicou em 6 de março; "Paris-Match", na França, em 7 de maio; REALIDADE, em 27 de maio; e "Look", nos Estados Unidos, em 31 de maio. É de se supor que a outra revista mencionada pela leitora tenha se "inspirado" no trabalho de Freson.*

Conceição protesta

Sr. Diretor: O redator de REALIDADE examinou tudo e escolheu o pior de Conceição de Mato Dentro, em sua reportagem "Nossa Cidade". Por que não focalizou o Cuiabá, que é uma encantadora fonte natural? Ou o ginásio São Francisco, com seus 500 alunos, o Colégio São Joaquim, com 500 alunas, e Éden Clube, o Cuiabá Hotel, as nossas quatro igrejas e uma infinidade de coisas boas?

José Getúlio de Souza
e mais 79 assinaturas

Conceição do M. Dentro — MG

REALIDADE só tinha um desejo: mostrar como vive a população de uma cidade do interior brasileiro. Com as alegrias, frustrações e verdades do dia-a-dia.

Nenhum perigo

Sr. Diretor: REALIDADE veio provar que a Editôra Abril não constitui nenhum perigo à soberania da Pátria, como querem alguns órgãos de nossa imprensa. Está se mostrando, isto sim, uma excelente revista de formação, que muito irá contribuir para o desenvolvimento intelectual do Brasil.

Lewys S. Andrade — estudante
Lavras — MG

REALIDADE só é perigosa para os que temem uma imprensa moderna e séria.

Contra Roberto Carlos

Sr. Diretor: Li a reportagem sôbre Roberto Carlos e achei um dever notificá-lo de que êle não comanda tôda a juventude brasileira. Êle está à frente, apenas, de uma revolta inconsciente de certa parte da juventude. Mas há também a revolta, consciente, dos que procuram uma situação melhor para nós e nossos semelhantes.

Márcio N. Galvão
São Paulo — SP

Menos preconceitos

Sr. Diretor: Aqui em minha cidade, a reportagem sôbre o primeiro ano de nossa vida levantou muitas polêmicas e restrições. Mas continuem, pois se no tempo de nossos pais êstes assuntos fôssem abordados, hoje teríamos um País com menos preconceitos e falsos pudores.

Luiz Mora
Curitiba — PR

Liberdade sexual

Sr. Diretor: A leitora Ângela Fernandes fêz uma acertada previsão, ao afirmar que 90% das jovens brasileiras, embora muitas não tenham coragem de se manifestar, são favoráveis à igualdade com os homens e à liberdade sexual.

C. A. de Araújo
Brasília — DF

não somos britânicos, mas cumprimos um horário britânicamente: apanhamos os malotes às 18 horas de um dia e êles chegam ao seu destino às 9 horas do dia seguinte.

SERVENCIN

Reclam

o melhor sistema de entrega de correspondência agrupada em malotes, para 61 cidades do país.

SERVENCIN
DESPACHOS GERAIS S.A.
São Paulo (Matriz): Rua Gen. Jardim, 699
Tel. 37-0694
R. de Janeiro: Av. Franklin Roosevelt, 84
Conj. 503 - Tel. 42-3103

os malotes da SERVENCIN são os unicos cobertos por companhias de seguro.

ALAGOAS
Maceio
AMAZONAS
Manaus
BAHIA
Ilheus
Itabuna
Salvador
Paulo Afonso
BRASILIA
Distrito Federal
CEARA
Crato
Fortaleza
Juazeiro do Norte
ESPIRITO SANTO
Vitoria
GOIAS
Goiânia
GUANABARA
Rio de Janeiro
MARANHAO
Sao Luiz
MATO GROSSO
Campo Grande
MINAS GERAIS
Belo Horizonte
Juiz de Fora
Uberlandia
PARA
Belem
PARAIBA
Campina Grande
PARANA
Curitiba
Londrina
Maringa
PERNAMBUCO
Recife
PIAUI
Parnaiba
Terezina
RIO DE JANEIRO
Resende
RIO GRANDE DO NORTE
Natal
RIO GRANDE DO SUL
Porto Alegre
SANTA CATARINA
Blumenau
Florianopolis
Itajai
Joinville
SÃO PAULO
Aparecida do Norte
Araçatuba
Araraquara
Bauru
Botucatu
Bragança Paulista
Campinas
Cacapava
Cruzeiro
Cubatao
Guaratinguetá
Jacarei
Jundiai
Lins
Lorena
Marilia
Pindamonhangaba
Piracicaba
Presidente Prudente
Ourinhos
Ribeirão Preto
Santos
S. J. dos Campos
S. J. do Rio Preto
Sao Paulo
Sorocaba
Taubate
SERGIPE
Aracaju

Seja um técnico!

Como? É fácil. Matricule-se em um de nossos cursos por correspondência e assegure um futuro rendoso e brilhante.

Sob a orientação e administração de competentes e renomados engenheiros, agrônomos e veterinários, mantemos eficientes e bem organizados cursos de:

- Administração Técnica Agrícola.
- Técnologia Agrícola - (industrialização e conservação dos produtos e sub produtos Agro-Pecuários)
- Bovinocultura - (criação de gado leiteiro, corte e misto)
- Suinocultura - (criação de suínos) - (porcos)
- Fruticultura - (frutas em geral)
- Horticultura - (hortaliças em geral)

- Cunicultura - (criação de coelhos)
- Avicultura - (criação de pintos, frangos para corte, galinha para postura, codorninha, faisão, doenças das aves etc.)
- Apicultura - (Criação de abelhas)
- Médio Veterinária - (doenças dos suínos, bovinos, aves, coelhos, cabras, carneiros, cavalos, jumentos, burros etc.)

Faça como muitos já fizeram! Matricule-se em um de nossos cursos e colha os lucros de seu sucesso.

Solicite-nos folhetos explicativos, enviando-nos Cr$ 160 de sêlos de correio, indicando que curso prefere fazer e em que jornal ou revista encontrou esta nossa mensagem.

Instituto Campineiro de Ensino "Agrícola"

Av. Francisco Glicério, 989 - 5.º and. C. P. 1148 - CAMPINAS - S. Paulo

edanee

Com os mapas de Quatro Rodas você pode viajar apenas nesta pequena área:

Deseja viajar de carro pelo Brasil?

Consulte as coleções da revista Quatro Rodas.

As equipes que elaboram os mapas rodoviários de Quatro Rodas já percorreram milhares de quilômetros de estrada de norte a sul do Brasil. Visitaram vilas e cidades, pesquisaram centenas de hotéis. Outro tanto de restaurantes. E paisagens. E atrações turísticas. E festas regionais.

Quem tem bôca vai a Roma. Mas, no Brasil, é muito mais seguro confiar nos mapas que Quatro Rodas publica todos os meses.

Não perca nenhuma edição de Quatro Rodas!

cartas

Sr. Diretor: A afirmação da leitora Ângela Fernandes foi gratuita e dogmática. Tenho certeza de que são mais de 10% as jovens brasileiras que pensam que a chamada liberdade sexual não passa de uma inversão de valores e um desamor, em lugar de amor.

A. L. de Oliveira
São Paulo — SP

Páginas de menos

Sr. Diretor: Estou preocupado com o racionamento de páginas de REALIDADE. No primeiro número o total de páginas — fora as da capa — era de 138; no segundo, 130; no terceiro, 122. Com isso, os leitores vêm sendo prejudicados.

Edson Mesquita
São Miguel Paulista — SP

A conta correta, do ponto de vista dos leitores, deve ser feita em relação aos totais das páginas redacionais. Nos três primeiros números da revista êstes totais foram de: 96 páginas e meia, 99 e dois terços e 93 e dois terços. Neste número 4, o total de páginas reservado à redação é de 96 e um têrço .

Para mim, a melhor

Sr. Diretor: A melhor reportagem que já li em tôda a minha jovem vida foi a publicada em REALIDADE número 3: "Está aberta a sessão".

Hélio C. Nascente
Pires do Rio — GO

Recado ao deputado

Sr. Diretor: Empolgado com o brilhantismo dos três primeiros números desta revista, vi-me chocado com as afirmativas subservientes do Deputado Federal Anísio Rocha, no **Brasil Pergunta** do exemplar de junho. Gostaria de lembrar àquele parlamentar que: 1) o aumento de vagas no Supremo Tribunal Federal não deu maior poder ao Judiciário e sim ao Executivo, que as preencheu; 2) os deputados não podem ter liberdade, quando há cassações; 3) não há vantagem em o povo "ser convocado em praça pública", pois lhe cassaram o direito de eleger; 4) quanto à liberdade dos "comícios que aí estão", que o digam os estudantes de Belo Horizonte.

Fernando Rodrigues
Rio de Janeiro — GB

Revista mais forte

Sr. Diretor: A revista é magnífica e o papel é ótimo, do melhor que se pode colocar em uma revista brasileira. Mas, ao invés de usarem cola para segurar as fôlhas, por que os senhores não usam grampos, para que REALIDADE possa suportar melhor o descuido dos que a tomam emprestada? REALIDADE é uma revista para se ler e depois guardar para tôda a vida.

Paulo Roberto Franco Andrade
Mesmer da Silva Ferreira
Pedro Alves de Sousa
Pedro de Alcântara
Aracaju — SE

— Está-se procurando reforçar a cola ainda mais, pois o acabamento sem grampos permite que a revista seja aberta completamente, em qualquer página.

Divórcio

Sr. Diretor: Gostaria que REALIDADE abordasse, com a clareza e dignidade que lhe são peculiares, o problema do lar desfeito e a intolerável situação dos casais desquitados no Brasil.

Sérgio de Azevedo
Belo Horizonte — MG

Veja a página 27 e opine também: Desquite ou Divórcio?

*

Cartas para REALIDADE: Rua João Adolfo, 118 — S. Paulo — SP

os fabricantes de Duraplac gostaram muito quando os alemães disseram:

(tradução: "um lindo revestimento de paredes proveniente do Brasil")

DURA PLAC

orgulho e produto da DURATEX S. A.

Isto aconteceu na última Feira Internacional de Hannover (Alemanha), quando o Duraplac foi apresentado ao público europeu. Três estandes montados por revendedores alemães mostraram o lambril brasileiro de nobreza permanente. É natural que a Duratex tenha mais uma vez ficado orgulhosa com o sucesso do Duraplac.

(Além da Alemanha, as chapas Duraplac são exportadas também para Bélgica, Holanda e Inglaterra)

música

Filarmônica faz sucesso

Foi sempre um desafio para a cultura brasileira a falta de uma orquestra sinfônica permanente de alto nível, capaz de despertar no povo o gôsto pela música clássica. Até aqui ficava-se sempre na dependência de temporadas curtas de orquestras estrangeiras. E, assim mesmo, apresentadas quase que exclusivamente em São Paulo e no Rio.

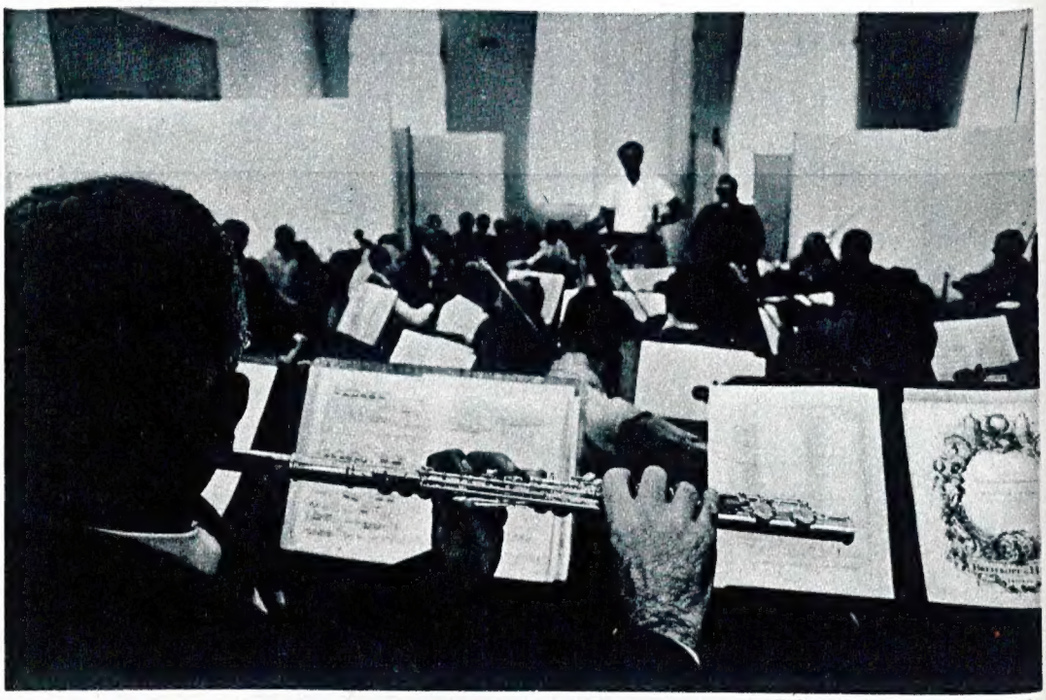
Havia, no entanto, uma série de problemas para um grande conjunto sinfônico. Custava caro, principalmente. Mas um grupo de São Paulo resolveu aceitar o desafio, sem nenhuma ajuda do Estado. Seguiram a experiência que levou perto de 1.200 cidades norte-americanas a criar suas orquestras filarmônicas Destas, algumas são famosas no mundo inteiro, como as de Boston, Filadélfia, Cleveland. Minneápolis.

A Orquestra Filarmônica de São Paulo é mantida exclusivamente por seus sócios que pagam pelo título 50 mil cruzeiros e mais cinco mil por mês. Logo no começo ficou provado que há interêsse pela música clássica — conseguiram-se 3.500 sócios.

A idéia de criar uma Filarmônica em São Paulo nasceu em 1958. O primeiro concêrto, porém, só se realizou em 1962. A essa altura, a maior dificuldade era a de contratar um número suficiente de bons músicos que pudessem dedicar o maior tempo possível à Filarmônica. Para isso era necessário pagar bons salários e possuir disponibilidade financeira para a compra de instrumentos musicais, a manutenção de seu patrimônio e a divulgação de suas atividades. Os meios foram obtidos e hoje a Filarmônica tem 84 professôres, dos quais 23 são da orquestra do Teatro Municipal.

O regente Simon Blech é o responsável por tôda a atividade artística da orquestra. Para os concertos dêste ano, estão convidados os brasileiros Eleazar de Carvalho, Isaac Karabtchewsky e Armando Belardi; Choo-Hoey, da Malásia; Félix Prohaska, da Áustria; e Howard Mitchell, dos Estados Unidos.

A missão da Filarmônica, de divulgar a música erudita, foi efetivamente demonstrada no ano passado, no concêrto que deu no Teatro Paramount: duas mil pessoas, entre trabalhadores e estudantes, muitas sentadas no chão, ouviram, conheceram e aplaudiram os clássicos. E hoje a Filarmônica chegou à TV, atingindo um público cada vez maior que não tem o hábito de ir às salas de concêrto. Assim, em pouquíssimo tempo, a Orquestra atingiu sua finalidade — aumentar a cultura musical do povo. E com um detalhe muito importante: fazendo grande sucesso.



Filarmônica de São Paulo

História de um sambista

Hoje, a música popular brasileira está perdendo uma das suas características fundamentais: deixou de nascer no meio do povo e passou a ser feita para êle. Dos compositores da **velha guarda,** com o detalhe de ser paulista, destaca-se ainda — sempre atuante — o nome de Adoniran Barbosa. O depoimento que se segue é dêle, na própria linguagem em que êle canta os seus sambas:

"Aos 1.800 e não sei quanto, uma seleção de imigrantes veio pro Brasil. Digo seleção porque só veio italiano dos bons. E tavam escalados meu pai e minha mãe. De Veneza se mandaram para Valinhos. E lá nóis fumo nascendo. Eu fui o sétimo, mais ou menos depois da guerra de Canudos. Depois veio outra guerra, a de 1914 e quando ela acabou eu já tinha oito anos de idade. E como naquele tempo não tinha jardim-da-infância, eu freqüentava as ruas da infância. Bunito! Dá samba, não? Estive três anos num grupo escolar de Jundiaí. Quando saí, arranjei um emprêgo gostoso: entregador de marmitas do Hotel Central. Bom entregar marmita. No meio do caminho eu abria as tampas e afanava pastéis e bolinhos. Depois fui trabalhar numa fábrica de tecidos, mas como varredor. Quatrocentos réis por hora. Ainda ouço a turma me chamando:

— Ei, Joanin Barredô!

Mas veio a Revolução de 32 e fumo morá em Santo André. Lá fiz de tudo: tecelão, pintor, encanador, serralheiro. Aí bolei ser mascate — o serviço era mais leve — e saí vendendo meias e retalhos nos bairro pobre de lá. Como ajudava o serviço cantar um pouco, sem querer fui fazendo uns sambas enquanto andava. E acostumei: até hoje faço samba andando. Mas eu não dava pra mascate.

Tamos agora lá por 1926, 1927. Fiquei um tempão desempregado. Dureza, dureza. Tavam procurando um empregado doméstico. Um amigo chegou, pegou, falou e me disse:

— João, vai ali naquela casa. Tão querendo um garção.

Eu fui. A mocinha, filha do dono da casa, então disse:

— O senhor já trabalhou de garção em algum lugar?

Eu menti:

— Já, sim senhora. Mas faz tanto tempo que já esqueci como é.

Ela disse que me ensinava tudo e eu comecei a trabalhar. Arrumava a mesa, ia buscar um táxi pro patrão. Levava êle até a estação e voltava para ajudar a servir a mesa. Nessa hora eu me punha bunitinho. Até banho tomava. Só depois de algum tempo é que descobri que meu patrão era o dr. Pandiá Calógeras, Ministro da Guerra daquela época. Aí, como êle era Ministro, foi para o Rio e eu fiquei de nôvo desempregado.

Resolvi aprender ofício de metalúrgico no Liceu de Artes e Ofícios. Ajudei a fazer as cadeiras do antigo Cine Alhambra — aquêle que existia na Rua Direita. Foi tão duro fazer as cadeiras que até adoeci. Grave, muito grave. Mas deixa isso pra lá que tristeza não se pode contar com saudade. Em que ano estou? Já sei, 1928. Loja de ferragens, agência da Ford, bomba de gasolina, loja de tecidos. Neste último emprêgo eu era mensageiro e passava sempre no Largo da Misericórdia, onde estava a Rádio Cruzeiro do Sul. Fiquei conhecendo Paraguaçu e muita gente boa daquele tempo. Aos sábados tinha a Hora do Calouro, lá na estação e eu cismei de arriscar. Fui muitas vêzes e um sábado — o homem do gongo devia de estar distraído — consegui chegar ao fim. Fui aprovado, mas nada de dinheiro. Quando

me escalaram para um programa semanal, larguei a loja de tecidos.

Não fazia quase nada, mas não largava a turma do Largo da Misericórdia. Estava numa dureza que dava gôsto. Aí me ensinaram a ser zangão: fiquei amigo do pessoal da Prefeitura, onde a turma ia pagar impôsto, e por uma notinha eu quebrava os galhos do pessoal que queria andar mais ligeiro. Ganhei tanto que até mudei pruma pensão legal, na Rua da Liberdade. Agora é 1934. Tinha um concurso da Prefeitura pro carnaval. Um amigo, Aimberê, fêz a música e eu botei a letra. E ganhamo. O samba chamava **Dona Boa.** Que festa. Eu e meu parceiro fiquemos louco quando recebemo o cheque de 500 mil réis (era gaita a dar com pau). E aí saímos pra rua, e um pacote de amigos atrás. Eu queria guardá o tutu pra pagá um palitó que tava mofando no alfaiate. Pois sim. Ali, na Praça da Sé, bebemos meu palitó a noite tôda.

Depois a coisa melhorou. Eu ganhava 30 mil réis por programa e fazia dois por semana lá na Rádio São Paulo. Então resolvi arranjar um enguiço, que vou chamar de bicicleta. Uma bicicleta dá despesas e pra complicar, no dia que arranjei ela, o diretor da rádio, me chamou e disse:

— Barbosa. Amanhã você passa no escritório que tenho um negócio pra você.

Fiquei contente e fui. Quando cheguei êle falou:

— Agora já acabou o carnaval e nós não precisamos mais de cantor de samba. Pode passar na caixa.

Aí tudo piorou. Me virei que nem charuto na bôca de bêbado. Pegava bico em tôdas as estações. Nessa época conheci o Osvaldo Moles e fui pra Record. Em 1941, perdi a bicicleta. O Moles fazia o programa **Casa da Sogra,** com muitos quadros e criou um tipo para mim, o malandro Zé Conversa. Agradei e depois êle inventou muitos outros. Eu achava que tudo estava melhor por causa de uma bicicleta nova que arranjei. Então imaginei a bicicleta sendo mulher e fiz um samba que fêz um bruto sucesso no carnaval de 47 e que Hélio Sindô gravou. Era assim: Depois que aquela mulher me deixou/ Minha vida melhorou/ . . . etc.

Então me fiz galã de cinema. Galã é gozação, mas trabalhei no filme **Pif-Paf,** com Ademar Gonzaga, e **Caídos do Céu** com a Derci Gonçalves. Muito mais tarde, trabalhei em **O Cangaceiro** e fumos premiados em Cannes.

Agora começa as ondas dos sambas. Em 1951 fiz **Malvina,** gravado pelos Demônios da Garoa. Foi premiado. Aí fiz **Joga a Chave,** também pros Demônios, que São Paulo todo cantou e era assim: Joga a chave meu bem/ Aqui fora está ruim de mais/ Cheguei tarde perturbei teu sono/ Amanhã eu não perturbo mais.

Depois veio **Saudosa Maloca.** Eu saía muito, à noite, para passear com Peteleco, um vira-lata de quem eu gostava muito. Ali na Rua Aurora, havia um casarão abandonado onde moravam uns e outros sem compromisso, que para ganhar a cachaça e o sanduíche fazia biscate nas feiras, lavava carros, engraxava sapato. Eu conhecia todos: Mato-Grosso, Joca, Corintiano. Um dia cheguei ao casarão para bater papo e êles tinham sumido e o prédio tinha sido demolido. Então fiquei com vontade de fazer um samba: Saudosa Maloca/ Maloca querida/ Dinde donde nós passemos/ os dias feliz de nossa vida. Saiu em 1954 e eu ganhei 90 mil cruzeiros com êle. Depois vieram, **As Mariposas, Samba do Arnesto, Progéssio, Abrigo de Vagabundos** (A minha maloca/ A mais linda que eu já vi/ Hoje está legalizada/ Ninguém pode demolir/ A minha maloca/ A mais linda dêste mundo/ Ofereço aos vagabundos/ que não têm onde dormir). Tôdas essas músicas foram gravadas pelos Demônios da Garôa, e fizeram um belo de um sucesso.

Pois é. Um dia, eu tava com a Araci de Almeida quando ela recebeu uma carta vinda de Paris. Ela abriu, leu. Era uma poesia de Vinícius de Morais. Debaixo de tudo, estava escrito:

"Araci, faiz o que quisé com êstes versos".

E ela fêz, dando êles pra mim musicá. O nome do poema era **Bom-dia Tristeza.**

Depois disso fiquei uns tempos sem compor. Comigo não adianta forçar. As coisas têm de vir junto, letra e música. Foi assim que chegou o **Trem das Onze,** com o qual ganhei o prêmio do carnaval do Rio quatrocentão.

Hoje em dia, quem está na crista é a Jovem Guarda. Tem gente contra, mas eu gosto do jeito dos meninos falá as coisas que sentem. Até fiz um samba para provar isso e que se chama **Já Fui Uma Brasa.** Essa musica tem um faladinho no final que eu gosto muito e é assim: É uma cinza, mora! Enganei o brôto, porque debaixo dessa cinza, se assoprarem, tem muita lenha ainda pra queimá".

Adoniran Barbosa

PORTAS para BOX

AMERICANBOX

Máxima perfeição em BOX e PORTAS para BANHEIROS

MODERNO - PRÁTICO DECORATIVO

Exposição e Vendas

RUA BASILIO DA CUNHA, 1097 - 1101

"AMERICANBOX" - TEL. 63-3368 - SP

(DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL)

Procure pela àrvorezinha

V. a encontrará nas capas das revistas Claudia, Manequim, Claudia Noiva, Mamãe e Bebê, Quatro Rodas, Transporte Moderno, Máquinas e Metais, Capricho, Ilusão, Noturno, Contigo, Zé Carioca, Pato Donald, Mickey e Intervalo.

Revistas que V. lê com prazer. Revistas que V. pode levar para casa. Revistas que educam, entretêm; revistas feitas pensando-se em você.

EDITÔRA ABRIL

Rochedo lança a 1ª PANELA DE PRESSÃO de alumínio extraduro*

LEVÍSSIMA
SUPER-RESISTENTE
ULTRA-RÁPIDA

Você vai ficar apaixonada. A nova Panela de Pressão Rochedo cozinha mais ràpidamente do que qualquer outra (economiza tempo e combustível). O seu alumínio, extraduro, é mais leve. A nova Rochedo é também muito bonita. Tampa polida ao natural ou anodizada em azul. Cabo anatômico antitérmico, com tabela de cozimento dos principais alimentos. A nova Panela de Pressão Rochedo é mesmo nova em tudo.

NOVA PANELA DE PRESSÃO Rochedo

ALUMÍNIO PARA TÔDA A VIDA

Produto de qualidade da ALUMINIO DO BRASIL S. A.

* O mesmo alumínio utilizado na construção de navios, aviões e pontes

Procure conhecer a Nova Panela de Pressão Rochedo, no revendedor de sua preferência, A PARTIR DE 15 DE JULHO

livros

Quem tem mêdo de palavrão?

Ilustração do Livro "É Natural"

— Só sei que ninguém explica nada pra gente, e quando se diz qualquer coisinha, bumba: lá vem o "cala a bôca, malcriado!" É só isso que sabem falar.

— Se as pessoas não explicam nada, Zeca, é porque elas tiveram educação diferente da nossa. O que para nós é simples, para elas é um problemão.

Êsse diálogo está num livro para meninos e meninas, no qual Sabá Gervásio, a autôra, procura resolver o grande problema da educação sexual das crianças. Seu título: **É Natural.** No caso, naturalidade quer dizer coragem e respeito do adulto pela sensibilidade infantil.

Sabá Gervásio é formada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" de São Paulo. Atualmente leciona Sociologia e História da Educação. Em **É Natural** conversa com filhos de pescadores do litoral norte paulista. No fundo, é um diálogo muito puro e terno entre duas gerações que precisavam romper o tabu sexual, responsável por tôda sorte de desajustamentos pessoais, familiares e sociais das gerações que as antecederam. Um trecho do livro diz:

"Mas não há problema algum em falar sôbre essas coisas. Afinal, o que faz parte da Natureza não deve ser guardado como segrêdo. O que a Natureza faz, o que está aí, à nossa frente, é para se olhar, para se ver, admirar, conhecer. Nós vivemos com a Natureza. Então, o corpo humano também é para se ver, para ser admirado e conhecido".

Sabá Gervásio procura mostrar que a criança deve ver, admirar e conhecer a anatomia e fisiologia humanas, corretamente, naturalmente, no tempo certo, no limite necessário. Sem fuga, subterfúgios, eufemismos, mentiras. O silêncio, o escândalo e a violência dos adultos não poderão impedir a curiosidade infantil de conhecer por caminhos impróprios êsses **segrêdos.** Então, por que não ajudar as crianças com a ciência e a verdade, evitando a morbidez e a malícia? Muitos pais e professôres já optaram por êste caminho de mais amor e respeito por seus filhos e alunos. Mas faltava um instrumento adequado, alguma coisa que a própria criança pudesse usar para seu esclarecimento, ou servisse aos adultos como ponto de partida para subseqüentes diálogos nesse campo. Faltava, enfim, um livro inteligente com ilustrações sinceras, claras, e de bom gôsto.

É Natural procura ser tudo isso. A editôra que o vai lançar em agôsto — a Brasiliense — resolveu dividi-lo em dois volumes. O primeiro para crianças de quatro a oito anos e o segundo para as de oito a doze anos. Tiveram ambos a supervisão de um psiquiatra e psicólogo, Paulo Gaudêncio, autor também do prefácio: "Isto foi o que hoje em dia se descobriu sôbre a vida sexual: tôdas as máscaras apenas conseguiram dar um aspetto feio ao que originalmente é belo. Esta beleza foi exposta neste livro de maneira acessível a quem o lê. Um livro é valioso não na medida em que tenha têrmos bonitos, mas na proporção em que é acessível ao público para o qual se dirige. A Natureza não deve ser escondida como pecaminosa, mas deve ser tratada com respeito. Vocês notarão que tôdas as coisas são explicadas claramente e com os nomes exatos. Os jovens, crianças e adolescentes aprendem a chamá-los de tudo, menos dos nomes que têm. Isto serve de desorientação e rebaixamento de algo que tem um valor enorme".

Cada livro tem apenas 16 páginas, com ilustrações de Flávio Império. No primeiro, as crianças são orientadas sôbre a anatomia e fisiologia do sexo e da gestação. O segundo, para adolescentes, conta a visita a um museu de História Natural, onde pai e mãe esclarecem para filho e filha o funcionamento das glândulas endócrinas e suas relações com a puberdade e a fisiologia sexual.

Êste diálogo, do primeiro livro, dá idéia de como Sabá Gervásio introduz na alma infantil o sentido do matrimônio:

— Eu ando sêco pra fazer uma pergunta, disse o João.

— Que pergunta?

— Das pessoas que se casam. Elas se casam só para ter filhos? Eu vejo aqui na praia. Sempre alguém tem um nenê novinho.

— Eu acho, João, que as pessoas que se casam só fazem isso porque se gostam muitíssimo. Depois, os filhos nascem por causa dêsse amor entre o pai e a mãe.

No final dos volumes há um vocabulário para ajudar os pequenos leitores a identificarem as noções científicas com o que, na rua, apreenderam como indecência e palavrões. Identificarem para substituí-los, podendo dizer sem mêdo ou vergonha os verdadeiros nomes de todos os órgãos do corpo humano .

televisão

Canal zero, rêde nacional do silêncio

400 mil vídeos estão assim em SP

O que faria um fabricante de caramelos no dia em que descobrisse que, de cada 10 pacotinhos de seu produto, quatro eram comprados e seis ficavam melando nas prateleiras?

A televisão brasileira encontra-se em situação parecida: em média, de cada dez aparelhos no Rio e em São Paulo, seis ficam desligados enquanto as emissoras mandam ao ar os seus programas. É verdade que essa situação vem de longe. Mas, hoje, um fato nôvo torna o problema mais dramático: de uns tempos para cá, surgiram sintomas de que os jornais do Rio, mais do que nunca, estão dispostos a disputar junto às agências de publicidade as verbas que a TV lhes vinha tirando.

O problema, porém, não é exclusivamente brasileiro. A batalha começou quando o jornal americano **Miami Herald** fêz uma pesquisa para mostrar que os anúncios na TV não têm crédito junto ao público. O jornal preparou um amplo questionário e várias organizações especializadas foram encarregadas do trabalho de pesquisa. Uma delas, o famoso Instituto Gallup, conclui que "dois, em cada três telespectadores, dizem ser falsos os apelos dos anúncios na televisão".

Outro grupo de pesquisas revelou que nove entre dez pessoas são contra os anúncios na TV, enquanto quatro — em cinco — são favoráveis à sua presença nos jornais. Os pratos eram saborosos, e a imprensa explorou-os hàbilmente.

SEGUE

Arremetendo para o céu, técnicos sobem a mais de 300 metros de altura para trabalhar numa tôrre de televisão. Esta instalação, em Hörby, na Suécia, foi feita pela PHILIPS.

PHILIPS símbolo universal

ARREMETENDO PARA O CÉU SATÉLITE EUROPEU

A PHILIPS, cujos projetos de telecomunicação abrangem desde o fornecimento de sinalização e sistemas de comunicação integrados para ferrovias, radar para portos marítimos ou fluviais e aeroportos, até sistemas de televisão (vide foto à esquerda) e rêdes de telefonia em dezenas de países, também participará da construção do foguete "Europa I".

Mais sete nações estarão no espaço, em 1970, se os planos para a Organização Européia de Desenvolvimento do Lançador do Veículo Espacial (ELDO) forem bem sucedidos. Os objetivos do programa inicial são o desenho, desenvolvimento e construção de um dispositivo de lançamento de veículo espacial para colocar em órbita um grande satélite, basicamente planejado para proceder a observações astronômicas acima da atmosfera.

ANTENA PHILIPS PARA FUTURO RASTEJO DO FOGUETE ELDO.

A Grã-Bretanha, França e Alemanha Ocidental estão, cada uma, construindo um dos três estágios do dispositivo-lançador. O satélite será italiano; os "links" de telemetria e o equipamento terrestre conexo serão PHILIPS; a Bélgica é responsável pelo desenvolvimento e construção da aparelhagem da estação terrestre de direção de alcance orbital, e a Austrália irá prover as facilidades para os lançamentos experimentais do primeiro estágio e o dispositivo-lançador completo. O desenvolvimento dos lançamentos do segundo estágio terá lugar em Colomb-Béchar, na Algéria.

A PHILIPS irá desenvolver os equipamentos de telemetria para o terceiro estágio e para as duas estações Australianas, que deverão receber as informações telemétricas.

A PHILIPS foi escolhida devido a sua grande experiência em telecomunicações e sua elevada reputação de qualidade, em todo e qualquer produto que fabrica.

A linha de produção PHILIPS inclui: lâmpadas incandescentes, de descarga a gás e fluorescentes; televisores (também em côres), rádios-receptores, radiofones, eletrofones, gravadores portáteis, discos; sistema de sonorização, projetores cinematográficos, gravadores profissionais; aparelhos médicos e hospitalares; especialidades químicas e farmacêuticas; aparelhos para o confôrto doméstico e de uso pessoal; equipamentos de telecomunicação; aparelhos industriais e científicos, válvulas, componentes eletrônicos e produtos semi-acabados.

de confiança

75 ANOS DE PROGRESSO PHILIPS 1891 1966

CONTINUAÇÃO

No Brasil, os primeiros movimentos são ainda cautelosos. Em alguns casos, porém, as críticas são bem duras. Um colunista especializado de um jornal carioca chegou a afirmar que o anunciante era quem menos lucrava com as verbas gastas na TV. De acôrdo com sua opinião, essas verbas serviam, em primeiro lugar, para promover a própria emissora; depois, ao programa patrocinado e seus artistas. Só no último estágio viria o anunciante, "que interrompe tudo no melhor da festa e é considerado um intrometido".

Os índices de audiência apontados pelo IBOPE, num momento dêsses, valem tanto para as emissoras de TV quanto a pedra que se amarrasse ao pescoço daquele que se afoga. Sessenta por cento de aparelhos desligados, só em São Paulo, significam 400 mil vídeos inúteis, porque as estações não foram capazes de ocupá-los com material atraente.

Para o anunciante é uma crueldade: colocam-lhe ao alcance da mão um milhão e meio de consumidores que movimentam bilhões de cruzeiros e não lhe dão oportunidade de oferecer seus produtos. Tudo porque as emissoras de TV ainda não encontraram argumentos para fazê-los girar um simples botãozinho.

É certo que no horário nobre as coisas melhoram: em São Paulo, em cada três aparelhos, dois estão ligados; no Rio, a média é quase de um ligado para um desligado. No horário da tarde, porém, o panorama é assustador: em alguns horários os índices dos aparelhos desligados já chegaram até 95% (com justos e saudáveis motivos). Os restantes 5% estarão mostrando, como vêm fazendo há anos, os mesmos filmes velhos e os mesmos desenxabidos programas femininos. Sem falar, é claro, na paciência infinita das crianças, a quem se oferece o mesmo Zé Colmeia, roubando as mesmas cestas do mesmo piquenique e fugindo do mesmo guarda. Ou o marinheiro Popeye salvando 100 vêzes do mesmo perigo, no mesmo rôlo de filme, a sua Olívia Palito.

Sem esperança de mudar êsse panorama, sem iniciativas capazes de melhorar o produto, os homens de TV no Brasil agora apostam tudo na mudança da embalagem. E aguardam a televisão em côres. Enquanto ela não vem, a liderança de audiência continuará com o Canal Zero, Rêde Nacional do Silêncio.

fábula

O urso e a cobra

O urso passeava, compenetrado e vaidoso, pela floresta. Pensava que sua cabeça alcançava as nuvens.

A cobra, materialista convicta, achava que tinha sua cabeça no chão.

Um dia ambos se encontraram com as cabeças à mesma altura: nem tanto no céu, nem tanto na terra.

Moral: A verdade está no meio têrmo.

Gerda

Luiz Pereira Bueno — Wilson Fittipaldi Junior — Luiz Antonio Grecco (Chefe de equipe) — Carol Figueiredo

Êstes homens maravilhosos

Em 1965, os veículos Willys participaram das 47 principais provas automobilísticas realizadas no Brasil. Obtiveram 52 vitórias, somadas as de classificação geral e as de categorias.

Ganharam três campeonatos, inclusive o Campeonato Internacional do Uruguai.

Willys-Interlagos, Renault 1093, Renault Gordini e o monoposto (carro de corrida de um só lugar – o primeiro de categoria internacional fabricado no Brasil), foram os veículos vencedores de tantas corridas.

Venceram pilotados pelos campeões da Equipe Willys, ou foram conduzidos por pilotos indepentes que escolheram os veículos Willys por uma

Francisco Lameirão José Carlos Pace Bird Clemente

com suas máquinas corredoras.

simples questão de querer a vitória.

Mas quem é, na verdade, o grande vencedor? Você.

É por você e pelos seus que êsses homens enfrentam tôdas as dificuldades, perigos e desafios de uma corrida difícil. Porque para a Willys, cada pista é um amplo laboratório, onde o comportamento de seus veículos é duramente testado. Aí nascem muitos dos aperfeiçoamentos que fazem dos veículos Willys os mais resistentes, os mais seguros, os de melhor desempenho - carros que merecem a sua confiança.

WILLYS-OVERLAND
Fabricante de veículos de alta qualidade

MAPA TURÍSTICO
CENTRO-NORTE DO BRASIL

Esso

CHEGOU!

O NÔVO MAPA TURÍSTICO-RODOVIÁRIO ESSO CENTRO-NORTE DO BRASIL

o único mapa turístico-rodoviário completo produzido no Brasil contendo informações detalhadas sôbre:

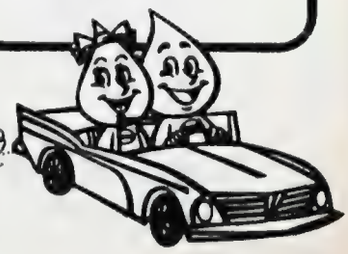
Estradas pavimentadas, asfaltadas, de terra, transitáveis todo o ano ou não, travessias de balsas e outros dados rodoviários.

Roteiros de entrada e saída das Capitais, distâncias entre cidades, populações, altitudes, aeroportos.

Balneários, cidades históricas e muitas outras informações turísticas de utilidade para você.

a preço especial de lançamento

Cr$ 600



À venda nos Postos Esso

Na praça dos Três Poderes, em Brasília, um prédio baixinho, bonito e cintilante, abriga o Supremo Tribunal Federal. Ali se reunem os juízes que formam a mais alta côrte do país. Suas vidas têm um único objetivo:

JUSTIÇA SEJA FEITA

Texto de Alessandro Porro

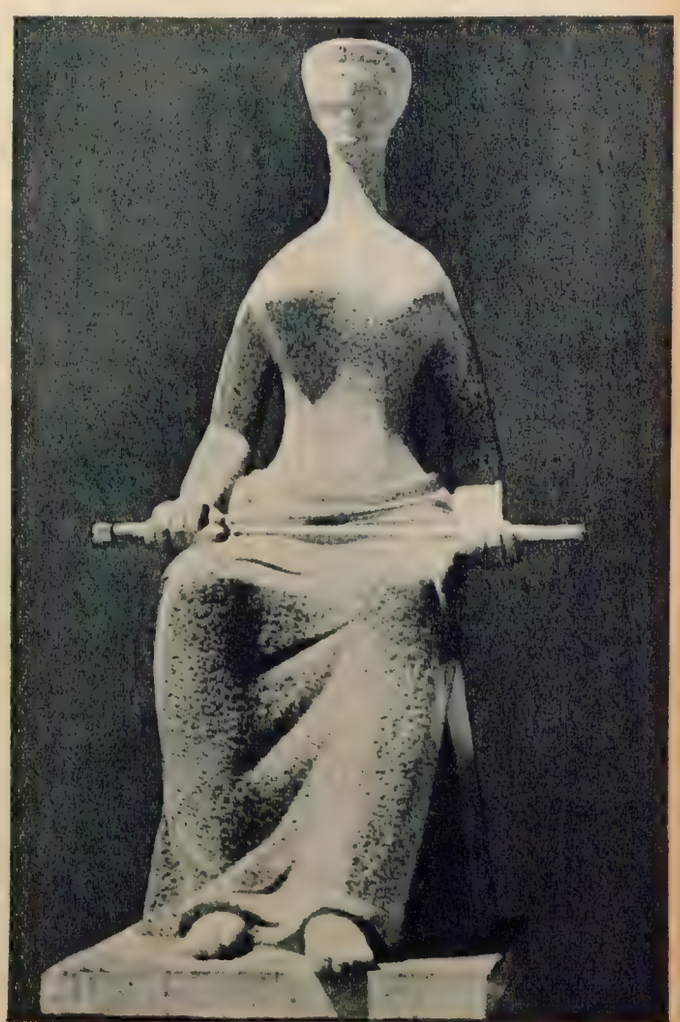
Ao meio-dia começam a parar os carros na porta do palácio. Dêles desembarcam homens de elegância sóbria, trazendo nos rostos e nos gestos a imponência dos que aplicam a lei. São 16 Ministros, que 30 minutos depois, com as capas pretas às costas, vão começar o seu dia normal de trabalho. Um trabalho muito importante: julgar. E as sentenças que pronunciam serão inapeláveis, a não ser para o próprio Supremo, pois êles são os homens da suprema justiça, que um dia fizeram até o grande Rui Barbosa chorar.

Os acontecimentos políticos dos últimos anos têm contribuído para aumentar ainda mais a confusão a respeito do Supremo. Alguns acreditam que o STF existe para combater o Govêrno. Outros julgam ao contrário que o Presidente da República não mexe um papel sem pedir, antes, conselho ao Supremo. E não é difícil encontrar quem afirme que lá dentro são todos comunistas. Ou, ao contrário, decididamente reacionários. Ou, ainda, que não gostam de militares. Diz-se também: "Fazem tudo o que o Presidente manda, usando fórmulas complicadas para disfarçar a obediência cega". Mas há os que perguntam com o ar de quem já sabe a resposta: "Não fôsse o Supremo, não fôsse sua integridade moral, para onde iria o Brasil?"

Um dos Ministros do Supremo, Vítor Nunes Leal, escreveu recentemente: "O STF é um grande ignorado. Seu nome, em circunstâncias excepcionais, vem à tona, e é aí que mais se manifesta a extensão dêsse desconhecimento".

Quando, em 27 de outubro de 1965, foi decretado o Ato Institucional número 2, criando vagas para mais cinco Ministros no Supremo, a oposição gritou aos quatro ventos: "O aumento do número de juízes serve sòmente para mudar a orientação do Tribunal".

SEGUE



Está é a estátua que guarda o prédio do Supremo Tribunal Federal.

Primeiro grande caso: um crime de amor

SUPREMO
CONTINUAÇÃO

Mas uma tese, não apenas brasileira, diz que o cargo de Ministro do STF é tão importante, e envolve de tal modo a responsabilidade de seu ocupante diante da Nação e da História, que nenhum chefe de Estado condiciona sua escolha a um prévio compromisso sôbre as atitudes que o nomeado venha a tomar diante de qualquer problema, em qualquer terreno.

Falava-se, para apoiar o conteúdo do Ato número 2, que a medida era necessária para facilitar o trabalho do Supremo, sobrecarregado de processos, quase permanentemente em crise e impossibilitado de exercer suas funções com sòmente 11 Ministros. Mas a maioria do Supremo não concorda com essa tese e seu Presidente, Ministro Álvaro Moutinho Ribeiro da Costa, comenta: "Nos Estados Unidos, a Côrte Suprema é composta apenas de nove juízes, e sua população é pràticamente três vêzes maior do que a nossa. No entanto, nós nos damos ao luxo de ter um Supremo Tribunal Federal com 16 juízes. Por que e para quê?"

Mas, para compreender o Supremo, hoje, é preciso conhecer sua história.

Durante o Império, chamava-se Supremo Tribunal de Justiça, e substituiu a **Casa da Suplicação** do Brasil, criada em 1808 pelo Príncipe Regente. O STJ, reunido pela primeira vez em 9 de janeiro de 1829, tinha 17 juízes. Cada um recebia quatro contos por ano. A sede do Tribunal foi instalada na "Casa do Ilustríssimo Senado da Câmara", no Rio.

Foi em 1874 que o Supremo Tribunal de Justiça viveu talvez seu primeiro momento de grande popularidade. Ia julgar o Desembargador Pontes Visgueiro, do Maranhão, acusado — e confesso — de ter apunhalado uma jovem "porque a amava muito". Por ser juiz de segunda instância, Visgueiro foi julgado pelo fôro privilegiado do Supremo: nunca no salão de audiência se viu tanto público. O velho Desembargador não se mostrava arrependido, declarando aos Ministros que o amor tinha guiado sua mão armada. Inùtilmente, seu advogado, Franklin Dória, tentou obter a absolvição alegando em favor de seu paciente "desarranjo moral, que momentâneamente lhe suprimiu a vontade livre". O STJ condenou o acusado às galés perpétuas, mas depois amenizou a pena para prisão perpétua, considerando sua idade — mais de 60 anos.

Em 1890, com a República, o Tribunal passou a chamar-se Supremo Tribunal Federal, instalando-se em 28 de fevereiro de 1891.

Os juízes — passaram a chamar-se Ministros — foram reduzidos para 15 e recebiam 18 contos por ano. Hoje, um ministro do STF ganha, por mês, 1.134.000 cruzeiros, mais 50 mil pela **presença** e mais um adicional, por tempo de serviço prestado, que nunca pode ultrapassar 35% do vencimento básico.

Em seus primeiros tempos, o STF funcionou em um prédio da Rua Lavradio. Não foi uma escolha muito feliz: bem na frente do Supremo, funcionava uma das mais freqüentadas **pensões** da cidade, aberta ao público a partir de meio-dia e — dizem os cronistas da época — "repleta de beldades internacionais".

Em seguida, o Supremo mudou-se para a Rua Primeiro de Março, e, finalmente, passou para a Avenida Rio Branco onde ficou até a transferência para Brasília.

O Tribunal não mudou sòmente de sede, mas também de nome e de número de juízes, mais vêzes: a Constituição de 1934, chamou-o de **Suprema Côrte,** como nos Estados Unidos. Em 1937, porém, com a nova Constituição, o primeiro nome voltou: mas foi diminuído de 15 para 11 o número de Ministros.

Até a ida para Brasília, um dos julgamentos do Supremo considerados históricos foi o do habeas corpus negado a Rui Barbosa, em 23 de abril de 1892. Seu pedido era em favor de presos políticos, vítimas — segundo suas palavras que comoveram os juristas e o povo — da violência do Marechal Vice-Presidente Floriano Peixoto. A defesa de Rui Barbosa — tida como uma brilhante peça de oratória — começou com uma profissão de "respeito quase supersticioso" para com o Tribunal e terminou assim: "Em nome da conservação da República, a bem dos grandes interêsses conservadores, eu vos suplico, senhores juízes. Êles dependem todos dêste habeas corpus.

Em seus primeiros tempos, o Supremo funcionou em um prédio da Rua do Lavradio. Em seguida, mudou-se para a Rua Primeiro de Março e, depois, para a Av. Rio Branco, até a transferência para Brasília, onde se instalou em um palácio projetado por Oscar Niemeyer. Na época os Ministros eram 11 e foram feitos apenas 11 gabinetes. Agora, que o STF tem 16 juízes, o prédio ficou pequeno.

E se o não concederdes — como a lei quer — que milagre salvará o País das misérias dêsse desengano?"

Mas o Tribunal não emitiu o veredicto que Rui esperava: o País estava em estado de sítio e o Supremo preferiu não interferir nas funções políticas do Chefe de Estado, estando suspensas as garantias constitucionais. Rui Barbosa saiu do Tribunal chorando. Sôbre êsse mesmo julgamento conta-se uma anedota: horas antes do veredicto, alguém teria corrido a Floriano Peixoto para avisá-lo que o Supremo, comovido pela oratória de Rui, acabaria concedendo o habeas corpus. Tranqüilo, o Marechal teria dito a seu informante: "E quem dará o habeas corpus ao Supremo?"

Uma decisão do STF considerada de grande importância, pelas suas futuras aplicações, foi a de 3 de janeiro de 1923 —a concessão de habeas corpus ao General Clodoaldo da Fonseca e mais 36 militares envolvidos no movimento subversivo de 5 de julho de 1922 e processados no fôro militar. O Supremo achou que um tribunal militar era incompetente para julgar crimes de caráter político, mesmo se os autores dêsses crimes fôssem militares. Sòmente a Justiça Federal podia ter competência na matéria. A sentença fêz prever uma reação violenta dos militares, mas o Presidente do STF, Ministro Geminiano da Franca, não aceitou nenhuma proteção ao edifício.

— Nosso julgamento não é polêmico — disse — sòmente o espelho da lei constitucional; por isso, não temo represálias. Os militares são os primeiros a defender os nossos mesmos princípios.

O ano de 1947 foi de enorme trabalho para o Supremo. Entre julho e outubro, o Procurador Geral da República, Temístocles Cavalcanti, apresentou ao STF representação sôbre conflitos de poder entre os Estados e a União. A origem era a aprovação, pelas Assembléias Legislativas de São Paulo, Ceará, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Piauí, das respectivas cartas constitucionais. Em cada Constituição, o Procurador Geral apontava um ou mais pontos de atrito com a Constituição Federal. No Ceará, a Assembléia tinha resolvido deixar a seu cargo a eleição do Vice-Governador do Estado e a aprovação prévia do secretariado do Governador. No Rio Grande do Sul, a Constituição apresentava claros dispositivos de caráter parlamentarista, em contraste com a Carta Federal. Em Pernambuco, a Constituição dizia que se não houvesse sido diplomado o Governador, assumiria o Govêrno o Presidente da Assembléia Legislativa, ao invés de permanecer o Interventor Federal. Em São Paulo, o Procurador da República achou nada menos de 17 artigos da Constituição Estadual colidentes com a Constituição Federal. Finalmente, no Piauí, 13 artigos da Constituição e 12 do seu **Ato de Disposição Transitória** apareciam — para o Procurador Cavalcanti — tão em desacôrdo com a Carta Federal, a ponto de fazer pensar-se não mais em autonomia estadual, mas em **independência**.

O Supremo, depois de profundos debates, acabou aceitando tôdas as representações do Procurador da República, com exceção do julgamento de Pernambuco.

No ano seguinte, o STF enfrentou mais uma pesada tarefa: por decisão do Superior Tribunal Eleitoral, em 1947, o registro do Partido Comunista Brasileiro tinha sido cancelado. Em janeiro de 1948, as Mesas do Congresso resolveram declarar extintos também os mandatos de deputados e senadores pertencentes à ex-bancada do PCB. E tudo foi parar no Supremo Tribunal Federal. Os parlamentares comunistas Luiz Carlos Prestes, João Amazonas e Maurício Grabois pediram habeas corpus por terem sido impedidos de entrar na sede do partido, ocupada pela polícia. Ao mesmo tempo, apresentaram um recurso contra a decisão do Tribunal Eleitoral e entraram com dois mandados de segurança contra a atitude das Mesas da Câmara e do Senado.

A Côrte, apesar da delicadeza do assunto (já se gritava nas ruas: "Eis novamente a ditadura!" e se bisbilhotava: "O Supremo vai dar aos reacionários uma boa lição de democracia"), aplicou com rigor a Lei Federal. A começar do pedido de habeas corpus, Prestes, Amazonas e Grabois queriam que o Supremo os autorizasse a entrar na sede do partido cassado e recuperar documentos. SEGUE

Em pé, da esquerda para a direita: Aliomar Baleeiro, Oswaldo Trigueiro, Prado Kelly, Evandro Lins, Pedro Chaves, Hermes Lima, Adalício Nogueira, Gonçalves de Oliveira e o Procurador Geral da República, Alcino Salazar. Sentados, na mesma ordem: Vitor Nunes Leal, Carlos Medeiros, Lafayette de Andrada, Presidente Ribeiro da Costa, Cândido Motta Filho, Luiz Gallotti e Villas Boas.

O STF é proibido para menores de 35 anos

SUPREMO
CONTINUAÇÃO

O STF negou o pedido, sustentando que a liberdade de locomoção garantida pelo habeas corpus não incluía o direito de livre acesso à sede de uma entidade que tinha sido proscrita.

O recurso contra a decisão do Superior Tribunal Eleitoral que cancelou o registro do PCB, assim como os dois mandados de segurança, também fôra negado. Num dos parágrafos de seu parecer, o Procurador Geral da República, Luiz Gallotti, hoje Ministro do Supremo Tribunal Federal, diz:

"Somos e sempre fomos pelos regimes de liberdade. Porém esta há de ter por limite a Constituição, pois do contrário não existirá liberdade, mas licença e anarquia. Sabemos ser a opinião de muitos, e opinião respeitável, que na Democracia deve ser permitido até mesmo o funcionamento do partido que visa destruí-la. Mas, em nosso País, êsse era um parecer sustentável na fase da elaboração da Constituição e não agora, depois que ela optou pela solução oposta, de só admitir a ação dos partidos democráticos."

Houve guerra quando se falou em mudar o STF para Brasília. Contra a mudança imediata votaram Gallotti, Ari Franco, Ribeiro da Costa e Barros Barreto. A favor, os Ministros Gonçalves de Oliveira, Villas Boas, Cândido Motta Filho, Nélson Hungria, Rocha Lagoa, Hahnemann Guimarães e Lafayette de Andrada. Derrotados, Ribeiro da Costa e Luiz Gallotti não assistiram, em Brasília, à inauguração da nova sede.

Tinham resolvido pedir aposentadoria. Mas os dois acabaram indo para Brasília, depois de alguns meses, e hoje são, respectivamente, o Presidente e o Vice-Presidente do Supremo. Ribeiro da Costa deixou-se convencer pelo filho, Sérgio, naquela época Procurador da República:

— Papai, Brasília é uma das coisas de que você vai gostar. Experimente, faça pelo menos uma viagem de alguns dias para cumprimentar os amigos...

O Ministro aceitou. E hoje conta:

— Cheguei de carro, à tarde, e não pretendia fazer outra coisa senão descansar. Mas à noite saí, e fui até a Praça dos Três Poderes: fiquei realmente empolgado. E resolvi ficar.

Quinze horas: é hora do lanche numa sala atrás do Plenário.

O Ministro Gallotti, ao contrário, resolveu mudar-se para Brasília depois que Juscelino Kubitschek mandou chamá-lo pedindo-lhe que não se afastasse do Tribunal. "Foi uma conversa amável, serena", conta o Ministro, "e eu achei que tinha de continuar os meus compromissos". Hoje, Gallotti recorda outra data em que êle, com as vestes de Presidente do Superior Tribunal Eleitoral, e apesar das polêmicas famosas, entregou a JK o diploma de Presidente da República. "Naquele dia", diz Gallotti sorrindo com o seu ar de constante e tranqüila suavidade, "acho que fiz o maior êrro de minha vida: assinei meu exílio..."

Luiz Gallotti, acompanhado de sua espôsa, dona Nieta, é um dos três Ministros do Supremo que moram ainda em hotel; está no Brasília Palace, onde vive também um dos cinco Ministros recém-nomeados, Adalício Nogueira. O Ministro Prado Kelly, também nôvo, está hospedado no Hotel Nacional. Com a reforma efetuada no ano passado, o Supremo Tribunal Federal está com 16 Ministros. Cinco mineiros (Villas Boas, Gonçalves de Oliveira, Lafayette de Andrada, Carlos Medeiros, Vítor Nunes Leal); três baianos (Adalício Nogueira, Aliomar Baleeiro, Hermes Lima); dois paulistas (Pedro Chaves e Cândido Motta Filho); dois cariocas (o Presidente Ribeiro da Costa e Hahnemann Guimarães); Evandro Lins é do Piauí; Osvaldo Trigueiro, da Paraíba; Prado Kelly, do Estado do Rio; e Luiz Gallotti, de Santa Catarina, ou melhor, de Tijucas, cidadezinha de poucas casas e uma pracinha, no meio da qual há um busto em sua homenagem.

De acôrdo com a Constituição, os Ministros do Supremo são nomeados pelo Presidente da República, com aprovação do Senado Federal, escolhidos entre brasileiros natos, "de notável saber jurídico e reputação ilibada". A Constituição de 1891 falava, simplesmente, em "notável saber", e assim o Marechal Floriano nomeou dois generais (Inocêncio Galvão de Queiroz e Ewerton Quadros), um médico (Barata Ribeiro) e os cidadãos Antônio Seve Navarro e Demóstenes da Silveira Lôbo. Mas o Senado Federal não aprovou a escolha. Para evitar equívocos desta natureza, em 1934 foi acrescentado o "jurídico": **de notável saber jurídico.**

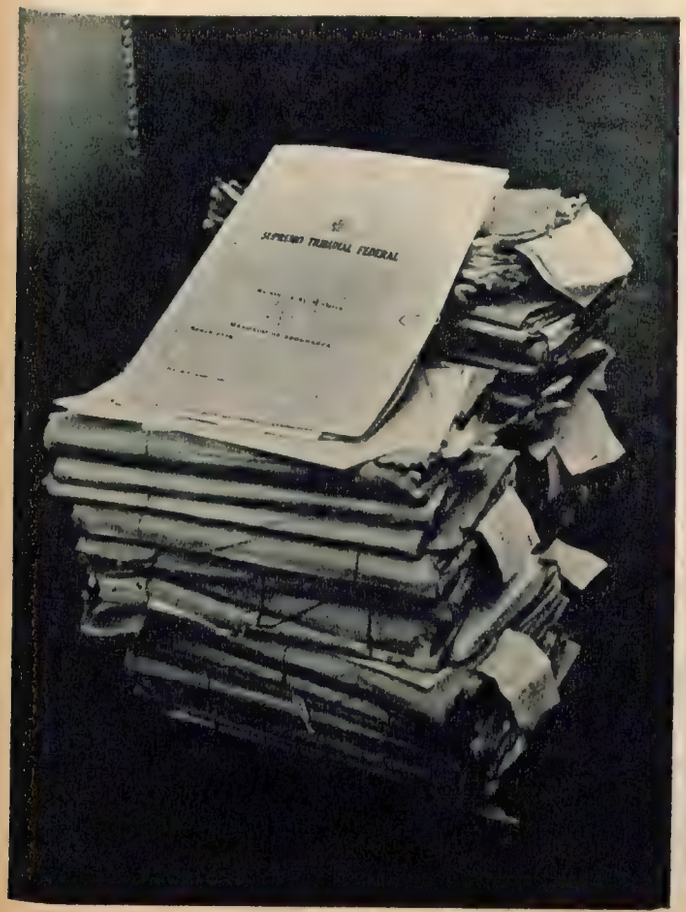
Os Ministros devem ter mais de 35 anos. A média atual é de 63 anos; o total das idades dos 16 soma 1.005 anos. O mais velho — Antônio Martins Villas Boas — festejará em novembro próximo 70 anos, e deixará o Tribunal por limite de idade. Também o Presidente, Ribeiro da Costa, deixará o Supremo até o fim do ano, pois completa 70 anos em janeiro de 1967. Eleito Presidente em 1963, êle teria acabado seu mandato regulamentar de dois anos em 1965. Mas, pela primeira vez na história do Supremo, numa manifestação singular de grande admiração, seu mandato foi prorrogado até a aposentadoria. Na ocasião, comentou-se que a decisão do Supremo, deixando Ribeiro da Costa por mais um ano na Presidência, tinha significado político: o General Costa e Silva atacara o Supremo naqueles dias, durante um discurso em São Paulo.

O Ministro mais jovem é Vítor Nunes Leal, com 52 anos. Entrou em 1961 (foi o primeiro juiz empossado em Brasília) e é considerado pelos colegas um trabalhador incansável, um cientista. Na parede de seu gabinete há uma grande fotografia dos juízes da Suprema Côrte Americana, com as nove assinaturas e uma dedicatória do Presidente Earl Warren. Antes de chegar à Brasília, o

Ministro Vitor Nunes Leal passou algum tempo em Washington, estudando a organização daquela Côrte e se inspirando para uma série de trabalhos sôbre a Reforma Judiciária no Brasil.

Em sua casa trabalha tanto como no Supremo: a espôsa, dona Julimar, bate a máquina seus votos e relatórios. Só à noite êle descansa: depois de jantar o mais jovem juiz do Supremo começa a brincar com seus aparelhos eletrônicos de rara perfeição, gravadores dos tipos mais modernos, rádios receptores que apanham estações longínquas, dialetos misteriosos. Há dois meses, escondido entre os estudantes da Faculdade de Engenharia de Brasília, o Ministro seguiu um curso de eletrônica. Êle não sabe, mas as jovens secretárias do Supremo chamam-no de **Rui Espacial.** E não é irreverência.

Os Ministros elegem entre si o Presidente e o Vice-Presidente, escolhendo os mais antigos (não os mais velhos). Não é uma norma de regulamento, mas uma tradição da casa. Com a recente reforma, o Supremo divide suas atividades em sessões de Tribunal Pleno (quarta e quinta-feira) e em reuniões de três turmas, de cinco Ministros cada uma. O Tribunal Pleno julga os habeas corpus, quando a autoridade coatora fôr o Presidente da República, um Ministro de Estado, a Câmara dos Deputados, o Senado Federal ou o próprio Supremo. Julga também mandados de segurança contra atos do Presidente da República, das Mesas do Congresso, ou do Presidente do Supremo Federal; além disso, julga extradições, conflitos de jurisdição, homologação de sentenças estrangeiras, representações sôbre inconstitucionalidade e, finalmente, embarga as decisões das Turmas, quando houver divergências entre elas.



Esta é a bagagem de cada Ministro do Supremo antes de cada sessão.

Às três Turmas cabe julgar recursos de habeas corpus quando decididos em segunda instância pelos tribunais federais e locais.

Noventa por cento dos processos encaminhados ao Supremo chegam pelo Correio, e, no Protocolo, recebem um número. Sòmente para os pedidos de habeas corpus não é necessária a assistência dos advogados: qualquer pessoa pode impetrá-lo, seja ou não protagonista central do **caso,** seja ou não **paciente,** como se chama em linguagem jurídica o direto interessado. Aos habeas corpus é dada precedência absoluta sôbre qualquer outro processo. Da Seção de Protocolo, já numerada, a documentação sobe para a Seção Judiciária, onde o dr. Haroldo Severo (um dos mais antigos funcionários do Supremo), com sua equipe de 41 funcionários, providencia a classificação, o registro e a transmissão dos processos ao Presidente do Tribunal.

Na têrça-feira, o Presidente efetua a distribuição dos processos para cada Ministro. Ela é feita por sorteio (num copinho, tantos pedacinhos de papel, cada um com o número correspondente a um caso). O Ministro que recebe o processo é designado **Ministro Relator.** Em determinadas circunstâncias, o juiz pode recusar a causa, declarando-se **impedido;** isso acontece, por exemplo, quando já participou de uma Côrte que emitiu a primeira sentença, ou quando é ligado por parentesco ou amizade com uma das partes ou com os advogados defensores.

O Supremo Tribunal Federal (na Sede de Brasília e no pequeno Quadro Suplementar do Rio de Janeiro) tem 330 funcionários, dos quais 115 são mulheres.

Êsse pequeno mundo está distribuído entre o segundo e o terceiro andar do prédio, em salas e gabinetes que na sua maioria não têm o menor confôrto, principalmente quanto ao espaço. Oscar Niemeyer, que desenhou o prédio, muito bonito visto de fora, não calculou a montanha de papéis, livros e arquivos do Supremo. Nem pensou que um dia o Govêrno poderia aumentar o número de Ministros. O arquiteto mandou construir exatamente 11 gabinetes. Com a chegada dos cinco novos juízes, foi necessário apertar ainda mais a Secretaria, a Biblioteca, de 27 mil volumes, e outros serviços. Público, advogados ou curiosos que freqüentam a grande Sala das Sessões, no térreo, não imaginam o drama do espaço que existe lá em cima.

Na sala há sete filas de 17 poltronas. As primeiras duas filas são reservadas para os advogados; as outras cinco, para o público e os estudantes de Direito. Às vêzes, a porta de vidro se abre com violência e entram os turistas. Os guias mandam todo mundo sentar, como exige o regulamento, e explicam baixinho quem são êstes senhores de cabelo branco e de capa preta, que se tratam por **excelência,** que pronunciam em cada **aparte** pelo menos um **data venia,** e que recitam de cor os artigos dos Códigos, das Constituições (tôdas), dos Atos Institucionais, das emendas.

Quando os turistas deixam a sala, o Presidente Ribeiro da Costa levanta os olhos para o céu, como a dizer:

— Não podia Niemeyer projetar a Sala das Sessões no terceiro andar, para deixar todo mundo trabalhar em paz?

SEGUE

Só Rui Barbosa falou mais de 15 minutos

SUPREMO
CONTINUAÇÃO

Com a saída dos turistas não se ouvem mais cochichos no Supremo. Só a voz pacata do Ministro Relator que lê seu trabalho. Esta é a primeira fase de um processo. Só depois dêsse relatório é que todos dão seu voto público. O Presidente vota sòmente em caso de empate, seguindo antiga tradição. Cada voto é acompanhado de uma justificação do autor. E as taquígrafas — cuja mesa está em frente ao Presidente — trabalham num ritmo que chega a assustar. Quando fala o Ministro Pedro Rodovalho Marcondes Chaves, é preciso haver uma taquígrafa a mais perto da mesa, pronta para entrar em ação, tal a velocidade oratória do juiz paulista. Para a diretora do Serviço Taquigráfico, Dona Leatrice Moellman, o orador mais suave e mais minucioso é o Ministro Vítor Nunes Leal.

Quando o Tribunal Pleno está reunido, há 17 poltronas em volta da mesa, de frente para o público: cinco na frente, seis à esquerda e outras seis à direita. O Presidente fica bem no meio tendo à sua direita o Procurador Geral da República, Alcino Salazar. Atrás das poltronas laterais, há mais uma fila de cadeiras, para os hóspedes de honra servindo também aos Ministros para quando, no meio da Sessão, deixam a Mesa, não resistindo à tentação de fumar pelo menos meio cigarro. Prado Kelly e Aliomar Baleeiro são os que mais aproveitam essa oportunidade.

As sessões plenas começam às 13 horas. Uma sinêta elétrica, acionada pelo Presidente, avisa o público e os advogados que o Tribunal começou seus trabalhos. De pé, atrás dos Ministros, estão os **auxiliares do Plenário,** contínuos dos juízes, que já puseram, pouco antes, as capas nos ombros dos Ministros, numa cerimônia que se repete cada vez no mesmo silencioso ritual.

Aí pelas 15 horas, o Presidente suspende a sessão por alguns minutos: é a hora do lanche, e todos vão para a sala atrás do plenário, onde uma mesa enorme dá lugar para todo mundo, até para um ou outro convidado da Presidência. Na mesa já estão os pratos com biscoitinhos, queijo, marmelada ou goiabada, jarras de água. Há também café ou chá. E é aqui que os Ministros esquecem o tratamento de **vossa excelência** para voltar ao mais fraternal **você.**

Passados 15 minutos, recomeça a sessão. E o Ministro Cândido Motta Filho, que ocupa um lugar bem pertinho da bandeira brasileira, tira de uma pasta um desenho incompleto e vai terminando-o com seu lápis sempre bem pontudo. Às vêzes é o perfil de um colega, ou uma paisagem, ou uma mão. Enquanto desenha, Cândido Motta Filho parece completamente indiferente à sessão. Mas, de repente, sem levantar os olhos do papel, pede um aparte e com sua voz inconfundível lembra uma sutil questão de Direito, citando de cor artigos, leis e antecedentes.

O Presidente dirige o debate com elegância e ao mesmo tempo com rigor. Sabem disso os advogados, que nem pensam em ultrapassar de um só segundo os 15 minutos que lhes são concedidos pelo regulamento. Só um advogado conseguiu, uma ou duas vêzes, ir além dêste prazo: Rui Barbosa. Mas êle mesmo pediu desculpas à Alta

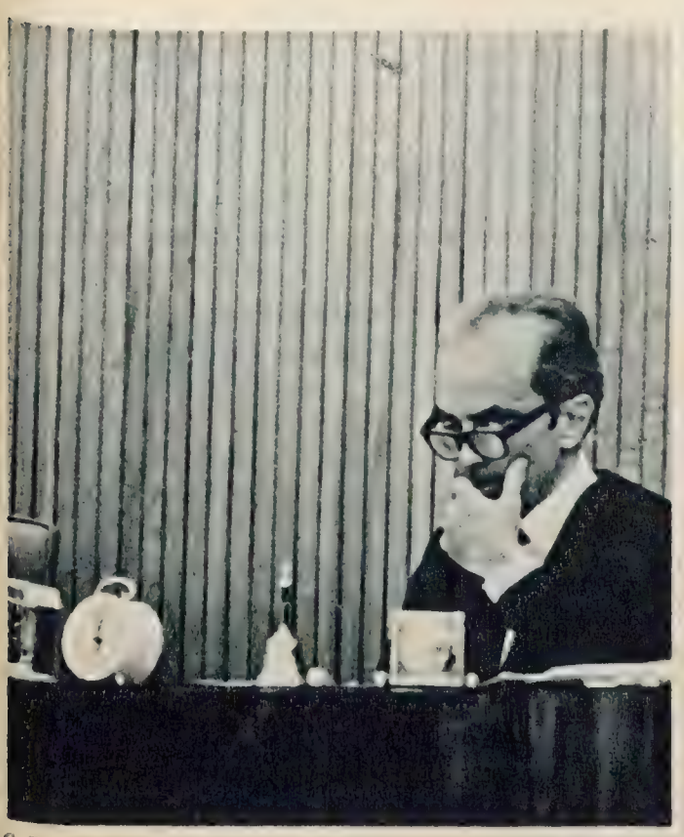
Sessão do Tribunal Pleno, quando todos os juízes estão reunidos: um advogado defende a sua causa; os Ministros estudam e dão seu pa[illegible]

Côrte pela desobediência. De qualquer forma é muito difícil para os advogados deixar-se enganar pelo tempo: o Presidente põe bem à sua vista um despertador implacável.

Quando o debate é delicado e complexo, os Ministros mostram de diversas maneiras seu interêsse e suas emoções. Aliomar Baleeiro, por exemplo, esperando o momento para um aparte, começa a fazer vibrar sua poltrona, num nervoso movimento de vaivém. Carlos Medeiros penteia com dois dedos da mão esquerda os cabelos prateados. Prado Kelly, que talvez seja o único a ficar até o fim com a capa bem arrumada nos ombros, senta e levanta contìnuamente. Vítor Nunes Leal tem diante de si quase uma biblioteca, mas continua pedindo ao auxiliar mais um livro ou uma montanha de processos, que êle consegue sistematizar, ninguém sabe como, no espaço que lhe é reservado. Evandro Lins e Silva entra no debate com o calor do bom orador, escolhendo as palavras, e fazendo de cada uma delas uma arma. Hermes Lima, ao contrário, fala lentamente e baixinho: mas todos dizem que é ótimo sistema para atrair mais a atenção de quem escuta.

Os Ministros Villas Boas, Oswaldo Trigueiro, Gonçalves de Oliveira e Pedro Chaves, apresentam os rostos mais severos e impenetráveis do Supremo. Um jovem advogado de Brasília costuma dizer: "Quando eu falo, evito olhá-los, para não pensar que já perdi a causa."

Os advogados que se apresentam diante do Supremo, com o "respeito quase supersticioso" de que fala Rui Barbosa, não deixam, entretanto, de olhar para o Ministro Lafayette de Andrada: que emana uma luz de simpatia e de humanidade, e parece, num movimento quase que imperceptível de cabeça, dizer sempre "sim". (Se depois seu voto fôr contrário, isto é outra questão).



O Presidente do STF e o relógio: ninguém fala além do seu tempo.

Assim é o Tribunal Pleno. As Turmas seguem o mesmo processo, com uma diferença — os juízes, ao invés de 16, são cinco. O Ministro Lafayette de Andrada preside a Primeira Turma, o Ministro Hahnemann Guimarães (atualmente em licença), a Segunda. E o Ministro Luiz Gallotti, a Terceira.

E os fins de semana? Todo mundo no Supremo concorda, afirmando que o maior divertimento, em Brasília, é o trabalho. E assim todos levam para casa pastas cheias de processo, e é claro que a pasta de Vítor Nunes Leal é a mais pesada de tôdas.

Cada ano o STF julga de sete a oito mil casos. É muita coisa, todos admitem. Mas o Supremo não tem, como a Côrte Americana, a faculdade de decidir, antes de começar o processo, se o assunto é suficientemente importante para merecer o interêsse do maior colégio judiciário do País. Faltando esta possibilidade de "escoimar", o Supremo tem que levar em consideração qualquer pedido, estudá-lo, resolvê-lo, votá-lo. E, na maioria das vêzes, os atos são devolvidos com um "nada feito", por falta de competência.

"Êste êrro de nossa Constituição de 1946", diz um dos Ministros, "às vêzes impede ao Tribunal de trabalhar com mais calma, num clima de maior serenidade: e a tramitação dos atos inúteis custa bastante dinheiro aos cofres federais".

O que custa menos, no fundo, são os Ministros. Sabemos quanto ganham: e não podem exercer outras atividades, a não ser a do ensino. Mas quem tem tempo para fazê-lo?

"Só tenho tempo, às vêzes, para, nos dias de descanso, dar algumas voltinhas de carro ou consertar alguma coisa em casa", diz o Presidente Álvaro Ribeiro.

Os amigos acham, porém, que o verdadeiro **hobby** do magistrado é "consertar". Eletricista, encanador e radiotécnico nunca entraram em seu apartamento: o Presidente sabe fazer melhor que todos. Certa vez aconteceu que uma senhora, moradora no mesmo prédio, teve um problema com seu aquecedor. Recém-chegada em Brasília, o marido ausente, estava desesperada: era domingo de manhã e encontrar um bombeiro seria impossível. O faxineiro que trabalha em casa do Presidente soube do drama da mulher e disse:

— Por que a senhora não chama o **seu** Álvaro; êle é muito bom nessas coisas.

A senhora mandou chamá-lo. O Presidente do STF estava bem à vontade, de calça velha e camisa esporte: só assim êle entende os domingos brasilienses. E foi logo para a casa da vizinha. Em menos de meia hora, o aquecedor estava consertado e funcionava como novinho.

— Muito obrigada, seu Álvaro. Isto é para o senhor.

E deu-lhe 500 cruzeiros.

— Não quis aceitar — conta Ribeiro da Costa — e acho que fiz muito mal: o trabalho até que estava bem feitinho mesmo.

FIM

Quando o casamento fracassa:

DESQUITE ou

DIVÓRCIO?

Texto de Jose Carlos Marao

Lá um dia de madrugadinha, sem mais nem menos, foi-se embora de casa o seu Armando, disposto a nunca mais voltar, porque o amor dado à legítima espôsa era pouco e se acabou. Dona Lídia ficou sem saber o que fazer da vida nem dos três anos de casamento infeliz.

A solução para dona Lídia é o desquite, que pode lhe garantir pensão e direito ao filho. Mas, com 26 anos, não pode casar de novo.

Outro caminho seria anular o casamento. Porém as leis atuais são tão rigorosas que tornam isso impossível na maioria dos casos. So poderia ter alguma esperança se o Govêrno mantivesse e o Congresso aprovasse o projeto existente de um nôvo Codigo Civil, que amplia as possibilidades de anulaçoes.

O divórcio seria a terceira soluçao, mas e proibido pela Constituição, que considera o vinculo matrimonial indissolúvel.

Todo mundo tem sua opiniao a respeito dessas três alternativas para os milhares de Lidias e Armandos do Brasil. Mas ninguem — ate hoje — reuniu estas opinioes. Por isso, REALIDADE coloca uma questão, para que, afinal, o grande publico se manifeste: Qual a melhor solução para o casamento irremediavelmente fracassado?

Para o leitor opinar, há um cartao na página 34. Até lá, esta reportagem conta casos de casamentos ilegais, de separaçoes, fala do desquite, das anulaçoes, do nôvo código e do divorcio. E a isso junta a opiniao do padre, do jurista, do psicanalista, do divorcista e de um defensor da família.

O caso do Chico Soldado, valoroso membro de uma corporaçao policial deste País, certamente e uma excecão. Chegou em casa na hora de sempre, alisou o cachorro, brincou com as crianças, jantou, e gritou, enquanto pegava o paleto:

— Iracema esquenta a água que eu vou buscar pó de café.

Dona Iracema só teve noticia dele uns 15 anos depois, quando alguem apareceu para avisar da morte e da hora do entêrro. E enquanto isso ela fêz de tudo para poder, muito mal, criar os quatro filhos. Nao fôsse o seu querido Chico largado de um primeiro casamento, ela teria se casado com ele na lei, com papel assinado, e poderia, na hora do abandono, conseguir dêle o que a lei chama de alimentos, isto e, dinheiro para tratar da casa e educar os filhos. Mas sendo que o pai era casado legalmente com outra mulher e nao tinha se desquitado, os meninos eram filhos adulterinos, ou seja, de um homem casado e de uma mulher que nao e sua legítima esposa. E o filho adulterino não pode ser reconhecido no registro civil, por mais que o pai jure que o filho e seu. E o artigo 358 do Código Civil. Na certidao de nascimento, no lugar do nome do pai, ou da mae, o escrivão coloca três pontinhos.

Ja bem diferente é a historia do sr. Luciano, prospero e desquitado comerciante. Conheceu Iolanda, môça casadoira, namorou, noivou e "casou". Isto é, fizeram uma festinha e foram morar juntos. Para as familias, para os amigos enfim, para a sociedade, era um casal perfeito. Uma familia respeitável. Tiveram um filho.

Foto de Luís H. M. Pereira

Uma grande preocupação dos legisladores é a situação da mulher depois da separação

E êle pode ser reconhecido — porque, por uma lei de 1949, do Deputado Nélson Carneiro, depois de dissolvida a sociedade conjugal, isto é, depois do desquite, é permitido o reconhecimento do filho havido fora do matrimônio. Mas o filho morreu menino e o sr. Luciano, depois de 20 anos de "casamento" com Iolanda, também partiu para a eternidade.

Nunca tantos irmãos, primos e parentes apareceram de uma vez só atrás de uma herança, como depois da morte de Luciano. E lá ficou Iolanda, sem ter nem casa para morar, totalmente desprotegida pela lei.

Algumas mulheres, nas mesmas condições de Iolanda, conseguem às vêzes uma indenização por **serviços domésticos,** ou, então, um menos humilhante **contrato de fato,** quando o juiz presume que ela ajudou a construir o patrimônio do falecido e lhe dá parte dos bens.

Mas o homem desquitado, como o Luciano e o Chico Soldado, ainda fazem nova união. Pior situação é a das mulheres desquitadas, que preferem na maioria das vêzes sofrer de solidão até o fim da vida, para não "ficarem faladas" depois de um casamento que não teria validade legal.

O número

É difícil saber quantos existem, no Brasil, na mesma situação de dona Lídia, de Chico Soldado e do sr. Luciano. As varas da família, em São Paulo e no Rio, deram média superior a cinco sentenças de nulidade, anulação e desquite por dia, nos últimos anos.

Mas, embora não possa ser precisada em números, há informação correta que tem de ser acrescentada: a maioria dos casais que se separam, principalmente nas classes mais populares, não recorre ao desquite, "porque não resolve nada".

O padre Paul-Eugéne Charbonneau, especialista em reconciliar casais que ameaçam separar-se, considera que 85% dos casamentos em vias de rompimento podem ser salvos, pois, em geral, os motivos são fúteis. E aponta três fatôres como principais causas de rompimento: Intransigência absoluta no casal; inconsciência das causas dos desentendimentos; e incapacidade de diálogo. Para êle, o casamento é o confronto de duas personalidades, seguida sempre de conflitos, diante dos quais pode-se tomar duas atitudes. Uma, infantil, de fuga, e outra, madura, dos que enfrentam os problemas, com intenção real de resolvê-los.

Mas, para dois psicanalistas — Roberto Freire e Ângelo Gaiarsa — o casamento acaba quando acaba o amor. Podem os dois continuar morando juntos, mas o casamento, no sentido de união, não existe mais.

A falta de preparação para o casamento, na opinião unânime dos três, facilita sempre a existência dessas causas de rompimento.

Quando o amor acaba o casal pode continuar junto mas é o fim do casamento

Sílvio, de 19 anos, andava namorando Lurdinha, só de 15, mas muito namoradeira. Namôro vai, namôro vem, a menina apareceu grávida. Para Sílvio, de duas uma: ou casa ou vai para a cadeia. Casa. Lurdinha, para "não ficar desonrada", também concorda. E, se não concordasse, o pai a obrigaria, de qualquer modo.

A Lurdinha chegou aos 20 anos, já tinha seus amantes. Sílvio já não suportava a mulher, pràticamente desde que casou, e não parava em casa. O resultado foi desquite, com um filho que ficou sem pai nem mãe, embora a lei garanta à sua "legitimidade".

O padre Charbonneau, baseando-se nos casamentos rompidos que viu até hoje, é contra a opção casamento-ou-cadeia para o sedutor de menores:

— Casar é bom pará êle, mas para ela e os filhos não.

— Mas o menor só casa se quiser — diz o jurista Sílvio Rodrigues, defensor da lei vigente.

— Doutor — responde o padre — em têrmos de realidade humana ela casa. Eu conheço mulheres de 25 anos, e não 15, que nestes casos de gravidez casam. Eu prefiro que haja um filho natural, que será amparado de alguma maneira, que um mau casamento. A assistência à mãe solteira deve ser básica, nos países adiantados.

— Mas, padre, há uma esperança de que o casamento dê certo.

— Apenas uma leve esperança, doutor.

— Mas, padre, sendo a môça menor de 16 anos, presume-se que houve violência e estupro.

— Doutor — conclui o padre Charbonneau — na época da sua avó isso talvez fôsse verdade. Hoje, ninguém engravida ninguém quando ninguém quer ser engravidado.

O padre Charbonneau vê, em casamentos como êsse, uma das causas mais comuns de separações. Considera que a melhor maneira para evitar "casamentos errados", dêste e de outros tipos, seria a preparação dos jovens, com bons orientadores, para enfrentar as realidades da vida em comum.

O segundo "casamento"

Matilde, desquitada, quer casar com José, solteiro, mas a lei brasileira não deixa, porque vínculo matrimonial é indissolúvel. Os dois procuram um advogado que, mais ou menos na base de 150 mil cruzeiros por pessoa, consegue por procuração um casamento pela lei mexicana ou boliviana, sem que o casal precise sair do Brasil. Se fôssem mais meticulosos — e mais ricos — fariam uma viagem até o Uruguai, e casariam pessoalmente. Assim feito, pràticamente ninguém, hoje, no Brasil, deixa de aceitar os dois como componentes de um perfeito casal, respeitado e respeitador.

Para a lei, porém, êsse casal está numa situação que os juristas chamam de **concubinato,** apesar dos seus eventuais filhos (chamados **naturais,** nesse caso) terem todos os direitos patrimoniais básicos (herança, educação etc). E a lei absolutamente não impede que José e Matilde vivam juntos, pois o crime de adultério fica eliminado com a sentença do desquite.

Uniões dêsse tipo, com casamento no exterior ou não, existem em grande quantidade. A lei não proíbe e a sociedade aceita. Segundo muitos, falta apenas a legalização dessa situação de fato, para dar amparo econômico à viúva, caso o marido morra.

O primeiro caminho

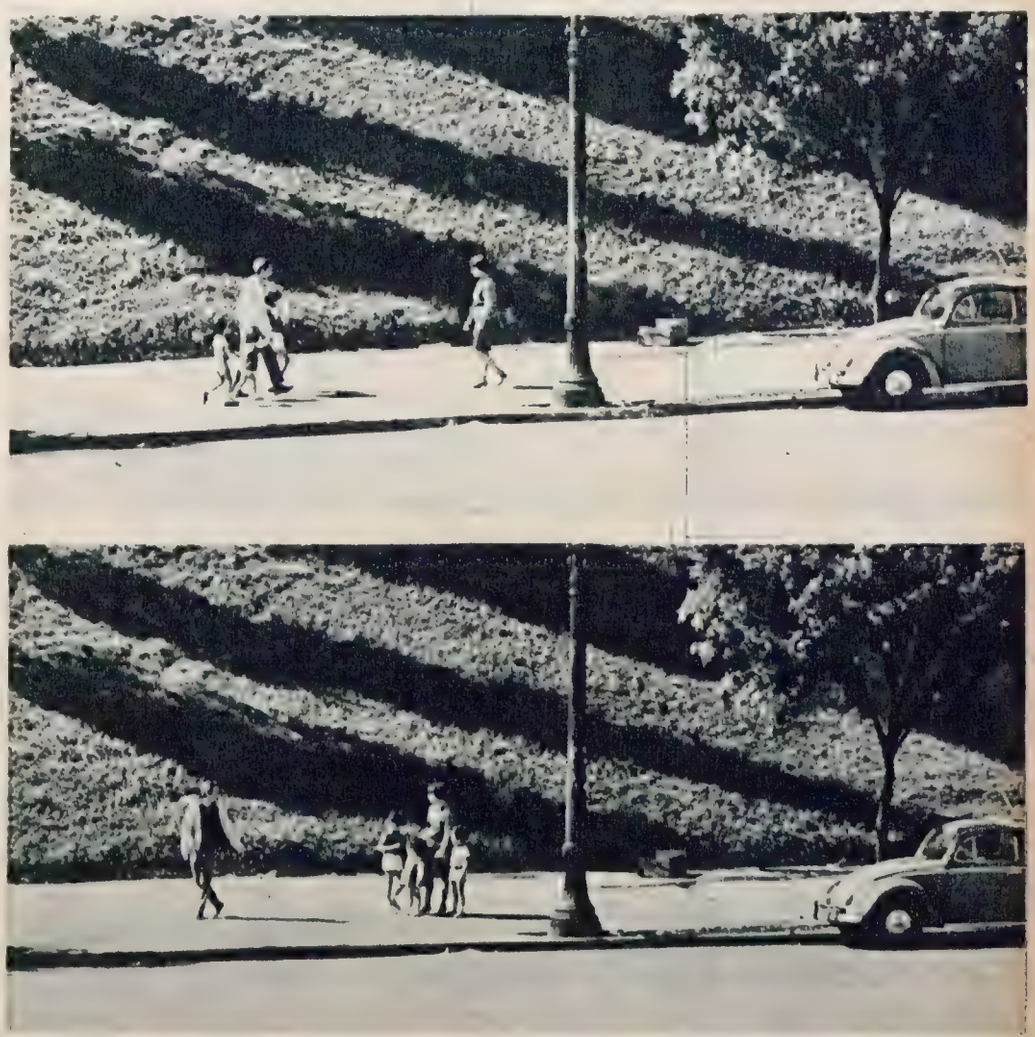
Dona Míriam já não tinha mais condições de continuar vivendo com seu marido. Alexandre, que gostava de jogar, de beber e dava maus exemplos aos quatro filhos. Resolveu desquitar-se.

O primeiro passo foi procurar o advogado, que ouviu a história e pediu, primeiramente, ao juiz, um alvará de separação de corpos. Pois, segundo a lei, a mulher não pode abandonar o lar e, sendo o marido o chefe da sociedade conjugal, Míriam teria, teòricamente, de pedir ordem a êle, para desquitar-se.

Míriam poderia também ter solicitado a guarda provisória dos filhos, alimentos e arrolamento prévio de bens (para Alexandre não gastar tudo o que êles têm). Mas considerou essas medidas dispensáveis.

Depois disso, o advogado fêz uma petição, onde contou, a seu modo, tôda a história do casal, desde o namôro. O juiz recebeu a petição e mandou **citar** Alexandre, isto é, avisá-lo de que sua mulher queria separar-se dêle.

Por causa do acúmulo de serviço, o juiz marcou uma **audiência de conciliação** sòmente para dali a alguns meses. Na audiência, o juiz tentou convencer Míriam a voltar atrás, mas ela estava mesmo resolvida. SEGUE



Casamento desfeito: as crianças têm o carinho do pai longe do lar que não existe mais.

Para fabricar o melhor esparadrapo, por onde V. acha que nós começamos? Pelo desenho das máquinas. Que nós mesmos fabricamos (e ainda exportamos!).

Nosso Departamento de Engenharia desenha e nossas próprias oficinas mecânicas constroem a maioria das máquinas especiais para a produção de artigos cirúrgicos, hospitalares e de consumo popular, que levam a marca Johnson & Johnson.

Exagêro? De forma alguma.

Fazemos questão de exigir o máximo de nós mesmos.

Atingimos um nível tecnológico tão elevado neste setor, que hoje podemos inclusive exportar... máquinas!

Para as Filipinas, África do Sul, Colômbia, Venezuela, Peru, Argentina. Beneficiando outros países, trazemos divisas para o Brasil.

Como se vê, a nossa "mania" de qualidade nos levou bem longe. Mas, qualidade é uma coisa que já está nos nossos hábitos. Fazemos isso há quase 100 anos.

Continuaremos a fazê-lo.

Johnson & Johnson

No desquite, a segunda mulher é concubina e não tem nenhum direito

Tentou, então, convencer Alexandre a aceitar um desquite amigável, mas êle achou que o amor ainda existia e queria continuar com ela.

O juiz determinou então ao marido que apresentasse sua defesa em 10 dias e marcou a audiência para as provas, que consistem em ouvir o marido, a mulher, as testemunhas, e, por fim, cada um dos advogados dos "cônjuges litigantes".

Alguns meses depois, o juiz julgou procedente a acusação de Míriam e decidiu que os quatro meninos ficariam com ela. Estabeleceu também quanto Alexandre deveria dar por mês à família, de pensão alimentícia, e que êle ia pagar as despesas do processo.

O sofrimento

Depois dos 10 meses que os dois passaram andando pelos corredores do Forum — e em que os filhos estiveram pràticamente abandonados, mas percebendo tudo — ficou dissolvida a sociedade conjugal, porém não o vínculo matrimonial. Nenhum dos dois pode casar de nôvo. Os filhos não terão mais o pai, nem um outro que possa, psicològicamente, substituí-lo.

E o sr. Alexandre, se seduzir outra inocente e unir-se com ela, não terá tanto trabalho, quando surgirem de nôvo as bebedeiras. Pois a segunda mulher, por ser **concubina** e não legítima espôsa, não tem os mesmos direitos que teve dona Míriam de ir até o juiz e reclamar.

O professor Ataliba Nogueira, um dos constituintes de 1945 que trabalhou para que o casamento fôsse indissolúvel por Constituição, tem opinião bastante clara sôbre o problema:

— Sou contra o divórcio, mas a favor do desquite, porque o desquite cria uma situação horrorosa para os dois. Então êles preferem continuar vivendo juntos, e fica salva a família, para bem dos filhos, que crescerão em presença dos pais.

Evidentemente, para o professor, o caso do casal Alexandre-Míriam é uma exceção, e as leis são feitas para atender primeiro o bem comum, depois o bem individual.

O segundo caminho

No dia em que sumiu o cachorro policial que a vigiava, dona Leonor não perdeu a oportunidade. Fugiu de casa e foi correndo para a delegacia, denunciar o marido e pedir proteção. E explicou:

— Depois de casado é que o Osvaldo mostrou o que é. Imagine, seu delegado, êle quer que eu faça coisas que mulher honesta não faz.

O Osvaldo tinha casado com a clara intenção, bem conhecida entre os amigos, de aumentar suas rendas, usando a beleza da mulher. Mas, apesar disso, a lei atual não permite que Leonor case de nôvo.

O projeto do nôvo Código, elaborado pelo jurista Orlando Gomes, poderá se fôr aprovado no Congresso Nacional, tornar anulável o casamento de Leonor e Osvaldo, por êrro essencial, isto é, êrro dela em não saber que Osvaldo tinha um passado de cáften e de pretender usá-la como prostituta.

O projeto do nôvo Código Civil diz, com relação a isso:

"Art. 126 — Êrro essencial — É também anulável o casamento quando um do cônjuges o houver contraído por êrro sôbre qualidades tão essenciais do outro, que o seu conhecimento posterior torne intolerável a vida em comum, tendo em vista as finalidades do matrimônio."

O atual Código diz:

"Art. 218 — É também anulável o casamento, se houve por parte de um dos nubentes, ao consentir, êrro essencial quanto a pessoa do outro.

"Art. 219 — Considera-se êrro essencial sôbre a pessoa do outro cônjuge:

I. O que diz respeito à identidade do outro cônjuge, sua honra e boa fama, sendo êsse êrro tal que seu conhecimento ulterior torne insuportável a vida em comum ao cônjuge enganado.

II. A ignorância de crime inafiançável, anterior ao casamento e definitivamente julgado por sentença condenatória.

III. A ignorância, anterior ao casamento, de defeito físico irremediável ou de moléstia grave e transmissível, por contágio ou herança, capaz de pôr em risco a saúde do outro cônjuge ou de sua descendência.

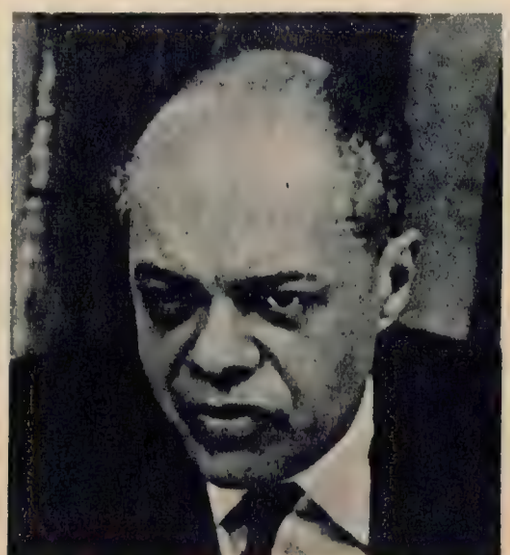
IV. O defloramento da mulher, ignorado pelo marido".

Não é divórcio

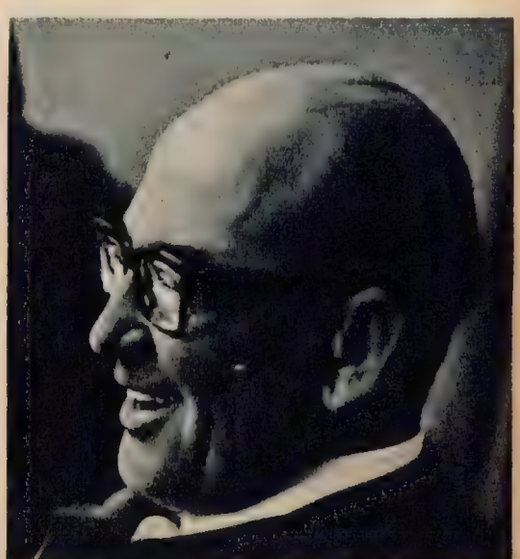
— Se vamos falar em Código Civil, não podemos falar em divórcio — diz o Deputado Nélson Carneiro, presidente da Comissão que examina o projeto — pois o Código está sujeito à Constituição, que proíbe o divórcio.

O nôvo Código Civil não trata de divórcio, mas sim amplia as possibilidades de anular casamentos. O divórcio, nos países onde existe, é concedido por motivos **posteriores ao casamento,** como o desquite no Brasil.

Padre Eugéne Charbonneau.



Deputado Nélson Carneiro.



Professor Sílvio Rodrigues.

REEMBÔLSO POSTAL

ATENDE-SE A PEDIDOS PELO

Sempre
sob o lema
quantidade, qualidade
e ecletismo a

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

inicia a sua

OFENSIVA CULTURAL DE 1966

apresentando alguns volumes que merecem lugar de honra na biblioteca de todo bom leitor:

AMAR E SER AMADO:-
de PIERRE WEIL, é livro indispensável para casais, namorados, noivos, esposos e pais ou responsáveis. É uma arte de amar (e ser amado) que se fundamenta nas modernas conquistas da psicologia de comunicações afetivas. Volume ilustrado por ROLAND.
CR$ 2.500

Dois livros de GIBRAN KHALIL GIBRAN, em tradução e apresentação de MANSOUR CHALLITA:

JESUS, O FILHO DO HOMEM:-
o mais diferente de todos os livros já escritos sôbre o Nazareno, que é visto pelo poeta antes como Homem do que como Deus.
CR$ 3.200

O PROFETA:- Obra inspirada na milenar sabedoria oriental, livro que reconforta o homem perplexo do século XX.
CR$ 2.200

1930 - A REVOLUÇÃO TRAÍDA:-
de HÉLIO SILVA - obra de leitura empolgante, baseada em documentos inéditos, provindos dos arquivos particulares de Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha e outros destacados líderes políticos.
CR$ 8.000
Volumes anteriores da série
O CICLO DE VARGAS:
I - 1922 - **Sangue na Areia de Copacabana** CR$ 5.000
II - 1926 - **A Grande Marcha** CR$ 6.000

---

2 admiráveis romances de ALDOUS HUXLEY:

A ILHA (3ª. edição)
Náufragos numa ilha buscam criar uma sociedade ideal.
CR$ 3.500

O MACACO E A ESSÊNCIA (2.ª edição)
O homem e o mundo logo após a Terceira Guerra Mundial.
CR$ 2.500

DICIONÁRIO ECONÔMICO E FINANCEIRO:- de LUIZ SOUZA GOMES
8.ª edição revista e ampliada de um livro difundido não só no Brasil mas também em Portugal, na América Latina e nos Estados Unidos.
CR$ 4.000

FREUD - PRÓS E CONTRAS:-
de JOSE TORRES NORRY — Uma mesa redonda em que antropólogos, biólogos, historiadores, filósofos e psicólogos das mais várias tendências — católicos agostinianos, tomistas, existencialistas, materialistas, discutem as teorias do famoso criador da Psicanálise. Um livro empolgante que divulga o máximo de conhecimento.
CR$ 4.500

A MULHER DOS MARINHEIROS:-
intrigante romance de CLÁUDIO DE ARAÚJO LIMA que empolga por seu enrêdo misterioso. Livro que é também vigorosa denúncia de como o poder pessoal produz a corrupção política e social e o desprêzo pela vida humana.
CR$ 2.500

O SAL DA TERRA:-
de CAIO PORFÍRIO CARNEIRO.
Romance sôbre o mundo branco e dramático das salinas do Nordeste. A terrível e pungente realidade de um meio social sòmente agora transposto para a ficção.
CR$ 2.200

BOA-NOITE, PROFESSOR:-
Três narrativas de ENEIDA que se preocupam com o destino social do homem, viva êle nos grandes centros urbanos ou em preconceituosas cidadinhas do interior.
CR$ 1.500

A EUROPA SOB O NAZISMO:-
IV volume das memórias de ILYA EHRENBURG que reconstitui, minuciosa e dramàticamente, o período histórico que vai de 1933 a 1941 e termina com a entrada dos alemães em Paris, com os bombardeios da LUFTWAFFE contra Londres e com a invasão da URSS.
CR$ 4.500
Leia, também, os três volumes anteriores
I - **Infância e Juventude** (1891-1917)
CR$ 2.200
II - **Os Primeiros Anos da Revolução** (1918-1921)
CR$ 2.200
III - **A Paz Armada: Os Primórdios do Nazismo** (1921-1933)
CR$ 2.500

PERSPECTIVAS DO HOMEM 2.ª edição
dêsse famoso livro de ROGER GARAUDY.
Obra fundamental para o exato conhecimento das idéias-chaves do nosso tempo, emanadas das filosofias que norteiam o pensamento contemporâneo.
CR$ 5.600

O SOL TAMBÉM SE LEVANTA:-
vigoroso romance de ERNEST HEMINGWAY, que narra os conflitos e frustrações dos norte-americanos e inglêses que vivem em Paris após a Primeira Grande Guerra Mundial.
CR$ 3.500

BALÉ BRANCO:-
nôvo romance de CARLOS HEITOR CONY.
O mundo do bailado visto na sua dura realidade. Emocionante história em que os subterrâneos das almas são devassados com agudeza e profundidade. Volume n.º 100 da Coleção Vera Cruz, onde se encontra o melhor da moderna literatura brasileira.
CR$ 3.200

EUCLIDES DA CUNHA:-
de SYLVIO RABELLO. Admirável ensaio que reconstitui, apoiado em farta documentação, a vida sentimental, profissional e intelectual do famoso autor de OS SERTÕES cujo centenário de nascimento está transcorrendo êste ano.
CR$ 5.500

NÔVO
NÚMERO DA
MELHOR REVISTA
BRASILEIRA DE RELAÇÕES
INTERNACIONAIS:

POLÍTICA EXTERNA INDEPENDENTE N.º 3:- dedica-se ao estudo de **O Brasil e o Mundo Africano** e de **O Sistema Interamericano Depois de São Domingos.** Artigos de Marvin Harris, Antônio de Figueiredo, Vamberto Morais, Arthur José Poerner, Otto Maria Carpeaux, Brady Tyson, Eduardo H Galeano, Simon Schwartzman, Igor Blishchenko, Andrew G. Frank, Espartaco e outros.
CR$ 2.000

A melhor história que HEMINGWAY escreveu!
O VELHO E O MAR:-
10ª. edição dessa obra-prima da literatura contemporânea que se tornou um **Best-seller** em todo o mundo.
CR$ 2.000

RUA 7 DE SETEMBRO, 97 - RIO DE JANEIRO - GB

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

Só Espanha e Itália, na Europa, ainda não instituíram o divórcio

Mas as anulações previstas pelo nôvo código continuariam sendo baseadas exclusivamente em motivos **anteriores** ao casamento, que um dos esposos desconhecesse.

Mesmo assim um grupo de pessoas está dando um passo à frente do projeto, e afirmando que êle institui o divórcio. Êsse grupo é liderado pela Sociedade Brasileira da Defesa da Tradição, Família e Propriedade, entidade com sede em São Paulo e mais ou menos dois mil sócios por todo o Brasil. É uma rica agremiação de homens — na sua grande maioria jovens congregados marianos — que, durante o mês de junho, saíram pelas ruas das principais capitais do Brasil coletando assinaturas "contra o divórcio". Afirmam êles que, durante essa coleta, conseguiram mais de 400 mil assinaturas.

Quem passasse pela rua, nos dias da campanha, ouviria:

— O senhor quer assinar? É contra o divórcio.

Na verdade, o texto do abaixo-assinado dirigido ao Presidente Castelo Branco é contra o nôvo Código Civil, falando apenas em "introdução virtual do divórcio", e lembrando que o projeto foi elaborado por uma Comissão constituída em 1963.

O presidente desta sociedade é o professor Plínio Correia de Oliveira, catedrático de História na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica em São Paulo, co-autor do livro **Reforma Agrária, Questão de Consciência** e autor de outras obras de interêsse ideológico e religioso.

— Entendo que o divórcio não seja um bem de bôca cheia — diz Nélson Carneiro, deputado divorcista — mas é uma solução menos pior que o desquite e mais humana, no meu modo de ver.

O padre Charbonneau, apesar de outras posições **avançadas,** é categórico em relação ao divórcio:

— Em se tratando de divórcio deve-se olhar a necessidade da nação. Com os dados sociológicos que temos hoje em dia (por exemplo, o índice de delinqüência juvenil nos Estados Unidos) eu acho que dificilmente se poderia considerar o divórcio um bem. A legislação não deve partir das exceções, mas do bem comum, que, ninguém pode duvidar, é representado pela manutenção da dignidade da família.

Mas, levantada a hipótese de permissão de divórcio só para casais que não tivessem filhos, Charbonneau disse que "toparia um estudo do assunto".

Para Nélson Carneiro, a solução, hoje, seria a anulação de casamento por êrro sôbre as qualidades morais do marido ou mulher, como fase intermediária entre a situação atual e o divórcio.

O professor Ataliba Nogueira defende a indissolubilidade do vínculo matrimonial dizendo que, no gênero humano, a finalidade do casamento é a procriação e educação da prole, com a colaboração do pai e da mãe, e o divórcio já sugere cautela quanto ao nascimento de filhos.

Divórcio vem de longe

Um hebreu antigo podia largar da mulher na hora em que quisesse, contanto que êle não a tivesse raptado. Em Roma, a mulher podia divorciar-se, caso o marido passasse mais de quatro anos na guerra sem mandar notícias. O Imperador Justiniano, no século VI, introduziu o divórcio por mútuo consentimento e impediu a separação unilateral. A China antiga também deixava, quem não tivesse filhos, divorciar-se.

O fim do Império Romano marcou uma fase de devassidão. Casava-se e descasava-se à vontade. O Cristianismo, crescente na época, para normalizar a sociedade, proclamou o caráter sagrado do casamento, impondo uma série de freios e dizendo com o Evangelho: o que Deus junta, o homem não separa. O casamento passou a ser regulado pelo Direito Canônico, até a Revolução Francesa, quando foi instituído o casamento civil.

Hoje, a maioria dos países do mundo adota o divórcio. Na Europa, apenas Espanha e Itália ainda não permitem rompimento do vínculo conjugal.

SEGUE

O maior problema do casal que vai separar-se são os filhos, pois só amor e compreensão ajudam a criança a levar uma vida normal.

"O ideal é a felicidade conjugal, mas essa o legislador não pode decretar"

Em Portugal, há um divórcio especial, só para quem casou no civil sem casar na Igreja. Nélson Carneiro é contra separação como essa no Brasil, pois "afastaria da Igreja grande número de fiéis que tivessem problemas conjugais".

E na Itália, recentemente, apareceu, com repercussão pelo mundo inteiro, um projeto de divórcio que prevê quatro casos possíveis de separação com direito a outro casamento: se o marido comete crime; se é louco; se o casal está separado legalmente há mais de cinco anos; ou se um italiano é casado com estrangeiro de país onde há divórcio.

Razão de Nélson

Um dos objetivos do Deputado Nélson Carneiro é fazer valer, na lei brasileira, alguns casos de nulidade de casamento aprovados pela Sagrada Rota Romana, tribunal do Vaticano que tem o poder de julgar nulos os casamentos celebrados na Igreja. Cita o caso de Marconi, inventor da radiotelegrafia, cujo casamento foi anulado nove anos depois. O motivo foi "os contraentes terem se casado com a condição de se divorciarem tão logo surgissem problemas para a vida em comum". Fala também do presidente de um país sul-americano, que, divorciado, e casado pela segunda vez, foi reeleito para o cargo. Mas o país, de religião oficial católica, exigia presidente casado na Igreja. E a anulação religiosa necessária foi conseguida. E lembra que o caso mais comum, entretanto, é o de casais que convencionaram entre si não ter filhos.

O Deputado explica a razão do trabalho de tôda sua vida:

"O ideal é a felicidade conjugal, mas essa o legislador não pode decretar. Só pode fazer leis que a facilitem, conservem e estimulem. Mas a família também sofre de incompreensões, de dissídios, que tornam impossíveis a manutenção da vida em comum. E surge o dilema do desquite ou divórcio. Quase todos os países civilizados já optaram pelo divórcio. Inclusive alguns marcadamente católicos, como França, México e Peru. Quanto a mim, advogo o divórcio porque atende, melhor que o desquite, à defesa da mulher e dos filhos. E porque abre novas perspectivas de legalização a centenas de milhares de famílias que florescem sôbre escombros de lares destruídos."

A família, afinal

Tôda a discussão, a favor ou contra o divórcio, é feita em nome da família. Divorcistas e indissolubilistas querem, em essência, segundo sua argumentação, preservar a família, unidade da sociedade.

O psicanalista Roberto Freire, católico, é defensor da família, mas observa:

— As leis estão preservando o matrimônio e a família, mas não podem preservar o que faz a unidade, que é o amor. Seria necessária uma abertura em relação às leis, que permitisse a formação de outra família, quando o amor deixou de existir na primeira. Porque, sem amor, a família como unidade perde qualquer sentido social. Para um casal que não se entende e para seus filhos, é mais caridoso separá-los que mantê-los unidos.

Ângelo Gaiarsa, outro psicanalista, é contra as separações, quando há filhos, pois considera que, como não há boas instituições pedagógicas para educá-los, o casal deve continuar junto, mas mantendo, um em relação ao outro, uma atitude de independência em atividades e interêsses.

A família "Ilegítima"

É comum, quando um casal se separa, que a nova família, que cada um forma por seu lado, seja mais feliz que aquela que formavam juntos. Por isso, diz Nélson Carneiro:

— Temos que compreender que, no Brasil, há uma grande faixa de casais posta à margem da sociedade. Se o fim do casamento é a união e a prole — e um homem desquitado não tem união nem prole — não vejo porque negar a êle o direito de casar novamente e dar à segunda espôsa o nome e os alimentos, uma vez que, se o desquite se deu por culpa da primeira mulher, ela não tem direito nem ao uso do nome nem a pedir alimentos.

O padre Charbonneau também não vê nenhum prejuízo à instituição da família, no caso da proteção à segunda mulher:

— A estabilidade da família leva à estabilidade da nação. Mas todo mundo sabe que surgem circunstâncias nas quais a convivência entre marido e mulher se torna impossível. Pode ser exceção, mas é uma exceção numerosa. Portanto, sem que se prejudique o bem comum e a estabilidade da nação, concordo que se façam tôdas as mudanças na legislação a fim de melhorar a situação dêsses casais, particularmente quanto ao direito de propriedade da companheira.

E justamente essas "mudanças na legislação" são hoje o ponto central de tôda a discussão, em tôrno do problema desquite-anulação-divórcio. O realmente bom seria — conforme concordam divorcistas e antidivorcistas — que o amor entre os casais continuasse sempre. Mas às vêzes isto é impossível. O problema então é decidir se essas pessoas devem ser castigadas pelo desquite ou ajudadas pelo divórcio.

Só não se deve fazer como o Chico Soldado: sair para comprar café e fugir de um problema que deve ser enfrentado. FIM

QUAL A SUA OPINIÃO?

Há um nôvo projeto de Código Civil, fala-se muito em divórcio, os juristas lutam entre si, a Igreja manifesta-se, alguns grupos tomam posições radicais, mas, até agora, ninguém ouviu a opinião pública. REALIDADE, pela primeira vez, dá a oportunidade aos seus leitores de manifestar seu pensamento sôbre um assunto de atualidade.

Para mandar sua opinião, o leitor precisa apenas preencher o cartão ao lado, recortá-lo e colocar no correio. O enderêço já está no verso e o sêlo será pago pela Editôra Abril.

Numa próxima edição, REALIDADE apresentará os resultados desta pesquisa, analisando não apenas a votação, mas também as opiniões manifestadas pelos leitores.

PRIMEIRA GRANDE PESQUISA DE REALIDADE

O QUE VOCÊ PENSA DO DIVÓRCIO?

Para votar, basta preencher êste cartão, e depositá-lo no correio. Não é preciso selar.

1) Sou a favor do divórcio ☐

2) Sou a favor apenas do desquite ☐

3) Sou contra o desquite e o divórcio ☐

Por quê? _____

Nome _____

Enderêço _____

Cidade _____ Estado _____

Profissão _____ Estado Civil _____

Idade _____ Sexo _____

COLE ESTA PARTE PARA FECHAR O CARTÃO

DOBRE AQUI

CARTÃO
Portaria n.º 391 - 22/9/54
Autorização n.º 241
SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL

NÃO É NECESSÁRIO SELAR ÉSTE CARTÃO

O SÊLO SERÁ PAGO PELA

EDITÔRA ABRIL LTDA.

CAIXA POSTAL 5095

Revista REALIDADE SÃO PAULO, S.P.

DOBRE AQUI

quantos quilômetros rodou êste *Passo*DOBLE®? 2.000, 5.000, 10.000, mais?

Acostume-se a não arriscar palpite sôbre a "quilometragem" do Passo Doble. É quase certo que seu palpite ficaria muito aquém do real.
Conhecemos homens que trabalham em pé o dia inteiro, cujo Passo Doble, após 2 anos de uso não mostra sinais visíveis de desgaste.
Os segredos de sua durabilidade são muitos: solado de borracha microcelular, moldagem numa só peça, vaqueta escolhida a dedo... bem, e alguns outros segredos que não podemos revelar (afinal a concorrência está de ôlho para descobrir os segredos da durabilidade exagerada do Passo Doble).
Além do mais é tão fácil você se informar sôbre as vantagens do Passo Doble.
Há tantos rodando por aí.

Solado de borracha microcelular. Fabricado em números e meios números, em vários modelos.

*Passo*DOBLE® mais um bom calçado **ALPARGATAS**

A Bahia tem mais de mil terreiros de candomblé, onde os deuses negros - os orixás - trazidos da África pelos escravos, resolvem problemas de amor, saúde, política e dinheiro. E do candomblé contam-se muitas histórias. Está é uma delas.

Um despacho de amor

Reportagem de Narciso Kalili

As festas no terreiro de Rosa, a mãe-de-santo mais famosa de Jardim Cruzeiro, bairro pobre de Salvador, começaram cedo naquele ano. Ela conseguira uma boa oferta em dinheiro de dois gaúchos que queriam resolver um problema particular com a ajuda dos orixás. E o dinheiro viera em boa hora: o telhado do terreiro estava deixando passar água, Rosa não podia comprar os animais para os sacrifícios e os frutos e ervas africanos estavam custando muito mais do que ela poderia pagar.

Rosa convocara os filhos e filhas de santo mais antigos para o primeiro despacho do ano — a matança a Exu, que o contenta e afasta do caminho, assegurando tranqüilidade nas festas.

Leonor, que tem sete anos de iniciação como filha de santo, chegou ao terreiro bem cedo. Voltava depois de muito tempo e depois de convencer seu marido Antônio — que freqüentava o candomblé de Tio Boró — a levá-la à casa de Rosa para participar da matança a Exu.

Há muito tempo, também, Leonor não via Domício, irmão de Antônio. Êle estava na porta, conversando com Maria, sua mulher, quando ela entrou:

— Boa tarde.

— Ora yêyê ô — respondeu Domício, saudando Leonor como saudava Oxum. Meia hora depois da chegada de Leonor, as comidas e animais, que seriam oferecidos a Exu, estavam prontos. Domício segurava o bode enquanto Rosa batia com um punhado de fôlhas de aroeira na testa do animal, oferecendo-o a Exu. Quando o bode mordeu as fôlhas, Rosa prendeu-lhe a bôca e amarrou-a com uma corda. Agora o bicho podia ser morto; e o sacrifício começou. Cantando músicas para Exu, Rosa deu o primeiro corte na garganta do bode. O sangue espirrou vermelho, vivo. Leonor, de pé, segurava um dos quatro galos que seriam sacrificados a seguir e surpreendia-se de nunca ter reparado em seu cunhado Domício:

— Êle é muito mais forte que Antônio.

SEGUE

As fotografias das cerimônias secretas do candomblé que ilustram esta reportagem são de Aldo Gerromi, realizadas com a assessoria do etnólogo Waldeloir Rêgo.

Antes de qualquer festa é preciso servir a Exu. *Bode é o animal de que êle mais gosta.*

Exu quer sangue para ficar em paz

Quando a faca de Rosa entrou mais fundo no pescoço do bode, Domício levantou a cabeça, encontrando o olhar de Leonor. Êle fazia fôrça para não pensar em Leonor como mulher:

— Xangô, meu pai! Estou pensando bobagens.

Sustentou o olhar da cunhada apenas alguns segundos e depois voltou os olhos para a grande terrina de barro onde Rosa ia depositar o sangue do bode sacrificado, ao mesmo tempo que dizia palavras favoráveis — em dialeto africano — para que Exu aceitasse o sacrifício. Embora a cabeça já estivesse quase separada do corpo, o bode ainda estremecia. A cantiga de Rosa mudou na hora que ela segurou a cabeça do animal na mão e o corpo era arrumado por Domício que tratava de virar-lhe as patas em direção da porta da rua. E mudou de nôvo quando começou o sacrifício do primeiro bicho de duas pernas. Com voz aguda e monótona, a mãe-de-santo ia cortando aos poucos a cabeça dos galos e derramando o sangue na vasilha onde já estava o sangue do bode. Sempre em dialeto africano, suas palavras continuavam dirigidas a Exu, a quem ela tratava bem:

— Gosto de ver Exu satisfeito. Farto. Assim êle leva aos orixás nossos desejos e fica sem jeito de fazer estrepolias no meu terreiro.

Terminado o sacrifício dos animais, Rosa misturou ao sangue os ingredientes rituais da matança a Exu. Com a mão, mexeu o sangue que começava a coagular e foi juntando, aos poucos, depois de dizer palavras cabalísticas e favoráveis, a cada um dos alimentos, azeite de dendê, cachaça, mel, água e sal. Depois virou-se para Leonor:

— Me dê o prato de Exu.

Colocou um pouco do sangue já grosso sôbre um prato e levou-o para o peji (altar), derramando-o sôbre a imagem que representa o Exu: as sete pontas de ferro ficaram vermelhas e o sangue lavou a terra onde a imagem estava fincada. Agora Rosa estava pronta para o jôgo. Cortou uma cebola em quatro partes e atirou-as sôbre um prato. Os pedaços caíram todos com a parte cortada para cima.

— Alafiá — berrou Rosa.

Todos bateram palmas e deram gritos de satisfação: Exu aceitara o sacrifício e tudo daria certo nas festas que se preparavam. Leonor interpretou o jôgo de outra maneira.

— Exu diz que Domício será meu.

Rosa tirou algumas penas dos galos, juntou as cabeças das aves e do bode, enfeitou com elas a terrina onde derramara o sangue dos animais sacrificados e colocou-a ao lado da imagem de Exu. Agradeceu a boa vontade do mensageiro e ordenou o corte dos animais: os pés e o sexo para Exu e o restante para ser comido pelo pessoal do candomblé.

Domício cortava o bode enquanto Leonor e as outras filhas de santo preparavam as aves. O espaço era pequeno, o calor muito, e o sangue e o cheiro dos animais mortos excitavam a todos. Muito próximos um do outro, cada vez que Leonor encostava em Domício, êle estremecia e uma faísca de desejo percorria-lhe todo o corpo. Maria, sua mulher, olhava desconfiada, enquanto êle sentia arrependimento:

— Nem Antônio nem Maria merecem isso. Mas Leonor tenta mais do que Exu. Valei-me Xangô!

A tortura durou o tempo de cortar os animais. Domício respirou aliviado quando saiu para a rua. Dentro de alguns minutos seu irmão, o marido de Leonor, voltaria — iam almoçar juntos na casa de Rosa — e a tentação já teria desaparecido.

O almôço começou tarde. Estavam à mesa Antônio, Leonor, Domício, Maria, a mãe-de-santo Rosa e sua imediata no candomblé, Bada, a mãe pequena, com seus dois filhos — Manuel, que todos achavam o próprio Exu pelas maldades que fazia; e Pedro, feio e bexiguento como Omolu, o orixá ao qual se consagrara. A comida era farta. Manuel, que percebera os olhares entre os dois cunhados, dizia para Leonor, em voz baixa e cheia de malícia:

— Sei de um despacho que derruba qualquer homem. É usar e esperar que êle venha se atirar aos pés da mulher que o fizer.

Leonor ouvia mas não olhava para Manuel. Seus olhos não saíam de Antônio e Domício, que conversavam sôbre a melhor maneira de descarnar um boi (Antônio tinha uma barraca de carnes na Feira de Água de Meninos). Leonor decidiu que iria conquistar Domício e cutucou Manuel pedindo a fórmula do despacho. Ela sabia que podia confiar nêle, desde que lhe desse uma garrafa de cachaça ou uma caixa de charutos. A resposta veio em poucas palavras:

— Faça o que Oxum fêz com Xangô.

Leonor convenceu-se de que já estava farta de Antônio. Êle não fazia outra coisa a não ser trabalhar e caçar nas horas de folga, trocando-a pelos amigos com quem saía para o campo. Desta vez ela é que o abandonaria.

Do outro lado da mesa, Rosa se justificava com Bada, a mãe pequena:

— Sempre fiz tudo o que era possível para resistir às festas combinadas. Como não é possível, procuro unir o útil ao agradável. Com o dinheiro que recebo, faço as festas como deveriam ser, sòmente um pouco antecipadas. Tem muita mãe-de-santo que inventa obrigação para tomar dinheiro de turistas. Eu não. Respeito muito os orixás.

Dois dias depois da matança a Exu, Domício estava nos lados do Jardim Cruzeiro — êle morava perto da praia de Pituba — procurando um negro que assaltara uma baiana vendedora de acarajé. Domício trabalhava na

polícia há muito tempo e gostava do serviço — ia uma vez por semana à delegacia, o resto do tempo ficava na rua, caçando criminosos. Aquela manhã não rendera nada. Do negro ladrão nem sinal: parece que tinha fugido para a Feira de Santana. Cansado, Domício resolveu dar uma chegadinha até a casa do irmão — Antônio e Leonor moravam perto do terreiro de Rosa — e filar a bóia. Encontrou Leonor na porta, o irmão não estava. Não disse nada. Ia embora quando ela o convidou:

— Antônio volta logo. Entre um pouco. Ou será que está com mêdo?

Domício aceitou a provocação e entrou. A tentação era forte. Quase maior que a fidelidade ao irmão. Ficou na sala, Leonor à sua frente, sentada numa cadeira, os joelhos lindos, coxa morena à mostra. Êle procurou conversar sôbre o tempo, a falta de dinheiro, o trabalho. Calava quando os olhos da mulata o atingiam. Leonor perguntou se êle estava com fome.

— Fiz um caruru como você gosta. Experimente um pouco e quando Antônio chegar nós almoçamos.

Sem lhe dar tempo para responder, sumiu na cozinha, voltando com uma bacia dourada onde fumegava o caruru: o despacho estava ali. O cheiro dos quiabos com dendê era quase irresistível. Domício estranhou a bacia, mas a comida estava apetitosa. O primeiro bocado transtornou-o. Sentiu fogo correndo-lhe pela garganta, tomando conta do sangue. Olhou para Leonor e a viu mais sensual e bela do que nunca. Perdeu a cabeça.

Mais tarde, quando Antônio voltou, encontrou o bilhete sôbre a mesa, junto à bacia dourada, com os restos de caruru.

"Cansei de viver com você que só pensa em trabalho. Fugi com Domício. Adeus".

Leonor sabia que o marido esperava isso mais cedo ou mais tarde. Achava que não ia se importar. Se ela desse crédito aos murmúrios que corriam a vizinhança, Antônio ficaria feliz com a sua partida. Quem não se conformou foi Maria, mulher de Domício. Ela teve um pressentimento ao ver que êle não chegava e correu para a casa de Rosa. Eram dez horas da noite:

— Mãe, Domício não voltou. Veja pra mim o que aconteceu.

A mãe-de-santo levou-a para dentro de casa e tirou os búzios de uma gaveta. Antes do jôgo começar, as duas encostaram a cabeça no chão, implorando o favor dos deuses. Rosa atirou os cinco búzios no chão, murmurou algumas palavras incompreensíveis e depois falou, a voz grave e dura:

— Você perdeu Domício. O despacho de Leonor foi muito forte e seu orixá — Iansã — não pode desmanchar o que está feito.

— Mãe, não há nada a fazer? Consulte de nôvo, por favor!

Rosa jogou os búzios outra vez e a resposta foi a mesma. Depois de um longo silêncio, a mãe-de-santo falou:

SEGUE

As filhas de santo não esquecem suas obrigações aos orixás. Bori é a mais forte delas.

Formando rodas, as filhas de santo cantam e dançam chamando os seus orixás.

Em transe, as filhas de santo vestem roupas que caracterizam os seus orixás.

Iansã não vence feitiço de Oxum

— Filha, faça uma obrigação bem forte para Iansã, fique pura e volte para consultar os búzios. Prepare-se para um bori de sangue.

— Mas eu estou sem dinheiro, mãe. Onde vou arranjar?

— Compre os animais que o resto, as comidas, eu darei. Agora vá e volte preparada em dois dias.

Domício tinha ido com Leonor para a casa de Orlandina, na ladeira da Montanha, onde as mulheres recebem homens desde as quatro horas da tarde.

A dona da casa deu-lhes um quarto fora, onde ninguém iria incomodá-los. Mesmo assim, dava para ouvir a algazarra que homens e mulheres faziam na sala de Orlandina.

Nunca Antônio dera a Leonor tanto amor. Domício parecia um deus, o próprio Xangô, seu corpo queimava-a como um raio. No terceiro dia, Leonor pensava, enquanto Domício dormia ao seu lado:

— Amanhã é festa de Oxum, meu orixá. Preciso ir à casa de Rosa.

Naquele mesmo momento, no terreiro de Rosa, Maria sentava-se sôbre a esteira coberta pelo lençol branco e fechava os olhos. As pernas esticadas, as costas das mãos para cima, entregou-se a Iansã. Vendera muito acarajé na porta do elevador Lacerda, conseguindo juntar uma parte do dinheiro para comprar a galinha d'angola, uma pomba, e a galinha gorda e branca. O resto arranjara emprestado. Rosa já colocara ao redor de seus pés as comidas de que Iansã gosta: farofa de dendê, abará, acarajé, feijão fradinho, feijão prêto, ebó, arroz, vinho, sal, mel e azeite de dendê.

Quando Rosa começou a cantar, Maria — com os olhos fechados — sabia o que estava acontecendo: três filhas de santo, com mais de sete anos de iniciação — ebames como ela — entraram no terreiro trazendo as aves que seriam sacrificadas. O barracão já estava enfeitado para a festa do dia seguinte e a lâmpada de 600 velas, que Rosa só usava nas grandes ocasiões, pendia do soquete, dando brilho agressivo às comidas e alegria a Maria:

— Iansã deve estar satisfeita com o bori.

Quando começou o sacudimento das aves, Rosa mudou a cantiga: Maria sentiu as penas macias deslizarem primeiro por sua cabeça, depois pelo corpo todo. O ritmo, a música e as palavras em dialeto africano mudavam à medida em que a mãe-de-santo oferecia as comidas, colocadas em pratinhos, que ia encostando primeiro à cabeça, depois às costas,

peito e ombros de Maria. O sacrifício tinha começado e Maria pediu:

— Aceite, Iansã, e faça com que Domício volte para mim.

Uma música alegre tomou conta do terreiro quando Rosa segurou a cabeça da galinha entre duas fôlhas de aroeira e deu o primeiro talho em seu pescoço. E continuou cantando, animada pelas palmas e pelo côro das filhas de santo, até que a cabeça se separou do corpo da ave e foi colocada na terrina onde o sangue estava sendo despejado. Com o corpo da galinha na mão, o pescoço gotejando, Rosa fêz uma cruz de sangue no alto da cabeça de Maria, depois na nuca, juntas dos braços, costas das mãos e no peito dos pés. Repetiu a cerimônia com a galinha d'angola. Na vez da pomba, em vez de ficar de frente para Maria, Rosa ficou ao seu lado.

Acariciou a ave, segurou-lhe o corpo firmemente com a mão direita e prendeu-lhe a cabeça entre os dedos do pé. Com um puxão violento separou a ave em duas partes. Depois jogou a cabeça da pomba na terrina e repetiu os mesmos sinais de sangue no corpo de Maria. Terminado o sacrifício, iniciou-se a consagração. Sentada na esteira, Maria revia cenas de sua vida com Domício.

— Eparrei Iansã! Nossa vida era de felicidade. Ajude-me, Iansã!

Junto às cabeças e ao sangue das três aves, Rosa derramou dendê, mel, vinho, água e sal. E enfeitou a terrina com as penas. Chegara o grande momento. A mãe-de-santo iria fazer o jôgo do obi, para ver se Iansã aceitara o bori. Cortou o fruto africano em duas partes e atirou-as sôbre o prato. Uma delas caiu voltada para baixo. Ela repetiu o jôgo várias vêzes, em meio ao silêncio das filhas de santo. Maria aguardava ansiosa e atemorizada a sentença de seu orixá. E Iansã falou pela bôca da mãe-de-santo:

— Aceito o bori, mas você perdeu Domício. O despacho que Leonor fêz foi muito forte. Conforme-se, minha filha.

Todos começaram a cantar enquanto Rosa mastigava um pedaço de obi. Aproximou-se de Maria, colocou um pedaço da fruta mascada na bôca da filha de santo. Depois outro pedaço no centro da cabeça, atrás de cada orelha, na junta dos braços, entre os dedos das mãos e dos pés.

Amarrou-lhe uma tira de pano branco à cabeça, recolheu os bichos e ajeitou as comidas, dando espaço para Maria poder se deitar na esteira. Mais tarde, a luz apagada, o silêncio em volta, Maria falou com seu orixá:

— É a sua vontade, Iansã. Farei como ordenou. Domício morreu para mim.

O dia seguinte amanheceu com o sol iluminando as ladeiras e o mar de Salvador. Leonor e Domício saíram cedo da casa de Orlandina para o mercado. Na barraca do Luca êle comprou-lhe um leque de metal dourado para a festa de Oxum, logo à noite, no terreiro de Rosa. Comeram mulucu — feijão fradinho temperado com cebola e camarão sêco — andaram pela praia namorando os saveiros e o mar. Às sete horas estavam no barracão de Rosa.

Maria também acordara cedo. Durante a noite relembrara tôda a sua vida dentro do candomblé e estava tranqüila. Lembrou-se da primeira vez: menina ainda, tinha se sentido mal e sua mãe levara-a para Rosa descobrir, no jôgo de búzios, o que ela tinha. E a mãe-de-santo leu a sentença:

— Maria é de Iansã. A deusa deseja que ela seja sua filha de santo. Tem dois anos de prazo para ficar pronta.

A partir dêsse dia, Maria começou a preparar o enxoval — roupas íntimas, vestidos, utensílios domésticos, roupas de seu orixá. Pouco antes da data marcada, a mãe-de-santo recolheu-a ao terreiro, onde ela aprendeu danças, cantigas e o comportamento no ritual do candomblé. Estava pronta quando Rosa fechou-a no roncó — lugar da iniciação, geralmente um quarto nos fundos do terreiro. Dois dias depois ela se iniciava como filha de santo. Tomou o banho de purificação com ervas cujo segrêdo sòmente a mãe-de-santo conhecia. Depois foi depilada totalmente e seu corpo pintado com uma substância branca e gordurosa. Passados sete dias, ela deixava o roncó e surgia no terreiro três vêzes seguidas, com três roupas diferentes de seu orixá. Na última saída, conduzida pela mãe-de-santo, Maria anunciou o nome pelo qual a sua Iansã seria conhecida:

— Iansã Alapá.

Sua exclamação fôra acompanhada de palmas, gritos, chuva de flôres e foguetório. Aí ela dançou pela primeira vez como filha de santo. E dançou possuída pelo seu orixá, repetindo na coreografia os gestos de Iansã: semeando ventos e afastando as almas. Terminada a dança, voltou ao roncó, onde aguardou três dias para a realização da quitanda.

Os orixás atendem aos chamados da terra através das batidas dos atabaques e do agogô.

A mãe-de-santo armou uma barraca no interior do terreiro com frutos brasileiros e africanos que Maria vendeu aos membros do candomblé durante a festa. Os preços eram bem maiores que os normais. E mais tarde, na cerimônia tradicional do leilão — quando a filha de santo é vendida simbòlicamente a um protetor — obteve um dos melhores preços da história do terreiro de Rosa. Ainda usava o quelê — um colar de contas, símbolo de sujeição ao orixá — e por isso era obrigada a permanecer no terreiro, quando conheceu Domício. Gostou dêle e perguntou a Iansã se poderia namorá-lo. O orixá concordou e, logo depois de sair do recolhimento, Maria passou a viver com Domício. Agora, um ano depois, perdera-o para Leonor.

— É a sua vontade, Iansã. Mas sofro muito.

Eram oito horas da noite quando Leonor chegou ao terreiro de Rosa abraçada a Domício. Êle parecia não ver nada do que acontecia à sua volta. Só tinha olhos para a amante. Quando Rosa mandou que todos se preparassem para a festa, êle custou a largar Leonor. Rosa quase precisou gritar com êle:

— É a festa de Oxum. Largue-a e vá preparar-se também.

Os atabaques tocaram acompanhados do agogô e as filhas de santo, com roupas coloridas, entraram no barracão de festas, com a mãe-de-santo à frente. Formaram um círculo em cujo centro Rosa botou uma vasilha com água e uma cabaça onde dissolveu acaçá e fôlhas da costa. Ia começar o despacho para Exu, que abria tôdas as suas festas. Enquanto Rosa dançava para Exu, acompanhada pelo côro das filhas de santo, Leonor e Maria fuzilavam-se com o olhar.

SEGUE

O filme Verichrome Pan da Kodak lhe garante os melhores resultados... se V. não cometer pequenos erros como êste:

Se V. não segurar a câmara com firmeza no momento de acionar o disparador, a fotografia sairá tremida. Compare-a com a mesma foto, já corrigida, e veja a diferença de resultados. Erros também freqüentes são os de focalização e de insuficiência ou excesso de exposição. O foco, por exemplo, depende de vários fatôres,

mas V. terá maiores possibilidades de obter resultados positivos, se der pouca abertura à objetiva sempre que as condições de luz forem boas (no contrôle da objetiva de sua câmara,

os números mais altos indicam as aberturas menores). Antes de mais nada, porém, V. precisa estar garantido quanto à qualidade do filme.

Habitue-se à qualidade Kodak, que lhe dá a certeza de estar usando o melhor filme, bem como uma base segura para apreciar seus próprios progressos na arte fotográfica. Para fotos em prêto e branco, use o filme Verichrome

Pan, quando desejar fotos de contrastes nítidos e contornos bem delineados (como a gente gosta de ver nos retratos, por exemplo). Quando desejar maior variedade nas graduações dos cinzas (foto de uma paisagem, por exemplo), aproveite a sensibilidade do filme Plus-X e, em situações desfavoráveis de luz ou ação, a alta sensibilidade do filme Tri-X. Em qualquer caso, conte com a qualidade Kodak, como fazem milhões de homens, mulheres e adolescentes, no mundo inteiro.

Kodak

Nunca um orixá foi mais sensual

Domício, num dos lados do barracão, não perdia Leonor de vista. Para êle, Maria já não existia.

Rosa parou a dança, chamou Leonor e entregou-lhe a cabaça com as fôlhas de acaçá dissolvidas. Depois apanhou a vasilha com água e o canto recomeçou enquanto as duas, dançando, saíam para a rua, onde atiraram a água e a mistura para Exu. Voltaram, e as filhas de santo fizeram uma fila. A festa começava.

Os atabaques soaram firmes e as filhas de santo atiraram-se ao chão, uma de cada vez, saudando a mãe-de-santo, a porta por onde iam entrar os orixás e os atabaques usados para atraí-los. Formou-se a roda novamente. Rosa na frente. As cantigas foram se sucedendo e a coreografia também. A mãe-de-santo cantou para Ogum, enquanto as filhas de santo dançavam como se o terreiro fôsse um campo de batalha, atacando inimigos postados nos quatro cantos da sala. Depois foi a vez de Oxóssi, e elas fizeram gestos de caçadores. Para Xangô, dançaram semeando raios e trovões. Oxumarê foi saudado com uma coreografia onde os dedos apontavam o céu e a terra, representando o arco-íris. Imitaram Omolu, um velho doente, e Nanã, uma velha que anda apoiada num bastão. Homenagearam Oxum mostrando em suas danças as jóias e a beleza do rosto e do corpo. E Iansã foi imitada em sua colheita de ventos.

Leonor e Maria estavam na ponta da roda. Nunca uma Oxum fôra mais sensual que Leonor. Quando se aproximava de Domício, retorcia-se, mostrando o belo corpo moreno que êle já conhecia tão bem. A Iansã de Maria não teve o mesmo sucesso. Domício só via Leonor.

Quando Rosa começou a tirar cantigas ao som dos atabaques, chamando os orixás, o primeiro a aparecer foi a Iansã de Maria. Ela soltou um grito e entrou em transe. Parou onde estava e depois começou a dançar violentamente. Uma ekede — ajudante dos ritos — amparou-a e levou-a para um canto do barracão onde Maria ficou parada, as mãos na cintura, os olhos fechados, balançando-se na postura das filhas de santo em transe. Depois foi a vez de outra Iansã e de mais três. Rosa juntou as cinco filhas de santo tomadas pelo orixá e deu-lhes a saudação dos atabaques com cantorias, durante a qual os orixás, de posse de suas filhas de santo, dançam. Depois as cantorias recomeçaram e vieram Oxalá, Ogum, Nanã, Omolu e Oxóssi.

SEGUE

O momento mais importante da festa para Oxum é quando a mãe-de-santo serve o ipeté.

Os deuses também matam por amor

A Oxum de Leonor e o Xangô de Domício não vieram e Rosa compreendeu que os orixás não queriam interferir no amor dos dois.

Depois de saudar a todos os orixás presentes — dançou separadamente com cada um dêles — Rosa mandou-os para os fundos do terreiro, onde as filhas de santo, tomadas, vestiram as roupas de festa. Voltaram depois de algum tempo, com Rosa à frente, dando três voltas no salão, dançando e cantando. Cada uma delas, mais tarde, dançou novamente com a mãe-de-santo, enquanto os assistentes saudavam com cantigas e exclamações de alegria. A Iansã de Maria era a mais agitada. Em certo momento, com os olhos fechados, ela avançou contra Leonor, de espada em punho. Rosa deu um salto e salvou Leonor de um ferimento. Imediatamente, a mãe-de-santo mandou recolher os orixás novamente aos fundos do terreiro, para trazerem o ipeté, um alimento especialmente feito para Oxum, a deusa da festa, preparado com inhame e azeite de dendê. Além do ipeté, sôbre um lençol branco foram depositadas outras comidas preferidas por Oxum: ojojó (bolinhos de arroz), cabra, galinha, pipoca, acarajé, abará, amalá (espécie de caruru), feijão fradinho, feijão prêto, aberém, ebó (milho branco), farofa de dendê e acaçá. Sentada entre as filhas de santo tomadas por Oxalá e Nanã — os mais velhos de todos os orixás — Rosa continuou a festa. Enquanto cantava, foi arrumando os pratos para servir aos convidados. Depois que todos comeram, a mãe-de-santo fêz uma roda ao redor do lençol branco e todos se retiraram para os fundos do terreiro. A festa durara quatro horas. Era meia-noite.

Maria saiu do barracão uma hora depois. Foi andando sem rumo, chorando, as lágrimas escurecendo ainda mais a noite. Duas horas mais tarde, estava no Dique. Chorava ainda, um chôro sem ruído, suave. Ficou parada, olhando as águas. De repente, seus olhos ficaram vidrados, ela estremeceu e se atirou.

Naquele mesmo instante, Domício, que dormia ao lado de Leonor, pulou sobressaltado. Uma dor forte lhe apertou o peito. A amante acordou sòmente a tempo de vê-lo dar o último suspiro.

No hotel, um dos gaúchos dizia para o outro, antes de apagar a luz e dormir:

— Pra mim, todo êsse negócio de candomblé é bobagem. Não acredito em nada do que vimos.

FIM

Os orixás da Bahia

Candomblé, na Bahia, é palavra usada para designar cerimônias religiosas de origem africana. Os negros que vieram para o Brasil como escravos pertenciam a várias nações, com tradições e línguas próprias. Segundo o etnólogo Pierre Verger, na Bahia foram os nagôs que impuseram o seu acervo espiritual a todos os outros negros, e o culto por êles introduzido — adoração dos orixás — permanece até hoje.

Os orixás são cultuados em templos chamados terreiros que compreendem o peji — altar das divindades — e o barracão — grande sala onde se realizam as cerimônias públicas. Além disso, há vários quartos onde se realizam a iniciação das filhas e filhos de santo — iawôs — e onde se hospedam os fiéis na época das grandes festas.

A organização espiritual do terreiro tem no tôpo a mãe ou o pai-de-santo, assistidos pela mãe ou pai pequeno (assistentes de culto), alabês (tocadores de atabaque) e ogãs (protetores do barracão).

A maioria dos orixás — diz Pierre Verger — originou-se de sêres humanos privilegiados que controlavam as fôrças da natureza e que em vez de morrer transformaram-se em pedras, rios, árvores, lagoas. Os descendentes diretos dêsses sêres — os orixás — serviam de intermediários entre êles e as fôrças da natureza. E são as aventuras, as paixões, as guerras os feitos dêsses orixás que se comemora. As cerimônias feitas em seu louvor são o meio para se obter sua interferência perante as fôrças da natureza.

Os orixás são fôrças que sòmente podem se manifestar e expressar através de certos sêres de sua escolha — os iawôs, que depois de escolhidos pelas divindades nascem para uma nova vida. Passam 17 dias em estado de transe, encerrados no terreiro. Ao fim dêsse tempo, com todos os cabelos do corpo raspados, aparecem para revelar o nome de seu orixá. São, a partir daí, filhos espirituais da mãe ou do pai-de-santo e esposos místicos do orixá.

As obrigações para com os orixás consistem em sacrifícios de animais, oferendas de comida e festas. Esta última obrigação começa com a chamada dos orixás pelos atabaques, pois cada um atende a um ritmo particular. Antes faz-se uma obrigação para agradar a Exu — orixá irrequieto, às vêzes confundido com o diabo, e com tendência para perturbar a ordem no barracão. Depois, as iawôs, dançando em roda, cantam as aventuras e o temperamento de cada orixá. Quando os orixás atendem ao chamado e se apoderam de seus filhos de santo, os presentes manifestam contentamento com gritos e palmas. Depois de saudados, os iawôs tomados pelas divindades são recolhidos ao peji, onde recebem as roupas, armas e objetos que simbolizam os orixás. Então voltam ao barracão de festas, onde dançam e são

saudados com cantigas e o toque dos atabaques.

Os orixás são muitos. Porém os que se manifestam com maior freqüência nos terreiros da Bahia são nove:

OGUM é o deus da guerra, do ferro e o dono dos caminhos. Suas danças e cantigas referem-se a batalhas e morte de seus inimigos. O seu dia é a segunda-feira e em geral veste-se de azul-marinho, trazendo nas mãos uma espada e utensílios de ferreiro. Êle come bode, galo, pipoca e farofa de dendê. Confunde-se com Santo Antônio e a sua saudação mais usual é **Ogum yê!**

IANSÃ é a deusa dos ventos e das tempestades, dona das almas. Dança como se estivesse semeando ventos e tempestades e afastando as almas do seu caminho. Em geral, veste-se de vermelho, trazendo nas mãos uma espada de metal amarelo e o **ereuxin** — bastão de madeira com crina de cavalo na ponta. Usa coroa e pulseiras de metal amarelo. Identifica-se com Santa Bárbara e sua saudação usual é **Eparrei.**

OXUM é a deusa da beleza. É faceira, vaidosa e sensual. Dança mostrando suas jóias e a beleza do rosto e do corpo.

De um modo geral veste-se de amarelo, trazendo o **abebê** (leque), pulseiras e uma corrente, da qual pendem espelho, pente, chinelos etc., tudo de metal amarelo. Seu dia é a quarta-feira. Come cabra, bode, arroz, acarajé, ipeté, feijão fradinho, ôvo e pombo. Confunde-se com Nossa Senhora das Candeias e em geral é saudada com a expressão **Ora Yeyê ô!**

OXUMARÊ é um deus bissexuado: durante seis meses é homem e nos outros seis, mulher. Representa o arco-íris, que faz a ligação entre o céu e a terra. Veste-se geralmente de verde e amarelo e dança com duas cobras de metal na mão, apontando o céu e a terra. Suas oferendas são carneiro, cágado, galo, aberém, feijão fradinho. É identificado com São Bartolomeu e sua saudação usual é **Arroboboi!**

NANÃ é a deusa dos rios, mais velha e rabugenta. Geralmente, em suas cantigas e danças, lembra uma velha cansada e recurvada, segurando um bastão. Veste-se de azul e branco e tem como insígnia um feixe de talos de fôlhas de coqueiro, chamado **ibiri.** Seu dia é a têrça-feira. Come carneiro, galinha acaçá, pipoca, aberém e feijão fradinho. É confundida com Nossa Senhora de Santana e sua saudação usual é **Saluba!**

OXÓSSI é o deus da caça e suas cantigas e danças lembram caçadas nos campos. Veste-se de azul-claro, usando chapéu e uma sacola de couro trazendo nas mãos arco e flexa de metal e um bastão de madeira com pelos de boi na ponta. Atravessado nos ombros usa duas correntes onde estão dependurados dois chifres. Identifica-se com São Jorge e sua saudação mais usual é **Okê!**

XANGÔ é o deus do fogo, do raio e do trovão. As danças e cantigas para Xangô falam de sua fôrça e de suas espôsas Oxum, Iansã e Obá. Veste-se geralmente de vermelho e branco e sua insígnia é um machado de duas faces chamado oxê. Usa uma coroa, geralmente de pano. Seu dia é a quarta-feira e come amalá (espécie de caruru), cágado, carneiro, feijão fradinho, galo e galinha d'angola. Sua saudação mais usual é **Kawôkabiessile.** É identificado com São Jerônimo.

IEMANJÁ é a deusa das águas e também a mãe de todos os orixás. Suas cantigas e danças falam de seu domínio sôbre as águas. É um dos orixás mais respeitados em razão de sua velhice e poder. Seu dia é o sábado e veste-se geralmente de azul, carregando um leque de metal amarelo, em cujo centro há uma sereia. Nos ombros leva duas âncoras ligadas por uma corrente. Come pata, cabra, galinha d'angola, feijão fradinho, acarajé, abará e pombo. Confunde-se com Nossa Senhora da Conceição e sua saudação principal é **Odu!**

OMOLU é o deus da peste e da bexiga. É um santo velho e temido: quando aborrecido é cruel e implacável. Veste-se de vermelho e prêto, com um capuz de palha que lhe esconde o rosto deformado pelas bexigas e uma saia do mesmo material. Carrega um bastão feito com talos de fôlhas de palmeira. Suas danças e cantigas falam de doenças e de sua idade avançada. Seu dia é a segunda-feira e come bode, galo, pipoca, feijão fradinho, feijão prêto, aberém, farofa de dendê. É identificado com São Lázaro e sua saudação usual é **Atotô!**

OXALÁ é o deus da criação, o pai de todos os orixás. Como Oxumarê, durante seis meses é homem e nos outros seis, mulher. É o único orixá branco e o mais respeitado. Suas cantigas e danças dizem da sua velhice, bondade e sabedoria. Sua côr é o branco e carrega um cajado de metal, também branco. Usa coroa e pulseira de marfim. Come cabra, galinha, arroz, inhame, pombo e é confundido com Nosso Senhor do Bonfim.

Um momento!...

Veja quem confeccionou a roupa TERGAL

A etiquêta do confeccionista garante a V. um artigo perfeito no estilo, na linha, na modelagem, na qualidade e de impecável elegância, ao mesmo tempo. É o que V. quer, não? Ao escolher a sua próxima roupa **Tergal,** insista neste ponto:

CONFECÇÕES

Camelo M.R.

— atualização permanente

O repórter Luiz Fernando Mercadante e o fotografo Luigi Mamprim passaram duas semanas no Uruguai para ver, de perto:

JANGO

BRIZOLA

Cunhados em choque

Uma vala profunda, cavada através do tempo e recavada em vários episódios, separa hoje, mais do que nunca, dois políticos brasileiros asilados no Uruguai, ambos gaúchos, ambos jovens, ambos petebistas e até parentes: cunhados.

SEGUE

CUNHADOS CONTINUAÇÃO

Jango agora está surdo e mudo mas não ficou invisível

Um é o advogado e grande fazendeiro João Belchior Marques Goulart, de 47 anos de idade, ex-Presidente da República deposto em 31 de março de 1964; o outro é o engenheiro Leonel de Moura Brizola, de 44 anos de idade, deputado federal cassado em abril de 1964. Se dona Neusa, mulher de Brizola, não fôsse irmã de Jango, até mesmo as relações pessoais entre os dois estariam irremediàvelmente comprometidas. Mas dona Neusa, uma mulher bonita com fama de valente e inteligente, é a irmã predileta de Jango. Não haveria, pois, melhor ponte para ligá-los pessoal e afetivamente. A ruptura política, porém, é indesmentível. Está evidente no prefácio que Brizola preparou para um livro do jornalista Maia Neto, editado na Argentina. E nem é fato nôvo na vida dos dois cunhados. No Brasil, antes da queda, os conflitos apareceram pelo menos seis vêzes:

1 — Em 1961, Goulart aceitou o Parlamentarismo para assegurar sua posse sem luta. Brizola estava disposto a brigar: não admitia essa mudança nas regras do jôgo. Foi o primeiro grande desentendimento;

2 — na agonia do Parlamentarismo, no episódio da renúncia do Professor Brochado da Rocha, o discurso de Brochado fôra preparado pela assessoria de Brizola e continha um ataque contra Jango. O Primeiro Ministro renunciante, entretanto, abandonou a leitura do texto depois das primeiras laudas e passou a improvisar. Não houve, pois, a denúncia de que Goulart era inepto e instrumento de grupos econômicos, nem, portanto, uma grande briga entre os cunhados;

3 — na fase Presidencialista, quando Brizola partiu em oposição aos dirigentes da política econômica e financeira do Govêrno. Sua guerra contra o Ministro da Fazenda Carvalho Pinto atingia, é claro, o cunhado Jango;

4 — em novembro de 1963, quando Goulart, através de seus ministros militares, pediu o estado de sítio ao Congresso, Brizola caiu-lhe em cima ferozmente. Jango afirma que apenas queria se defender. Brizola, entretanto, cheirou o golpe;

5 — no comício de 13 de março, na Central, Rio de Janeiro, Brizola — que ia, depois não ia e finalmente foi — desafiou Jango, exigindo que êle partisse para as encampações e as **reformas,** ou que deixasse a área livre para que o povo as fizesse. Falava-se muito em povo, em estudantes, operários e camponeses.

E se esquecia do resto do Brasil. Falava-se, muito em cabos e sargentos. Mas se esquecia a disciplina e a hierarquia militares. Falava-se muito em socializar. Mas se esquecia a fôrça da livre iniciativa. Jango aceitou o desafio e partiu, de olhos fechados, pelo ladeirão que o despejou, pouco depois, no aeroporto de Carrasco, em Montevidéu; e

6 — no encontro final no Brasil, na casa do General Ladário, em Pôrto Alegre, houve o choque mais violento: Jango queria deixar o Brasil, Brizola pretendia brigar até o fim.

Êsses atritos não se acabaram. Mudaram-se para o Uruguai. Lá, os asilados brasileiros — mais de 50 — formam dois grupos distintos, um em tôrno de Jango, outro em redor de Brizola.

Brizola considera a queda de Jango aviltante para o Presidente deposto. Jango a considera aviltante para os que o abandonaram. Mas o passado é o de menos. O abismo cresce diante do futuro. Jango pensa em voltar um dia, de forma pacífica, após o temporal que lhe caiu em cima, amenamente composto com o Govêrno que lhe permitiria o regresso.

O jornalista Antonio Callado já disse, em livro:

"E quando, eventualmente, chegar à Presidência da República um homem de esquerda, Jango talvez reapareça. Como vice."

Brizola não. Também pensa em voltar. Mas a bala. À frente de uma revolução esquerdista.

João às vêzes é Jango

O motorista dá uma freada brusca no seu velho carro, faz um gesto largo, abrangendo a imensidão dos campos verdes que se estendem planos, sem caprichos, até a linha do horizonte, e diz:

— Aqui começam as terras do doutor Goulart. Mais 20 minutos e chegaremos à casa da estância.

À fôrça de tanto ir lá, todos os motoristas de praça de Tacuarembó — bem cuidada cidade de 45 mil habitantes, 300 quilômetros ao norte de Montevidéu e a 100 quilômetros da fronteira do Brasil — conhecem bem o caminho que leva à casa de Jango, a quem êles chamam, cerimoniosamente, como todos os uruguaios, de doutor Goulart. Para êles, a correria assustada das ovelhas, os latidos dos cães pastôres, a beleza sólida das vacas Hereford e a barulheira dos três tratores azuis, empenhados em modelar as curvas de nível para mais uma pastagem artificial, fazem parte da paisagem.

Aos poucos, a casa da fazenda vai se denunciando, muito branca entre os eucaliptos que a protegem dos ventos. Os peões acenam cordialmente para o carro. Uma última porteira, e eis a casa do homem.

Metido em botas, bombachas e japona, lá está, queimado de sol, um João Goulart, mais velho, mais gordo e mais calvo — os cabelos ralos cada vez mais brancos e as mãos pequenas cada vez mais grossas de trabalhar duro. Jango é a um só tempo proprietário, capataz, veterinário, plantador, motorista e um dos peões da Estância **El Rincon,** fazenda que comprou quatro meses depois de se asilar no Uruguai, pois "não suportava viver emparedado dentro do apartamento em Montevidéu". Ali, êle passa habitualmente cinco dias em cada semana. Nos sábados, voa para a capital, onde se reúne por dois dias à mulher e aos dois filhos. Às segundas, retorna sempre com projetos novos: a reparação de uma cêrca ou a construção de uma mangueira.

Jango vem caminhando apressado, entre Tintim, um perdigueiro prêto, e Tigre, um ovelheiro cinzento. De olhos presos no chão, rosto contrafeito, e mãos afundadas nos bolsos, parece um homem dentro de uma concha. Suas primeiras palavras têm sabor de ponto final:

— Estou surdo e mudo. Não quero ouvir e não posso falar.

— O senhor pode estar surdo e mudo, mas não está invisível.

Jango sorri, encara pela primeira vez os recém-chegados, segura o nariz na altura dos olhos com o polegar e o indicador, vai abrindo a mão e a ergue pela testa e pela cabeça, num gesto muito seu.

— Está certo. Ainda não cheguei à perfeição de ficar invisível. Vamos entrar. SEGUE

Todos os dias êle monta e vai ver seu rebanho.

Chimarrão é companheiro, e telefone um amigo.

Mamãe agora
está felicíssima!
Já não somos
os "incriveis gastadores"
de sapatos.
Sabem por que?
Só usamos...

Vicrom- com sola injetada - muito mais econômico!

É diferente mesmo. A sola injetada é à prova de descolagem e desgaste. Vicrom é bonito, moderno, elegante, resistente e econômico.

Vicrom

SIMBOLO DO BOM CALÇADO

UM PRODUTO ANCORA IND. E COM. LTDA.
CAIXA POSTAL, 2592 - SÃO PAULO

Jango dá aos pastos o carinho do plantador de rosas

E enquanto abre o caminho pelo interior da casa, vai aos poucos saindo da concha:

— Como vai o Brasil, gente? É verdade que o Pelé depois do casamento não é mais o mesmo?

O João e o Jango

Goulart, para ser entendido, precisa ser analisado à luz de sua dupla personalidade: o João e o Jango.

João é o grande estancieiro que aos 18 anos já invernava 20 mil cabeças de gado nas suas terras de São Borja; o fazendeiro que expandiu suas terras; o homem que possuía nada menos de 22 fazendas no Brasil quando foi apeado do poder; o latifundiário apegado ao seu chão; e o burguês nas suas relações patrão-empregado. Latifundiário e burguês, João é, por excelência, um conservador, ainda que na vida política brasileira tivesse exercido quase sempre o papel de líder dos setores mais extremados da burguesia nacional. Jango, não. Jango é o líder populista que Getúlio descobriu a um palmo da cêrca da Estância de Itu, montando cavalo bravo e pegando touro a unha. Eram vizinhos. Jango é o homem que herdou o partido de Getúlio e os **trabalhadores do Brasil;** o Ministro do Trabalho que inventou a revisão anual do salário-mínimo com 100% de aumento; o invernador que sabia, como ninguém, engordar os sindicatos; e o político que, para chegar aos seus fins, entregou-se aos comunistas, a quem serviu de instrumento.

Esta contradição entre o João e o Jango deve lhe ter custado muitas noites mal dormidas em dolorosas crises de consciência. Seus adversários conservadores tinham muito mêdo que vencesse o Jango sôbre o João, como ocorreu do comício da Central ao discurso do Clube dos Sargentos. Seus adversários radicais acham que o João sempre foi mais forte que o Jango e que nos momentos decisivos o João engole o Jango. Êle aprendeu a carregar João e Jango: os mesmos olhos que numa batida só sabem dizer quantos quilos de carne vai dar aquela gorda Hereford podem, numa piscadela, lembrar quantos votos teve e o que representa exatamente o deputado que chegou de visita. João é paternal com Jango; Jango é marôto com João. O homem tem seus dias de João. E os seus dias de Jango.

Um dia de João e de Jango

Antes do sol e dos empregados êle já está de pé. Atravessa a casa às escuras e vai à cozinha onde esquenta uma chaleira de água para o chimarrão. Encolhe-se em uma das cadeiras ao lado do fogão e vai sorvendo lentamente o seu mate. Ali, fuma os primeiros dos seus 50 cigarros diários, americanos com filtro, de preferência. Ao clarear do dia já está caminhando pelos fundos da casa, mandando apartar um gado, tirar o pêlo em volta dos olhos das ovelhas ou preparar remédio para um carneiro doente.

O cavalo vermelho, arisco como êle só, já está arreado. Jango monta sem dificuldade, apesar da perna defeituosa. Na sela, parece que esquece a falta de articulação do joelho esquerdo, conseqüência de uma queda. Está num à-vontade que pouca gente conhece nêle. Um chapelão o transformaria num vaqueiro de fita de cinema. Mas êle não gosta de chapéu. Em um minuto some campo afora. Com dois peões, vai levando o gado para mostrar a um comprador. São 110 cabeças para corte. Cavalgando até o local do encontro, Jango estuda o negócio mentalmente.

Com seus peões uruguaios só fala português. Diante do comprador arrisca seu espanhol de homem nascido e criado na fronteira. Feitos o exame e a contagem do gado o comprador começa o jôgo:

— Contei 80 cabeças que me interessam, doutor.

— Acontece que eu contei mais. Tenho aí pelo menos 100 para vender.

— É, doutor, mas eu não passo das 80.

— Pois faça preço para as suas 80 e para as minhas 100.

Feitos os preços, Jango recua diante do lance pelas 80 e negaceia com o lance pelas 100. Alisa os cabelos, pede uns pesos a mais e joga as 10 refugadas no negócio. O comprador por fim aceita e o negócio é fechado.

— Eu queria era me livrar das 110 — confessa Jango depois. Não gosto de vender gado a prestação.

O sol está alto quando êle volta para o almôço. Antes toma um uísque, puro, só com gêlo, e vai para a sala de refeições onde senta à cabeceira e acomoda a perna esquerda sôbre uma cadeira. Tito, o caseiro e cozinheiro uruguaio, tem ordens expressas de dona Maria Teresa — a espôsa de Jango — para moderar a alimentação do marido, pois ela não o quer gordo.

A sopa forte é servida só para as visitas. Jango não se abala: espera uma das idas de Tito à cozinha e toma o prato de um visitante retardatário. Tito finge que fica muito zangado. Jango não liga.

Vinho uruguaio, branco, acompanha a carne, um churrasco sem gordura, com farinha e arroz. Ao final, Tito serve-o de uma pequena fatia de pudim. Mas Jango gosta muito de pudim. E troca logo a sua porção com uma visita que recebeu um pedaço generoso e prefere o menor. Tito evidentemente se esforça para **adelgazar el doctor.** Mas não consegue.

De tarde Jango some pelos campos num pequeno caminhão Chevrolet. Está preocupado com um rebanho de ovelhas inseminadas artificialmente. Tem, também, que ver de perto as **pradeiras,** pastos artificiais que fêz brotar da terra negra com um carinho de plantador de rosas.

SEGUE

Durante muitas horas, Jango quis mostrar ao repórter que, agora, só é fazendeiro.

BEIRUTE

NAS LINHAS DA VARIG

É mais uma conquista das linhas aéreas brasileiras. Ligando o Brasil à capital do Líbano, a VARIG abre a seus viajantes internacionais as portas do Oriente Médio, rico de belezas naturais e humanas, encantador nas suas paisagens históricas, vibrante de vida econômica e de atividades comerciais.

BEIRUTE se incorpora assim às linhas internacionais da VARIG, e é com imenso prazer que a pioneira saúda nesta oportunidade a todos os libaneses, sírios e seus descendentes que residem no Brasil, feliz por estabelecer mais êste elo de ligação entre brasileiros e povos irmãos.

CONSULTE SEU AGENTE **IATA** DE VIAGENS OU A

VARIG

O PROGRESSO BRASILEIRO VOANDO A JATO

IATA
QUALIDADE EM TRANSPORTE AEREO

Compromissos de Jango são com Getúlio e João Vicente

— Vejam só: aqui eu tenho quatro espécies de trevos diferentes. Não é uma beleza?

E se curva para admirar melhor o seu jardim de leguminosas.

Às seis da tarde êle está de volta e Dario — menino de 11 anos que ajuda no serviço da casa — já preparou bom fogo na lareira. Jango senta junto às chamas e passa alguns minutos distraído, com o olhar perdido nas labaredas.

De repente desperta e grita para a cozinha:

— Tito! Traz um uìsquezinho bom pra gente.

Se estiver só, folheia jornais, revistas e livros até as nove. Com visitas, espicha um papo firme até meia-noite. Se o fogo diminui, ajeita a lenha e sopra as brasas com gôsto. Só os telefones o interrompem: ora é um vizinho perguntando se êle precisa de alguma coisa, ora um amigo brasileiro da fronteira que precisa de um favor qualquer no Uruguai, ora um deputado uruguaio que quer conversar um pouco, ora um asilado que liga de Montevidéu com notícias frescas do Brasil e — às vêzes — é dona Maria Teresa. Então, Jango se ilumina e pergunta dos filhos, das artes de João Vicente e das notas de Denise.

— O exílio me devolveu os filhos e me devolveu aos filhos — afirma com ar sincero. Um dia passei oito horas conversando com o João Vicente. Isto não teria sido possível no Brasil.

O que pensa Goulart

Tudo quanto João Goulart diz deixa transparecer um homem prêso a dois compromissos: um com o passado; outro com o futuro. O primeiro, com a carta-testamento do Presidente Vargas; o segundo, com o seu filho João Vicente que um dia será homem, lerá nos livros o passado político do pai e cobrará dêle o que fêz, o que não fêz e o que deixou que fizessem.

Sua condição de asilado e cassado o impede de fazer um pronunciamento político. Mas não será difícil perceber que êle é um homem bem informado sôbre o que se passa no Brasil, vivamente interessado no desenvolvimento do processo político e nos atos do Govêrno que o derrubou. Nem será menos fácil concluir que êle pensa serem inviáveis os caminhos radicais para seu retôrno a curto prazo ao Brasil e, eventualmente, à vida pública. É óbvio que êle gostaria de voltar. Mas está expresso, ainda que nas entrelinhas do que diz, que essa volta só ocorrerá quando o País estiver nas mãos de um govêrno civilista que reúna grande apoio popular. Êle não disse, mas pode-se adivinhar que Carvalho Pinto, para êle, seria um ótimo Presidente da República. Também não disse, mas deixou patente, que o General Costa e Silva poderá ser um bom Presidente, mas para chegar a 31 de março, data da posse, terá uma jornada tão difícil quanto longa.

Em conversa, foge dos assuntos políticos e pede notícias da seleção. Quer saber dos últimos treinos e lembra os tempos em que jogava de zagueiro em São Borja e Pôrto Alegre. Um amigo que jogou ao seu lado, garante:

— Nunca houve beque mais violento em todo o Rio Grande do Sul.

Um velho rádio sôbre a lareira está sempre desligado. A sala é espaçosa com dois sofás e quatro poltronas. A um canto, uma estatueta sorridente: é o **doutor Getúlio,** como diz Jango quando quer falar no vizinho que lhe deu a mão, roubou-o de suas vacas e o transformou num político manhoso, capaz de dar nó até em pingo d'água, de uma habilidade envolvente no trato das pessoas, arte que leva tão longe a ponto de seus inimigos, dizerem dêle o que alguns udenistas apaixonados diziam do seu criador:

— O homem é tão simpático que quem quiser continuar seu adversário deve evitar até passar na mesma calçada.

Goulart e os negócios

Às vêzes, João Goulart deixa-se ficar nas segundas-feiras em Montevidéu. Enfim, êle é um homem de negócios e é preciso tratar dêles junto aos bancos, frigoríficos e grandes casas de carne da capital uruguaia, onde êle é recebido como ex-Presidente de um grande País vizinho e tratado como qualquer **terrateniente** (latifundiário) local. Jango possùi seis mil hectares em Tacuarembó e arrenda outros tantos. Seus negócios correm sob o nome de **Explotaciones Rurales S.A.** E, no ano passado, foi um dos maiores contribuintes do impôsto de renda no Uruguai: pagou 460 mil pesos, ou sejam, 13.800.000 cruzeiros. Em **El Rincon,** Jango cria três mil vacas, metade das quais Hereford puras, e seis mil ovelhas de boa linhagem. Planta aveia, trigo e milho. E começa a se interessar pela criação de cavalos.

Amigo de muitos **blancos** e de muitos **colorados** — as duas grandes divisões partidárias uruguaias — Jango se esforça em não demonstrar preferência política por nenhum grupo. O que, para êle, não é difícil. O Presidente do Conselho, a quem êle chama de **Titito,** é o seu amigo, de mais de dez anos, Alberto Heber. De vez em quando, um parlamentar uruguaio brinca com Jango:

— O doutor acaba deputado por Tacuarembó.

Goulart sorri. É possível que, no fundo, tenha até vontade.

Quando está no seu apartamento de dois dormitórios na Rua Legenda Patria, Goulart recebe muita gente. Brasileiros e uruguaios. Mas também recebe visitas na fazenda que tem um grande campo de aviação, natural, que é a própria planície. Lá, os teco-tecos deixam os visitantes na porta da casa.

— E gaúcho não deixa ninguém no sereno — diz Jango.

SEGUE

Nas noites frias do inverno uruguaio, um bom fogo na lareira espanta as saudades.

Brizola já perdeu o bigode e aquêle ar de valentão

Atlântida, um balneário a meio caminho (65 quilômetros) entre Montevidéu e Punta del Este, parece, neste inverno como em todos, uma cidade fantasma com suas avenidas desertas, as belas casas desabitadas e o comércio às môscas. Sòmente há vida pelos lados do edifício Vistalmar, em frente ao cassino, onde moram sempre algumas pessoas. Um dia ou outro aparece em Atlântida o ônibus de turismo, a caminho de Punta del Este, trazendo argentinos, brasileiros e americanos. Ao passar pelo edifício Vistalmar, a môça que serve de guia dirá pelo alto-falante portátil:

— Aqui reside, confinado a pedido do Govêrno brasileiro, o Deputado cassado Leonel Brizola, ex-Governador do Rio Grande do Sul.

Os turistas, em geral, olham o prédio com atenção. Mas nada vêem, habitualmente. O líder esquerdista brasileiro, que virou atração turística no Uruguai, estará recebendo amigos no seu apartamento do 3.º andar ou andará às voltas com seus livros, num aposento que usa para estudar, no 4.º andar.

Há 16 meses, isto é, desde que o Govêrno brasileiro conseguiu confiná-lo fora de Montevidéu e a 300 quilômetros da nossa fronteira — depois de uma entrevista que deu à Agência Reuters — Brizola evita contatos com jornalistas e impede fotografias. Aceita e até aprecia a cortina de silêncio que se formou à sua volta. Acha perigoso falar e inútil posar.

O pequeno apartamento que ocupa no edifício Vistalmar é pago pelo Govêrno do Brasil. Habitação e alimentação fazem parte dos tratados internacionais que regem os confinamentos. Êle é, assim, o único exilado brasileiro sustentado pelo Tesouro Nacional. Sua família vive no mesmo apartamento em que êle morava em Montevidéu. Os três filhos estão na escola e o mais velho, de 15 anos, namora uma môça uruguaia. Nos fins de semana, a família vem ao seu encontro. E, uma vez cada semana, avisando prèviamente a polícia, êle pode ir à capital cuidar dos dentes. Seus adversários dizem que é o tratamento mais longo que já se viu na história da odontologia. Em compensação, êle diz que o dentista é muito cuidadoso e lento.

O homem que abre a porta do apartamento 304 do edifício Vistalmar não parece o Leonel Brizola que o Brasil conheceu como Governador irrequieto e parlamentar agitado. O cabelo, antes castanho e penteado para trás, começa a embranquecer e está repartido; o rosto, antes nervoso e quase magro, aparece tranqüilo e cheio; não há mais aquêles óculos escuros permanentes; e o bigode foi raspado para sempre. A voz é quase a mesma, só um pouco mais grave. Os gestos são naturais, porém medidos. E as suas frases, ainda aos arrancos, saem vagarosas, crivadas de vírgulas e de repetições bem marcadas.

Os três Brizolas

Seus mais antigos companheiros dizem que estão conhecendo hoje um terceiro Leonel Brizola. E explicam: em sua carreira política, até a campanha que comandou para empossar Jango na Presidência, Brizola foi um líder populista desprovido de conteúdo ideológico, oportunista e personalista; da posse de Goulart à sua queda, êle marchou afoitamente para uma posição radical. Tinha que estar à esquerda de Jango, nem que fôsse por simples questão de sobrevivência política. No Govêrno estadual, primeiro, e depois, na Câmara, ao microfone da Mairinque Veiga ou nos artigos publicados em jornal foi cristalizando uma posição de esquerda violenta e passional; após a queda, temperado pelo exílio, vai surgindo êsse terceiro Leonel Brizola, ainda um homem de esquerda, ainda confessadamente partidário de uma revolução social radical, mas agora um homem que sabe com clareza as dificuldades que tem no caminho de sua volta ao Brasil, que não vê a curto prazo nenhuma possibilidade de regresso e que guarda, amarga mas tranqüilamente, a certeza de que o dia em que uma possível anistia permita a volta de todos, ainda assim, encontrará muitas barreiras no seu caminho. Hoje, porém, êle parece ser um homem paciente. E até bem humorado:

— Sou de uma família de longevos. Meus parentes morrem habitualmente com mais de 90 anos. Eu posso esperar.

O Brizola número três

Economia, Sociologia, Filosofia e Política — êle estuda nos livros e discute com os amigos. Sorri quando lhe recordam a frase que um jornal do Rio publicou como sua:

— Antes, tocava de ouvido. Agora vou tocar por música.

Está, de fato, devorando livros sérios, êsse homem que até os 16 anos era analfabeto, depois de uma infância dura em que foi engraxate e ascensorista. Engenheiro, diplomado após os 30 anos, Brizola se ressentia da falta de uma formação intelectual. Não pretende sair do exílio transformado em homem de cultura e saber. Quer é base para pisar o chão firme pela frente.

— E isto só se consegue estudando — diz.

Nos dias de sol, Brizola deixa seu apartamento, geralmente com um amigo, e dá longas caminhadas pelas praias de Atlântida, onde o Rio da Prata já se mistura com o oceano. Quem o surpreender, então, de camisa esporte, pulôver sem mangas e pacíficas calças de lã não ligará sua figura à do político que foi banido há dois anos, nem tirará dela nenhum sinal do conspirador e guerrilheiro potencial que muitos brasileiros apontam nêle. Só as botas — marrons e militares — que êle faz questão de usar cobertas pelas calças, é que têm um acento guerreiro. Brizola, entretanto, fita as botas marciais, ri e explica:

— Eu sempre gostei de botas.

Em tôda sua vida no Uruguai, Brizola só foi ao cinema uma vez para ver **Morte em Madrid**, uma obra-prima cinematográfica sôbre a guerra civil espanhola. Estava gostando muito. Mas quando as fôrças populares começaram a marchar para a derrota, Brizola ergueu-se mansamente e deixou o filme no meio. Claro que é um sentimental, êsse homem que já foi — e pode voltar a ser — um passional. É um sentimental que sabe fazer frases:

— Exílio — afirma — é vida pública. É preciso pois que eu o viva dignamente e o aproveite em vez de o desperdiçar.

Há meses, entre as muitas pessoas que recebe, Brizola foi surpreendido por uma velhinha que lhe fêz perguntas muito pessoais e se tornou costumeira nas visitas. Achou estranho e tratou de investigar. Descobriu: era uma velha vizinha de sua mãe que, a mando dela, transferira-se para o Uruguai com a singular missão de vigiar os passos dêle e mantê-la informada sôbre o dia-a-dia do homem que, para ela, será sempre o garôto arteiro de muitos anos atrás. Tôdas as semanas, em Caràzinho, a mãe de Leonel Brizola recebe o relatório da amiga:

— Minha cara: seu menino vai bem, metido com os livros e não pensa em maluquices. FIM

Brizola mudou de rosto e trocou a agitação pelos livros. Sua mãe o vigia de longe.

TRAJE CRIADO E EXECUTADO POR LINO ANDREOLLA — PÔRTO ALEGRE

não estranhe se, de repente, alguém estiver mais interessado em V. que na própria arte... – seu traje em Tergal-lã Guahyba tem muito que ver com isso!

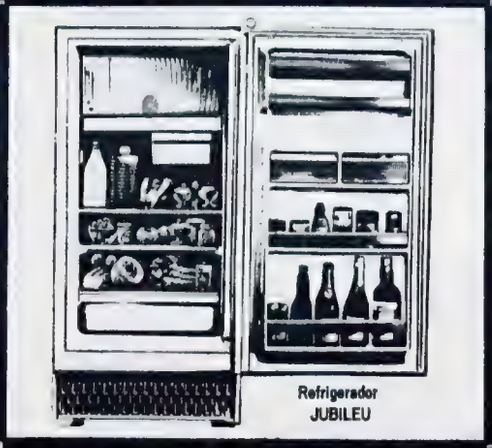
Porque é o melhor Tergal Brasileiro: combinação exata da fibra Poliester com a lã mais selecionada do Rio Grande do Sul. Padrões evoluidos dão presença a quem veste uma roupa em Tergal-Lã Guahyba, em qualquer ambiente.

Mais um tecido da

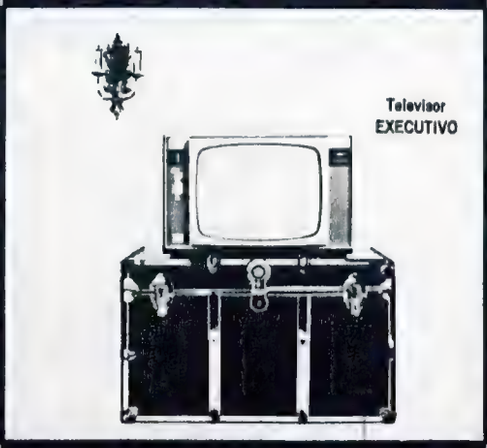
CIA. INDUSTRIAL RIO GUAHYBA

Rua México, 175
Pôrto Alegre

DENISSON - RS



Refrigerador
JUBILEU



Televisor
EXECUTIVO

Refrigerador
CENTENÁRIO

Refrigerador
GUANABARA

Refrigerador
SERTANEJO

Televisor Portátil
AQUARELA 13

Condicionador de Ar
ROYAL

Refrigerador
QUERÊNCIA

Refrigerador
VILA RICA

Milhões de pessoas em tôda a parte, desfrutam a qualidade Admi

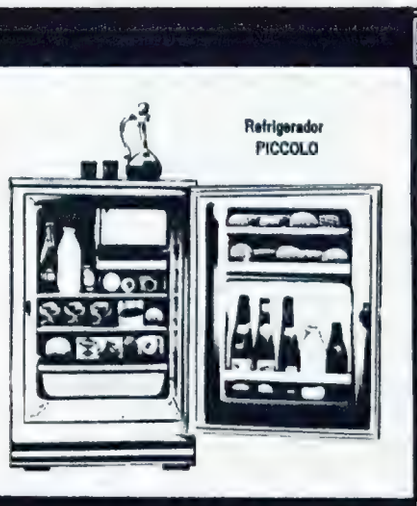
Na hora da escolha opte Você também pela marca famosa em todo o mundo.

Decida-se por* Admiral *qualidade e liderança

Standard Propaganda

Refrigerador
PAMPA

Refrigerador
BANDEIRANTE



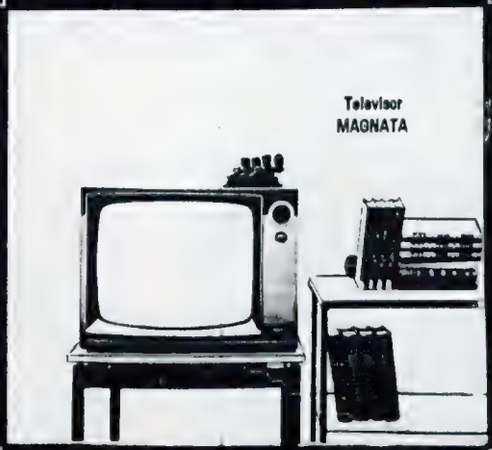
Refrigerador
PICCOLO

Televisor
ANFITRIÃO

Refrigerador
COLONIAL

Condicionador de Ar
IMPERIAL

Refrigerador
ARRASTÃO



Televisor
MAGNATA

Refrigerador
NOVOLAR

A presença constante da **QUALIDADE**

Admiral

Há poucas semanas, o Brasil ganhou um nôvo vizinho independente

Assim nasce uma Nação

Texto de Carlos Azevedo — Fotos de Jorge Butsuem

Guiana Inglêsa, noite de 25 de maio. Num restaurante de Georgetøwn um inglês se levanta vermelho de raiva. Atira o dinheiro em cima da mesa, grita que vai reclamar do mau serviço na gerência. Sai pisando duro. O garçom, descendente de indiano, treme de nervoso. Numa mesa, a um canto, um jovem negro diz:

— Amanhã isso vai acabar.

SEGUE

O povo chorou diante da nova bandeira

A banda militar tocou **Deus Salve a Rainha,** o hino nacional inglês. Era zero hora do dia 26 de maio. No Parque Nacional de Georgetown, a bandeira vermelha e azul da Inglaterra se agitou pela última vez ao vento da Guiana antes de começar a descer no mastro. As luzes se apagaram e quando voltaram a se acender a brisa sacudia outra bandeira: triângulos vermelho, amarelo e verde separados por faixas branca e preta. Só então o povo gritou, um grito forte e agudo. E começou a cantar: "Querida terra da Guiana, de rios e planícies..."

As lágrimas rolavam pelos rostos escuros. Aquêle tinha sido o momento muitas vêzes sonhado. Todos se mantinham rìgidamente em pé, numa atitude nova de respeito. Eram uns 30 mil e tinham chegado ao parque muito antes da meia-noite, fazendo dêle um grande acampamento. As gordas mães trouxeram enxames de crianças. Os rapazes, alguns fantasiados, vieram em grupos carregando garrafas de rum. E as môças, de calças compridas, vestiam blusas das mesmas côres que a nova bandeira: vermelho, amarelo e verde.

Todos tinham comido lanches sentados na grama. Cantaram e conversaram, falando alto no seu inglês rapidìssimo, de graves e agudos, e sílabas engolidas, mais parecido com um dialeto africano. Os jovens disseram que êste era o maior dia de suàs vidas. E os velhos lhes responderam que êles não deveriam se esquecer de trabalhar melhor a partir de então. No final, riram juntos e o grande carinho universal, que a raça negra conhece melhor que as outras, os envolveu e os ajudou a esperar.

Mas quando o momento chegou, seus corações desembestaram. De repente, estavam todos chorando. No reservado dos jornalistas, Joan, uma jovem repórter de grandes olhos muito brilhantes, abriu inteiro seu sorriso de dentes incrìvelmente brancos e falou:

— Agora acredito. Somos livres. Fazemos parte da América.

Jorge, seu companheiro do jornal "Guyana Graphic", ironizou:

— Agora é que tudo começa, menina. Por enquanto, temos uma bandeira, um hino e o cartão de entrada das Nações Unidas. Precisamos virar uma Nação.

No palanque, em pé na primeira fila, o Duque e a Duquesa de Kent, representantes da Rainha Elizabeth, assistiam muito sérios ao desaparecimento de sua colônia. Em frente à bandeira, o Primeiro Ministro, Forbes Burnham, de camisa branca, calça preta e faixa verde, amarela e vermelha na cintura, recebia o Poder de Sir Richard Luyt, o governador geral, impecável em sua farda. Burnham tirou um lenço para enxugar as lágrimas e também começou a cantar o hino nacional.

Uma nação estava nascendo, ali, naquele momento, sob o olhar indiferente de meia centena de jornalistas estrangeiros, o olhar diplomático de 45 embaixadores convidados e a emoção de seus habitantes negros.

O nôvo vizinho do Brasil ao norte, ùltimamente foi uma colônia irrequieta, à qual os inglêses concederam independência pacìficamente para não ter de enfrentar uma revolução e para não se afundar nas complicações de uma luta racial entre negros e indianos que continua iminente.

A Guiana se torna independente como monarquia, tendo como monarca, nominalmente, a Rainha Elizabeth II, da Inglaterra. Em 1969, se o Parlamento quiser, poderá transformá-la numa república. Por enquanto, as tropas inglêsas, que ficarão até outubro próximo, o governador geral, que continuará ainda representando a rainha por alguns anos, e o domínio quase total de sua economia por empresas inglêsas e canadenses mostram que Elizabeth não será rainha só no sentido decorativo, como afirmam os guianeses mais otimistas. Mas também é certo que agora se abriu o caminho para uma real indepe[illegible]ncia em poucos anos, se seu povo conseguir superar a difícil questão racial e manobrar inteligentemente no comércio com o **Commonwealth** (associação de comércio das nações ligadas à Inglaterra) e com os norte-americanos, que agora pretendem investir maciçamente no nôvo país.

Guiana na língua dos índios nativos quer dizer **terra das águas** e o nome define bem a nação que tem uma extensa costa marítima, seis grandes rios e uma chuva curta todo dia. A área litorânea é uma planície abaixo do nível do mar que obrigou os inglêses a criar uma rêde de canais e muralhas para conter a maré.

Com um território pouco maior que o do Estado do Paraná, a Guiana tem apenas 640 mil habitantes, população insuficiente para explorar tôdas as suas riquezas naturais. Ela produz açúcar, bauxita, alumínio, manganês, arroz e diamantes, mas seu potencial é muito maior do que o atualmente aproveitado. Sua moeda é o dólar guianês e vale 1.300 cruzeiros.

O govêrno está muito interessado na entrada de investimentos estrangeiros para ampliar a produção e reduzir o desemprêgo que hoje alcança a taxa de 20%, depois que o ritmo de desenvolvimento dos últimos 15 anos começou a cair.

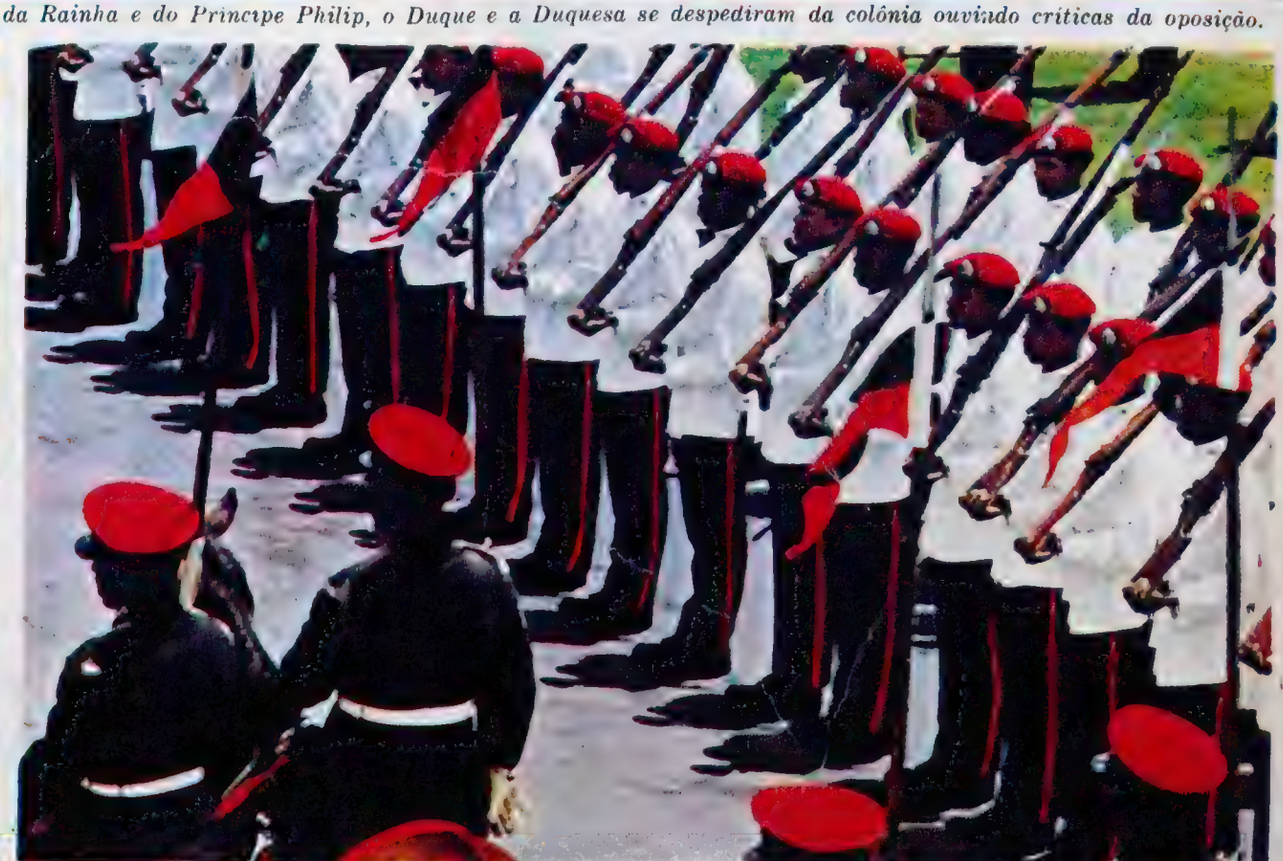
A festa começou

Quando uma armação de fogos de artifício formou o mapa da Guiana e, em seguida, o perfil do Primeiro Ministro, o povo delirou. Depois, o som das **steel bands** (banda só de tambores de gasolina) arrastou o povo do parque para dançar nas ruas a **Tramp,** sua dança popular, uma espécie de marcha que se dança de braços dados, em cordões, ou sòzinho, como no carnaval brasileiro.

SEGUE

O Parlamento guianês é um palácio colonial.

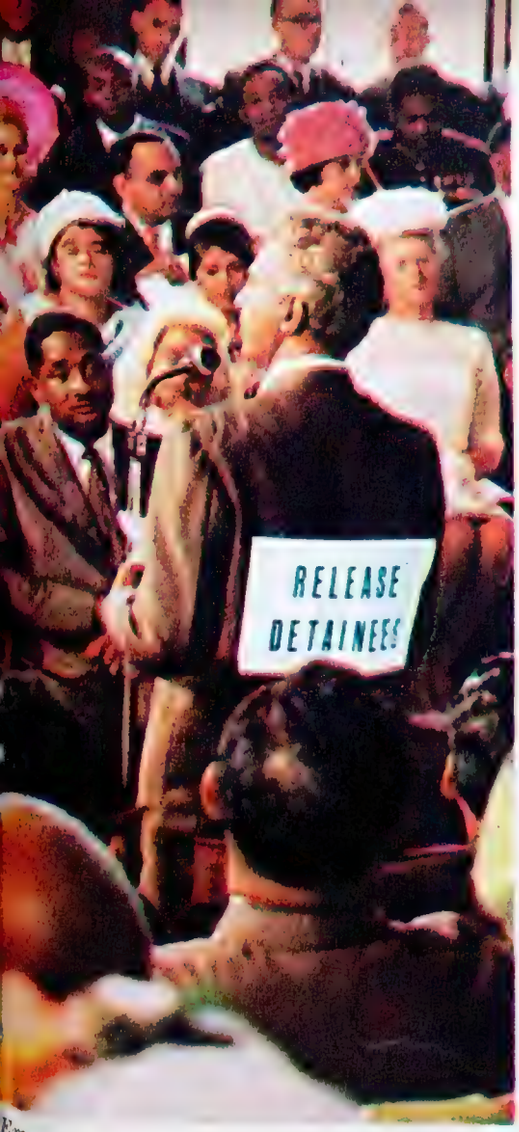
Aqui, diante dos retratos da Rainha e do Príncipe Philip, o Duque e a Duquesa se despediram da colônia ouvindo críticas da oposição.



O menino fêz seu próprio chapéu e foi ver desfilarem as tropas do Exército que nasceu com a independência.

Jaaan, chefe da oposição, fala no Parlamen

Só um povo negro conseguiria fazer isto!



Em suas costas um cartaz: "Soltem os presos".

Georgetown ficou intensamente colorida.

Indiano não vai à festa: "é uma farsa"

Na cidade, as ruas e as casas dos negros estavam cheias de luz e os bailes explodiram por todo lado. Um negro fortíssimo ia pelas ruas carregando um urinol cheio de rum onde bebia e dava de beber aos outros, gritando:

— É a liberdade!

Mas as casas dos indianos continuaram às escuras. No dia seguinte, êles promoveriam uma greve dos funcionários do aeroporto, uma greve de motoristas de táxi e uma passeata dos fazendeiros de arroz, reclamando da política agrícola do govêrno. E fariam um protesto contra "a timidez do govêrno" na disputa com a Venezuela e o Surinã que pleiteiam mais de dois terços do território da Guiana.

Quem são os guianeses

Guianês pode ser descendente de africano, de indiano, chinês, português da Ilha da Madeira, de europeu, de índio nativo ou mestiço. A população, na maioria jovens e crianças, está crescendo num ritmo de 3% ao ano e o índice de alfabetização é de 85%.

Os negros que vieram da África no século 18 para trabalhar como escravos nas plantações de açúcar dos holandeses e, depois, dos inglêses foram os primeiros a chegar. Quando a Inglaterra aboliu a escravidão, os negros abandonaram os canaviais onde tinham trabalhado durante 150 anos e foram morar nas cidades. Hoje são 200 mil, constituindo a maioria da população urbana do país, e o maior contingente dos operários na extração mineral. Ocupam também quase todos os cargos burocráticos e administrativos e na polícia estão na proporção de três para um indiano.

Os indianos vieram para a Guiana inglêsa no século 19, para substituir os negros na indústria do açúcar. Hoje são 320 mil e representam a grande fôrça de trabalho dessa indústria, a principal atividade do país. Como pequenos fazendeiros, dominam também a lavoura do arroz, a segunda atividade agrícola e, nas cidades, dedicam-se quase sempre ao comércio.

Cêrca de 76 mil comerciantes, operários e camponeses são mestiços. Relativamente poucos, porque os indianos quase não se misturam, preocupados em preservar a herança religiosa (budista e muçulmana) e os costumes que trouxeram da Índia.

Há também os seis mil descendentes de portuguêses da Ilha da Madeira. Em geral, são grandes comerciantes e profissionais liberais, pois desde logo, ajudados pela côr branca da pele, se associaram aos colonizadores europeus (hoje 2.500 habitantes) e formaram a alta classe média junto com os descendentes de chineses (hoje quatro mil) que são aristocráticos importadores e exportadores. O último contingente é formado por 30 mil ameríndios que ainda participam pouco da vida do país.

Quando o sol saiu, Main Street estava inteiramente vazia. É uma avenida larga, com duas mãos de trânsito e, no meio, uma alamêda para pedestres, coberta pela sombra de grandes árvores e com bancos de cimento de dez em dez metros. Nessa rua estão o palácio do governador geral, a Embaixada Americana, os principais hotéis, os melhores restaurantes, algumas lojas sofisticadas e o Banco da Guiana.

Main Street começou seu primeiro dia de rua mais importante de um país independente com o canto de um bem-te-vi e o passeio de alguns pardais pelo gramado. E, claro, a sentinela estava no seu lugar, no portão da casa do governador inglês, que hospedava o Duque e a Duquesa. Um carro de tinturaria parou em frente do Tower Hotel — o principal de Georgetown — uma elegante e simples construção de madeira, de dois andares e uma tôrre fina. Pràticamente todos os edifícios da cidade são pequenos bangalôs ou casa de dois andares, de madeira, com muitas janelas para receber a brisa do mar e com telas para evitar os pernilongos que vêm dos canais costruídos para controlar a maré.

Os primeiros a aparecer em Main Street foram os jornaleiros. Negrinhos de dez e doze anos, de calças curtas, gritando: "Chronicle, Graphic, edição especial da independência". Saía gente das casas para comprar. Não só Main Street, mas tôdas as ruas importantes da capital estavam decoradas com bandeirinhas vermelho-verde-amarelas. À noite, a iluminação seria espetacular. Alguns prédios, como o da Prefeitura e o do mercado, teriam seus contornos desenhados contra o cêu por incontáveis lâmpadas.

Às 11 da manhã o Duque e a Duquesa de Kent tinham um compromisso — a abertura oficial do Parlamento, que agora se chamaria Assembléia Nacional. Mulheres e crianças já começaram a passear por Main Street; esperando a saída do casal. A essa mesma hora, no Lodge, um bairro pobre, crianças de uma escola, vestidas de vermelho, amarelo e verde, se reuniam num descampado. Compenetradas, assistiram a um singelo hasteamento de bandeira, ouviram orações católicas, protestantes e muçulmanas e cantaram o hino nacional. Também os pais das crianças estavam muito coloridos e conversavam orgulhosamente com os jornalistas. Para os brasileiros sorriam e diziam:

— Escute, nós somos um só povo.

E acrescentavam, lembrando das disputas territoriais com a Venezuela e o Surinã:

— Não irão vocês do Brasil querer nos tomar terras também?

Às dez horas Main Street estava cheia de gente. A polícia pusera cercas de alumínio ao longo da rua para isolar o povo. A polícia guianesa é muito organizada, usa carros novos, alto-falantes, rádio, cavalarianos e muitos homens a pé. Mas sem qualquer arma. Nem mesmo cassetetes.

SEGUE

Felizes, os negros dançaram nas ruas

O sol estava quente e um sorveteiro empurrava seu carrinho pela alamêda. Era um indiano magro, de cara aborrecida, que gritava:
— Todo mundo compra. Todo mundo compra.

O Duque e a Duquesa saíram precedidos por batedores, num Rolls-Royce aberto, defendido em vários ângulos por vidros à prova de bala. Como das outras vêzes que saíram em público durante as festas da independência, tiveram acolhida cordial, mas um pouco fria. Algumas pessoas acenavam, outras faziam comentários alegres, porém irreverentes. À passagem do Rolls-Royce, o velho Ramlal, indiano dono de um estúdio fotográfico, disse baixo:
— Adeus, Duque.

E Noel, um jovem negro professor de inglês:
— Nós não os hostilizamos, mas não temos muitos motivos para vibrar com sua presença. Êles não significam nada para nós. A Rainha sim, quando estêve aqui em fevereiro passado, foi recebida com muita festa. Acostumamo-nos muito com ela, mas isso não vale para todo inglês que a gente conhece.

No Parlamento, Jagan

A sessão inaugural da Assembléia Nacional começou exatamente às onze horas, como estava marcada no programa. A sala dos deputados fica no próprio Palácio do Govêrno, onde está também o Primeiro Ministro. É um dos poucos edifícios de tijolos em Georgetown, certamente um dos mais belos exemplos da arquitetura colonial inglêsa ainda existentes em qualquer lugar do mundo. A sala é tôda forrada de madeira de côres escuras, há belos lustres de cristais. E na parede, em frente às cadeiras dos deputados e do público, grandes retratos da Rainha Elizabeth II e do Príncipe Philip, seu marido. A rotina dos trabalhos é igual à da Câmara dos Comuns, na Inglaterra, com a diferença que os parlamentares guianeses ainda usam grandes cabeleiras brancas que simbolizam o legislador.

Tudo foi muito tranqüilo até que a palavra foi dada a Cheddi Jagan, chefe da oposição, que tem 24 cadeiras entre as 51 da Assembléia. Quando êle se levantou todo mundo pôde ver um cartaz pregado às suas costas: "Soltem os prisioneiros". O cartaz se referia aos 13 ativistas do Partido Progressista do Povo que continuam presos, sem julgamento, dois anos após os distúrbios que resultaram em 150 mortos e 400 feridos. O Duque, a Duquesa, e os embaixadores convidados ouviram o líder guianês com ar de preocupação. Jagan disse:

"Senhores, esta independência é uma farsa. Não pode ser chamado de independente um país que ao despedir-se de seu colonizador continua tendo tôda sua economia dominada por êle, tropas estrangeiras em seu território e suas próprias fôrças armadas comandadas por oficiais do exército colonial. Não se pode dizer democrático um país que continua sob estado de emergência, com suspensão dos direitos constitucionais e com prisioneiros políticos, na hora de sua independência. Não pode êste país se dizer livre quando não tem capitais para explorar suas riquezas de forma que elas revertam em seu benefício. E, enquanto se oferecem para ajudá-lo, as potências intervêem na sua política interna."

Um silêncio absoluto havia caído sôbre a sala. Alto-falantes levaram o discurso ao povo postado em frente ao palácio. Ali na rua o silêncio também era total. E o ex-Primeiro Ministro, um dentista de 48 anos e cabelos todos brancos, marxista convicto, continuou:

"Não acredito nesta independência e, embora confie no futuro, prevejo uma dura luta para meu povo agora. Êste govêrno perde popularidade, seu plano econômico é contra a economia do país. Êle gastará muito com a nova burocracia, com a criação das fôrças armadas, terá de diminuir os serviços públicos de saúde, educação habitação e auxílio à agricultura. Terá de aumentar os impostos, os preços subirão. Gerará insatisfação e greve. Impedirá as greves pela fôrça. E como o povo o derrotará em novas eleições, não haverá mais eleições".

Ouviram-se gritos na rua. Repentinamente, em meio ao discurso, o Duque e a Duquesa se retiraram. O silêncio voltou e durou até que êles tivessem partido no seu grande carro prêto.

O povo dividido

Negros e indianos viveram muito tempo lado a lado, nos povoados e nos campos. No começo o colonizador costumava jogar um grupo contra o outro para obter mão de obra mais barata. Mas depois, ainda que os indianos não se casassem com negros e não renunciassem às suas tradições, êles se uniram para as lutas sindicais e pelo objetivo comum da independência. As suas pressões e o vento anticolonialista que soprou depois da 2.ª Grande Guerra lhes rendeu a instituição de eleições. Um movimento político de massas que se iniciara em 1947 ganhou corpo nos anos seguintes e, em 1953, com o nome de Partido Progressista do Povo, chegou ao poder.

O nôvo PPP reunia líderes marxistas e socialistas, mas sua base era politicamente imatura. Lutava pela independência e por uma mudança na ordem social sem ter uma idéia clara da espécie de sociedade que queria estabelecer. Indianos e negros formavam o PPP em sólida união, apesar da profunda divisão étnica e cultural existente entre êles. O laço que os unia era tênue como ideologia, mas muito forte na prática.

SEGUE

A Prefeitura, abaixo, é uma festa de l

As "steel bands" arrastaram o povo às ruas. Mas só os negros foram dançar "Tramp" todos vestidos com as côres da nova bandeira.

O cartaz protesta contra a pretensão da Venezuela a terras da Guiana.

Burnham: Nunca mais seremos escravos

A base do partido era formada por pequenos fazendeiros, trabalhadores no açúcar, pequenos comerciantes, trabalhadores na extração mineral, burocratas, alguns profissionais liberais da classe média e, clandestinamente, um punhado de homens de negócio.

Do ponto de vista racial, o PPP representava um passo à frente: unificação dos trabalhadores africanos com os indianos, mais os intelectuais, no desejo comum de obter a independência. Econômicamente, o partido era uma união de camponeses, operários na indústria do açúcar e operários da cidade. E geogràficamente o PPP juntava as cidades com as áreas rurais.

Êstes grupos, apesar de unidos, viam o desenvolvimento com olhos diferentes. Desde o comêço, o PPP se formara à base de duas lideranças: Jagan empolgando as massas do campo e Burnham atraindo os eleitores da cidade. Esta foi uma das razões do sucesso inicial do partido e também do seu rompimento definitivo.

Jagan e Burnham afinal se dividiram em 1955. O rompimento não teve motivo racial; foi conseqüência de uma luta dos dois líderes pelo poder. Burnham saiu para formar um outro partido e com êle saíram os eleitores das cidades. Os camponeses, operários rurais e intelectuais de esquerda, sem distinção de raça, ficaram com Cheddi Jagan.

Aí aconteceu algo. A luta que até então era contra o colonialismo inglês passou a ser também contra o partido adversário. E enquanto elementos negros da classe média entravam para o Congresso Nacional do Povo — o partido de Burnham — da mesma forma, elementos conservadores, comerciantes e indianos de classe média, que até então tinham sido hostis ao PPP, começaram a entrar para êle.

Os dois partidos, antes ideológicos, socialistas, de massa, transformaram-se em partidos raciais. Na agremiação dos negros surgiu a tese de defesa contra a infiltração indiana nos serviços civis e nas profissões liberais. Do lado indiano se considerava injusta a distribuição dêsses cargos tradicionalmente para os negros.

De 1957 a 1964 a questão racial se agravou, embora Jagan se esforçasse, nesses anos de govêrno, para fazer uma administração justa, levando benefícios a todo o povo, sem distinção. Enquanto isso, a minoria branca, liderada por um descendente de portuguêses, Peter D'Aguiar, e constituída por grandes comerciantes e industriais, formava seu partido — a Fôrça Unida — destinado a representar um papel importante como fiel da balança. Em 1961 o partido de Jagan ganhou as eleições novamente. Mas de 1962 em diante a maré racial subiu. Inconformados com a eterna condição de oposição e apoiados pelos inglêses, que não queriam Jagan, os negros partiram para a violência. Os indianos responderam. E em 1964, diante da polícia impotente, quando os negros queimavam lojas de indianos e ameaçavam morticínios, Jagan teve de pedir soldados inglêses para evitar a guerra racial.

Em dezembro dêsse mesmo ano, com o sistema eleitoral mudado para representação proporcional, houve novas eleições. Jagan conseguiu 24 cadeiras, Burnham, 20 e D'Aguiar, 7. Então, o partido dos negros se uniu ao partido dos brancos, herdeiros dos colonialistas e defensores da iniciativa privada. E Burnham foi ao poder tendo D'Aguiar como seu Ministro da Fazenda, para fazer um govêrno muito diferente do programa socialista do seu partido.

Depois da chuva

A chuva tinha acabado de passar e as limpas ruas de Georgetown estavam vazias quando o Primeiro Ministro recebeu os jornalistas à tarde para sua primeira entrevista como chefe de um Estado independente. Êle é um homem forte e elegante, com um magnetismo pessoal pelo menos igual ao de seu adversário, Jagan. Burnham diz que as críticas da oposição não têm sentido:

" Dr. Jagan está me acusando de seus próprios vícios. As eleições virão normalmente. Mesmo porque o meu compromisso com o povo é de fazer um govêrno de desenvolvimento e liberdade. Aceitarei ajuda de todos que quiserem ajudar. Hoje mesmo iniciei entendimentos com o Embaixador soviético que me havia perguntado em que área desejávamos ajuda soviética. Estamos em entendimentos para receber a ajuda americana e inglêsa. Mas nunca seremos satélites e nunca mais seremos escravos. A ajuda com interferência nos nossos assuntos internos não será jamais tolerada".

Da rua começou a chegar um som de música. Lá fora as **steel bands** tocavam a música mais popular no país: **Melda,** uma canção que conta a história de uma mulher que estava apaixonada e queria casar; como seu amor não era correspondido, ela foi a um feiticeiro. Mas êle a desanimou: "no seu caso nem eu posso fazer nada. Ponha um vestido mais bonito, escove os dentes e tente sorrir, pode ser que dê certo". Os negros estão dançando outra vez, a música os domina inteiramente. Agora seus rostos não dizem nada, senão que estão felizes por dançar.

Nessa mesma noite de 26 de maio, duas mil pessoas, negros de classe média, brancos portuguêses, chineses e embaixadores convidados, se reuniram para uma elegante recepção na casa do Primeiro Ministro. É uma bela casa amarela, tôda de madeira, no centro de um grande parque. Sob a luz dos refletores assistiram a danças típicas no gramado. Nas ruas cessavam os sons das **steel bands,** mas os **calypsos** e os sambas já recomeçavam nos salões. A festa estava só começando e a independência ainda seria festejada por mais quatro dias.

No salão de danças do Hotel Belvedere, sob o barulho infernal do baile, o jovem garçom indiano responde a uma última pergunta:

— Eu tenho muitos amigos negros. Gosto dêles e sei que gostam de mim. Agora nossos povos estão separados, acho que não sabemos como sair disso. Mas tenho certeza que no futuro voltaremos a dançar juntos. FIM

Se tôda a Ciência moderna só se preocupasse com a lua, os homens ainda não teriam Nycron, o tecido que não amarrota nem perde o vinco.

NYCRON

um tecido SUDAMTEX

Com peças artificiais, contrôle eletrônico e transplante de órgãos, os cientistas estão chegando ràpidamente à era do

HOMEM RECONSTRUÍDO

Fotos de Ralph Morse

Na luta para prolongar a vida, a ciência vem aperfeiçoando as técnicas de transferência de órgãos de um ser humano para outro. O transplante de rins, por exemplo, já é lugar comum. Nos casos de transplante do fígado, nenhum paciente tem sobrevivido mais que algumas semanas, até agora, mas as novas técnicas prometem estender muito êsse prazo.

Ao mesmo tempo, com a implantação de órgãos sintéticos, os cirurgiões estão reduzindo a diferença entre o homem e a máquina — no momento mesmo em que as máquinas desempenham cada vez mais funções humanas. E já seria possível, embora improvável, que uma mulher tivesse tôdas as peças artificiais que são mostradas na foto-montagem abaixo — menos o coração e o pulmão, ainda em fase experimental. Estas peças são feitas com novos materiais, que resistem melhor às reações químicas do corpo. Articulações e ossos são fabricados com vitálio, um metal que vem sendo utilizado há 28 anos. Mais parecido com o osso natural é o ceresium, nôvo material cerâmico empregado em lugar de mandíbulas e recentemente adaptado para substituir as articulações dos quadris. O mais versátil, porém, é o silástico, uma borracha siliciosa de enorme flexibilidade e consistência, que imita a gordura do corpo num seio sintético, os músculos num coração artificial, e a cartilagem nas implantações de narizes e orelhas. Com o silástico já se conseguiram reproduzir, com impressionantes resultados, até os vasos capilares do pulmão. As páginas seguintes mostram algumas aplicações das novas técnicas de implantação, tanto de órgãos naturais quanto de engenhosas imitações.

segue

ARTICULAÇÃO DOS QUADRIS
de cerâmica
ARTICULAÇÃO DO OMBRO
de metal
CARTILAGEM DO NARIZ
de silástico
CÓRNEA
de plástico
GLOBO OCULAR
de plástico
OSSO DO CRÂNIO
de osso de animal
ESTIMULADOR DA BEXIGA
eletrónico
TRAQUÉIA
de silástico
SEIO
de silástico
CARTILAGEM DA ORELHA
de silástico
MAXILAR
de cerâmica
REGULADOR DE PRESSÃO SANGUÍNEA
eletrónico
PULMÃO
de silástico
ARTICULAÇÃO DO COTOVELO
de metal
RIM
transplantado
CORAÇÃO
de silástico
FÍGADO
transplantado
ARTICULAÇÃO DO DEDO
de metal

Enquanto remove o fígado do porco, o operador vai lacrando os vasos sanguíneos, usando um cauterizador.

As cânulas a que se ligarão os tubos são inseridas nos vasos do fígado, que é levado (às pressas) para a sala de operações.

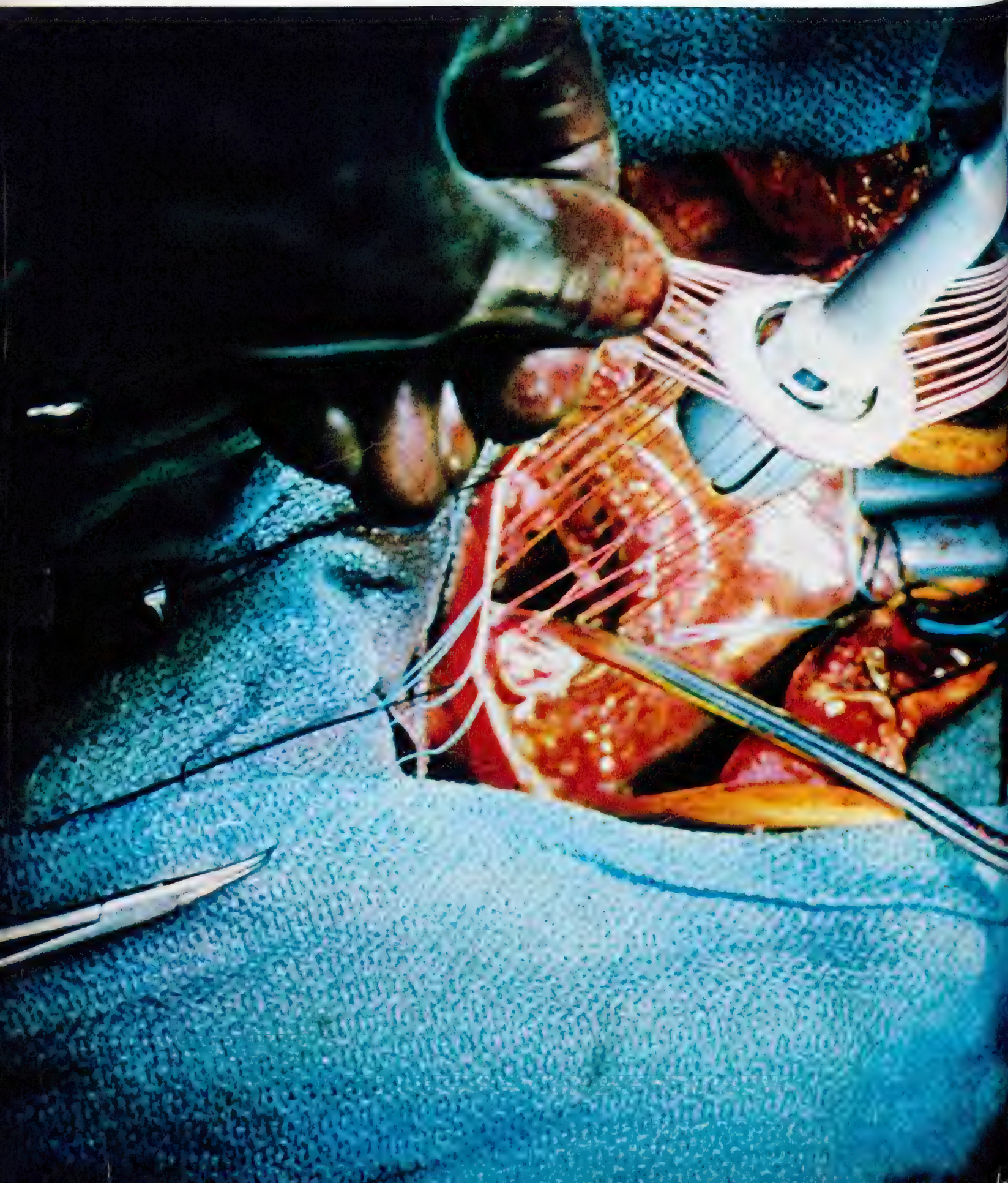
Aqui a morte perdeu 18 dias

Fígado de porco trabalhando, aquecido por uma lâmpada. Médico e enfermeira observam.

Alguns órgãos humanos são tão complicados que a ciência ainda não conseguiu reproduzi-los artificialmente nem substituí-los por transplantes permanentes. Um dêles é o fígado, que preenche mais de cinco mil funções bioquímicas. Até que se fabrique um substituto mecânico para um órgão de tamanha importância — e parece que isso ainda vai demorar muito — os médicos têm procurado transplantar, ou tomar de empréstimo, fígados naturais. A última solução da medicina consiste em perfusão, isto é, circulação extracorpórea do sangue do paciente por meio de ligação temporária com um fígado sadio emprestado. Êste caso é ilustrado pelas fotos ao lado: o sangue da paciente, uma mulher de 34 anos, circulou por algumas horas através do fígado extraído de um porco vivo. O fígado foi levado às pressas para junto da paciente, colocado num recipiente com uma tampa de vidro e ligado por tubos a uma artéria e a uma veia de seu antebraço. O coração da paciente bombeava o sangue para um reservatório de vidro, onde êle era misturado a uma substância anticoagulante, depois descia ao fígado do porco, que cumpria seus múltiplos trabalhos de purificação. Daí o sangue voltava ao organismo da paciente, passando antes por um reservatório com uma substância para neutralizar o anticoagulante. O que se espera, com essa técnica de perfusão, é que o paciente, sustentado durante algum tempo pelo órgão tomado de empréstimo e ajudado pelo notável poder regenerativo do fígado humano, possa recuperar o uso de seu próprio fígado. A paciente, que aparece nas fotos, estava à beira da morte, mas saiu do estado de coma, tornou-se consciente e chegou até a sentar-se para comer e ver televisão. Porém, apesar do impressionante resultado obtido com a perfusão de duas horas, o fígado da paciente já estava doente demais para alcançar a recuperação. Assim, ela teve que ser submetida a mais quatro perfusões, o máximo já realizado num ser humano. Não resistiu, mas sua vida foi prolongada 18 dias.

Também para o rim ainda não existe substituto sintético. O chamado **rim artificial** não é uma peça para ser implantada no corpo do paciente em lugar de seu rim. É um aparelho, de dimensões grandes, que se coloca ao lado do paciente e substitui o rim humano aplicando o mesmo princípio da perfusão: o sangue é desviado, filtrado através das grandes chapas do aparelho e depois retorna ao corpo. Êste processo está sendo cada vez mais substituído por uma nova técnica, chamada diálise peritonial. Consiste em injetar sôbre o peritônio (a membrana serosa que reveste interiormente o abdome) uma solução que atravessa a membrana, absorve o excesso de uréia que os rins doentes já não conseguem conter e sai. Há, finalmente, o recurso de transplantar um rim de uma pessoa para outra.

A Oficina Experimental do Instituto de Cardiologia de São Paulo está construindo um rim artificial, mas a diálise peritonial, que não precisa de aparelho, tem sido a preferida entre nós. Transplantes de rins humanos vêm sendo feitos no Hospital das Clínicas de SP. SEGUE

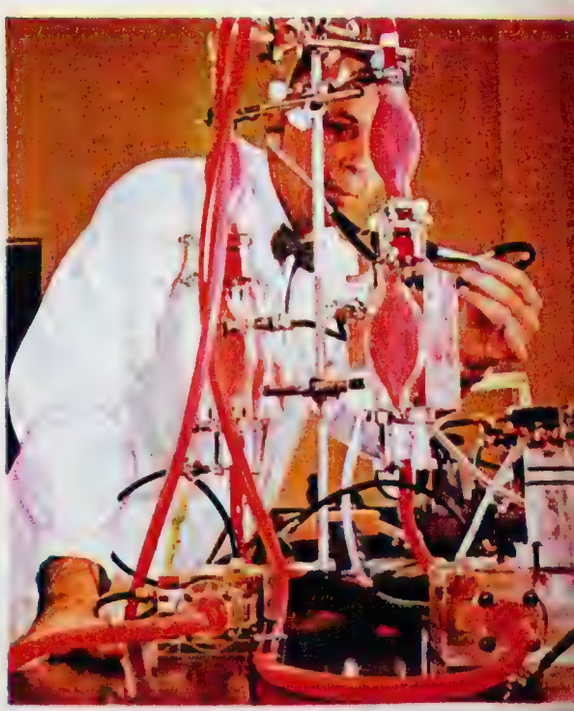


Uma válvula nova no coração doente

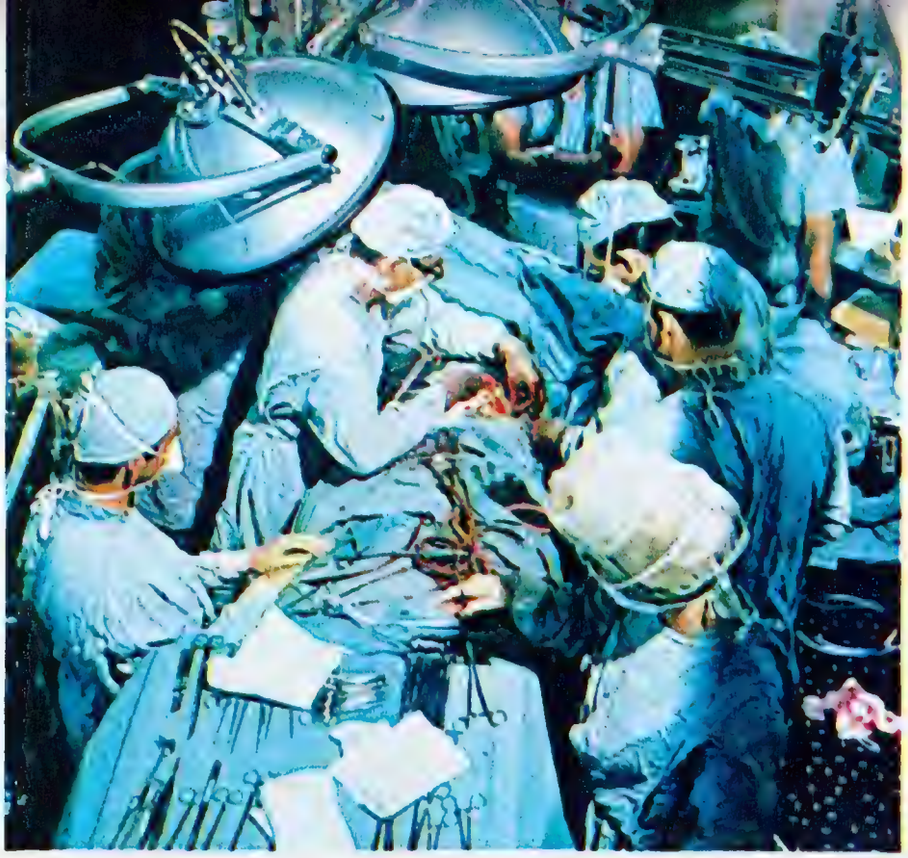
O coração humano se divide em quatro cavidades: as duas superiores — as aurículas — recolhem o sangue; e as duas inferiores — os ventrículos — fazem o bombeamento. O sangue passa das aurículas para os ventrículos e daí para as artérias através de quatro válvulas. Assim como torneiras que não fecham direito são um defeito comum no encanamento de uma casa, deficiências nas válvulas do coração consistem uma causa freqüente de doenças cardíacas e circulatórias. Quando uma válvula impede o fluxo de sangue para uma das cavidades do coração, ou permite que parte dêle escorra para trás, na direção errada, o remédio é uma operação para substituir a válvula. A foto ao lado foi feita no momento culminante de uma dessas operações. O famoso cirurgião americano Michael DeBakey está prestes a concluir, num coração aberto, a substituição de uma válvula mitral doente. A nova válvula, que está sendo implantada, é constituída por um anel de metal e uma bola de **silástico,** sôlta numa armação também de metal. A bola adere ao anel quando o ventrículo se contrai e o sangue corre só numa direção.

Mas, como qualquer peça de máquina, essas válvulas estão sujeitas a desgaste, embora as utilizadas atualmente já suportem milhões de batidas do coração. Enquanto isso, a cirurgia tem feito progressos no transplante de válvulas de cadáveres para pacientes vivos. E em experiências com cães já se conseguiu extrair a única válvula que não é essencial — a pulmonar — e com ela substituir a aórtica. Isso levanta a possibilidade de que o homem carregue dentro de si sua própria válvula de reserva.

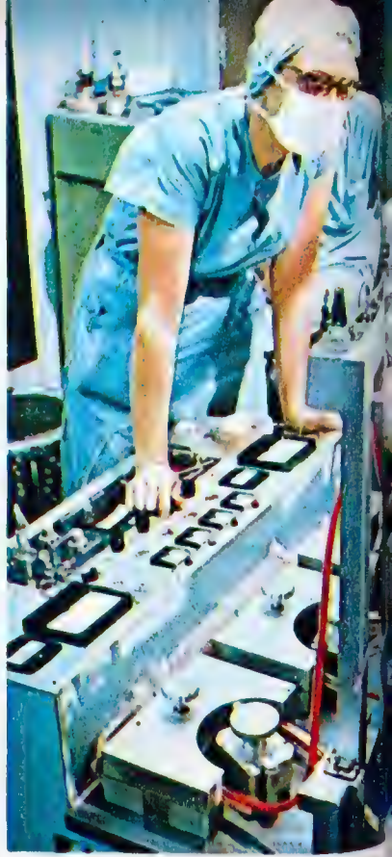
SEGUE



Válvula sintética sendo testada numa máquina que imita a circulação sanguínea.



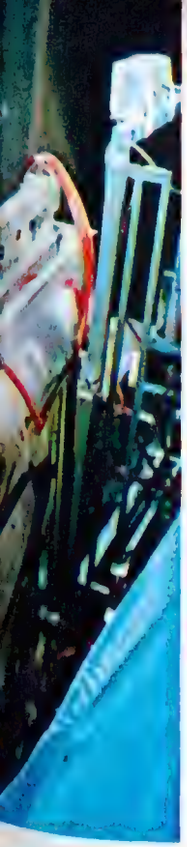
O dr. DeBakey e sua equipe substituem uma válvula defeituosa do coração.

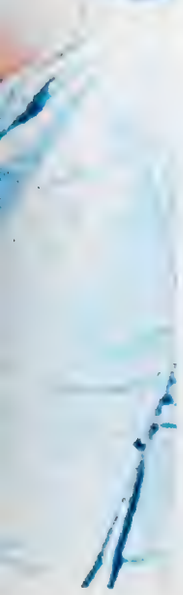


Operando a máquina coração-pulm

Enquanto esperam que o sangue retorne ao coração do pacien te, DeBakey (de óculos) e seu assistente estudam, ansiosos, o monitor.

Máquina liberta o coração para consertos





Todos olham o monitor durante a operação: êle registra as oscilações.

A operação para substituir uma válvula do coração, mostrada nas páginas anteriores, seria impossível sem a ajuda de outra peça artificial: a complicada máquina coração-pulmão que os médicos chamam familiarmente **a bomba.** Sua função é libertar o coração de seu trabalho vital enquanto os cirurgiões o consertam. A cirurgia cardíaca exige precisão e coordenação impecáveis de parte dos cirurgiões, técnicos e máquinas — inclusive, e muito especialmente, a máquina coração-pulmão. Quando, num grande hospital do Texas, o dr. DeBakey e sua equipe fazem uma operação de substituição de válvula — e isto acontece até três vêzes por dia — êles começam por fazer no paciente uma cuidadosa instalação elétrica de modo que seu processo vital possa ser controlado e dirigido eletrônicamente. Em seguida, introduzem um tubo numa das artérias da bacia, através do qual o sangue retornará da máquina coração-pulmão para o corpo. Então abrem o peito, cortam e afastam as costelas para expor o coração e nêle introduzem dois tubos que recolherão todo o sangue despejado pelas veias principais. Neste momento entra em cena **a bomba.** O modêlo usado pelo dr. DeBakey consta de uma base de aço contendo cilindros para bombeamento e contrôles eletrônicos, mais uma armação na qual, fica pendurada a câmara plástica para oxigenação do sangue. Êste corre — através de tubos — do coração do paciente para a câmara, recebe oxigênio enquanto atravessa um canal plástico em ziguezague e é bombeado de volta para o paciente. Drenado o sangue, o coração é aberto e a válvula doente é extraída e substituída por uma artificial. Posta no lugar a nova válvula, o coração é fechado e costurado. A máquina coração-pulmão é isolada e a circulação retorna ao próprio coração do paciente. Então, todos os olhos se voltam ansiosamente para os instrumentos para ver se o coração está batendo bem, se a pressão sanguínea está normal, se o coração não dispara, surgindo a palpitação excessiva chamada fibrilação. Porém, mesmo que as coisas comecem funcionando normalmente, os tubos da **bomba** não são retirados até que se tenha certeza de que o coração voltou a comandar a circulação sanguínea. Então começa a longa tarefa de costurar as incisões.

As operações para substituir válvulas cardíacas defeituosas já estão sendo feitas até duas vêzes por dia no Hospital das Clínicas de São Paulo, pela equipe do dr. Euriclides Zerbini. E tanto as válvulas artificiais, quanto a máquina coração-pulmão já são fabricadas nas Oficinas Experimentais do Hospital das Clínicas e do Instituto de Cardiologia de São Paulo. A qualidade dos produtos nacionais é tão boa, que estão sendo exportados para tôda a América Latina, além de Portugal, Espanha e até Inglaterra. O modêlo "Hospital das Clínicas" do conjunto coração-pulmão artificial, desenvolvido pela equipe do dr. Zerbini, é uma versão simplificada da máquina criada inicialmente nos Estados Unidos. É menor, tem um oxigenador de tamanho variável e é de funcionamento e manutenção mais fáceis.

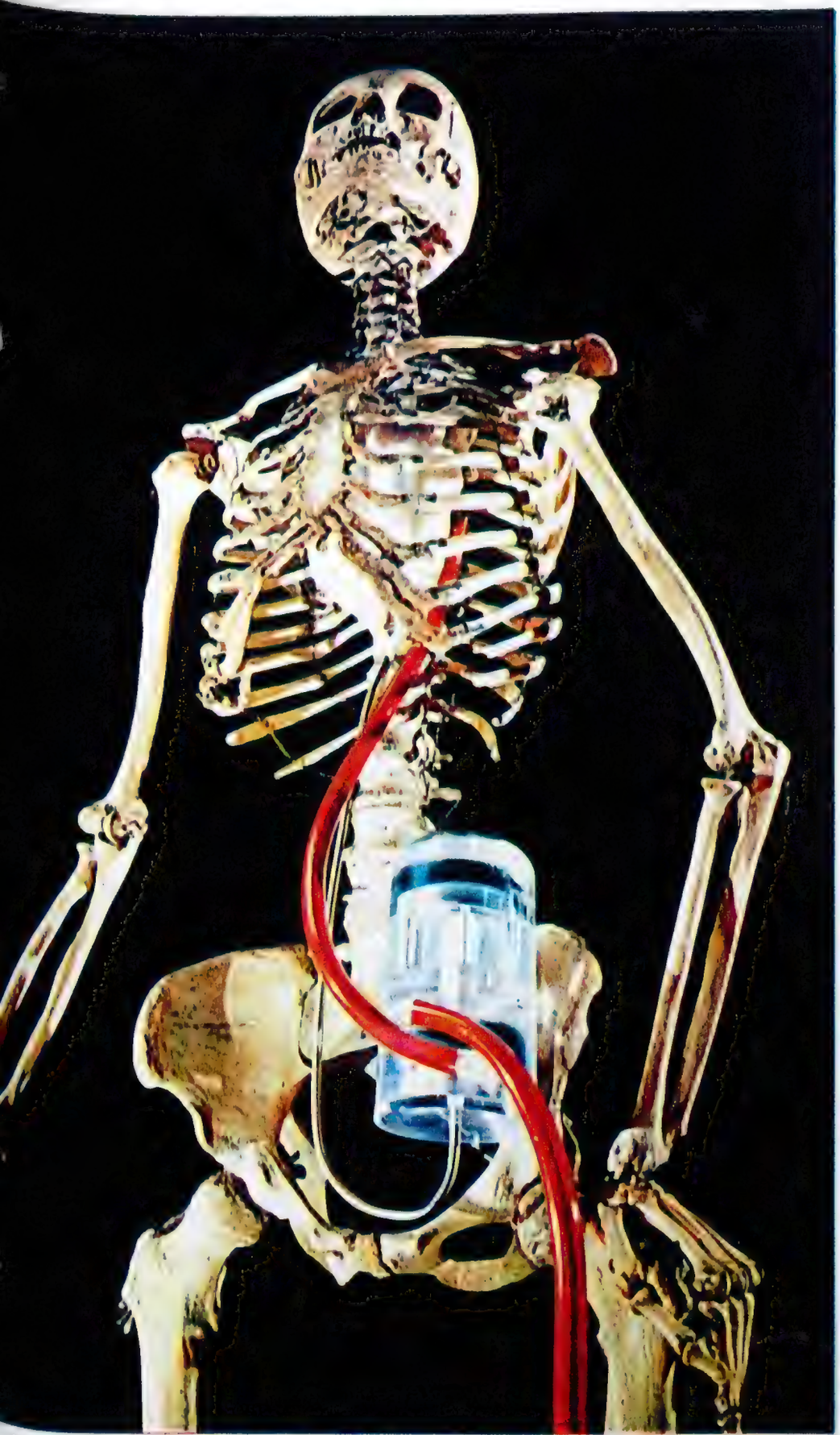
3
2
1
5
4

A caminho do coração artificial

Depois da substituição da válvula, o próximo passo será trocar outras partes do coração e, por último, o coração inteiro. O estranho objeto que se vê à esquerda é um coração sintético experimental. Feito de **silástico,** êle tem quatro câmaras, quatro válvulas e duas grandes artérias. Prêso a uma máquina que lança ritmadamente jatos de ar comprimido por entre as paredes dos ventrículos, êle imita as funções de um coração natural. Os cinco inventos movidos a ar, que se vêem mais à esquerda, em tamanho menor que o natural, foram criados para substituir ou reforçar certas partes do coração. A peça n.º 1, ao centro, é encaixada em tôrno dos ventrículos e, expandindo-se e contraindo-se, força-os a bombear o sangue. A peça n.º 2 é um circuito secundário que reforça o ventrículo esquerdo: ela bombeia em paralelo com um coração doente e pode ser desligada logo que êste se recupere. Isto também acontece com a peça n.º 3, usada para estimular os ventrículos e que é regulada eletrônicamente pelas próprias batidas do coração. As peças n.º 4 são um par de bombas intraventriculares: colocadas no interior dos ventrículos, bombeiam, enchendo-se como balões. A peça n.º 5 substitui ambos os ventrículos. Para ver os resultados da implantação de um coração mecânico — num bezerro — vire a página.

No Brasil ainda não se pensa em fazer um coração artificial inteiro. Mas o dr. Adib Jatene, do Instituto de Cardiologia de S. Paulo, já desenvolveu com sua equipe um ventrículo sintético: ligando a aurícula esquerda à aorta, substituiu o ventrículo esquerdo. O ventrículo sintético, chamado impròpriamente coração artificial, já foi implantado em cães e é visto abaixo sendo testado numa máquina. SEGUE

Coração vai bater com energia atômica



Êste bezerro tem um coração artificial. O coração mecânico do esqueleto é movido por energia atômica e o cão carrega uma lâmpada alimentada por fio instalado no peito

Coberto de tubos de ar comprimido e aparelhos de contrôle eletrônico, mas não aparentando nenhum sinal de sofrimento, o bezerro da foto, inteiramente acordado, viveu 31 horas com um coração artificial. A confiança dos pesquisadores na possibilidade de substituição do coração é tão grande que o govêrno americano lançou um programa de financiamento à indústria, para que esta desenvolva um coração mecânico capaz de ser implantado em pacientes humanos dentro de cinco anos. A palavra chave, no caso, é **implantável,** e tudo leva a crer que a solução final não empregará ar comprimido, pois êste contribui para a confusão de aparelhos que se vê em tôrno do bezerro. O cachorro abaixo e o esqueleto humano à esquerda demonstram duas das muitas tentativas que estão sendo feitas para desenvolver fontes mais convenientes de energia. A lâmpada que está dependurada no pescoço do cão consome tanta energia quanto um coração artificial e é ativada por um dispositivo eletromagnético dentro de seu próprio peito. O esqueleto está equipado com um coração mecânico e um protótipo implantável de um motor atômico. Outras fontes de energia em estudo incluem um coração eletro-hidráulico (um já foi implantado num bezerro) e uma pilha orgânica. Esta poderia utilizar reações químicas internas do corpo para gerar eletricidade.

A equipe do dr. Adib, do Instituto de Cardiologia de São Paulo, já trabalha experimentalmente com ventrículos artificiais movidos por ar comprimido. Outro modêlo de ventrículo artificial está sendo construído pela equipe do dr. Zerbini, do Hospital das Clínicas. Desenvolvendo suas pesquisas, esta mesma equipe tem feito várias operações de transplante de corações em cães.

SEGUE

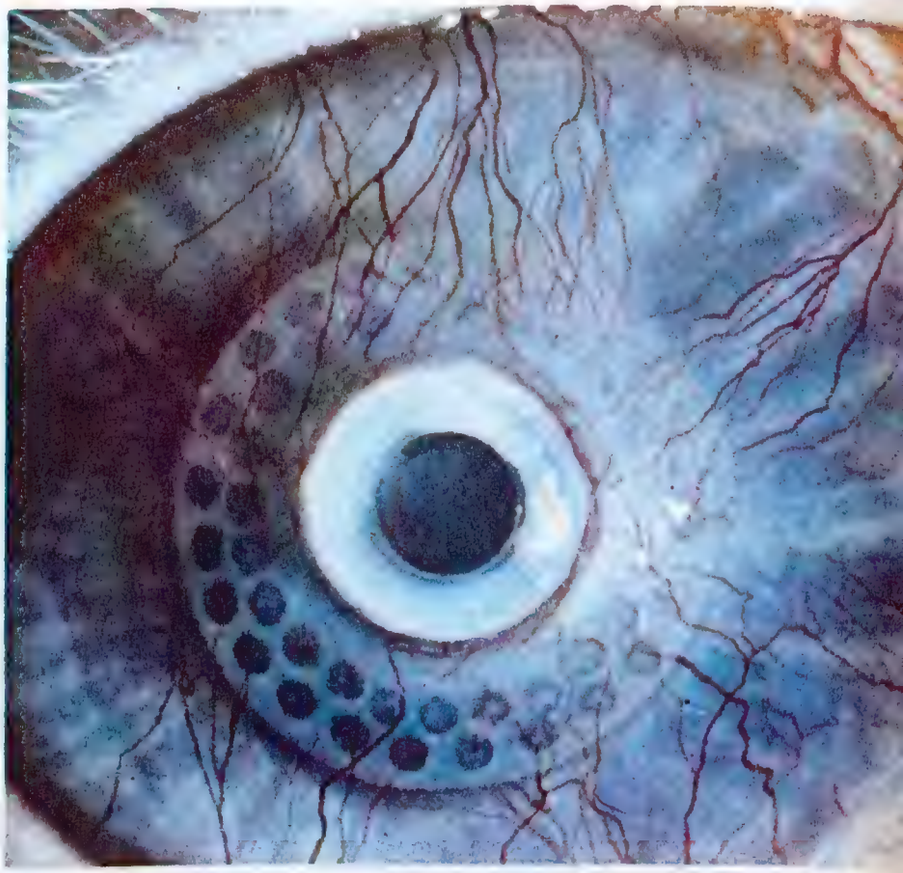
Êstes olhos voltaram a enxergar

A parte transplantada com mais facilidade em pacientes humanos é a córnea, a membrana transparente que cobre a pupila. Qualquer dano na córnea prejudica ou destrói a visão. A transplantação de córneas já se tornou tão comum que muitas pessoas legam suas córneas a bancos de olhos. Mas, por motivos que a medicina ainda não conseguiu esclarecer, as córneas transplantadas ocasionalmente falham, tornando-se opacas. A necessidade de contornar essa dificuldade produziu os resultados mostrados à direita. Cada um dos dois olhos — o de cima pertence a um coelho e o de baixo a um homem que estêve cego durante 11 anos — está equipado com uma córnea artificial e ambos podem ver. A córnea é um dos poucos tecidos do corpo que não contêm vasos sanguíneos. Isso elimina uma dificuldade que surge na maioria dos outros transplantes de tecidos e invariàvelmente provoca seu insucesso: a rejeição imunológica, um fenômeno causado pelo próprio sistema de defesa do corpo que levou os médicos a pensarem na manufatura de peças artificiais. O sistema de defesa funciona através do sangue para proteger o corpo de micróbios e bactérias, mas igualmente ataca qualquer tecido vivo alheio que encontre. Já estão sendo feitas experiências em ratos (fotos à esquerda) para descobrir exatamente o mecanismo pelo qual o corpo rejeita os tecidos transplantados com o objetivo de encontrar meios de evitar estas reações anticorpos. Drogas que reduzem a rejeição dos tecidos já estão sendo usadas e os imunologistas esperam para breve uma descoberta que permita aos órgãos transplantados durar por tempo indefinido.

No Brasil a cirurgia ocular ainda não trabalha com córneas plásticas. Mas já foram feitas muitas operações experimentais para transplantar córneas de coelhos e de galinhas. Quanto às córneas humanas, há restrições legais que dificultam os transplantes e a organização de bancos de córneas. Segundo o Código Penal, artigo 211, é crime contra o respeito aos mortos "destruir, subtrair ou ocultar cadáver ou parte dêle". Por isso, muitas operações para transplante de córneas humanas já foram feitas no Brasil, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, e a maioria com bons resultados, mas em caráter de pesquisa e não de assistência médica ampla, e sempre com autorização prévia e comprovada da família do doador falecido.

O transplante da córnea pode ser total ou parcial, dependendo da lesão. A córnea do doador tem de ser removida no máximo seis horas após sua morte e transplantada para o beneficiário dentro de 24 horas. Os minúsculos e delicados instrumentos da cirurgia ocular já estão sendo fabricados no Brasil, pelo técnico A. Petrovitch, de São Paulo.

SEGUE

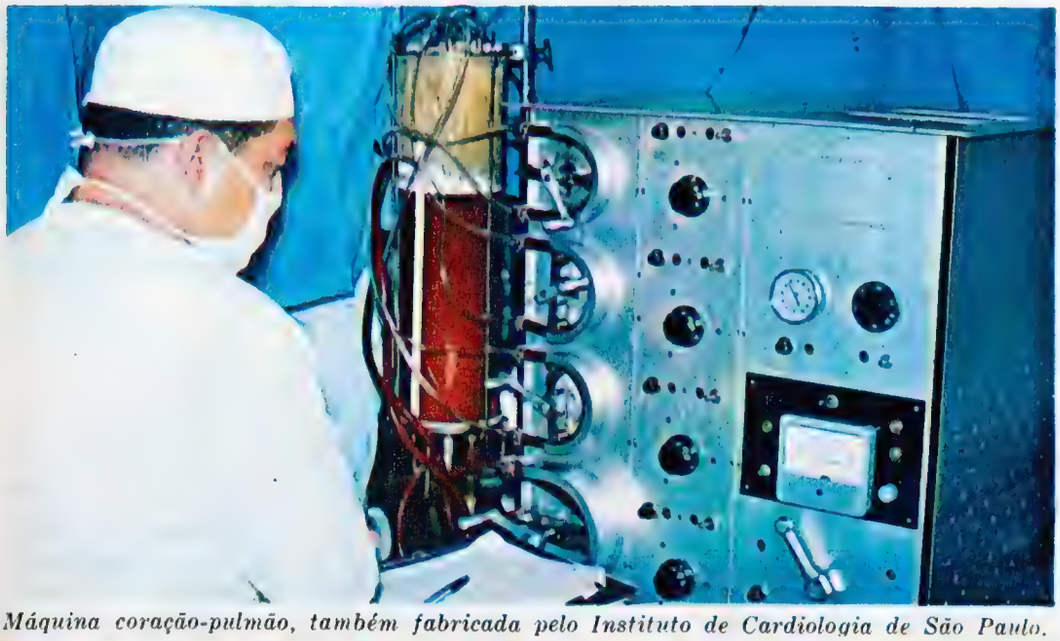


Ôlho de coelho já cicatrizado, após a implantação de uma córnea artificial. Abaixo: ôlho humano não cicatrizado, com córnea artificial já inserida.

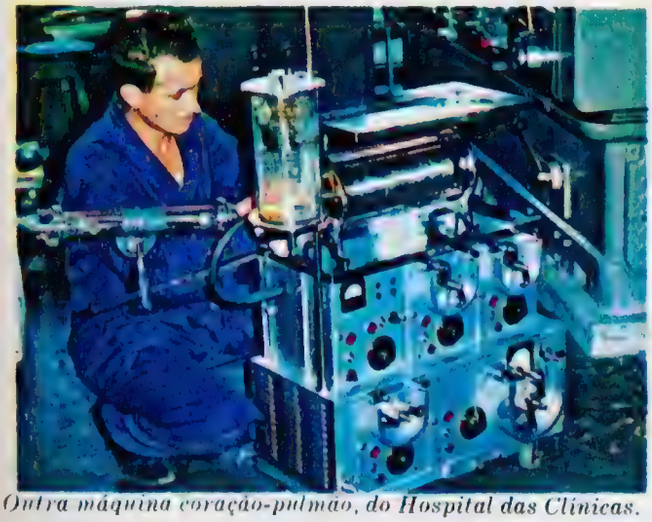
Êste rato vai servir de cobaia em experiências sôbre o fenômeno da rejeição de tecidos.

Brasil está na vanguarda

Brasileiros já produzem e exportam tôdas estas peças sintéticas para reparar corações.



Máquina coração-pulmão, também fabricada pelo Instituto de Cardiologia de São Paulo.



Outra máquina coração-pulmão, do Hospital das Clínicas.

Zerbini, nosso homem no coração.

Com os processos modernos de assepsia e anestesia, a cirurgia progrediu muito. Até há pouco tempo, só eram feitas suturas, amputações ou remoções. A cirurgia tratava principalmente de tumores e havia doenças que só podiam ser tratadas por métodos clínicos. Foi no meio do nosso século que a medicina entrou na era da cirurgia fisiológica, que restabelece funções, repara tecidos, substitui órgãos — reconstrói o homem.

Hoje, os cirurgiões usam duas técnicas básicas: o transplante e o implante. O transplante pode ser de partes do corpo do próprio paciente, que são transferidas e adaptadas a outras funções (autotransplante ou enxertos internos); de órgãos de outro animal, mas da mesma espécie (transplantes homólogos ou homotransplantações); ou de órgãos de animal de outra espécie (transplantes heterólogos ou heterotransplantações). Mas a cirurgia ainda enfrenta duas grandes dificuldades: a falta de órgãos para serem transplantados (sobretudo humanos) e o fenômeno chamado imunoalérgico — a rejeição dos tecidos ou órgãos transplantados, com a formação de anticorpos que os expulsam. Para contornar essas dificuldades, os cientistas planejam a criação de bancos de órgãos e desenvolvem estudos sôbre a rejeição imunológica, que pràticamente não existe nos auto-enxertos, mas se manifesta nos transplantes homólogos e é ainda mais grave nos transplantes heterólogos. E enquanto isso, vão aperfeiçoando os implantes ou próteses, isto é, a substituição de órgãos ou partes dêles por peças artificiais.

No Brasil há muitas dificuldades para se acompanhar êsse desenvolvimento acelerado. A principal é a falta de recursos. As novas técnicas dependem de experiências prolongadas e custosas. Além disso, a medicina é cada vez mais um trabalho de equipe, de que têm de participar não só médicos, mas também químicos e engenheiros. E, com os salários que as instituições médicas e científicas podem pagar, é difícil disputar com a indústria os poucos químicos e engenheiros existentes. Apesar disso, o que os cirurgiões brasileiros têm feito é surpreendente.

Aqui, como em tôda parte, a renovação começou com a cirurgia dos ossos e articulações. Atualmente os ossos e as articulações já podem ser reparados ou substituídos nos hospitais brasileiros, por materiais artificiais — metálicos ou plásticos — ou por ossos transplantados, de animais ou de cadáveres humanos. Muitos dos nossos hospitais possuem até bancos de ossos.

Na mesma linha de expansão das próteses dentárias e da cirurgia plástica, os médicos brasileiros lançaram-se progressivamente à substituição de todos os órgãos. Além do transplante de córnea, a cirurgia ocular brasileira está fazendo também transplantações da esclera, que é o tecido de sustentação do globo ocular. Já se faz, com sucesso, o transplante de rim, e estuda-se a transplantação do fígado, coração e pulmões. A surdez já é curada pela implantação de um estribo artificial. E em matéria de enxertos internos, os grandes centros cirúrgicos já substituem — com frações do intestino — estômago, bexiga, uréter, vias biliares e até esôfago e vagina.

A história mais extraordinária, porém, é mesmo a da cirurgia cardíaca. A partir do trabalho pioneiro do dr. Euriclides Zerbini, da Universidade de São Paulo, os cirurgiões brasileiros conseguiram colocar-se na linha de frente do que se está fazendo no mundo. A equipe do dr. Zerbini, do Hospital das Clínicas, e depois a do dr. Adib Jatene, do Instituto de Cardiologia de São Paulo, simplificaram os modelos americanos do conjunto coração-pulmão artificial. Hoje, as Oficinas Experimentais dessas duas instituições produzem e exportam máquinas coração-pulmão, válvulas artificiais, vasos sanguíneos, cânulas, marcopassos (reguladores eletrônicos, implantáveis, das batidas do coração). E o dr. Domingos Morais, da Universidade do Brasil, introduziu no mundo a hemodiluição: em vez de sangue, emprega no coração artificial plasma ou sôro glicosado. Ao mesmo tempo as operações para implantação de válvulas sintéticas já se tornaram comuns e nossos cirurgiões se preparam para fazer uma operação de desvio ventricular esquerdo, só realizada até agora pelo dr. DeBakey, dos EUA. FIM

1957-Quem fêz o primeiro caminhão nacional a gasolina?

Ford. O ano era 1957. O mês, agôsto.
Estava confirmado o pioneirismo da Ford.
Rodava pelas ruas e estradas brasileiras
o 1º caminhão nacional a gasolina: um F-600.
Um possante caminhão de 161 HP para 6½ toneladas.
O País precisava de caminhões e a Ford não teve dúvidas.
Hoje, todo mundo sabe o que significou
êsse lançamento pioneiro da Ford.
Em cada canto do Brasil, por mais longe que seja,
há um Ford levando ou trazendo riquezas,
fazendo um verdadeiro trabalho de integração nacional.
E a Ford sabia que isso ia acontecer.
Porque cada vez que a Ford dá um passo, é com a
segurança dos que criam para o futuro.

Ford

NO BRASIL DESDE 1919

DIAMANTE, CALIBRE 38

Texto de Carlos Azevedo — Fotos de Roger Bester

— É só pena que avoa, gritou **Mão Pelada** e se atirou de barriga no chão. Ninguém escutou a frase famosa de Mão Pelada porque o barulho era demais. As balas, varando as casas, espirravam rebôco. No povoado inteiro todo mundo estava de barriga no chão, deitado para não morrer. Com um revólver vagabundo, calibre 38, e uma porção de cachaça, o mulato Ferreira deu trabalho ao cabo e seus dois soldados. Quando a rua ficou vazia, Ferreira correu para trás de um beiral de rancho, jogou o chapéu no chão e ficou atirando espaçado: o revólver falhava dois em três tiros.

O soldado gordinho estava de fuzil e suas balas furavam, de uma vez, uma porção de paredes. O cabo mandou Ferreira se entregar e a resposta foi bala. O Taurus 38 do cabo ficou soltando fumaça pelo cano. O outro soldado, um magro, alto e amarelo, deitou-se do outro lado da rua, atirando com dois revólveres que sacou da guaiaca preta.

Depois de uns 50 tiros, silêncio. Ferreira estava sem munição. Jogou o revólver no meio da rua:

— Me entrego.

Foi prêso, acompanhado pelos dois soldados, bêbado de cair e ouvindo desacato do cabo. Só aí o

povo do garimpo saiu à porta, os meninos foram catar cascas de bala no chão, os homens ficaram limpando a poeira da roupa, comentando alegremente o tiroteio.

Isso aconteceu numa manhã de domingo, no garimpo nôvo de Paranatinga, Mato Grosso. Não que aqui todo domingo haja tiroteio. Mas é uma coisa que bem pode acontecer. Aqui se procura diamante. E se acha, de encher a concha da mão. É fácil achar outras coisas também: o diamante só vem para quem sabe e a sorte ajuda, mas a malária é violenta e o cemitério já tem mais de 20 sepulturas.

E não faz tempo que tudo começou. No fim de 1963 o velho Abrão Bezerra apareceu no escritório de Apolônio Bouret, em Cuiabá. A mão cheia, perguntou:

— O que é isto?

Apolônio, comprador de diamantes, comerciante rico, chefe político, deu um grito e comprou tudo.

— Onde foi, velho Abrão?

Abrão Bezerra, criador de gado, contou, e a notícia foi um vento arrepiando os garimpos: no leste de Mato Grosso, nos antigos garimpos dos rios Araguaia e Garças que fizeram nascer as cidades de Aragarças, Tesouro, Barra do Garças, Poxoréu, Guiratinga, Rondonópolis; e a noroeste, nos garimpos mais recentes, que originaram Arenápolis, Nortelândia, Alto Paraguai e Maria Joana.

Dêsses lugares saiu um povo andando rumo ao norte, procurando um rio sem importância, no município de Chapada dos Guimarães, a 400 quilômetros de Cuiabá: o Paranatinga, em cujas margens o velho Bezerra achara os diamantes. Um povo sem crianças e quase sem mulheres estava em êxodo, uma gente de dedos arredondados, gastos de rolar pedras.

A pé ou de caminhão todos acharam seu destino: a barranca do Paranatinga, rio de 20 metros de largura que corre se quebrando por cima de pedras. Aqui êles acamparam e, sem querer, construíram uma cidade. Feia, suja, triste, violenta, humana.

Eram seis mil pessoas apertadas dentro de 200 ranchos, porque ninguém queria perder tempo em construir casa:

— Não vamos deixar o diamante esperando dentro d'água — dizia Léo, um paulista.

Mas como Apolônio, o pequeno rei de Paranatinga, proclamou que só tem direito a terreno quem construir seu rancho, o povoado foi aparecendo.

SEGUE

Há um sol brilhando no fundo da peneira fina

Hora de achar diamante (acima) e de perseguir cascalho (abaixo)

No rio é uma bagunça, um garimpeiro colado no outro, arrancando cascalho do fundo, lavando os pedregulhos nas peneiras entre gritaria e gargalhadas. O garimpeiro que acha um bom diamante saca o revólver e dispara. Cada bala custa 300 cruzeiros. No fim do dia os diamantes achados podem valer menos que a munição gasta.

— Alegria de vida é no garimpo — diz o môço Ursulino, um poeta que vive no meio da gente mais ambiciosa.

— É uma vida dura, mas de independência. O garimpeiro se sente à vontade, a pedra está aí mesmo. Se a gente trabalha um pouco, a sorte não sendo muito ruim, todo dia dá para ganhar a comida, a pinga e o fumo. Para ser livre um homem não pode querer mais. O que eu mais gosto aqui, mesmo, é da satisfação. Só se trabalha contando anedota e se o serviço é no **gôlfo,** quer dizer, dentro d'água, é mais leve e mais divertido.

Ursulino vai explicando enquanto os homens enchem canoas de cascalho e levam para a beira d'água. Muitos trabalham em sociedade: aquêle que tem o dinheiro fornece feijão, arroz e carne sêca aos dois ou três sócios, que entram só com o trabalho. Na alimentação, um garimpeiro só gasta uns 20 mil cruzeiros por mês, mas a metade de tôda pedra encontrada é do financiador. A outra metade é dividida pelos outros sócios. No gôlfo, enquanto dois tiram o cascalho, o terceiro vai lavando nas peneiras e procurando o diamante.

As quatro peneiras

Na curva do rio um homem de óculos trabalha sòzinho. Êle mesmo recolheu o seu cascalho, encheu a canoa, arrastou-a até a praia e agora está lavando. Tem uns 50 anos o velho Benedito. Lava o cascalho grosso na peneira mais larga, a **sururuca** (as quatro peneiras estão empilhadas), batendo e girando. É a de malha mais larga, que só segura os pedregulhos maiores. Êle olha ligeiro, diamante grande ficaria nessa, êste sim seria a riqueza para o resto da vida. Não há nada, joga fora, põe a peneira de bôrco no chão. Agora, o cascalho está na **grossa,** a segunda peneira. O sol já está quente, Benedito diz que vem trabalhando há horas sem achar nada. Lá para baixo alguém achou, ouvem-se tiros. Na certa para lá já correu um **faisqueiro** ou **capangueiro.** É o comprador de diamante, que anda de um garimpeiro para outro, carregando pastas cheias de dinheiro.

O cascalho de Benedito passou também na peneira grossa sem deixar nada. O velho a atira em cima da sururuca. A água barrenta alcança suas canelas. O pior do trabalho é estar sempre curvado, mas êle não aparenta cansaço. Pega a **média,** bate, gira, bate gira, lavando. Ficam só as pedrinhas limpas. Brancas e amarelas, na beirada. Marrons, para dentro, ao redor das pedras pretas, que ficam no centro da peneira. As pretas acompanham o diamante porque são as pedras mais pesadas, quase tão pesadas quanto êle. E o lugar do diamante é bem no meio delas. Benedito vira o cascalho no chão e olha. Cutuca com um pauzinho. Nada. Volta a lavar.

Resta a **refina,** peneira de malhas muito miúdas, dela só escapa areia. Bate dentro d'água, gira a peneira num movimento brusco e compassado, fazendo meia volta para um lado, meia volta para o outro: na centrifugação, as pedrinhas pesadas vão para o meio, as leves para a beirada. É o **resumido.** Benedito capricha. Êle parou, está olhando. No resumido brilham cristais, mas há um brilho mais forte, exatamente no centro. O diamante está lá, rodeado de pedras pretas. Nem é preciso emborcar a peneira. Benedito vem com ela até a praia e, num gesto muito suave, colhe-o entre o polegar e o indicador. É apenas um **chibiu,** diamante pequeno, de dez pontos, um décimo de quilate. Mas o importante é sua **água** ou côr. Branco puro, limpíssimo, não tem manchas, brilha ao sol como um outro sol. É diamante de primeira, **fazenda** como aqui o chamam. No garimpo vale de 8 a 10 mil cruzeiros. No exterior, para onde com certeza irá de contrabando, vai valer dez vêzes mais.

Um faisqueiro já está ali:

— Quer vender? Por quanto?

Benedito olha para êle, agora parece cansado, os olhos sem expressão atrás dos óculos:

— Quero 15 contos.

Jeremia, o comprador, oferece a metade. E explica:

— Um chibiu de dez pontos, não posso dar mais. Com o quilate a 70 contos...

Os dois sabem que o diamante vale mais, mas êste é um jôgo de que ambos conhecem o resultado.

— Não — diz Benedito — assim êle fica melhor no meu **picuá.** Jeremia oferece 10 mil cruzeiros, o outro diz que não.

Jeremia ataca:

— Tá querendo queimar seu diamante, homem? Tá pedindo um absurdo!

Agora todo mundo ali em volta sabe que se Benedito insistir nos 15 mil, Jeremia vai embora, contará para os outros compradores e o diamante ficará **queimado:** o garimpeiro só conseguirá vendê-lo no máximo por 7 mil. Por isso, Benedito agora pede 12 mil, o outro não dá, êle cede, contrariado, e aceita os 10 mil.

Ursulino, que tinha vindo ver o negócio, sai dizendo:

— A alegria, a alegria mesmo, é a de achar o diamante. Não há dinheiro que pague. Às vêzes a gente vê o diamante ainda na peneira, dentro d'água, parece que é uma estrêla que vem vindo. Ah, não tem alegria igual!

Depois que **passaram pente fino,** isto é, bateram tudo perto do povoado, os garimpeiros se espalham por todo o rio, fazendo gôlfo. Êles procuram o cascalho pela côr, pois êle é mais escuro quando apresenta **formas,** pedras pretas que andam junto com o diamante. Todos sabem também que o diamante é a pedra mais pesada, está sempre no lugar mais fundo do rio.

Escafandro é perigo

Poço fundo é explorado com escafandro. O aparelho custa 700 mil cruzeiros e é muito usado nos garimpos de Mato Grosso. Em Paranatinga há seis dêles. É um trabalho perigoso porque a correnteza está sempre deslocando imensas pedras. O mergulhador vai tirando o cascalho e calçando os **emburrados** com pedras menores. Mas não é difícil que êle fique prensado entre pedras no fundo de um poço. E quando não conseguem mover os pesados blocos para soltá-lo, um companheiro vê-se forçado a mergulhar, despedir-se do amigo, cortar o cabo e marcar mais uma cruz no capacete de bronze do escafandro. SEGUE

Ulisses, o Valente dos Diamantes, *é sabido: tem química para fazer pedra ruim ficar boa.*

Só aqui se pode dizer: qualquer dia amanheço rico

Na boate, lugar de festa e baile, reina uma triste Marta Rocha.

O mergulhador trabalha com uma pá e um saco onde põe o cascalho. O saco é içado por um companheiro numa canoa.

O escafandrista dá vários mergulhos por dia, cada um de uma e até duas horas, carregando de 40 a 60 quilos de chumbo no peito e nas costas para afundar, às vêzes, até a 20 metros de profundidade. Excesso de trabalho e muita pressão fazem estourar os tímpanos.

Américo, um rapaz de 18 anos, chegou a Paranatinga há um ano. Ainda era menino e quanto a garimpo, um **curau** — não entendia nada. Voltou para casa agora, levando 200 mil cruzeiros e a surdez de um ouvido. Se sobrar algum dinheiro pretende ir se tratar em Cuiabá. Ursulino gostou dêle:

— Êsse o garimpo viciou porque teve sorte demais. Chegou sem saber nada, foi mergulhar. Passou meses tirando 500 mil em diamantes por semana, sem nunca falhar. O que lhe cabia, uns 100 mil em cada parcela daquela, êle gastou. Em que? Não vai lhe dizer, mas foi em rapariga e pinga.

Seguindo o cascalho

Se o poço estiver num cotovêlo do rio pode ser explorado com uma **virada,** que quer dizer desviar o seu curso. Em frente ao povoado foi feita uma virada famosa, deu diamante demais. Até uma pedra grande, que Apolônio comprou por 12 milhões de cruzeiros e vendeu por 16 milhões.

Mas garimpo não é só no leito do rio. **Grupiara** é um serviço pesado, é acompanhar o veio do cascalho, no sêco. Abrem-se grandes buracos — onde o cascalho fôr, o garimpeiro vai atrás. De lá o cascalho é levado para o rio.

O **monchão sêco** é serviço mais pesado ainda. É tirar cascalho de onde êle estiver, no meio do mato. Neste serviço trabalham muitos homens juntos e um sistema é esperar a chuva para lavar o cascalho ali mesmo. Outro, é carregá-lo até o rio, o que nem sempre compensa. O **monchão com água** é a exploração do cascalho do sêco, com desvio de um córrego até êle, trabalho dos mais exaustivos do garimpo.

Para Francisco Xavier, baiano com 30 anos de Mato Grosso, o garimpo é uma vida como as outras.

— O sofrimento? É grande, sim. Na lavoura a gente joga menos com a sorte, mas sofre mais. O garimpo ainda é um lugar melhor. O garimpeiro é um homem liberto, trabalha muito, mas quando quer. Chega e viaja no dia de sua preferência. E em que outro lugar eu posso dizer como aqui: qualquer dia eu amanheço rico? Sim, porque hoje eu me deito pobre, mas se amanhã eu acho uma pedra, fico rico. Eu já **bamburrei** uma vez. Foi em 1947. Achei uma pedra de 15 quilates no rio Garças. Vendi por 31 contos de réis. Dei festas, ajudei amigos, fiquei muito chique, fui até a Bahia visitar os parentes. Levei mais de um ano para gastar tudo, e depois voltei. Pedra não achei mais. Mesmo assim comigo é só no garimpo porque eu não esqueço o gôsto daquela.

Sorri, sem dentes: — Depois, veja o senhor, hoje eu já achei três chibius, de primeira. Vou vender, pagar dívidas. Dívida de garimpeiro vence no dia em que êle acha diamante.

Xavier começa a picar fumo para um cigarro de palha:

— Essa questão de ficar rico e não empobrecer mais é sonho de todos mas não é destino de garimpeiro. Um em mil pega um bom dinheiro e vai para longe, fazer outra coisa. Quem fica no garimpo ganha dinheiro, mas enterra tudo ali, na esperança de ganhar mais. Falo de garimpeiro. Com capangueiro, bolicheiro, marreteiro é diferente. Êstes sim, que são todos comerciantes, no garimpo ficam ricos. Rapariga? Não, rapariga também não fica rica.

Uma nova praga

Quando os tiroteios chegaram ao ponto em que um cristão não podia dormir mais em sossêgo, Apolônio achou que estava na hora de arranjar polícia para o garimpo. Pois as pessoas viviam agora mais tempo de barriga no chão do que trabalhando: atiravase para qualquer lado. Assim, um môço que dormia na beira do rio foi morto e outro, que estava dentro de casa, ferido na perna.

Depois, alguns estavam começando a ficar valentes. Entravam no bar, todos muito armados, e mandavam os outros fregueses embora. Aí começavam a furar a mesa a bala, quebrar copo e gar-

rafa a tiro. Para comemorar, nem voltavam mais o cano do revólver para cima. A lataria do jipe de Apolônio estava tôda furada.

Então, o sargento veio com dois soldados. E logo no primeiro dia pôs ordem em tudo, porque falava com razão, ainda não tinha cometido nenhuma injustiça. Quando chegou, os homens estavam no bar, dando tiros. Diziam: — Meu revólver nem o diabo me tira. Encho os chifres dêle de bala.

O sargento veio descendo a rua e quem não estava com disposição de briga foi indo para perto de casa. O sargento vinha só. Andando e cumprimentando as pessoas, as mães chamando os filhos para dentro. No bar, bagunça, gritaria, mais tiros. O sargento chega, diz bom dia, só o dono do bar responde. Vai direto à mesa dos valentes:

— Os senhores estão presos por dar tiro dentro da cidade.

O sargento em pé e os outros sentados. Silêncio. Êle mostra decisão: — Entreguem as armas e vamos para a cadeia.

Cada um pôs seu revólver sôbre a mesa. Êle os apanhou. Levantaram-se calados e o acompanharam até um rancho vazio que, daquele momento em diante, estava promovido a cadeia.

Os tiroteios diminuíram muito, mas ninguém ficou satisfeito porque a polícia começou a abusar. O garimpo ganhara uma nova praga. O sargento prendia sem motivo, para cobrar taxa de carceragem, uma taxa que variava conforme seu humor. Tomava mercadoria de comerciante, criou um impôsto do jôgo e da prostituição, até que Apolônio o mandou embora. Depois veio o capitão, que só vivia bêbado. E agora veio o cabo. Não mudou nada.

— A praga não larga mais Paranatinga e a culpa é de Apolônio — dizem alguns.

Quem diz que Apolônio é ruim não diz tôda a verdade. Quem diz que é bom, também não. Apolônio é um comerciante rico, um homem que saiu de dentro do povo, um político popular, no máximo com o 3.º ano primário, ex-garimpeiro. Combina dureza com camaradagem, ajuda sempre os seus correligionários e em troca só pede uma coisa:

— Se você está comigo, me acompanhe na vitória e na derrota.

SEGUE

Alice espera um homem para casar. Mas não acredita nas riquezas que os garimpeiros prometem.

Diamante não atrai mais Mão Pelada *(à esquerda), mas está nos sonhos do poderoso Apolônio.*

Para quem não tem sorte o garimpo é uma prisão

Era do PSD, ajudou o nôvo governador a se eleger, é quase um rei no município de Chapada dos Guimarães, onde foi prefeito e elegeu o sucessor.

Com tudo isso Apolônio não passa de uma só malha na grande rêde de colhêr pedras que cobre Mato Grosso e cujo cérebro é Guilherme, um homem de 45 anos que vive em Cuiabá. Apolônio um dia tentou desafiar Guilherme, levou diamante para vender no Rio. Não conseguiu. Voltou, foi-se entender com êle, agora trabalham juntos.

Apolônio é também o maior fornecedor de mercadorias para o garimpo, que são transportadas no seu caminhão. Vai a Paranatinga todos os domingos. Para comprar diamantes, ver como trabalharam os seus garimpeiros, verificar se a polícia cumpriu suas ordens, fazer justiça conforme a entende. E para ganhar eleitores. Êle calcula em 1.500 os eleitores no garimpo:

— E quase todos são meus.

Em Paranatinga Apolônio tem um concorrente. É o riquíssimo Mané Silva, fazendeiro, comprador de diamantes e braço direito do Guilherme. Mané Silva não disputa seus votos, pois não gosta de política. Mas no diamante derruba Apolônio. Cada um tem sua pequena rêde de capangueiros comprando todo diamante que aparece. Os capangueiros, uns 50 de cada lado, negociam com o dinheiro que os grandes compradores lhes dão:

Tôda segunda-feira Apolônio e Mané Silva voltam a Cuiabá, cada um no seu avião. As pastas grandes, que tinham vindo cheias de dinheiro no domingo — pelo menos 20 milhões de cruzeiros — voltam quase vazias: diamante não toma espaço.

Um valente diferente

Cara de índio, barriguinha empinada, óculos escuros, chapéu de feltro, calça e camisa de linho, sapato macio, seu nome é Ulisses. Na mão carrega uma pequena pasta de nailon que ganhou de um americano. Nela cabe apenas o seu Smith & Wesson, calibre 32.

— De diamante eu não sei tudo, mas ninguém sabe mais do que eu.

Êste é Ulisses, o cuiabano, que compra diamante, falsifica, engana:

"Não aprumo no meio de gente tonta. Gosto de ganhar o dinheiro dos sabidos, no Rio e em São Paulo. Já ganhei seis milhões numa pancada. Não sou rico porque não ligo, o que eu gosto mesmo é de viver como Deus criou o macaco. Nunca dispenso uma boa mulher e uísque. Vou logo dando 200 mil pra ela, é presente, eu digo, não quero ver ninguém triste perto de mim.

"Trabalhar eu não preciso, todo mundo me paga para eu ficar quieto. Porque no garimpo eu sou um perigo. Pego diamante de segunda categoria, chibiu sem importância, ponho numa solução que só eu sei e vendo como **fazenda,** primeira categoria.

"Mostrei um diamante sintético para Apolônio, êle ficou louco, queria comprar. Era uma pedra grande e quando chegou nos 15 milhões, fiquei com pena, disse: Apolônio, você é um inocente. Isso não vale nada. Não quero o seu dinheiro. Agora eu trabalho para êle. Sou o Valente dos Diamantes.

"No garimpo fiquei um ano até entender do assunto. Agora já são 30 anos de comércio e só perdi uma vez: foi em 65, fui prêso na fronteira, na hora de atravessar com uma partida de 20 milhões. Salvei a pedra maior, que enfiei na bôca e algumas, pequenas, que joguei dentro da meia.

Para Léo, Marta Rocha e Alicinha, porém, Paranatinga é um castigo, uma engrenagem da qual não conseguem escapar. Léo é um paulista da capital, que também procurou diamante, sem nunca achar, cozinhou, lavou cascalho, dormiu debaixo de árvore e desistiu. Agora é empregado de um homem que tem um motorzinho que gera eletricidade para algumas casas. Quer voltar para São Paulo, **rever as avenidas entupidas de carro e o seu barulho infernal,** mas não pode ainda. Tem dívidas, ganha pouco, é preciso esperar, prêso, triste, pedindo notícias **do Brasil.**

Todo dia Marta Rocha diz que vai embora, mas não vai porque ela, apesar da popularidade entre os garimpeiros, nunca consegue ajuntar dinheiro para a viagem. Das 200 raparigas que andaram pelo garimpo no verão passado, ela está entre as 30 que não puderam fugir do tempo das chuvas.

Não conhece diamante e o único chibiu que aceitou de garimpeiro, em lugar de diamante era cristal. Agora não ri mais quando a chamam de Marta Rocha, apelido que a envaidecia.

Alicinha é môça de casamento, só conhece Marta Rocha de vê-la passar em frente à sua casa, mas sofre a mesma angústia. Sebastião, seu pai, e seus dois irmãos, João e José, são garimpeiros. Alice, 20 anos, de longos cabelos loiros, um rosto travêsso, roupas justas, não pode sair do garimpo porque seu pai não achou diamante bastante ainda. Talvez nunca ache. E Alice, que estudou em colégio de freira, gosta de cinema, rádio e fotonovela, quer ir embora para a cidade. Em casa ajuda a mãe e depois deixa o tempo passar sentada na porta, esperando o marido que não chega.

Só um homem livre

Há, em Paranatinga, um bêbado com quem ninguém se importa. Anésio Silva, 37 anos que parecem 50, baiano, mulato escuro de mãos e pés brancos, um problema de pigmentação da pele que lhe valeu o apelido de **Mão Pelada.** Chegou há um ano para garimpar, não achou diamante, passou a fazer servicinhos para os outros, arranjando assim o dinheiro da comida e da pinga. No Mutum, uma vila não muito longe, deixou mulher e cinco filhos, para quem nunca mandou dinheiro.

Libertou-se de tôda a ambição de enriquecer em Paranatinga. É o único que em sonhos não vê diamante. Bêbado, faz discurso eloqüente. Outro dia um protestante tentou salvá-lo num bar:

— Se você entregar seu coração, hoje mesmo Deus o aceitará

E Mão Pelada respondeu:

— O meu coração eu não entrego a ninguém.

Recebeu notícia de que sua mulher teve um filho, fêz um discurso que começava assim:

— A mulher de Mão Pelada teve um filho e ninguém pode saber ao certo quem é o pai.

Dias depois recebeu carta da mulher comunicando que não precisava voltar mais porque ela tinha encontrado outro homem. Mão Pelada, que não tem mais revólver, comprou uma caixa de rojão e enquanto os soltava ia gritando:

— Afinal, não preciso me preocupar mais. Minha mulher arranjou um bom homem para sustentar meus filhos. É só pena que avoa!

FIM

As faces do diamante

No garimpo o diamante pode ser de primeira, que é o **fazenda,** e de segunda, que é o **indústria** (só serve para aplicações industriais). Para a revenda na cidade, há, pelo menos, mais uma categoria, intermediária, o **chipe.**

Para ser fazenda o diamante não pode ter mancha e precisa ter, no mínimo, dez pontos, um décimo de quilate. O diamante é pesado por quilate, que é um quinto de um grama e se divide em 100 pontos. Para ser chamado **pedra** o diamante precisa ter mais de um quilate. Para ser chibiu, de segunda, quatro pontos. De primeira, dez pontos. Nos garimpos de Mato Grosso o quilate do diamante fazenda vale 70 mil. De indústria, de 12 a 15 mil. Êstes preços são pagos quando vários diamantes se juntam para alcançar um quilate. Uma pedrinha de um quilate, sòzinha, já vale mais, dependendo de seu formato e côr.

Formato e côr também determinam o valor do diamante. Os mais freqüentes são **dois carumbés,** que é um hexaedro, ou **seis piões** como também é chamado; **banda sadia,** que tem um lado plano e mais três faces; e o diamante **chapéu,** pedra achatada, com uma banda lisa boa para crivar. Há de seis, oito, nove, dez lados, a variação é grande. De 16 lados só é comum em chibiu.

Quanto à côr o diamante tem muitos nomes para pequena variação de tipos: branco; branco comercial; amarelo, com dois subtipos: canário e encarnado; e o bronze, em geral só serve para indústria. Raridades são as tonalidades azul, rosa, rubi, vermelho, água de querosene.

O que desclassifica o diamante é a mancha escura, chamada **ponto ou urubu.** Ela pode tornar a pedra preta, suja, escurinha, isto é, de segunda.

impassáveis

camisas Rhodianyl

Bem... se você quiser passar a ferro as Camisas Rhodianyl, conseguirá. Mas isso é absolutamente desnecessário. As Camisas Rhodianyl podem ser lavadas à noite — e usadas na manhã seguinte. Sem passar a ferro. Impassáveis... e impecáveis. Procure pela etiquêta Rhodianyl. Ela se encontra nas melhores marcas de camisa. É a sua garantia!

RHODIANYL

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Compre com tôda confiança!

MICHELÂNGELO

Um sofredor que encontrou a beleza

Numa época em que se trocam partes do corpo, como se êle fôsse uma simples máquina, e os artistas plásticos incluem pràticamente tudo em seus trabalhos, esquecendo-se muitas vêzes da figura humana, a obra de Michelângelo Buonarroti ganha importância especial. Durante quase um século, o maior gênio da Renascença dedicou sua pintura, arquitetura, escultura, e até poesia à exaltação do homem. Estas páginas mostram detalhes de pequena parte da herança que Michelângelo deixou: detalhes da beleza que sempre viu no corpo humano.

Naquela casa escura de Florença, vivia um menino prodígio. Filho de um ex-prefeito, tinha nascido em março de 1475 e seu nome era Michelângelo Bounarroti. Aos 13 anos, êle entrou como aprendiz num ateliê de pintura e aos 14 se transferiu para uma escola de escultura. Com essa idade seu talento já chamava a atenção do Príncipe Lourenço de Médicis, o Magnífico, que acabou convidando-o para viver no palácio, como seu hóspede.

No meio de outros artistas, também protegidos pelo príncipe, Michelângelo era apontado como um jovem de futuro brilhante. Mas, ao mesmo tempo, mostrava-se solitário, violento, orgulhoso e sombrio. Numa briga, ficou desfigurado ao levar um murro que lhe quebrou o nariz; teve um sério desentendimento com Leonardo da Vinci, 20 anos mais velho que êle; e desafiou a lei, decepando cadáveres para aprender anatomia.

Aos 19 anos Michelângelo é um homem baixo, feio e atormentado, cuja vida será marcada por fugas. A primeira, foi em 1494, dois anos depois da morte do Príncipe Lourenço de Médicis. Michelângelo continuava no palácio, agora ocupado por Piero de Médicis, filho de Lourenço. Florença estava então ameaçada de invasão pelo exército francês, e um amigo de Michelângelo teve um sonho terrível, que contou ao artista: vira o Príncipe Lourenço, em farrapos, avisar seu filho Piero — que era odiado pelo povo — que êle seria expulso de Florença. Impressionado com o sonho do amigo, Michelângelo resolveu fugir para Veneza. Não pararia mais. No ano seguinte estava em Bolonha, de onde também fugiria depois que um escultor ameaçou matá-lo. Voltou para Veneza, depois foi a Roma e novamente a Florença. Em meio às fugas, aos 25 anos, esculpiu a **Pietá** — que hoje recebe a visita de milhares de pessoas por dia, na Basílica de São Pedro, em Roma.

Em 1506, Michelângelo teve que deixar Roma às pressas, depois que o Papa Júlio II mandou atirá-lo à rua. Em 1529, fugiu outra vez, agora de Florença, novamente ameaçada de invasão por exércitos inimigos. Que sentido tinham essas fugas repetidas? Por que aquêle homem, capaz de criar obras de beleza titânica, sentia-se tão indefeso diante da vida? Nisso pode estar escondida a chave do mistério e da personalidade de Michelângelo, um grande homem, mas também o homem mais só e mais atormentado de seu século.

SEGUE

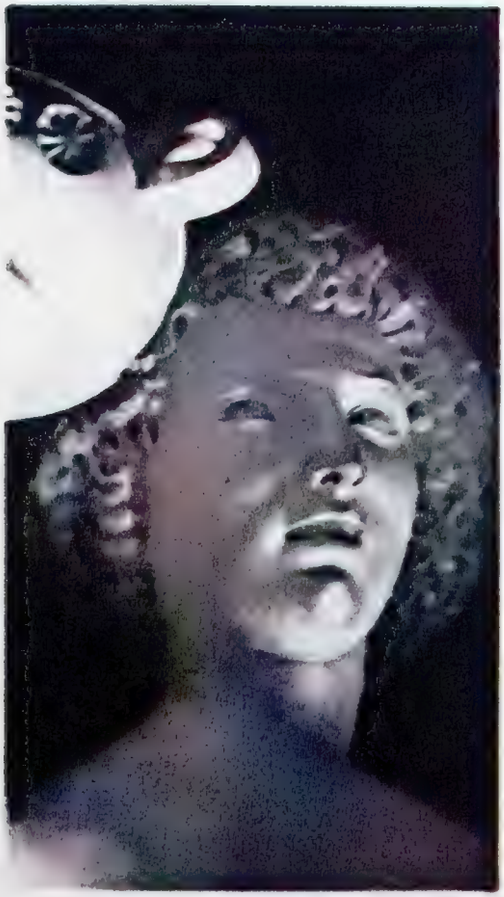
Para o pai êle era um vagabundo sonhador

Detalhe da mão de Juliano, irmão do Papa Leão X. A estátua é considerada como uma obra-prima de modelagem.

De origem humilde, Michelângelo sempre ajudara a família, que, em compensação, nunca compreendeu a grandeza que se escondia nêle. Ludovico, seu pai, era um homem de idéias curtas e via no filho um vagabundo sonhador. Apesar disso, Michelângelo sempre o respeitou e ajudou. Mas nunca o amou. O único símbolo que êle amava realmente era a lembrança da mãe. Ela morrera quando êle tinha apenas seis anos, mas a vida tôda Michelângelo sentiu pela mãe uma saudade invencível. SEGUE

Michelângelo levou dois anos para esculpir Davi. A expressão do rosto é de angústia, na batalha contra Golias.

Seu grande desejo: esculpir uma montanha



Talvez essa lembrança estivesse ao seu lado quando êle modelava madonas de rostos severos, que não baixam os olhos para o Menino-Jesus, mas têm-nos fixados num ponto longínquo, conservando no canto dos lábios a expressão de uma suave melancolia.

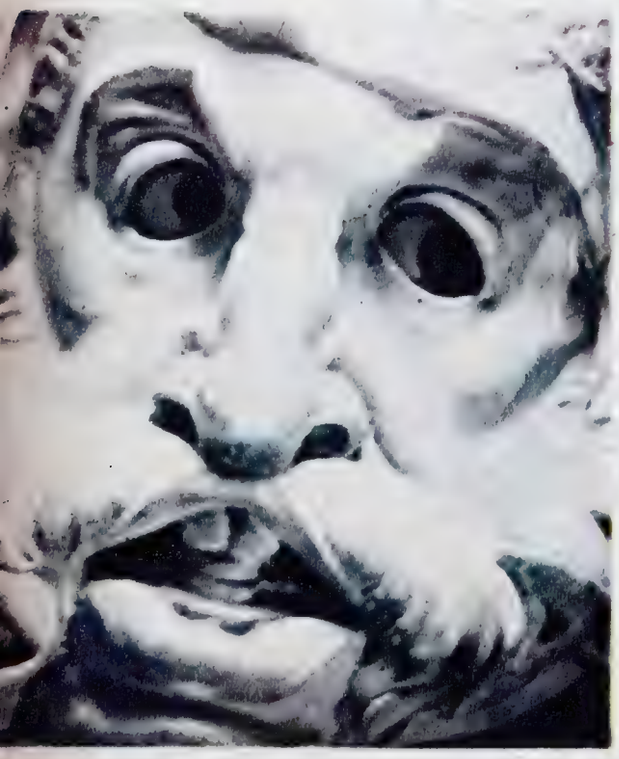
Se Michelângelo tivesse encontrado o amor de uma mulher, talvez fôsse menor a amargura que o fazia sonhar com o rosto pálido da mãe. Mas êle era irremediàvelmente feio, quase disforme e andava sempre doente. A própria feiura torturava-o, pois êle amava a beleza e vivia dela.

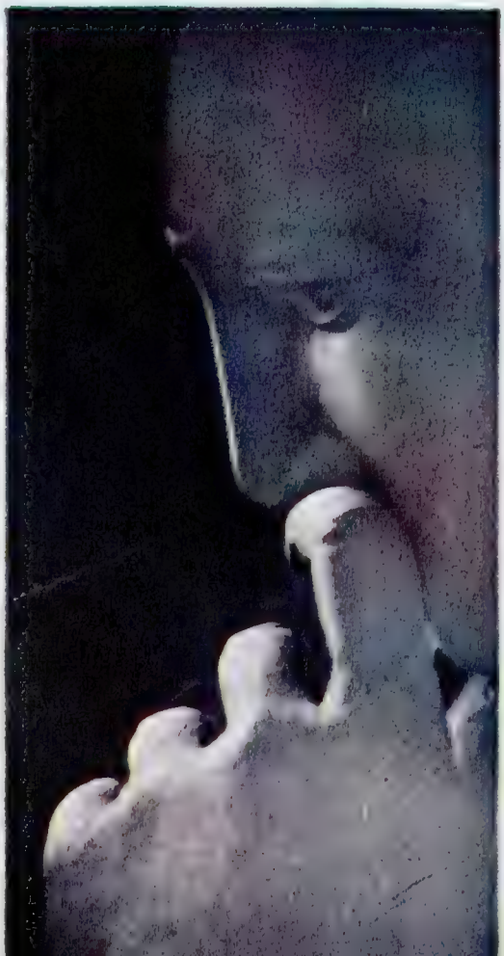
— Minha cara tem a forma do mêdo — dizia.

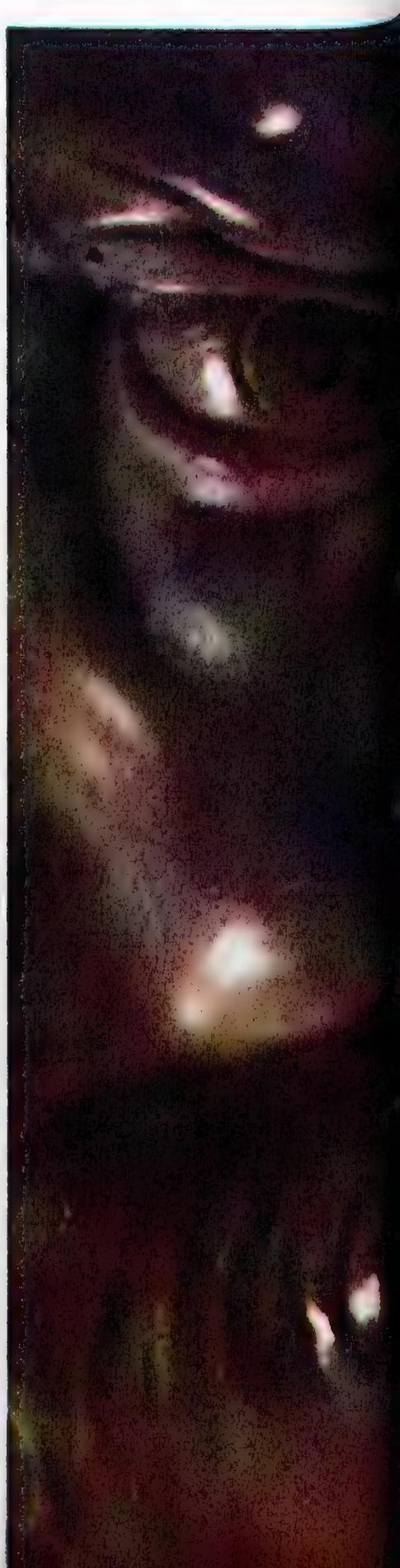
Michelângelo amava qualquer forma de beleza: o céu azul, as montanhas, as flôres, a natureza, a harmonia do corpo humano. Seu desejo era esculpir uma montanha, e criar com ela uma estátua gigantesca de beleza eterna. Nos momentos de trabalho, porém, sentia que nenhuma das imagens que conferia ao mármore correspondia ao ideal que o atormentava. Então ficava aterrorizado e a idéia da fuga voltava a dominá-lo.

Durante anos, Michelângelo arrastou a "tragédia da sepultura" — a obrigação de terminar o grandioso túmulo do Papa Júlio II. Mas não conseguiu. Enfrentava trabalhos sôbre-humanos e consumia-se.

SEGUE







No alto, Baco, deus do vinho, tem o rosto do embriagado. Acima, o horror de um pesadelo. À direita, a figura da meditação.

Moisés: seus olhos acabam de ver Deus no monte Sinai. E o olhar traz todo o mêdo. de ter contemplado o Senhor, face a face.

No fim, o mármore lhe queimava as mãos

Michelângelo trabalhou nesta obra até quatro dias antes da sua morte. Foi a quarta Pietá *do artista e a mais simples de tôdas. As figuras não têm detalhes, a pedra é áspera.*

Nunca achava tempo para comer. Vivia cansado, dia e noite; dormia vestido, fazia os esforços mais violentos numa febre de autodestruição.

Quando fêz os imortais afrescos da Capela Sistina, de 1508 a 1512, estragou a vista, fixando-a contìnuamente para o teto enquanto o gêsso fresco ia pingando em seu rosto. Ficava o tempo todo encolhido no andaime e isso marcou-o fisicamente: andava com a cabeça para cima, as costas arqueadas e o ventre monstruosamente avultado.

Mas êsses sofrimentos eram o preço que êle pagava por criar as imagens que tinham o poder de acalmar sua dor. Acabou amando êsse estado de angústia. E chegou a dizer:

— Mil prazeres não valem um tormento.

Onde êle estivesse — Roma, Florença, Veneza ou Bolonha — na juventude ou na velhice, o pêso da vida e o contínuo pensamento da morte o atormentavam. Para combater êsses fantasmas, êle criava imagens de titãs, como o terrível Moisés, o gigantesco Davi ou as visões apocalípticas. Na vida era um homem tímido, inconstante e vítima de uma dolorosa indecisão. Não sabia fazer com que os poderosos respeitassem suas idéias; era incapaz de recusar uma ordem; e nunca conseguia se defender dos inimigos. Aceitava situações complicadíssimas por não saber tomar uma decisão clara e definitiva. E, quando essas situações se tornavam insuportáveis, só tinha uma maneira de resolvê-las: fugindo.

— Minha alegria é a melancolia — costumava dizer.

Parecia que a tristeza e as inquietudes abriam-lhe o caminho para a inspiração. E nesse sentido Michelângelo é o primeiro artista moderno: um buscador, um pesquisador de profundidades desconhecidas. Um homem assim não podia viver bem em nenhum lugar. Às vêzes se iludia em Florença, onde achava poder encontrar paz e serenidade. Mas quando lá chegava e via os lugares que lhe tinham sido queridos, era invadido por umá nostalgia que se transformava em tormento. Então fugia novamente.

Michelângelo amou sempre, mas nunca foi amado. Quando era môço, apaixonou-se por uma das quatro filhas do Príncipe Lourenço de Médicis. Êsse amor o acompanhou por tôda a adolescência, mas a jovem se casou com um homem da côrte. Mais tarde, amou uma linda mulher de Bolonha, de quem pouco se sabe. E tinha 60 anos quando se apaixonou por Vitoria Colonna, uma das mulheres mais inteligentes de seu tempo. Na mesma época, Michelângelo ficou amigo de um nobre — Tomás Cavalieri, um môço no qual o artista descobriu a beleza ideal do homem. Aos 65 anos, Michelângelo ficou fascinado por uma romana e o problema se resolveu como sempre: sofrimento sem esperança. Mas as mulheres inalcançáveis agradavam seu velho coração, sempre ansioso por chorar desconsoladamente.

No fim de sua vida, porém, alguma coisa crescia nêle, mais forte que a solidão e a angústia: o sentimento do eterno, o mistério de Cristo. Homem de imensa cultura, procurara as raízes da verdade na Bíblia e nas terríveis visões de Dante. Sentia a "horrível tormenta" de sua época. Em Florença, Lourenço de Médicis já recolhera o eco das predições do Frade Savanarola sôbre o fim da cidade esplêndida e sensual. O monge do Norte, Martim Lutero, começara a espalhar sua Reforma, e Roma — a luxuriosa — tremia. Michelângelo compreendeu então que se aproximava o final de um mundo e o comêço de um outro bem diferente.

Embora angustiado pela idéia da morte, doente e sofredor, Michelângelo viveu até os 89 anos. Não teve o final sereno de gênio reconhecido pelos seus contemporâneos, ainda que os seus trabalhos na Capela Sistina tenham sido considerados um milagre. Seus inimigos, entretanto, não o perdoavam. E êle, para combatê-los, trabalhava. O mármore lhe queimava as mãos, por isso quase não conseguia dormir mais. Em sua última obra — a **Pietá Rondanini**, inacabada — trabalhou como um possesso, num quarto frio, escuro e úmido.

No dia 12 de fevereiro de 1564, trabalhou na **Pietá** até a noite. Nos dias seguintes, apanhou uma febre, mas não disse a ninguém. De repente, sentiu vontade de cavalgar, como gostava de fazer quando era menino. Talvez quisesse esgotar a última gôta de seu furor. Mas o frio intenso e a fraqueza de sua cabeça e das pernas não deixaram. Voltou para perto da lareira e encolhilou numa cadeira. Na sala vizinha, seu último mármore permanecia incompleto, inconcluído, esplêndido. Era o dia 18 de fevereiro e o crepúsculo fechou os olhos de quem tinha visto Deus. FIM

...e agora tirar uma foto!!!

De gôsto não se discute, mas num caso dêstes é preciso ter um bom filme. Seria pouca sorte se não gravássemos os mínimos pormenores coloridos desta cena.

O filme Agfacolor reproduz fielmente tôda a gama do colorido da imagem focalizada.

É porisso que recomendamos que esteja sempre prevenido com o filme Agfacolor - Negativo ou Diapositivo.

um produto da Agfa-Gevaert

Há os que se preocupam com a nossa esquerda, os que dizem que ela não existe, os que a levam muito a sério e os que - como Carmen da Silva - preferem examinar o lado leve da questão.

Desenhos de Hamilton de Sou

ESQUERDA, VOLVER!

À primeira vista se diria que o Brasil é, hoje em dia, o país mais esquerdizado da face da Terra. Tirando certo número de pessoas que só querem mesmo é "que tudo o mais vá pro inferno"; tirando alguns românticos que acreditam cegamente nas estatísticas e imaginam viver no melhor dos mundos possíveis; tirando motoristas irritados que se queixam do excesso de liberdade dado a um povo tão indisciplinado como o nosso, o resto é esquerda.

E que rica, que fecunda, que estupenda multiplicidade sob a mesma etiquêta. Em contraste com a frondosidade da canhota, a direita parece afundar-se cada vez mais no limbo do não ser. Pode-se procurar com a lanterna de Diógenes e paciência de elefante ao longo de nossos oito milhões e meio de quilômetros quadrados: de jeito nenhum se encontra um direitista confesso.

Naturalmente, é preciso não se iludir com as aparências. É possível encontrar um indivíduo com uma suástica tatuada no peito, e outra em forma de berloque pendurada no relógio, no chaveiro, na correntinha do pescoço ou mesmo na orelha. É possível vê-lo contemplar amorosamente o retrato de corpo inteiro de algum caudilho colocado no lugar de honra da casa. Talvez êle até utilize a garagem como laboratório para preparar explosivos destinados a defender a liberdade e a pureza da raça, quando os negros, os judeus ou qualquer outra **minoria** tentar engolir a elite ariana do Brasil.

Mas não pense que na hora da autodefinição êle vai bater orgulhosamente no peito e fazer profissão de fé direitista. Até que êle é um homem de centro. Com um leve — ah, levíssimo — matiz de esquerda. Direita, **êle?** Ah, ah! Liberal-democrata está ali.

De modo que, aparências à parte, a direita, entre nós, não existe. Mas é curiosa, é surpreendente, é admirável a coesão monolítica dessa inexistente entidade. A direita não existe mas é una, unânime, uniforme, única, unida. Direita há uma só como a progenitora da gente.

Daí que sejam muito mais interessantes as pluralíssimas esquerdas. Criadas, como os modelos exclusivos dos grandes costureiros, de acôrdo com a personalidade e o gôsto de cada cliente. O individualismo de qualquer brasileiro medianamente imaginativo, culto e bem alimentado não se ajusta à uniformidade cinzenta de uma esquerda de confecção, pronta para ser usada.

Até há pouco tempo ainda era possível encontrar um tênue traço de união entre as esquerdas: certo repúdio intelectual, certa atitude de nariz franzido frente a **isso-que-está-aí.** Mas **isso-que-está-aí** pode descambar para o caminho eleitoral e quem sabe, quem sabe... Os grupos mais agitados baralham futuros candidatos e possibilidades, vislumbram saídas e soluções, badalam o sino antes da missa. E com isso rompeu-se aquêle mínimo ponto de unidade.

Não é fácil descrever as características das principais esquerdas em exercício — por ação, omissão ou falação — no Brasil. Considerações de tempo e espaço, bem como limitações de conhecimentos, obrigam a numerosas exclusões. É preciso esclarecer que elas não foram feitas de má fé nem traduzem preferências pessoais ou antipatias gratuitas. Cada cidadão tem direito à **sua** esquerda. E cada esquerda o direito de ter o **seu** cidadão.

A esquerda festiva é um gênero no qual cabem infinitas espécies e subespécies. Popularizou-se a tal ponto que até ganhou abreviatura: já ninguém diz o rótulo inteiro. Falar **esquerda festiva** é mostrar que se está por fora: os atualizados dizem apenas a **festiva.**

Muita gente acredita que a festiva é apenas um estado de espírito. Um estado de espírito propício às libações alcóolicas, ao papo amigo que se prolonga noite adentro, à presença em certas boates e gafieiras, à esporádica eclosão de alguma idéia mais ou menos brilhante, a um difuso e enternecido sentimento de simpatia pelos oprimidos. Coitados, êles também são gente.

Mas isso não é tudo. É certo que qualquer pessoa com adequada disposição de ânimo pode ingressar nas alegres e acolhedoras hostes da festiva. Mas será admitido apenas nas fileiras, como soldado raso. Bebendo, talvez, o mesmo uísque, emborcando o mesmo chope gelado, freqüentando os mesmos bares, as mesmas gafieiras e as mesmas reuniões em apartamentos da Avenida Atlântica ou da Vila Buarque, onde todo mundo senta no chão, fala de tudo um pouco e canta coisas moderninhas. Gozando, enfim, dos mesmos privilégios que o estado-maior (da festiva). Os mesmos privilégios menos um: a notoriedade.

Para ser notório dentro da festiva é preciso dominar certas técnicas de comunicação em massa. Não importa tanto **o que** se comunica, nem **a quem,** contanto que seja bem participante. A questão é atingir o maior número possível de pessoas por via da sensibilidade estética, é fazer criação engajada, mesmo que a mensagem social se perca no caminho.

SEGUE

O festivo que aspira à notoriedade tem de compor, tocar, cantar, poetar, recitar, mimicar, escrever, editar, representar, dirigir, filmar, pintar, expor — enfim, fazer algo mais que piadas contra o Govêrno. Êle tem de tanger fibras sensíveis, provocar reações emocionais e intelectuais, encampar protestos, propiciar desabafos, suscitar um arrepiozinho gostoso de vibração estético-política ao longo da espinha dorsal do povo.

O povo, em geral, é o pequeno burguês que se entusiasma no teatro (a quatro mil cruzeiros a poltrona) ao ouvir o brado de insubornável coerência: "Mas eu não mudo de opinião!" No caso, a opinião imutável é apenas a seguinte: num barraco do morro se está mais pertinho do céu.

O povo é a jovem universitária batendo o ritmo com suas delicadas mãos e gritando que ela já não está disposta a plantar para dividir; ah, isso ela não faz mais não.

O povo é o filhinho-de-papai ligeiramente transviado (a ambigüidade aqui é proposital: o transviado pode ser tanto o papai como o filho); é a decorativa espôsa do burguês; é o brôto sofisticado que costuma ser visto **circulando** nos clubes com piscina; é a turma que entre **monkey** e **surf** entoa lânguidamente: "Vou pedir ao meu babalorixá pra pôr pra trabalhar gente que nunca trabalhou".

O povo mesmo — o proleta, o Zé Marmita, o desempregado, o barnabé-miúdo, o trabalhador rural (será que êle **existe** mesmo?) — de nada fica sabendo. Assim as mensagens da festiva se propagam em ondas concêntricas, perdendo fôrça à medida que se afastam do centro de emissão.

Mas de repente, em vez de pedrinha que provoca delicadas ondulações, o que se joga na água é um paralelepípedo: "Pega, mata e come!" A esquerda engrossou. Então a direita que, muito mineira, trabalha em silêncio (exemplo digno de ser seguido, aliás) entra imediatamente em cena e trata de diluir tudo. Apropria-se do clamor, registra-o em seu nome num escritório de marcas e patentes e lança no mercado um tipo de ração balanceada para pombas, com o rótulo comercial de **Carcará.** Produto inteiramente nacional, fabricado no Brasil sob licença. E as pombinhas passam a se alimentar de carcará.

Espécie pertencente ao gênero da festiva, a esquerda de alambique se divide em duas subespécies: a escocesa e a nacionalista.

Os festivos sabem tocar, cantar, representar e filmar

A esquerda escocesa tem um paladar especialmente refinado. Em matéria de uísque, suas vísceras se encolhem de desgôsto ao mero odor da grosseira contrafação tupiniquim. Abrem-se, porém, receptivas e ternas, ante o genuíno **scotch.** O barulhinho do gêlo contra o copo tem mais eco em seus ouvidos que o troar das bombas no Vietnã. Questão de distância e sensibilidade.

Os membros da esquerda escocesa são recrutados entre os da festiva que venceram na vida. Evidentemente, é preciso ter vencido na vida — não em têrmos esquerdistas de auto-realização, mas em têrmos burgueses de ganhar um bom tutu — para garantir o **scotch** legítimo.

O efeito combinado dos dois fatôres — o triunfo econômico e as reiteradas doses de uísque tomadas noite a noite (e às vêzes também nos intervalos diurnos) tendem a atenuar o primitivo fervor esquerdista. Enquanto a cirrose floresce, o ímpeto revolucionário decresce. A direita — una e unânime — descobriu uma forma excelente, uma espécie de guerra bacteriológica, para pôr fora de combate a esquerda escocesa: instituiu o contrabando de uísque em larga escala.

A ala nacionalista da esquerda de alambique consome (proletàriamente, como convém) uísque verde-amarelo, batidas, pinga. Não constitui, como supõem alguns, a linha branda da esquerda escocesa. Segundo esta, as divergências entre os dois grupos não são apenas de forma, mas sim de natureza doutrinária e, portanto, insuperáveis. Vai mais longe ainda a escocesa: diz que beber uísque nacional e pinga não é linha branda, linha mole, linha frouxa ou corda bamba: é uma imperdoável falta de linha.

A esquerda de alambique pode ser vista em apartamentos, bares, boates e infernínhos. Rosto entumecido, olhos estriados de vermelho (como convém), mãos algo trêmulas, voz rouca remoendo algum refrão revolucionário, do tipo "deixa estar, jacaré, a lagoa há de secar". Não nos enganemos com o ar melancólico que preside suas libações: êles estão bebemorando antecipadamente o triunfo da Causa.

Porém nunca encontraremos nos mesmos lugares os elementos da linha escocesa e da linha (ou falta de linha) indígena: luta de classes é para ser tomada a sério.

A esquerda salivista é a espécie menos festiva dentro da festiva. Também freqüenta apartamentos moderninhos, bares e botecos. Não despreza os produtos de alambique mas não chega ao extremo de elevá-los à categoria de bandeira ideológica. Seu vício é o papo interminável que acende fogueiras revolucionárias no sangue.

Seus membros são, em geral, jovens pálidos, mal barbeados e bem informados. Estão a par da última fofoca: **X** e **Y** vão romper, Fulano vai retirar o apoio a Cicrano, amanhã sai nova lista de cassações, em Orobó Grande está sendo preparado um movimento insurrecional, na semana que vem vai faltar carne e açúcar.

Conhecem Geografia, História, política e estratégia. Estabelecem comparações entre as potências ocidentais de hoje e o Império Romano. Dir-se-ia que conviveram com Lênine, que roeram juntos o pão do exílio, traçaram planos, sofreram, conspiraram, lutaram e até dormiram juntos. Desenham no guardanapo um mapa da África, indicam com precisão matemática onde ocorrerá o próximo golpe fomentado pelos americanos (gráfico para demonstrar), como seria possível neutralizá-lo mediante um movimento de pinças (gráfico), assegurando, ao mesmo tempo, o necessário apoio logístico (gráfico).

Enfim, sabem um bocado de coisas. Em matéria de economia, analisam a fundo os erros de Estálin ou Kruchev, discutem a implantação de técnicas capitalistas nos países socialistas; debatem teorias, mas no momento de pagar o sanduíche e o modesto drinque, habitualmente se vêem em apêrto. Não os subestimemos por isso: essa defasagem entre a teoria e a prática, entre o planejamento e a realidade concreta, não desabona ninguém. Ao contrário: até dá fama de inteligente.

A esquerda picareta é uma esquerda que não mata, mas pega e come. Pega as **bôcas** que se apresentarem. Uma assessoria aqui. Um emprêgo ali. Uma nomeação acolá. Um papel num teatro progressista, que dá cartaz. Um bico na redação de uma revista engajada, como oportunidade para "difundir idéias" e se projetar.

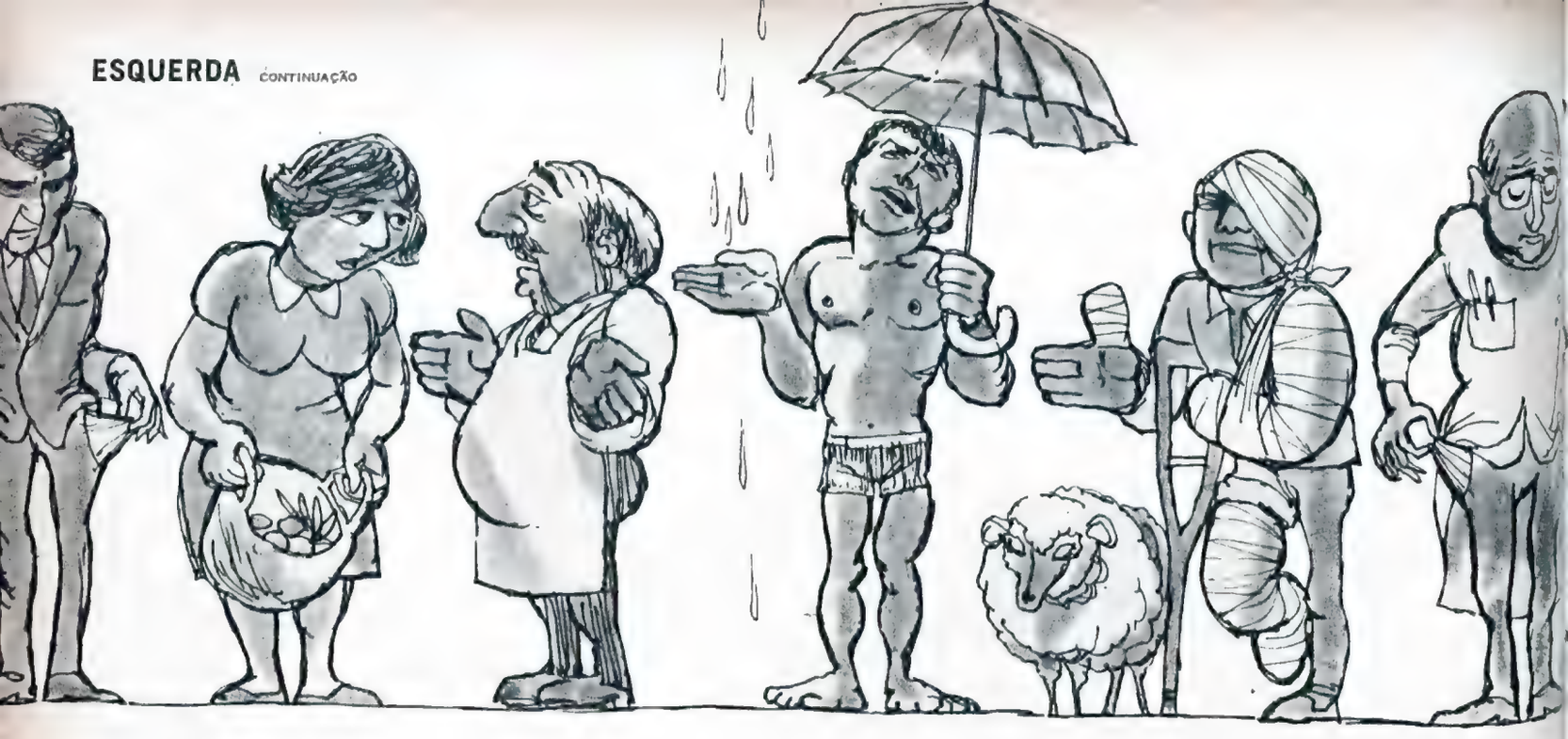
O cartaz feito no teatro progressista ajuda a escalar os palcos dos teatros conformistas. A redação da revista engajada serve de trampolim para o jornal reacionário mas bem pagante. A partir de uma pequena assessoria, êle — o membro da esquerda picareta — vai se insinuando, vai sendo simpático, eficiente, modesto — o homem do sorriso oportuno, da lisonja sutil, da opinião sensata, o homem, enfim, destinado a fazer carreira.

As grandes bôcas, evidentemente, exigem grandes concessões. Tão grandes e clamorosas que, a certa altura, se acabou o esquerdismo e só ficou sobrando a picaretagem pròpriamente dita. Mas isso êle nunca admitirá ante os antigos correligionários: quem lhe garante que as coisas não vão virar? Seu argumento justificativo é a necessidade de infiltração. Sem êle o ministério (ou o instituto, o organismo, a superintendência, a autarquia, a redação, o canal, a emissora, a emprêsa) ficaria inteiramente nas mãos da direita.

Sejam quais forem as guinadas que a política venha a dar, êle sempre poderá se aproximar dos que ficarem por cima, baterlhes no ombro em gesto fraterno: "Eu, que tenho acompanhado vocês desde os árduos começos..."

A outra esquerda é a amorosa. Mas sejamos justos: os homens dessa esquerda não são mais libidinosos que os homens de outras denominações ideológicas e mesmo os apolíticos.

SEGUE



Cabe muita gente na fila dos que pedem o impossíve

O que êles têm são pretextos mais interessantes. De Dostoiewski a Marx, tudo favorece suas conquistas.

Para começo de conversa, êles são materialistas. Ora, carne é matéria. Então, por uma questão elementar de coerência ideológica, não podem desprezar certos **materiais** que andam por aí. Um corpo feminino bem planificado, racionalmente distribuído, ostentando uma perfeita síntese dialética de saliências e reentrâncias não pode ser propriedade privada em mãos de sua dona. Ou de terceiros.

A interpretação que o homem da esquerda libidinosa dá à teoria do amor livre é a seguinte: a mulher é livre de amar à margem das convenções, livre de sacudir recalques e hipocrisias pequeno-burguesas, livre de dispor de seu corpo. Mas tudo isso a favor dêle. A propalada liberdade não vai mais longe: direito de escolha, que é bom, ela não tem. Se a mulher fôr esquerdista e bonita (e quem quer **bagulhos** na esquerda?) sua negativa é uma atitude injustificável que, em última instância, só virá favorecer a causa da reação. Ao dizer **não** ela reforça o imperialismo, consolida o latifúndio, opõe-se à luta de classes e, além do mais, revela-se absolutamente quadrada.

Às vêzes pega. Principalmente com mocinhas de família rica, esquerdistas de conversão recente, que têm de se fazer perdoar o Karmann Ghia, a piscina de casa e outros pecadinhos menores.

O libidinoso-romântico se caracteriza por dedicar quantidades ilimitadas de horas (especialmente noturnas), paciência e saliva para catequizar alguma burguesinha bonita que, bem **trabalhada,** promete vir a ser um elemento muito aproveitável. Que ninguém lhe peça tanto esfôrço e constância para politizar setores mais amplos ou de maiores potencialidades revolucionárias: êle não está a fim de perder tempo com barbado.

A esquerda desanimada é uma esquerda que parece padecer de avitaminose. Assemelha-se às outras por ser igualmente não-atuante, mas dela se distingue por não ser nada estuante.

Vê-la reunida e discutindo é assistir a um verdadeiro festival de masoquismo. Parecem perdidos no mato sem cachorro e sem esperanças de salvação. Argumentam, debatem, suspiram e fecham cada frase com o que constitui seu **slogan** favorito: "Não se pode fazer nada". A direita é forte, coesa, bem armada e, atrás dela, estão os **marines,** ardendo por intervir. A esquerda, por sua vez, não tem liderança, dinheiro, armas, unidade, fôrças, disposição, nada, nada. E o povo... ah, nosso povo não presta, não se pode contar com êle, é resignado, covarde, manso, carneiro. Pode ser que daqui a uns 20 anos... e aí êles tiram o vidrinho do bôlso e tomam um comprimido fortificante para poder agüentar a discussão até o fim.

E êles falam de cifras estarrecedoras sôbre a desintegração das emprêsas nacionais. Ou contam do amigo que, apesar de militar nas fileiras opostas, é boa praça e já lhes advertiu que se cuidassem, pois nos próximos dias a repressão vai apertar.

A geografia da esquerda desanimada começa na América Latina e acaba na Indonésia. Seu provérbio predileto é hindu. "Senta-te à soleira da porta e verás passar o cadáver do teu inimigo". Seu herói-símbolo é brasileiro: Jeca Tatu.

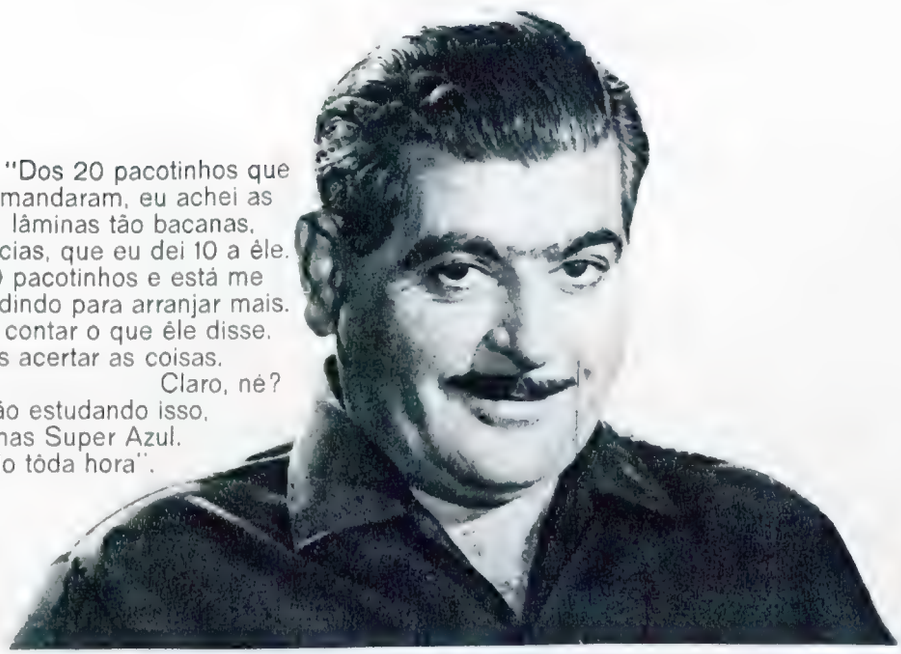
Estamos muito longe de ter esgotado a enumeração das diversas esquerdas brasileiras. Como já dissemos, elas abarcam tal pluralidade de linhas, matizes, odôres, denominações, tipos e bossas, que um razoável "quem é quem" teria milhões de verbetes — o que excede nossas fôrças.

E de uns dois anos para cá as adesões vêm crescendo dia a dia. Surge agora uma esquerda miscelânea, formada por todos os descontentes, os deslocados, os protelados, os políticos sem cargo, os civis sem chance, os comerciantes que estão vendendo menos, as donas de casa que estão rezando mais, os flagelados das enchentes, os acidentados do trânsito, os cariocas que não podem ir à praia domingo porque faz mau tempo, os funcionários, os inquilinos, os aposentados, os que pagam impôsto de renda, os que não têm renda, os professôres sem cátedra, os estudantes sem vaga, os intelectuais sem intelecto, os líderes sem povo e o povo sem líderes, os que lêem estatísticas e os que até já desistiram de ler jornais. Esquerdistas, hoje em dia, são todos os que, por um motivo ou outro, por razões objetivas ou subjetivas, estão pedindo o pescoço do Govêrno. Mas êste sabe, com a certeza dos fortes, que isso, precisamente, ninguém vai conseguir.

FIM

Pepe Gordo diz que não conta o que o môço famoso achou destas lâminas.

"Dos 20 pacotinhos que
vocês mandaram, eu achei as
lâminas tão bacanas,
tão macias, que eu dei 10 a êle.
Êle já usou os 10 pacotinhos e está me
pedindo para arranjar mais.
Mas eu não vou contar o que êle disse.
Primeiro precisamos acertar as coisas.
Claro, né?
Enquanto vocês vão estudando isso,
mandem mais lâminas Super Azul.
O môço tá me cobrando tôda hora".



Pepe Gordo, que também é famoso.

A lâmina Gillette Super Azul desliza com tanta suavidade e custa tão pouco, que é muito mais vantagem fazer a barba em casa.

Algo mais dos Revendedores Shell para você

O que tôda mulher que costuma dirigir sòzinha deve saber sôbre seu carro

AQUI ESTÃO alguns conselhos e sugestões para motoristas do sexo frágil. Não são informações técnicas. Mas são conselhos que podem economizar seu tempo e evitar-lhe problemas.

1. O QUE FAZER QUANDO O SEU CARRO NÃO PEGA

Primeiro, verifique o óbvio. Você tem gasolina? (Se não tem, não se sinta envergonhada - mais de 5.000 motoristas ficam sem combustível todo dia).

Se o carro possui transmissão automática, certifique-se de que a alavanca seletora de marchas está exatamente no lugar certo.

Então, apague as luzes, rádio, aquecedor, tudo o que fôr elétrico. Isto impede descarga da bateria. Também é boa idéia pressionar o pedal do acelerador até o fim - ràpidamente - logo antes de dar a partida.

Agora, tente o arranque novamente, em partidas de 2 ou 3 segundos cada. Ainda não pegou? Faça uma pausa de três ou quatro minutos. Tente novamente - desta vez com arrancadas ligeiramente mais demoradas. Se o carro continua sem pegar, é porque necessita de assistência mecânica especializada.

2. COMO O SEU MARCADOR DE ÓLEO (manômetro) PODE AJUDÁ-LA A EVITAR SÉRIOS CONTRATEMPOS

O marcador de óleo indica a pressão sob a qual o óleo está sendo bombeado através do motor. Se o seu carro não tem marcador, êle tem uma luz que acende quando a pressão do óleo está baixa. A luz pode acender quando o motor estiver trabalhando em marcha lenta. Não se preocupe. Está bem. Mas, se a luz se acende com o carro andando em velocidade normal - ou se o ponteiro do marcador cai repentinamente - você está recebendo um aviso.

Baixa pressão do óleo indica problemas sérios e pode causar ràpidamente grandes danos ao motor. Mande examiná-lo imediatamente.

3. NUMA TEMPESTADE COM RELÂMPAGOS E RAIOS, SEU CARRO É UM DOS LUGARES MAIS SEGUROS QUE EXISTEM

Portanto, não se aterrorize se há relâmpagos e raios ao redor de si. Quando a chuva começar a cair, diminua a velocidade e guie com cuidado. Se a chuva fôr tão intensa que você não possa ver bem, estacione no acostamento e espere que a tempestade passe. NOTA: se você parar, não o faça debaixo de uma árvore ou num lugar sujeito a desmoronamento.

4. UMA IMPORTANTE INFORMAÇÃO QUE SEUS FREIOS PODEM LHE DAR E O QUE FAZER A RESPEITO

Quando o carro estiver parado, pressione fortemente o pedal do freio. Se o pedal estiver parecendo "mole" ou descendo lentamente até embaixo, há algum problema com o freio que pode lhe causar surprêsas desagradáveis.

Quando você realmente precisar dos freios, pode ser que êles lhe falhem. Procure imediatamente o Pôsto Shell mais próximo, para uma verificação

5. COMO EVITAR FICAR TRANCADA DO LADO DE FORA DO CARRO

Esconda uma chave extra do carro em algum lugar "secreto" fora do mesmo. Tem de ser um lugar cujo acesso seja permitido mesmo com tôdas as portas trancadas.

Outro conselho para evitar aborrecimento e confusão: tenha no porta-luvas algumas fichas para telefone público. Elas lhe serão úteis caso você se veja obrigada a pedir ajuda se o seu carro apresentar algum defeito inesperado.

6. O QUE FAZER QUANDO O RADIADOR FERVER

Um radiador fumegando não é motivo para grande alarme. Mas signi-

fica que há bem pouca água no radiador - e isso é grave para o motor. O mais importante é ficar calma. Estacione no meio-fio ou acostamento. Desligue o motor. Abra o capô.

Se não houver água por perto para encher o radiador, espere 15 minutos para deixar o motor esfriar. Então dirija cêrca de um quilômetro e meio. Pare e deixe o motor esfriar durante outros 15 minutos. Repita isso cada quilômetro e meio - até encontrar auxílio. É monótono, mas pode livrá-la de um enguiço sério.

Se houver água, espere 15 minutos após desligar o motor. Então calce uma luva grossa ou enrole um trapo na mão. Ajuste o mais possível e gire a tampa lentamente até sentir o primeiro "click". Espere até a pressão cair - isto é, até que pare de chiar e borbulhar.

Depois, retire a tampa, ligue o motor e deixe-o trabalhando em marcha lenta. Coloque então a água lentamente. Se não possuir um recipiente apropriado, lembre-se que a calota da roda pode servir também. Recoloque a tampa, feche o capô e ponha-se a caminho. No primeiro Pôsto Shell peça para examinarem o radiador e as mangueiras. Nos motores refrigerados a ar a refrigeração é feita através da correia que aciona também o dínamo. Se esta correia arrebentar acenderá uma luzinha no painel. Caso isto aconteça encoste o carro imediatamente e tente obter ajuda de um outro motorista. Lembre-se que uma correia de reserva é indispensável.

7. O QUE FAZER EM CASO DE EMERGÊNCIA NUMA RODOVIA

Se um pneu furar, ou se alguma "coisa estranha" estiver acontecendo com o motor, pare o carro no acostamento - sempre no acostamento. Abra o capô e o porta-malas do carro. Isso indicará a qualquer outro motorista que você está em dificuldades. Fiqüe junto ao carro, mas também no acostamento. Muitas rodovias são patrulhadas pela Polícia Rodoviária ou pelo DER. Não se acanhe em lhes pedir auxílio ou a algum outro motorista que passar.

8. COMO REDUZIR QUASE À METADE AS POSSIBILIDADES DE ENGUIÇO

Pneus furados, baterias descarregadas e falhas no sistema elétrico são responsáveis por 45% de todos os enguiços automobilísticos.

O seu Pôsto Shell pode ajudá-la a evitar êsses defeitos. Mande revisar seu carro regularmente num Pôsto Shell. Afinal, servir é nosso negócio.

OS REVENDEDORES SHELL DERRUBAM UM MITO SÔBRE MANUTENÇÃO.

NÃO É VERDADE QUE CARROS NOVOS PRECISAM SER "AMACIADOS" EM BAIXA VELOCIDADE.

É comum dizer-se que carros novos precisam ser "amaciados". Você é prevenido para dirigir a menos de 70 Km/h, pelo menos durante os primeiros 2.500 quilômetros.

Hoje, os entendidos recomendam que você leve seu carro para uma estrada sempre que puder e dirija-o à velocidade máxima permitida durante algum tempo. Isto condicionará o motor do seu carro a uma faixa de velocidades diferentes - e ajudará as peças de alta precisão a durarem mais.

Esta é a verdade. Você pode contar com o seu Pôsto Shell para fatos reais e trabalho honesto. Visite-o regularmente.

SHELL

ALGO MAIS PARA SEU CARRO E VOCÊ.

FEITIÇO BRASILEIRO VAI A LONDRES

— Se mandinga vencesse jôgo, o campeonato baiano terminaria sempre empatado.

A frase é do comentarista esportivo João Saldanha, ateu declarado. Mas, quando dirigia o time do Botafogo, Saldanha tinha o cuidado de ir a todos os jogos com a mesma camisa, a camisa da sorte. Pois a mandinga está acima de tôdas as crenças e filosofias, ligada intimamente à história do futebol brasileiro. E todos quantos venham a enfrentar a nossa seleção já devem estar sabendo que contra êles não estarão em campo apenas os melhores jogadores do Brasil. Na Copa entrará também uma das nossas mais requintadas artes: a mandinga

Texto de Milton Coelho

Fotos de Nélson Di Rago

Amarildo vai com seu charuto

Nesta Copa, assim como na Suécia e no Chile, a superstição faz parte da bagagem brasileira que vai à Inglaterra. Desde a roupa única — paletó marrom e calça cinza — que deu sorte em 1958 e acabou virando uniforme — até à misteriosa estratégia de Aluísio, o roupeiro da seleção. Êle repete para a CBD o que faz no seu clube, o Botafogo: na hora do jôgo, coloca papèizinhos com números cabalísticos dentro da chuteira de certos jogadores. E, na véspera, quando Aluísio desaparece, todo mundo sabe que está convocando a **linha auxiliar.**

A seleção vai contar também com fluidos positivos do comandante Bugner, pilôto dos aviões que levaram os brasileiros às duas Copas anteriores. Nos corredores da CBD pode-se ouvir, ocasionalmente, uma lamentação sôbre o fim da Panair. Mas acredita-se que a mudança de companhia de aviação não venha complicar as coisas, pois Bugner ainda será o pilôto e sua barba estará do mesmo comprimento que das outras vêzes.

Na Inglaterra, os 11 jogadores entrarão no campo com o pé direito e fazendo o sinal da cruz. Com Gilmar já se sabe o que vai acontecer. Êle é um dos goleiros mais frios que o Brasil conheceu; porém, se o tempo não estiver bom e Gilmar tiver que vestir outra camisa por baixo, ela terá o número 13. Altair levará amarrado na barriga um misterioso barbantinho. Brito, se jogar, trocará de camisa no intervalo do primeiro para o segundo tempo. Quase todos terão cordões no pescoço, carregando medalhinhas: Nossa Senhora da Aparecida (Silva, Gilmar Pelé); São Jorge (Garrincha e Servílio); São Judas Tadeu (Paulo Henrique); Agnus Dei (Belíni); um 13 de ouro (Gérson); um medalhão de Nosso Senhor Jesus Cristo (Amarildo). Êste levará também seu lendário charuto. Êle nega a existência do talismã, mas muita gente jura em contrário. E são contadas histórias, lembrando como Amarildo conquistou um lugar no quadro principal do Botafogo, com as contusões seguidas de Neivaldo, Braguinha e Quarentinha. O charuto teria funcionado no Chile também, quando Jair, Pepe e Pelé se machucaram, dando chance para Amarildo entrar. Ainda que a prova da mandinga não exista, a verdade é que a carreira de Amarildo é um modêlo de boa sorte. E isso, provàvelmente, não foi uma das menores razões para a CBD ir buscá-lo na Itália.

Para a Inglaterra, mais uma coisa está prevista: nenhum dos conhecidos **pés-frios** terá entrada na concentração. O único risco é o surgimento de um azarento ainda não revelado. João Havelange, por exemplo, cujo nome é sussurrado com temor por alguns jogadores, arrisca todo o seu passado (e talvez o futuro) de esportista, ao aceitar a atribuição de substituir Paulo Machado de Carvalho, que tem fama de homem de sorte. Para agravar, Havelange nunca foi a uma Copa e ninguém conhece as suas **influências.**

E, dizem, nenhum brasileiro — na tribuna de imprensa ou nas arquibancadas — ousará deixar de usar a mesma roupa com que assistir à primeira vitória. Enquanto isso, do lado de cá do Atlântico, de Norte a Sul do País, haverá figas, galinhas mortas, garrafas de cachaça e charutos acesos espalhados em milhares de encruzilhadas.

Todos são supersticiosos

Nílton Santos — bicampeão do mundo que fêz 87 partidas pela seleção brasileira — diz que não há jogador, técnico ou cartola sem superstição. Quase todos os craques, entre êles Ademir, Barbosa e Oberdan, dizem a mesma coisa. Por mais incrédulo que o profissional queira parecer, prefere não desafiar os mistérios da sorte e do azar. Um dêsses casos é o do técnico Zezé Moreira, que sempre insiste com seus jogadores:

— Êsse negócio de sorte e azar não existe. Superstição é ignorância, um atraso de vida.

Mas os fatos vieram contrariá-lo: em 1958, na Suécia, Zezé assistiu a todos os jogos da seleção brasileira, menos o último e decisivo, porque tinha um compromisso no Brasil. A partida foi ganha. Em 1962, êle estava no Chile e desta vez não tinha qualquer compromisso, no Brasil ou em outro lugar. Antes do último jôgo, porém, tomou o avião de volta. O Brasil foi bicampeão.

Antes do jôgo, êste goleiro dá uma volta no juiz, batendo bola.

O diretor do Vasco da Gama, Antônio Monteiro, tem uma frase histórica a respeito de **simpatias:**

— Agora não temos mais superstições em nosso clube. Quando o time perde, é porque não estava em seu dia de sorte.

O Vasco carregou a maior praga do futebol brasileiro. Na noite de 29 de dezembro de 1937, o time foi enfrentar o modesto Andaraí, no campo do Fluminense. No caminho, o ônibus que levava os jogadores deu uma trombada. Enquanto o Vasco resolvia o problema o Andaraí esperava por êle, debaixo de chuva, no estádio da Rua Álvaro Chaves. Podia se valer do regulamento para ganhar os pontos do jôgo, se o Vasco não entrasse em campo dentro do tempo regulamentar, ou obrigar o adversário a pôr um time qualquer em campo. Todavia, com elegância e esportividade, o Andaraí esperou que o Vasco chegasse. Começou o jôgo e os vascaínos esqueceram a gentileza. Sem a menor contemplação, foram enfiando um gol atrás do outro nas rêdes do adversário. No final, o placar marcava 12 a zero. Ao sair do campo, sorridentes, os vascaínos nem prestaram atenção no ponta Arubinha, do Andaraí, conhecido macumbeiro, que, no banco dos reservas, se ajoelhou e bradou aos céus: "Se existe um Deus, vocês pagarão isso muito caro".

Alguns dias depois, correu o boato de que o Arubinha enterrara um sapo no campo do Vasco e rogara uma praga terrível: durante 12 anos o Vasco não seria campeão. Em São Januário, todo mundo riu da história. Mas passados alguns anos ninguém ria mais. O Vasco tinha um grande quadro, todos o apontavam como o melhor do Rio, mas campeonato que é bom, nada. Em 1943, com o título quase na bôca, levou uma surra de seis a dois do Flamengo. Então a diretoria decidiu levar a sério a praga do Arubinha. Mandou chamar Oscarino, antigo craque e conhecedor profundo de macumba. Oscarino percorreu o campo de São Januário inteiro com uma varinha, que — segundo êle — localizaria o sapo maldito. Nada.

Até vela acesa e enterrada sob a meta do adversário já foi usada para se conseguir a vitória.

O Vasco entrou com um time de arrasar no campeonato de 1944, mas perdeu as faixas outra vez no jôgo decisivo contra o Flamengo. A essa altura a diretoria não conversou mais: mandou um trator revolver todo o gramado ao mesmo tempo em que entrava em contato com o Arubinha.

— Vamos esquecer aquela história, você agora vai trabalhar aqui no clube com um bom ordenado. Só tem uma coisa: onde é que está o sapo?

Arubinha disse que, na verdade, não enterrou sapo nenhum e prometeu retirar a praga.

O Vasco conquistou o campeonato de 1945, invicto.

A praga do Mangueira

Antes disso existira outra praga célebre no futebol carioca. Em 1909, o Botafogo foi jogar contra o Mangueira, no campo dêste. Como estivesse desfalcado dos seus melhores jogadores, o Mangueira decidira entregar o jôgo:

— Vocês ganham os dois pontos mesmo sem jogar — propôs — porque nosso time está muito fraquinho e não queremos ser desmoralizados por uma goleada.

Os botafoguenses, porém, tinham feito uma longa viagem e não queriam voltar sem o gostinho da bola.

— Que nada, vamos fazer um joguinho de amigos. Só para brincar.

O Mangueira acabou indo na conversa e entrou em campo. Para apanhar pelo maior escore já registrado no futebol carioca: 24 a zero. Mangueira chorou naquela noite, mas o Botafogo ia chorar muito mais.

— Durante 20 anos vocês hão de sofrer — praguejou o diretor mangueirense.

A maldição foi de efeito retardado. O Botafogo ainda conseguiu conquistar o título de 1910, mas só em 1930 conheceu novamente a mesma alegria. E, até hoje, quando se fala em Mangueira na sede da Rua General Severiano, alguém bate discretamente na madeira mais próxima.

O Bangu, nos últimos anos, teve pelo menos três chances de ganhar o campeonato e sempre perdeu no jôgo decisivo. Seus diretores dizem que é fatalidade, mas alguém já lembrou que, em 1948, foi demitido do clube o sapateiro — conhecido como **Aleijadinho.** E que êle, julgando-se injustiçado, enterrou uma bola e uma maldição no campo de Padre Miguel.

— Enquanto a bola estiver lá — afirma o **Aleijadinho** em rodas de botequim — o Bangu só poderá ser vice. E olhe lá.

Em 1960, o América conquistou o título seguindo uma superstição única na história do futebol. Na sexta-feira anterior ao primeiro jôgo do campeonato, o time foi assistir a uma revista no Teatro Rival. No domingo, venceu. Daí em diante, tôdas as sextas-feiras o time comparecia ao Rival, assistindo à mesma peça semanas a fio.

Carlito, o número 1

O supersticioso n.º 1 do futebol brasileiro é Carlito Rocha, ex-diretor do Botafogo. Carlito tinha um princípio básico: tudo o que acontecia em dia de vitória não devia ser modificado. Com isso, a chegada do Botafogo para qualquer jôgo se transformava num ritual cada vez mais complexo. O itinerário do ônibus que leva o time para o Maracanã, por exemplo, até hoje tem que ser sempre o mesmo. Uma vez o ônibus foi detido por um guarda de trânsito — a mão da rua em que êle ia entrar tinha mudado. Seria preciso dar marcha à ré e pegar a rua seguinte. O vozeirão de Carlito logo se ergueu:

— Nosso time não anda para trás. Vamos a pé.

Carlito tinha tantas medalhinhas e patuás, que mandou fazer um grande alfinête de fralda, em ouro, no qual prendia todos os seus talismãs.

Ao chegar a um campo adversário, êle dava sempre 50 cruzeiros ao porteiro do clube e, no vestiário, espalhava um quilo de açúcar pelas paredes. Êle próprio preparava as gemadas dos jogadores e, depois, limpava as mãos na cabeça do craque mais próximo. Uma vez, na praia, o jogador Patesko, de brincadeira, urinou na perna do ponta-direita Álvaro Marieta. À tarde, Álvaro marcou dois gols, coisa que nunca acontecera antes. Resultado: durante muito tempo Álvaro teve que deixar Patesko fazer pipi em suas pernas nas manhãs de jôgo.

Cada jogador de defesa levava dentro da chuteira um papelzinho com o nome do adversário que teria de marcar.

— Assim você já entra em campo por cima dêle — explicava Carlito.

O Botafogo tinha em sua sede belíssimas e caras cortinas de bordado. Antes de sair para qualquer jôgo, Carlito dava nós em cinco cortinas e dizia que era para **amarrar** a linha adversária.

Os macumbeiros da cidade procuravam a todo custo aproximar-se de Carlito. Mas só um dêles — o **seu** Afonso — chegou a conquistar-lhe a total confiança. Carlito dava-lhe 200 cruzeiros em cada jôgo para **ajudar** o time a ganhar. Numa ocasião, o Botafogo foi excursionar pelas Américas e já tinha obtido quatro fáceis vitórias quando **seu** Afonso apareceu na sede e disse a Carlito:

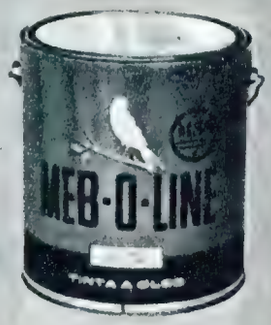
— Olhe, seu Carlito, o senhor já está me devendo 800 pratas porque eu estou ajudando o time na excursão.

Carlito protestou:

— Essa não, **seu** Afonso. O nosso trato só vale no Brasil. Lá fora os adversários são fracos e o seu esfôrço só funciona aqui. SEGUE

SINTEX
Esmalte sintético para interiores e exteriores.

CANÁRIO
Tinta a óleo, brilhante, para madeira.



MEB-O-LINE
Tinta à óleo, brilhante, econômica, de grande durabilidade.

MSA
SÍMBOLO DE QUALIDADE

SUPER FLATEX
Tinta plástica, fôsca, acetinada, à base de P.V.A., para interiores.

MSA
Verniz plástico extra para uso geral e para fins marítimos.

SUPER SINT-O-CRET
Tinta plástica, de emulsão, para exteriores, resistente às intempéries.

FLATEX
Tinta de emulsão, fôsca, para interiores.

CAIÇARA
Tinta fôsca para interiores.

SINT-O-LIN
Esmalte sintético, brilhante, para uso geral.

NIULAC
A base de nitrocelulose, é a tinta ideal para autos e outras superfícies metálicas.

escolha as côres da beleza

Em tintas e vernizes, a linha MSA oferece vantagens surpreendentes. Lindas côres modernas, para todos os ambientes e todos os fins, com maior facilidade de aplicação. Num instante a tinta seca. E é lavável. Qualidade, côr e alto poder de cobertura, você prova na prática ... e vê na hora o resultado ... com tintas e vernizes M.S.A.

Mesbla

Emprêsa 100 % Nacional mais de Meio Século a Serviço do Brasil.

RIO - S. PAULO - P. ALEGRE - B. HORIZONTE - RECIFE - SALVADOR - BELÉM - NITERÓI - PELOTAS - FORTALEZA - MARÍLIA - VITÓRIA.

Botafogo tem mais pés-frios

No jôgo seguinte, o Botafogo perdeu nas Antilhas Holandesas para um time sem nenhuma expressão. Carlito mandou chamar o macumbeiro:

— Estão aqui os seus 800 cruzeiros, **seu** Afonso. Sua mandinga é forte mesmo, atravessa até fronteiras.

Um cão dá sorte

A maior superstição do Botafogo, porém, ia surgir em 1948. O time começou mal o campeonato, perdendo o primeiro jôgo para o São Cristóvão por quatro a zero. No jôgo seguinte, contra o Bonsucesso, os aspirantes jogavam a preliminar e estava no ataque quando um cachorrinho branco com manchas pretas entrou em campo. A bola vinha alto sôbre o gol do Bonsucesso e, quando o goleiro se preparava para fazer a defesa, o cachorrinho atrapalhou-o e a bola foi ao fundo das rêdes. O juiz confirmou o gol. Nascia ali o maior mascote de todos os tempos no futebol brasileiro: **Biriba.**

O cachorrinho pertencia a Macaé, aspirante do Botafogo. Nesse domingo, Macaé resolvera levar **Biriba** ao campo pela primeira vez. E, daí em diante, nunca mais faltou. Veio o jôgo com o Flamengo. O Botafogo vencia apertado por quatro a três, com o Flamengo bombardeando de tal forma que o empate parecia inevitável. A certa altura, Macaé soltou o cachorrinho. **Biriba** avançou direto para as pernas de Zizinho. O meia do Flamengo reclamou ao juiz, que suspendeu o jôgo e mandou expulsar Biriba. Quando o jôgo recomeçou, o Flamengo já tinha esfriado. Mas logo se recompôs e voltou a atacar furiosamente. **Biriba** entrou de nôvo em campo, desta vez procurando o juiz. Novamente o jôgo foi suspenso até que o cachorrinho saísse. No primeiro ataque, o Botafogo fêz o quinto gol. **Biriba** estava definitivamente consagrado. Carlito tomou-o sob sua proteção direta. Resolveu dar-lhe o mesmo **bicho** dos jogadores e Macaé passou a viver às custas do cão. O cozinheiro do Botafogo recebeu ordens de separar o melhor pedaço de filé para o mascotinho. Dizem até que o porteiro do clube tinha a incumbência de provar a comida antes de ser servida a **Biriba,** "porque os adversários podiam tentar envenená-lo". Ganhando jogos incríveis, o Botafogo conquistou o campeonato de 1948. **Biriba** transformou-se em personagem nacional. O Botafogo recebeu um convite para dois jogos no Pacaembu, sob a condição expressa de levar Biriba.

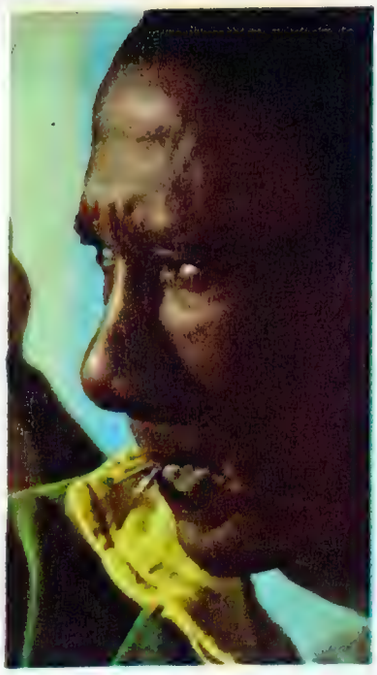
O sucesso de **Biriba** — que morreu dez anos mais tarde e foi enterrado com tôdas as honras — provocou uma onda de mascotes em todo o Brasil. O Internacional — de Pôrto Alegre — arranjou uma cabrita; o Leônico — da Bahia — adotou um bode chamado **Terrível,** e, no Piauí, houve um time que lançou um gambá.

Proibido de sonhar

Como no jôgo do bicho, os sonhos são uma fórmula tradicional de previsão no futebol. Um dos **sonhadores** mais em evidência foi o cronista esportivo Geraldo Romualdo da Silva. No campeonato de 1945, êle costumava aparecer todos os sábados na concentração do Botafogo, no Hotel Leblon. Na véspera de um jôgo com o Bonsucesso, não apareceu. Sonhara que o Botafogo tinha empatado (1 a 1) e resolvera sumir para não contagiar os jogadores com seus maus pressentimentos. A realidade foi ainda mais dura do que o sonho: o Botafogo perdeu por um a zero.

Daí em diante, os botafoguenses trataram de evitar que o cronista tivesse outros sonhos dêsse tipo. Na sexta-feira, Carlos Machado reservava-lhe a melhor mesa do Cassino da Urca e prendia-o até de manhã. Depois apareciam outros botafoguenses para conversar até a hora de êle ir para o trabalho. A mesma coisa se repetia no sábado. E o cronista teve que se habituar a não dormir nos fins de semana.

José Lins do Rêgo era conhecido como um **sonhador** com fôrça de vontade. Em 1945, o Flamengo precisava de uma vitória do Botafogo sôbre o Vasco. O escritor acordou sobressaltado na noite de



Figa de Djalma é de três Copas.

sexta para sábado. Sonhara que o Vasco vencia o jôgo por um a zero. Achou que o sonho tinha sido interrompido e resolveu voltar a dormir para sonhar o resto. Vasco dois a zero e José Lins voltou a acordar, com o coração batendo aflito. Mas seu otimismo não se alterou e êle fêz todo o esfôrço para pegar de nôvo no sono. Quando despertou definitivamente, tinha um sorriso nos lábios: o Botafogo reagira e empatara por dois a dois. No domingo não deu outra coisa.

Todo time tem pé-frio

Uma figura muito conhecida no futebol brasileiro é a do **pé-frio.** Cada time tem um ou vários. No Palmeiras, uma forte ala comandada pelo diretor Ferruccio Sândoli acha que a banda do Minguinho — que comparece a todos os jogos do clube — dá azar. A lista dos **pés-frios** do Vasco inclui o dentista do clube — dr. Laki — o ex-presidente — Alá Batista — e até o goleiro Barbosa. No Flamengo, há o sr. José Fadel, irmão do ex-presidente.

Mas também neste capítulo é o Botafogo que vence. Sua lista de **pés-frios** é enorme e o vulto máximo é um antigo torcedor do clube, o Dolabela. Sôbre êle se contam as mais estranhas histórias. Dizem, por exemplo, que quando Dolabela vai ao Jóquei, ninguém quer ficar perto dêle. É que uma vez o cavalo em que Dolabela apostara vinha disparado na ponta quando êle gritou, agitando um punhado de pules:

— Essa ninguém me tira.

Mal tinha acabado a frase, o cavalo caiu fulminado na raia.

No dia de um jôgo entre Vasco e Botafogo, Dolabela cruzou com o time cruzmaltino que chegava ao Maracanã e disse ao goleiro Barbosa, batendo-lhe no ombro:

— Vê lá se hoje vais fechar o gol contra nós.

Aos cinco minutos de jôgo, numa bola dividida, Barbosa saiu de campo com a perna quebrada.

Numa outra vez, Rubem Bravo, um atacante que o Botafogo trouxera da Argentina com fama de pontaria certeira, bateu um pênalti para as nuvens e o time perdeu o jôgo para o Fluminense. Carlito Rocha saiu do estádio dizendo que aquilo só podia ter sido coisa feita. No dia seguinte resolveu falar com o jogador:

— **Seu** Bravo, naquele pênalti houve coisa misteriosa. O que foi que você fêz antes do jôgo?

O argentino estranhou, mas foi contando tudo. Como acordara, o que comera, a roupa que vestira, até que disse:

— Todavia um caballero gordito me llevó al estádio.

— Gordito? — interrompeu Carlito — não diga mais nada, **seu** Bravo, não diga o nome dêle, senão nunca mais acerta um chute.

Alguns botafoguenses defendem o Dolabela. Dizem que isso é maldade de seus inimigos. Mas a verdade é que basta dizer seu nome na concentração, na sede ou no vestiário que imediatamente a maioria se benze ou bate com os nós dos dedos na madeira.

Outro **pé-frio** conhecido é o jornalista Raimundo Pessoa, que há vários anos não vê o Flamengo vencer. Quando êle resolve ir ao campo, o time quando muito consegue um empate. No dia 5 de junho passado, Raimundo estava na redação de seu jornal, ouvindo pelo rádio o jôgo entre Flamengo e West Bromwich. Aos 12 minutos, os brasileiros abriram o escore. Raimundo gritou:

— Hoje vou quebrar meu azar. Êsses inglêses não são de nada.

Desceu as escadas correndo, pegou um táxi e foi para o Maracanã. No exato momento em que cruzou os portões do estádio, o West Bromwich empatou e, no final, foi o que todo mundo viu: vitória dos inglêses por 2 a 1. SEGUE

Lula pede ajuda de Iemanjá

Uma antiga e disfarçada forma de superstição é a **escrita.** O Flamengo, por exemplo, pode estar em ponto de bala e o América em último lugar na tabela: os rubro-negros entram em campo tremendo. O Corintians tem duas asas-negras: desde 1956 não consegue derrotar o Botafogo, em Ribeirão Prêto, e o Juventus já lhe tirou alguns campeonatos, roubando-lhe pontos preciosos na reta final.

O XV de Piracicaba, jogando em seu campo, endurece o jôgo com qualquer clube grande, mas o Palmeiras faz a viagem tranqüilo: nunca perdeu em Piracicaba. O Santos durante muitos anos sofreu nas mãos do Jabaquara. A Portuguesa de Desportos vai a Campinas jogar com o Guarani sempre esperando o pior, enquanto o Comercial — de Ribeirão Prêto — considera os campineiros como favas contadas.

Vestiários, camisas e escolha de campo também são motivos para cismas. A disputa entre o São Paulo e o Corintians pelo vestiário do lado das gerais no Pacaembu, já levou o técnico Osvaldo Brandão a mandar o time para o estádio às seis horas da manhã. E, até hoje, o time que ganha o **toss** no Maracanã, prefere geralmente jogar no segundo tempo contra o gol em que Ghigghia conquistou a Copa de 1950 para o Uruguai.

A briga para jogar de camisa branca obrigou as Federações Paulista e Carioca a regulamentar o assunto. O Corintians, Santos Vasco e Fluminense já tiveram discussões intermináveis pelo direito de jogar com a camisa branca.

Raro é o clube cujo massagista não seja também um especialista em magia negra. Johnson, do Flamengo, assistia aos jogos atrás da meta adversária, fumando um cachimbo fedorentíssimo. O Botafogo aplicava todos os recursos para neutralizá-lo — desde contratar um macumbeiro para ficar ao lado dêle fumando um charuto ainda mais fedorento, até a medida extrema da expulsão de campo, através dos bons ofícios do delegado de polícia Brandão Filho, alvinegro da velha guarda.

Biscoito, zelador do campo do Fluminense, nos dias de jôgo, faz regularmente seus **despachos,** que incluem o disparo de um foguete às cinco horas da manhã.

Técnicos supersticiosos

A lista de técnicos supersticiosos também é grande. Martim Francisco não ganhou o apelido de **Feiticeiro** apenas por suas qualidades profissionais. Além de recomendar banhos de arruda para os jogadores, sempre acendia velas e rezava de cócoras no vestiário, antes de o time entrar em campo. Gentil Cardoso levava os seus jogadores para um terreiro de Nova Iguaçu e o centro-médio Danilo numa dessas vêzes ficou muito impressionado quando viu o corpulento Eli ficar de pé em cima de uma galinha preta, sem que ela morresse. Lula, segundo se comenta em Santos, vai sempre à Praia Grande antes dos jogos para pedir uma ajuda a **Iemanjá.** A mulher de Flávio Costa queimava álcool nas portas dos vestiários.

Para os poucos técnicos que não acreditam em mandinga, sempre se conta esta velha história: Pelegrino, responsável pelo time de aspirantes do Bangu, perdeu o emprêgo por desafiar as fôrças ocultas. Em um jôgo contra o Olaria, adversário sem maiores pretensões, o sapateiro Aristides recomendou-lhe que mandasse o capitão do time escolher o lado contra o vento — que soprava fortíssimo no primeiro tempo. Pelegrino, rindo, respondeu:

— O jôgo é mole, quero que o vento se dane.

E mandou que o capitão do time escolhesse o lado a favor. Dada a saída, a ventania parou sùbitamente, e o primeiro tempo terminou com um empate de zero a zero. Assim que o segundo tempo foi iniciado o vento recomeçou, agora a favor do Olaria, que acabou ganhando por três a zero. Pelegrino, ao final do jôgo persignou-se arrependido. Mas isso não impediu que o Bangu o demitisse.

Oberdan dava coices

Depois dos técnicos, parece que o maior número de supersticiosos está entre os goleiros. Oberdan

Dino não joga sem o medalhão.

dava coicinhos nas traves; Osvaldo Baliza cuspia nelas; e Valdemar, ex-goleiro da seleção pernambucana, prefere beijá-las. Darci, do Bragantino, do interior paulista, antes de começar o jôgo sai batendo a bola e dá uma volta completa em tôrno do juiz. Depois se ajoelha no campo para rezar, fingindo que está amarrando a chuteira. Em seguida vai até sua meta, passa o pé sôbre a linha de gol e joga umas balinhas dentro do gol adversário. Batatais dormia com uma garrafa sob a cama e era tão supersticioso que o massagista Mário Américo, então no Vasco, tinha uma receita garantida para transtornar o grande goleiro do Fluminense. Assim que o jôgo se iniciava, ia até o gol do Batatais e depositava umas fitinhas vermelhas amarradas atrás das rêdes, dizendo:

— Toma, compadre, o que mandaram pra você.

Caxambu, goleiro da época de ouro do São Paulo, usava a mesma roupa em todos os jogos — camisa, calção, joelheiras, chuteiras. Os diretores do clube — que sempre cuidou de ser o mais elegante de São Paulo — torciam o nariz diante da camisa quase em farrapos de seu goleiro. Mas receavam contrariar a superstição. Até que foi contratado um técnico argentino, Ramon Platero, que juntou todo o material de Caxambu e queimou-o. No começo Caxambu queria até romper o contrato, mas depois se conformou e acabou perdendo a mania.

Jaú, beque da seleção de 1938, ao abandonar o futebol montou um terreiro de umbanda em São Paulo. Na última vez em que foi acusado de curandeirismo, explicou tranqüilamente:

— Sou rico e não faço isso para tomar dinheiro de ninguém. Desde 1933 sou babalorixá e gosto de fazer caridade.

O velho Servílio, do Corintians — pai do Servílio palmeirense — quando via uma dama de branco na arquibancada não acertava um passe ou chute.

Telê, um jogador que o América carioca foi buscar no Andaraí na década de 30, teve sua carreira ràpidamente encerrada porque se recusava a entrar no círculo central do gramado:

— Se eu entrar ali, quebro a perna — explicava ao técnico, que acabou desistindo de lhe tirar a superstição e pediu sua dispensa. O lateral-esquerdo Turcão, antes das partidas, dava um rodopio sôbre o bico direito da área, depois apanhava um tufo de grama e jogava-o sôbre o ombro. Maurinho arrancava pedaços de grama e distribuía-os para todos os lados. Oscarino não entrava em campo sem um patuá benzido na Bahia e Osvaldo Baliza usava dois patuás costurados no calção. Tesourinha tem uma história de **amarração** para contar. Descoberto pelo Internacional, de Pôrto Alegre, o famoso ponta da seleção foi cinco vêzes campeão gaúcho pelo seu clube. Já consagrado como o melhor extrema-direita da época, foi vendido para o Vasco. Quando seu final de carreira se aproximava, resolveu voltar ao Sul. Só que não mais para o Internacional, mas para seu maior adversário — o Grêmio. Os exus foram chamados e uma preta velha profetizou:

— Êle pode voltar, mas nosso corpo estará fechado para êle.

Tesourinha ainda jogou mais uns dois anos, absoluto na posição apesar da idade. Mas não conseguiu um só gol contra o Internacional.

Mas tudo o que se fêz até hoje para o obtenção de um gol, uma vitória, um título, vai ser pouco em relação àquilo que deve estar acontecendo neste mês de julho. O tricampeonato é o grande sonho. Tudo quanto é santo já deve ter sido invocado. Ninguém estranharia que o próprio Presidente da República estivesse fazendo sua reza forte. E na hora em que Pelé — lá em Liverpool — tocar pela primeira vez a bola, uma palavra vai dançar na cabeça de 80 milhões de pessoas: Saravá! FIM

energia que populariza o confôrto

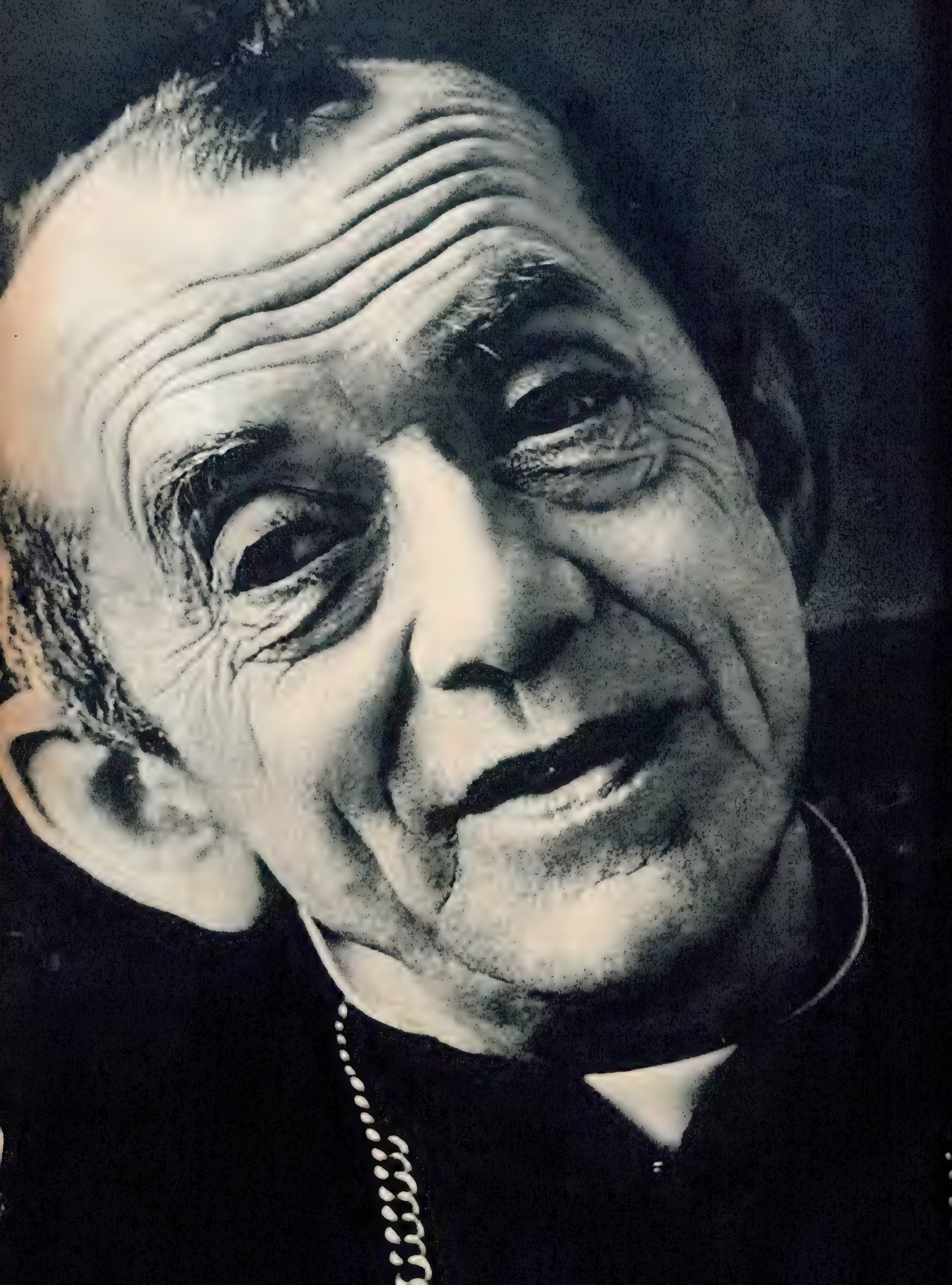
65% dos aparelhos de TV de todo o Brasil estão na região Rio-São Paulo

A produção e o uso de aparelhos de TV são um dos índices mais expressivos do desenvolvimento industrial de um país e do elevado padrão de vida de seu povo. No Brasil, 82 % dos receptores de televisão são produzidos e 65 % são usados na região Rio-São Paulo, servida de energia elétrica pela LIGHT. Êstes índices, como todos os outros que exprimem o progresso, representam o desdobramento de uma realidade anterior e básica: a existência farta de energia elétrica, que possibilita a construção dos parques fabris e a utilização de seus produtos.

A LIGHT — que se orgulha de ter colaborado para a instalação da indústria nacional de aparelhos eletrodomésticos — está ampliando ainda mais a sua capacidade de popularizar as conquistas da tecnologia, no setor do confôrto doméstico: desde 1965 e até 1970, ela está aplicando 8 bilhões de cruzeiros por mês, na expansão de seu sistema de transmissão, transformação e distribuição de energia.

LIGHT

A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL



Um Bispo do Nordeste não quer ser Príncipe da Igreja

O PADRE HÉLDER

Texto de
Alessandro Porro

Fotos de
Nélson Di Rago

Havia môças bonitas, violões, rapazes queimados de sol, de camisa esporte. Havia também bebidas, salgadinhos e uma vitrola **hi-fi** que espalhava no grande parque os soluços de Roberto Carlos e a peleja de Dorival Caímí e do Quarteto em Cy, gravada no **Zum-Zum** do Rio de Janeiro. Todo mundo animado, conversando, cantando, acompanhando em côro uma loirinha gorducha com voz de Nara Leão que dedilhava num **Giannini** afinado a puxada do **Arrastão** e o voar dramático do **Carcará.** O dono da casa, mais entusiasmado que todos, não descansava: cumprimentando um recém-chegado, oferecendo uma bebida, perguntando aos amigos se precisavam de alguma coisa, não ficava parado um instante. E quando não agüentou mais foi-se acomodar nos degraus de mármore antigo, na frente do jardim, no meio de um grupinho que preferia as canções do velho Recife à bossa nova. Cantavam sua canção preferida: **Dora, Rainha do Frevo e do Maracatu.** A saudade tomou conta da festa, Nara Leão sumiu, e foi a vez das cantigas nordestinas. "Beleza!" dizia o dono da casa. Antes da meia-noite, o parque e as salas começaram a esvaziar-se e chegou o momento dos abraços, dos agradecimentos:

— Voltem sempre. Quando quiserem.

Depois de ter acompanhado o último hóspede até o portão da casa, o anfitrião ficou sòzinho no grande parque. Um vento ligeiro, soprando da praia da Boa Viagem, infiltrava-se através dos coqueiros e das plantas do jardim. Então o dono da casa ajoelhou-se, e agradeceu a Deus: pela festa e pelas canções, e por ter conseguido, mais uma vez, reunir em volta de si à juventude de Recife, na tentativa de compreender ainda melhor ansiedades e aspirações, preocupações e receios.

A casa: o Palácio dos Manguinhos, Sede Arquiepiscopal de Recife. O dono da casa: Dom Hélder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife.

A festinha não justifica alguns comentários do **high-society** recifense, onde se chega a bisbilhotar que Dom Hélder está fazendo do Palácio dos Manguinhos "um centro de relações públicas para sua campanha social-religiosa". Mas não há dúvida de que algo mudou no Pálacio, a partir de 12 de abril de 1964, dia em que Dom Hélder chegou a Recife, depois de 30 anos de Rio de Janeiro. Nesse mesmo dia, Dom Hélder deu ordens que surpreenderam seus colaboradores. A primeira era sôbre um antigo e majestoso trono dourado que estava no meio do primeiro salão de visitas:

— Irmãos, não estamos no Vaticano. Estamos no Nordeste. Tirem logo êsse trono daí e coloquem uma cadeira qualquer no lugar.

O Bispo Auxiliar, Dom José Lamartine Soares, manifestou um ligeiro protesto, que de nada serviu. Dom Hélder tirou da maleta de viagem uma pasta cheia de papéis, remexeu, achou o que queria e disse a Dom José e aos outros padres presentes:

— Irmãos, quero ler para vocês um trecho da comunicação que assinei com outros padres conciliares, em Roma, ao término da primeira sessão do Vaticano II. Sua voz fazia eco no salão:

— Precisamos de uma profunda reforma, especialmente no que diz respeito à nossa vida rotineira, a nossas vestimentas. Temos que ser mais simples. Muitos bispos gostariam que assim fôsse mas há o mêdo de serem acusados de demagogia. Agora eu digo: se Jesus Cristo tivesse tido o mesmo mêdo, não teria nascido onde nasceu. Eis porque temos que dar o exemplo de viver num clima de trabalho e pobreza. Chega de Bispos-Príncipes que ficam distante do povo e mesmo do Clero. Tomemos por exemplo nosso Papa, Paulo VI, suas viagens, seus contatos, seu trabalho de conciliação, sua humildade. E completou:

— Eis o que foi dito em Roma. E agora, aqui, em Recife, eu digo: tirem o trono daí, para início de conversa. O resto virá depois.

Miséria não tem hora marcada

O **resto** não demorou 10 minutos. Chegando à janela de seu quarto para olhar os jardins do palácio, Dom Hélder apontou para fora, dizendo nervosamente aos padres que o acompanhavam:

— Abram, abram logo.

— Abrir o que, Monsenhor?

— As cancelas, rápido, as cancelas do palácio estão fechadas.

Outra vez interveio Dom José:

— Mas se abrirmos as cancelas todo mundo vai entrar, Dom Hélder. Aqui diàriamente há uma procissão de pobres, de pedintes, de gente que não deixará o senhor trabalhar. Nós atendemos todo mundo em horários já preestabelecidos e por isso temos as cancelas fechadas.

Dom Hélder abriu os braços e agora sorria:

— Mas irmãos, êste é um lugar onde todo mundo tem que entrar, de noite e de dia. A pobreza, a miséria, as dificuldades não têm hora marcada. Não podemos medir com relógio os momentos da fome. Por isso, irmãos, eu agradeço vossa preocupação em querer que eu trabalhe em santa paz, mas deixem as cancelas abertas, noite e dia, a partir dêste momento.

SEGUE

E assim foi feito.

Hoje, no parque do Palácio dos Manguinhos, todos os dias e tôdas as noites, há 30 ou 40 pessoas buscando o auxílio de Dom Hélder. Se estiver chovendo, o Arcebispo convida todos a abrigarem-se nas salas do palácio.

— Mas não mexam em nada, hem?

É a recomendação que êle faz. E até agora ninguém mexeu.

Franzino, as mãos pequenas, como as de um menino de 10 ou 12 anos, com pouco mais de um metro e meio de altura, 57 anos de idade (nasceu em Fortaleza em 7 de fevereiro de 1909), às vêzes pula como um garôto e às vêzes encolhe os ombros, como um velho de vida mansa. Raramente fica calado, e quando isso acontece nota-se a delicadeza de sua figura, até na maneira de andar quase voando, os pés tocando o chão o mínimo indispensável. Mas na hora em que êle está falando, ou seja, quase sempre, fica esquecido todo o resto e quem o ouve é levado a concentrar-se ùnicamente nos seus olhos. Olhos grandes, redondos, móveis, de côr indefinida. Olhos terríveis, de general em campo de batalha, quando o assunto é guerra, isto é, quando fala de problemas sociais e de suas soluções. Nunca, porém, desaparece, do lado dos olhos, uma marca que foi se consolidando com os anos. Rugas, diria alguém. Mas não são rugas: são as marcas de um sorriso permanente.

Um dia, não quis ser prefeito

Com êsse sorriso, Dom Hélder disse um dia ao ex-Presidente Juscelino Kubitschek, que lhe oferecia a prefeitura do Distrito Federal, assegurando-lhe o apoio de todos os partidos:

— Senhor Presidente, não aceito por um motivo muito simples: agora estou sentado na sua frente, representando a Igreja. O senhor me respeita, e me considera pelo que eu humildemente represento. Mas como prefeito não poderia sentar-me na sua frente senão como seu subordinado. Compreende por que não aceito?

Em outra ocasião, depois que o ex-governador da Guanabara Carlos Lacerda, em público e em sua presença, disse algo de que êle não gostou, Dom Hélder Câmara — sempre com seu sorriso — cobrindo o microfone com a mão, disse baixinho:

— Carlos, oh Carlos, você está abusando de minha calma e de minha paciência, mas você sabe muito bem que eu poderia, com poucas palavras, destruir sua tese e fazê-lo sair com a cabeça baixa. Não abuse, Carlos, de minha calma e de minha paciência.

Um dia, muitos anos atrás, quando Dom Hélder era seminarista em Fortaleza e começava a utilizar a arma do sorriso, o reitor Padre Tobia Dequidt, um belga, tirou de sua gaveta um caderno de meditações, ou poesias, sem que ele visse. Passado algum tempo, perguntou-lhe:

— Você não notou que está faltando algo em sua gaveta? Se quer saber o que aconteceu, passe no meu gabinete para conversar.

E o seminarista, sorrindo cândidamente, depois de ter pedido permissão para falar com franqueza, disse:

— Padre Reitor, eu nem queria tocar no assunto com o senhor para não angustiá-lo. Eu não queria que o senhor tivesse que confessar a mim, um simples seminarista, ter aberto a gaveta da minha escrivaninha, de noite, como um ladrão qualquer, para roubar cadernos de meditações. Que pena, Padre Reitor, pensar nestas coisas, que amargura saber que o senhor não tem confiança em mim.

Padre Tobia nunca mais abriu a gaveta do seminarista Hélder Câmara. Aliás, fêz dêle seu secretário, dando-lhe como tarefa a delicada missão de ler todos os livros que chegavam ao seminário, para saber quais os adequados para a biblioteca, e quais os desaconselháveis à leitura dos estudantes. Uma vez, Padre Tobia deu a Hélder Câmara um livro que tinha algumas páginas grampeadas no meio:

— Veja, meu filho, dei uma olhadela neste volume, e acho melhor você não ler as páginas grampeadas; são completamente imorais, perigosas.

— Então — disse o rapaz mostrando o sorriso — prefiro não ler nada. O senhor imagina o que ocorrerá se eu parar no meio, e continuar depois do trecho proibido? O senhor já pensou qual será o esfôrço da minha imaginação? Por favor, Padre Reitor, fique com o livro e não me leve a mal sim?

Mais uma vez, Padre Tobia Dequidt aceitou o sorridente argumento do jovem discípulo e jogou fora os grampos.

Um padre que cuidava dos bispos

1950, Roma, Vaticano. Apesar de ser ainda um simples padre, Dom Hélder já era bastante conhecido em todo o Brasil, tanto pelas suas lutas no campo político e social quanto pelo seu plano, quase obsessivo, de criar no País uma Conferência Episcopal. Precisava, para êste fim, de uma autorização da Secretaria de Estado, o ministério de relações exteriores do Vaticano. O Papa Pio XII tinha confiado essa pasta a um monsenhor que parecia nascido para a diplomacia: Dom Giovanni Montini, que mais tarde sucederia a João XXIII com o nome de Paulo VI.

Padre Hélder, que nunca antes havia estado em Roma, tanto falou e tanto manobrou que chegou ao Vaticano com os projetos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil na mala, e tôda a documentação que deveria convencer Monsenhor Giovanni Montini. E, realmente, o futuro Papa logo ficou interessado pelos planos. Os bispos do Brasil teriam, com o organismo projetado pelo pequeno padre nordestino, mais oportunidade de contato, de troca de idéias, e mais facilidade em resolver problemas locais, um com a ajuda do outro. Quando Monsenhor Montini acabou de ouvir Dom Hélder, ficou calado por alguns instantes, e depois começou a falar baixinho, mas com convicção, como só êle sabe fazer.

— De acôrdo. Acho sua idéia interessante e digna de estudo. Mas, ao que me parece, aqui nos encontramos diante de um obstáculo bastante difícil: o senhor criou êste plano e é, por assim dizer, seu centro motor. Porém a conferência seria dos bispos e o senhor é um simples padre. Como fazer, para não ferir a suscetibilidade de ninguém?

Não fôsse um grande diplomata, Montini teria dito para Hélder:

— Querido irmão, por acaso esta não é uma manobra para ser nomeado bispo antes do tempo?

"Não se pode acusar quem tem sêde de justiça. No Nordeste, Jesus Cristo se chama José."

Hélder estava preparado. Durante a longa viagem do Rio de Janeiro até Roma, não tinha feito outra coisa senão saborear êsse momento. E quando chegou a hora exibiu um dos sorrisos mais empolgantes de sua vida, um sorriso feito de humildade e sinceridade, com um pouco de amargura pela desconfiança do Ministro, e uma pontinha, apenas, de satisfação pelas palavras que estavam para sair de seus lábios:

— Excelência, sou um padre humilde, e assim quero continuar até quando Deus quiser. Por outro lado, a história do Vaticano nos fornece exemplos luminosos de simples sacerdotes que chegam a ocupar os cargos mais delicados e mais pesados da Igreja. Talvez o exemplo mais significativo tenha por protagonista vossa Excelência: um simples sacerdote, que o Santo Padre quis pôr a dirigir a Secretaria de Estado. E eu, outro simples sacerdote, estou aqui a chamá-lo de Excelência e a devotar-lhe todo o respeito e admiração que o senhor merece. Não, Excelência Reverendíssima, eu não aspiro a nada: quero só servir à Igreja e ao meu País, acredite.

Um bispo abençoa o futuro Papa

Nesse dia começou a grande amizade entre Monsenhor Montini e Monsenhor Câmara. Dom Hélder ganhou fàcilmente sua batalha. E cinco anos depois, em 1955, foi sagrado Bispo, na presença de Monsenhor Montini. Ao fim da cerimônia, o futuro Papa, ainda simples padre, ajoelhou-se na frente de Dom Hélder e pediu a bênção.

Quem é Dom Hélder? Quais as origens dêste padre brigão, que não consegue ficar calado e parece um eterno menino contente, apesar das preocupações e das críticas que sua atitude provoca? Quem é êste Bispo da Santa Igreja Romana, sem anel e sem cruz de ouro, que muita gente julga nascido mais para ser político do que para ser padre? Ou, ao contrário, tem razão quem acha Dom Hélder o exemplo do sacerdote de que a Igreja precisa, hoje, na América Latina? Êle mesmo responde às perguntas.

— Eu sei, muita gente me critica. Conheço as acusações. São três, fundamentais: primeiro, me acusam de demagogia; segundo, dizem que eu exagero a linha ecumênica; terceiro, afirmam que eu exagero a linha social de minha missão. Sou Bispo de uma região onde dois terços dos fiéis vivem numa condição que não é humana. Eu não considero meus paroquianos almas. Para mim são homens. E acho meu dever, minha obrigação, ajudá-los a atingir um nível humano. Todos estamos trabalhando neste sentido. Nós, os protestantes e os judeus de comum acôrdo. Com humildade e seriedade. Assim como no Nordeste, dois terços da humanidade encontram-se subdesenvolvidos e com fome. Somos o espelho dêste mundo de miséria: qualquer coisa que pudermos obter aqui será um exemplo para quem precisar, na América Latina, na África, na Ásia. Como podemos ficar indiferentes diante da injustiça coletiva? Como ficar calados em presença de milhões de criaturas em situação sub-humana, sem condição de utilizar o dom divino da inteligência e da liberdade? Como ficar de braços cruzados na frente desta multidão faminta? Repito o que disse chegando a Recife, em 1964: não é justo acusar de marxista quem tem sêde de justiça. No Nordeste, Cristo se chama José, Antônio, Severino. Qualquer pobre para mim é Cristo. E não quero que êste pobre, êste Cristo, no último dia, me diga: **Eu estava com fome, com sêde, nu, e tu não fizeste nada por mim.** Enquanto fala Dom Hélder dá voltas, pula de uma cadeira a outra:

— Nós temos o dever de acordar esta gente que ainda não é povo mas que é simples massa. Ela precisa dêsse empurrão. Aqui no Recife executaremos a **operação-esperança:** uma escola de formação para o desenvolvimento, que adotará um sistema de conscientização das massas, ajudando os homens em perigo de marginalização a caminhar para a integração na vida normal da comunidade. Muitos me perguntam por que e quando comecei a interessar-me pela justiça social. Poderia responder que êste é o dever de qualquer sacerdote. Mas não posso deixar de lembrar que eu mesmo conheci a fome e a miséria. Que vi minha mãe chorar e meu pai ficar calado de amargura quando não havia o que comer, quando não dava para dividir o pão entre os filhos. Eu não gostava de quiabo. Uma vez, deixei de comer: no prato só tinha quiabo. Minha mãe, no dia seguinte me apresentou o mesmo prato, e sorrindo me disse: "Hélder, isso de gostar ou não gostar é luxo de gente rica; come um pedacinho e verá que é bom." A partir dêsse dia, passei a comer qualquer coisa. Continuo não gostando de quiabo, mas como-o sempre, quase com prazer.

Pai maçom, mãe professôra

Hélder nasceu numa escola. Sua mãe, Adelaide Pessoa Câmara, professôra, tinha alugado — como se fazia naqueles tempos — uma casa grande, que servia para os estudantes e para a família. O Govêrno ajudava com uma pequena verba. O pai, João Câmara Filho, era contador de uma firma de Fortaleza. Dos treze filhos que tiveram, só quatro estão vivos: Hélder, Mardonho (comandante da Marinha Mercante), Nair, que mora no Rio de Janeiro, e Maria, que vive num convento de Niterói, com o nome de Madre Estefânia. Os outros nove morreram pequenos.

— Quando eu nasci, meu pai era maçom convicto, não se interessava por religião. Num Atlas Geográfico, viu um ponto ao norte da Holanda — Hélder — gostou, e me chamou assim. Depois eu descobri que Hélder quer dizer céu limpo e fiquei contente. Meu pai me ajudou a ver que é possível ser bom sem ser religioso. Mais tarde, eu mesmo compreendi como é possível ser católico praticante e ser egoísta. Menino, eu era uma tempestade, não ficava parado um minuto. Lembro-me de uma vizinha que, quando não me agüentava mais, dizia: "Hélder, meu filho, não corra mais, fique sentado com os braços cruzados e pense no menino Jesus. Êle também fica sempre assim, bonzinho e calado". O que me salvava é que eu sentia que não era assim e por isso gostava de Jesus. Em 1917, com nove anos fiz minha primeira comunhão. Fui sòzinho para a Igreja, minha irmã Maria estava muito doente. Antes de sair, minha mãe me disse: "Reza por ela, e verá que na volta ela estará melhor". Assim foi. Em 1923, entrei no Seminário da Prainha de São José, em Fortaleza. Oito anos após, era sacerdote". SEGUE

"Há quem tenha a coragem de dizer que são comunistas os que defendem homens esmagados"

Em 1931, sempre em Fortaleza, o Arcebispo Dom Manuel da Silva Gomes lhe confia a primeira missão sacerdotal: tomar conta da intelectualidade local e dos operários. Fêz um bom trabalho, e todo mundo começou a gostar daquele padrezinho impetuoso e veloz. Pouco mais tarde, surgiu o primeiro namôro com a política. Plínio Salgado, líder integralista, chamava-o para a Secretaria de Educação do Ceará.

Dom Hélder pediu conselho a seu Arcebispo, e Dom Manuel lhe respondeu, tranqüilamente: "Êste negócio de integralismo talvez vire coisa importante. Não há mal em que algum de nós esteja por dentro. Se não funcionar, a gente pode sempre ir embora quando quiser." Agora Dom Hélder diz que "foi um êrro da juventude". Em 1934 êle foi para o Rio de Janeiro, como assistente técnico da Secretaria da Educação do Distrito Federal. O Cardeal Dom Sebastião Leme, Arcebispo do Rio, o acolheu com muita simpatia. Mas, em troca, lhe pediu para deixar o integralismo de lado.

— Fechei assim meu parêntesis de política ativa, sem conseqüências, sem dramas ideológicos: não gostei da experiência, mas foi uma experiência. Logo depois, virei funcionário público — chefe da Seção de Medidas e Programas do Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal.

O que aconteceu depois é história de hoje. Articulação da Ação Católica do Rio, criação da Conferência Nacional do Episcopado Brasileiro, nomeações de Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, lançamento do Banco da Providência, realização da Feira da Providência, programas no rádio e na TV, assistência aos favelados e, em 1960, tentativas para que Dom Hélder aceitasse sua candidatura à Vice-Presidência da República.

"Dom Hélder desafia os militares"

31 de março de 1964, Revolução. Diz um jornal do Rio: "Dom Hélder pode ser prêso por subversão." Doze dias depois, êle chega a Recife, e pronuncia um discurso do qual nem todo mundo gosta. Diz outro jornal, em Pernambuco: "Dom Hélder desafia os militares". E o Palácio dos Manguinhos está bem perto da sede do Comando do IV Exército, em Recife. A 2 de maio de 1965, Dom Hélder pronuncia outro discurso, por ocasião da inauguração do Seminário Regional do Nordeste, em que diz textualmente: "Somos obrigados a não deixar simplesmente aos leigos um trabalho que normalmente seria dêles porque sentimos, diante da cegueira, da frieza e prepotência de alguns senhores, a necessidade de prestar cobertura moral a um trabalho de elementar defesa de direitos humanos. E se até os Bispos da Santa Igreja, entregues à missão cristianíssima de defender pessoas esmagadas, se tem a audácia de chamar comunistas, o que ocorreria a nossos padres e, sobretudo, a nossos leigos, se os abandonássemos à própria sorte?"

Estão presentes à cerimônia autoridades civis e militares. Novamente, os jornais afirmam: "Dom Hélder vai ser prêso". Ocorrem, realmente, pressões nesse sentido. Mas chega a tempo, de Brasília, um telegrama do Presidente Castelo Branco para o comandante do IV Exército: "Considero autoridade militar região responsável garantias liberdade Dom Hélder Câmara Arcebispo Olinda Recife". Ninguém fala mais em prisão. Pouco a pouco, os pernambucanos vão se acostumando às impetuosidades de Dom Hélder. O povo gosta dêle. Quando Dom Hélder celebra missa, a igreja fica cheia. Quando Dom Hélder sai do Palácio dos Manguinhos e não tem niguém para guiar o Volks que êle mandou comprar em substituição ao Aero Willys existente ("um carro grande demais para um sacerdote"), os motoristas de táxi às vêzes brigam para levá-lo. E nem abaixam a bandeirinha do taxímetro. Quando êle passa todo mundo cumprimenta e êle responde: "Como vai? Vai bem?". A um amigo de Recife, disse um dia: "Não posso fazer nada se o Chacrinha da televisão diz a mesma coisa: há 50 anos que eu cumprimento assim meus paroquianos e não posso inventar agora outro estilo".

Vai para casa às 11 horas. Acorda, pontualmente, à duas da madrugada. Levanta, lê o breviário, escreve suas meditações: um hábito que ficou do tempo do seminário. Às vêzes, faz poesia.

Diàriamente, Dom Hélder reúne-se com técnicos de planejamento, peritos agrícolas, assistentes sociais, estudantes, banqueiros, políticos, militares. E é difícil, às vêzes, perceber onde acaba o pastor de almas e onde começa o capitão de indústria. Dom Hélder, para "vender uma idéia", é capaz de martelar no mesmo assunto por mais de uma hora. Até que todos, convencidos ou cansados, aceitem a tese e prometam colaborar para sua realização. Uma vez, durante uma reunião de senhoras da alta sociedade de Recife, Dom Hélder estava lendo para o auditório atento mas um tanto desconfiado — tal o tamanho do pedido — um relatório batido a máquina. Levantando os olhos do papel, percebeu que alguma coisa não andava bem. Então parou a leitura, assumiu uma expressão decepcionada e esmurrou a mesa. As senhoras perguntaram em côro: "Mas que houve?"; "Mas Dom Hélder, o que aconteceu?" E êle, fingindo controlar a raiva, voltou a si com um cândido sorriso: "Nada, desculpem, nada: mas acontece que dei ordem de escrever sempre a palavra pobre com P maiúsculo e minha secretária esqueceu. Desculpem, não foi nada". Cinco minutos depois, o plano de Dom Hélder estava aprovado e as senhoras saíam falando baixinho. Uma delas olhou para os lados e cochichou para a companheira:

— É um danado, êsse Dom Hélder. FIM

TRANSFORMANDO A FISIONOMIA DO BRASIL

A Tekne 3 nasceu da mesma revolução tecnológica
que acelera o nosso progresso.

olivetti **TEKNE 3**

máquina de escrever elétrica

Olivetti industrial s.a.
sede: São Paulo
fábrica: Guarulhos (S.P.)
escrit. de representação: Rio de Janeiro
filiais, agentes exclusivos e revendedores,
em todo o território nacional

BIG VALLEY

☆☆☆ UMA HORA DE DURAÇÃO ☆☆☆

BARBARA STANWYCK
Victoria Barkley

RICHARD LONG
Jarrod

PETER BRECK
Nick

LEE MAJORS
Heath

LINDA EVANS
Audra

CHARLES BRILES
Eugeno

BIG VALLEY é uma das mais recentes e a mais primorosa série filmada da televisão! Trata-se de um "western" de grande classe, para todos os públicos, com um elenco de notáveis valôres. Ninguém permanecerá indiferente à maravilhosa saga da família Barkley, que, pela união, pela ambição e pelo heroísmo, dominou o "Grande Vale"!

Aguarde "Big Valley" pelos seguintes canais:

S. Paulo	TV Excelsior, C. 9	2as. feiras, 20:30 h, a partir de 4 de julho
R. de Janeiro	TV Rio, C. 13	4as. feiras, 21:50 h, a partir de 6 de julho
B. Horizonte	TV Belo Horizonte, C. 12	3as. feiras, 20:30 h, a partir de 12 de julho
Pôrto Alegre	TV. Gaúcha, C. 12	Sábados, 21:55 h, a partir de 16 de julho
Curitiba	TV Paranaense, C. 12	Sábados, 21:00 h, a partir de 9 de julho
Brasília	TV Alvorada, C. 8	2as. feiras, 21:50 h, a partir de 18 de julho
Recife	TV J. do Comércio, C. 2	Horário a ser informado brevemente

A APRESENTAÇÃO DE "BIG VALLEY" É UMA GENTILEZA DA Johnson & Johnson

AQUI FALA MOSCOU

Conto de Yuli Daniel

Levanta-se o promotor público e pergunta:

— Vocês se reconhecem culpados?

Responde o primeiro:

— Não, de modo algum.

E o segundo acrescenta:

— Nem inteiramente, nem em parte.

Começou assim, numa manhã muito fria de fevereiro passado, em Moscou, o julgamento do crítico literário Andrei Sinyavsky e do jornalista e tradutor Yuli Daniel, ambos com 40 anos de idade e acusados de terem cometido, nos têrmos do artigo 70 do Código Penal russo, "crimes que debilitam o poder soviético ou incitam a delitos contra o Estado, difundindo material calunioso contra o sistema social e político da URSS".

Sinyavsky e Daniel admitiam ter escrito em segrêdo e enviado clandestinamente a Paris, sob pseudônimo, contos e novelas. Mas se defendiam da acusação do promotor, alegando que seus trabalhos eram de ficção e não de análise, eram literatura e não propaganda. O juiz então perguntou-lhes:

— Se vocês não tinham a intenção de fazer propaganda contra o Estado soviético, por que não publicaram suas histórias em Moscou?

Foi Sinyavsky quem respondeu:

— Nossos gostos artísticos diferem das preferências dos editôres oficiais...

O mesmo Sinyavsky terminaria seu depoimento pedindo à União Soviética que reconhecesse o direito do artista à liberdade de criação. Depois de cinco meses de instrução do processo e uma semana de julgamento, o Tribunal do Povo condenou Andrei Sinyavsky a sete anos e Yuli Daniel a cinco anos de prisão, "num campo de trabalho correcional, em regime severo", por terem feito "propaganda e agitação contra a União Soviética".

Chegava ao fim um julgamento sem precedentes na história soviética. Nunca escritores tinham sido condenados com base ùnicamente em suas obras. Antes, além de suas opiniões, êles eram acusados pela prática simultânea de algum ato "objetivamente criminoso" contra a segurança do Estado. Nunca também acusados tinham se negado, com tanta firmeza e até o fim, a admitir qualquer culpa. Apenas Daniel, em sua declaração final, expressou certo "pesar" pelo fato de que suas obras tenham podido ser "utilizadas" contra seu país. Mas não se retratou pròpriamente. Pela primeira vez, os amigos dos acusados, longe de abandoná-los, estiveram presentes e solidários. Estudantes do Instituto Gorky de Literatura Mundial, antigos alunos de Sinyavsky, que se consideram, como êle, "intelectuais progressistas" e usam uma barba semelhante, chegaram a se manifestar em praça pública, ao pé da estátua do poeta Alexandre Pushkin.

Pela primeira vez, as portas do Tribunal, durante todo o longo processo, foram abertas, e correspondentes estrangeiros registraram calorosas discussões. Alguns censuravam:

— Lênine permitia desacordos.

Ao que outros lembravam os princípios de Jdanov, famoso Ministro da Cultura na era estalinista:

— Se o assunto não é sério, o herói não é positivo, o final não é feliz e a dimensão heróica não é vista em perspectiva, nada feito, isso não é realismo socialista.

Pela primeira vez, enfim, partidos comunistas estrangeiros criticaram pùblicamente uma decisão soviética. Os principais jornais comunistas da Europa Ocidental protestaram contra a condenação dos dois escritores. O poeta Louis Aragon, membro do Comitê Central do Partido Comunista Francês, declarou:

— Fazer da opinião um crime é mais perigoso para o futuro do socialismo do que os trabalhos dêsses dois escritores jamais poderiam ter sido. E lança em nossos corações um grande mêdo de que se possa pensar que êsse tipo de julgamento é inerente à natureza do comunismo.

A frase lembra a de Fidel Castro, no auge da campanha de Kruschev contra a arte abstrata:

— Os nossos inimigos não são os quadros nem as tintas.

O julgamento serviu para tornar Sinyavsky e Daniel conhecidos no mundo inteiro. A condenação não apenas os celebrizou; despertou também, em todo o mundo, o interêsse de conhecer as suas obras. E é a condensação de um conto de Yuli Daniel, citado expressamente no processo que o levou à prisão, que REALIDADE oferece aos leitores, pela primeira vez em tradução portuguêsa.

Hoje, quando volto a pensar nos acontecimentos do último verão, dificilmente consigo pôr em ordem minhas recordações e descrever o que vi, senti e experimentei naquele período. Mas ficou gravado em minha memória, até nos menores detalhes, o dia em que a coisa começou.

Estávamos numa casa de campo, nos arredores de Moscou, onde tínhamos ido para festejar o aniversário de Igor. Na véspera havíamos feito uma farra, e fomos nos deitar com intenção de dormir até o meio-dia; mas, às sete horas, o silêncio do campo nos despertara. Então nos levantamos e nos divertimos correndo de maiô pelas estradas como loucos, rodando na barra fixa (nenhum de nós conseguira dar mais de cinco voltas) e até Valódia Margulis tomara banho de chuveiro ao lado do poço, embora todos soubéssemos que de manhã êle nunca se banhava.

Depois, sentamos na grama do jardim e discutimos animadamente o melhor jeito de passar o domingo. Naturalmente, falamos de banho no lago, de jogos de bola, de corridas em canoa; e alguém propôs também fazer um passeio a pé até a vila, para visitar a igreja.

— É um belíssimo templo — disse — muito antigo, não me lembro de que século...

Não lhe demos nenhuma atenção, pois com aquêle calor não tínhamos a mínima vontade de caminhar oito quilômetros. Éramos muitos, entre homens e mulheres, e tínhamos todos entre 30 e 35 anos. Estávamos despidos, como na praia, e constituíamos um espetáculo divertido. Por atenção recíproca, evitamos as considerações estéticas sôbre os tórax pouco desenvolvidos e a barriguinha crescente dos homens, as pernas peludas e os quadris cheios demais das mulheres. Éramos todos velhos amigos, acostumados um ao outro com vestidos e gravatas, mas nenhum de nós tinha pensado no aspecto que podíamos ter, despidos daquela maneira. Quem diria, por exemplo, que Igor, sempre tão elegante e fino, muito admirado pelas suas colegas da Academia, tivesse as pernas tortas? Vendo-nos seminus, experimentávamos a mesma impressão curiosa, divertida e embaraçosa que se tem ao olhar certas fotografias pornográficas.

Falávamos de nossas futuras façanhas esportivas, quando Lila apareceu no terraço.

— Venham ouvir, rapazes, eu não entendo mais nada!

— O que é que você quer entender? Fique aqui, conosco.

— Não compreendo mesmo — repetiu ela, sorrindo com um ar desorientado. O rádio... disseram no rádio... ouvi sòmente o final... repetirão o comunicado dentro de dez minutos... Venham para dentro, venham ouvir, por favor...

Corremos todos para a sala, onde havia um alto-falante de plástico, pendurado na parede. Fizemos mil perguntas para Lila, que só respondia suspirando.

— Vamos, Lila, esta brincadeira já durou bastante — disse Igor — se nos chamou para ajudá-la a lavar a louça pode desistir...

Foi exatamente nesse instante que se ouviu novamente o rádio: "Aqui fala Moscou", disse o alto-falante. "Aqui fala Moscou. Transmitimos o Decreto do Conselho Supremo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, de 16 de julho de 1960. Paralelamente ao aumento do nível de vida..."

Olhei para meus amigos. Imóveis, escutavam a voz pastosa do anunciador e Lila era a única que se agitava, convidando-nos com gestos a nos aproximar do alto-falante.

"... e de acôrdo com as aspirações das massas trabalhadoras..."

— Valódia, dê-me fósforos, por favor — disse Zóia. Alguém lhe pediu silêncio, ela sacudiu os ombros e virou-se para a janela.

"... o dia de domingo, 10 de agôsto de

1960, foi proclamado "Dia dos Homicídios Públicos". Nesse dia, cada cidadão da União Soviética, que tenha mais de 16 anos, terá o direito de matar, segundo sua escolha, qualquer outro cidadão, menos as pessoas mencionadas no item 1 do suplemento do presente decreto. O decreto vigorará no dia 10 de agôsto de 1960, das 6 às 24 horas. Suplemento — Item 1: é proibido matar: a) os jovens de menos de 16 anos; b) os militares e os trabalhadores da milícia fardados; c) os trabalhadores do sistema de comunicações, quando estiverem em horário de trabalho. Item 2: os homicídios cometidos anterior ou posteriormente aos têrmos acima indicados, como também os cometidos com fim de lucro, ou associados à violência carnal, serão considerados crimes de direito comum e, como tais, punidos conforme as leis em vigor. Moscou, Kremlim, o presidente do Praesidium do Soviet Supremo".

Depois disso, o alto-falante anunciou: "Prosseguimos com nosso concêrto de música ligeira..."

Ficamos em pé, olhando-nos estùpidamente.

— Estranho — disse eu — muito estranho. Não entendo a razão de tudo isso...

— Êles não darão uma explicação? perguntou Zóia. Não é possível, os jornais têm que dar uma explicação.

— Companheiros, isto é uma provocação — Igor se agitava como um louco, procurando sua calça. É uma provocação, uma emissão clandestina da **Voz da América.**

— **A Voz da América?** — repetiu Valódia pensativo. Não. É impossível, tècnicamente impossível. São 9,30, se a **Voz da América** emitisse nas mesmas ondas da Rádio Moscou, ouviríamos as duas estações ao mesmo tempo.

Voltamos para o jardim. Gente semivestida saía nos terraços das outras casas. Formavam-se pequenos grupos.

Zóia, por fim, acendeu seu cigarro. Sentou-se num degrau, apoiando os cotovelos nos joelhos. Contemplei seus quadris apertados no maiô, os seios que o profundo decote deixava meio descobertos. Apesar das formas opulentas era muito bonita, muito mais bonita que as outras. Como sempre, mantinha-se tranqüila com seu ar pouco estático.

— Vamos nos banhar — disse ela levantando-se — Tólia, traga minha touca.

Então compreendi que aquela história inacreditável a perturbara também. Do contrário, não me convidaria com tanta intimidade.

Estou escrevendo estas notas e me pergunto com que fim. Nunca poderia publicá-las e não tenho ninguém a quem mostrá-las. Fazê-las passar clandestinamente além da fronteira? Primeiro, é pràticamente impossível; segundo, o que eu pretendo contar, centenas de jornais estrangeiros já contaram, as rádios já falaram disso dia e noite durante muito tempo; não, êste assunto está superado agora. Finjo que não sei a razão que me leva a escrever. Mas sei muito bem porque. É porque sinto necessidade de explicar a mim mesmo o que aconteceu. E sobretudo para compreender o efeito que isto produziu em mim. Tenho 35 anos. Continuo trabalhando naquela estúpida revista industrial. Exteriormente não mudei. Gosto da poesia, do vinho e das mulheres. E elas também gostam de mim. Estive na guerra, matei, quase que me matam também e disso me ficou uma cicatriz. No conjunto, tudo está como antes. Mas eu sei que naquele dia algo me apertou a garganta e me pôs frente a frente comigo mesmo. Eu não sou um escritor, escrevi versos, críticas teatrais, queria dedicar-me à literatura e fracassei. Ainda escrevo, e, como sei que ninguém vai ler, posso escrever sem temor tudo o que me passar pela cabeça. Se tiver vontade de dizer que o govêrno é composto de demagogos, impostores e sem-vergonhas, eu escrevo isso. Posso me dar ao luxo de ser um comunista que fala consigo mesmo.

Naquele dia, não conseguimos nos divertir mais. As piadas não nos faziam rir, o jôgo de bola não teve êxito, o vodca não nos pôs alegres.

Voltamos para Moscou, logo depois do almôço. Na segunda-feira, fui para o escritório imaginando os comentários sôbre o decreto. Mas surpreendentemente não se falou nisso. Só umas duas ou três pessoas me perguntaram qualquer coisa a respeito. Respondi vagamente e a conversação parou por aí.

No dia seguinte, a imprensa publicou um grande editorial com o título:

"Em Vista do Dia dos Homicídios Públicos", que não dizia muito sôbre o decreto em si, e continha as frases costumeiras: "O bem-estar crescente... a passos de gigante... a verdadeira democrácia... pela primeira vez em nossa história... a imprensa burguesa..." Lemos de ponta a ponta e continuamos não entendendo nada. Mas ao mesmo tempo, sem compreender bem a razão, todos recuperamos a calma. Talvez o tom do artigo, solene e empolgante como sempre, nos tivesse tranqüilizado. E a vida retomou seu curso normal.

Passou-se uma semana, depois mais alguns dias. Então começaram a acontecer coisas difíceis de descrever. A gente sentia uma inquietude, uma efervescência, um estado de ânimo impossíveis de serem traduzidos em palavras. No metrô, no cinema, na rua, desconhecidos se aproximavam e — com voz afável — começavam a falar das próprias doenças, da pesca, da qualidade das meias de nailon, de qualquer coisa. Depois, nos apertavam a mão longamente, olhando-nos com uma expressão de profundo agradecimento.

Outros, ao contrário, tornaram-se desagradáveis e insolentes, principalmente os jovens. Valódia Margulis veio contar-me que Igor, numa reunião de sua Academia, tinha declarado que o dia 10 de agôsto era o resultado da sábia política do partido, que o decreto era um passo à frente para a iniciativa criadora das massas etc., etc., com os habituais têrmos comuns.

— Eu sabia, Tólia, que Igor era um oportunista — disse-me — mas não pensava que chegasse a êsse ponto.

— Se você fôsse membro do partido — respondi — se comportaria da mesma maneira. E depois, você se esqueceu dos discursos que fazia na escola quando houve a história dos médicos?

Eu despertava nêle uma triste lembrança.

— Mas, diga-me, como vão as coisas com Nina? — disse eu, tentando consertar o êrro. Valódia se reanimou imediatamente:

— Meu velho, estou apaixonado, perdidamente apaixonado.

— E começou a contar o telefonema que fizera para Nina, o que ela lhe dissera, o que êle respondera, o que se disseram. Escutando-o, eu me perguntava como é possível criar problemas sentimentais tão absurdos. Valódia tem mulher e filhos, ensina literatura na escola e é considerado o melhor metodologista do bairro e, no conjunto, uma pessoa de bom senso.

Mas aquelas suas histórias de amor! Quando se tem uma mulher tão feia como a dêle, é evidente que se deseje qualquer outra mulher. Está certo, fique com ela, e boa sorte. Eu, pessoalmente, vejo essas coisas de um modo muito mais simples. Gostamos um do outro? Bem. Desejamo-nos? Muito bem. O adultério? Que há de mal nisso? Se eu me casar, não me atormentarei com os mesmos problemas que os de Valódia. E serei claro: "Bem, sou casado e não tenho a intenção de me divorciar, mas você me agrada terrìvelmente. Se você aceitar a situação, muito bem, marcamos um encontro. Se você não gostar, desculpe e até a vista".

Valódia continuou por uma boa meia hora a falar-me das complicações de seu amor, depois foi embora. Acompanhei-o até a porta. Um segundo depois, bateu de nôvo, e disse em voz baixa, para que os vizinhos não ouvissem:

— Se houver **pogrom** de judeus no 10 de agôsto, eu lutarei. Passou o tempo de massacre de judeus. Eu atirarei contra êsses canalhas, olhe!

Abriu o paletó e mostrou o cabo de um revólver que saía do bôlso interno. Conservara-o depois do fim da guerra.

— Êles pagarão caro por mim.

Quando foi embora definitivamente, fiquei muito tempo parado no meio do quarto. "Êles": mas quem?

Você não quer raciocinar! É simples, procure entender-me. Armado de um pedaço de palha de aço, o meu coinquilino está lavando os pratos. Seu barrigão peludo transborda da calça e se apóia na beira da pia. Fala com veemência, embora eu não o contradiga.

— Procure compreender-me. Os fatos são os fatos e é necessário enfrentá-los: não há dúvida de que as massas são muito mais conscientes agora. Portanto, o govêrno tem o direito de tentar uma experiência muito arrojada, tem o direito de transferir para o povo as funções que êle desenvolvia diretamente. O decreto é o desenvolvimento lógico de um processo de democratização do poder executivo. O ideal seria, não me subentenda, a dissolução do poder executivo no meio das grandes massas populares. Você deve crer neste velho jurista que tem visto tanta coisa: o povo acertará suas contas, antes de tudo, com os parasitas, com a escória da sociedade.

Eu esperava, impaciente, que o prato gorduroso escapasse de suas mãos. E acabou escapando mesmo. Atraída pelo ruído, sua mulher saiu do quarto, lançou um olhar de reprovação para mim e para os cacos e disse com voz gelada:

— Volte para o quarto, Piotr.

— "Vê-se bem, imbecil" — disse eu para os meus botões — "que você voltou cedo demais do campo de concentração..."

Naquele momento, chegou Zóia. Levei-a para meu quarto. Zóia tirou os sapatos com um suspiro de alívio. É divertido olhar as mulheres quando tiram os sapatos: os pés mudam de forma, adquirem logo um aspecto íntimo, familiar, sem malícia. Abracei Zóia.

Deitamos na cama um pouco afastados um do outro. Apesar do calor, a sua pele era fresca. Zóia mostrava sem embaraço e sem pudor a sua florescente beleza, pela qual eu me sentia terrìvelmente atraído. E, sem mexer-se, pensava que o que havia entre nós era precisamente o que se chama **a vida:** luta conquista, capitulação recíproca, confirmação e negação furiosas, sentimento fulgurante do eu e aniquilamento completo da personalidade, afastamento e união total, todo êsse conjunto, simultâneamente. Nesse momento, não me importava saber que ela era casada, que não era eu o único a possuir aquêle corpo sensível, submisso e ávido de carícias, que ela tinha um marido que impunha seus direitos, que dentro de um mês minha irmã voltaria das férias, e que Zóia não poderia mais vir à minha casa, que novamente seríamos obrigados, como gatos abandonados, a arrastar-nos sob os portões e nos celeiros.

— Sabe — disse Zóia — o **Dia dos Homicídios Públicos** está se aproximando.

Falou num tom tão cândido, tão objetivo, como se dissesse: "O fim do ano está próximo".

— E nós com isso? perguntei. A nós, que nos importa?

— Você não está cansado de têrmos que nos esconder sempre? Escuta, matemos Pavlik.

Não disse "meu marido" ou "Pável", mas "Pavlik". Repentinamente senti minha garganta sêca.

— Zóia, você está louca? Que está dizendo?

Ela virou-se lentamente para mim e encostou o rosto no meu ombro.

— Não se zangue, Tólia, por favor. Reflita com calma. Você bem sabe que uma oportunidade igual não aparecerá mais para nós. Pensei em tudo. E nós dois o mataremos. Depois, você virá morar comigo e nos casaremos. Não quero comprometê-lo nesta história, farei tudo sòzinha, mas tenho mêdo de falhar. Tólia, por que não responde?

Tossi para clarear a voz e me esforcei para não gritar:

— Saia daqui!

Zóia não entendeu:

— Onde quer que eu vá?

— Para o inferno!

Durante alguns segundos ela olhou-me fixamente, depois se levantou e começou a vestir-se. Penteou os cabelos, pegou a bôlsa e se dirigiu para a porta. Antes de sair, virou-se e disse em voz baixa:

— Mariquinha.

Foi embora assim. Depois ouvi o barulho da porta do prédio que se fechava. Levanteime, refiz a cama cuidadosamente, varri o quarto com muito zêlo. Sobretudo, não devia pensar naquilo.

Mas fui obrigado a pensar. Talvez fôsse uma estupidez, mas o que mais me tinha impressionado era Zóia terme chamado de "mariquinha". Não, não é mêdo. Mas como é possível matar Pavlik como se fôsse nada? O humilde, gentil, indulgente, ignorante Pavlik? Se o único objetivo de Zóia fôsse o de se casar comigo, precisaria ùnicamente se divorciar. E então, por que matá-lo? Quer dizer que o assassínio não é outra coisa senão um meio para se livrar de um marido que ela detesta. Sim, ela o odeia, sem dúvida. O ódio legitima o crime. Eu também, se odiasse alguém, poderia matá-lo. Mas existe de verdade alguém que eu odeie? Quem foi que odiei no decorrer de minha vida? De fato, no Instituto, odiei um professor que me reprovou quatro vêzes. Mas que vá para o inferno, é coisa de tanto tempo. E que mais? Os meus superiores, onde trabalhei. Sim, eram uns sem-vergonhas, mereciam que eu lhes quebrasse a cabeça. Mas então que deveríamos fazer com os donos e senhores de nosso destino, com os nossos chefes e nossos educadores, fiéis filhos do povo, de caras gordas, que discursam e dão ordens com presunção, recebendo telegramas das fazendas coletivas de Riazan, dos mineiros de Kryvoi Rog, do Imperador da Etiópia, do Congresso dos Educadores, telegramas e elogios de tôdas as partes? Pode-se perdoar essa gente? Êles acham que pagaram suas contas pelo simples fato de terem cuspido no túmulo do Bigodudo? Não, não e não!

Levantei-me, aproximei-me da janela e com a ponta da cortina enxuguei o suor que me corria pela testa. Depois, fui para a cozinha, lavei o rosto e enfiei o paletó. Sentia necessidade de sair.

Sob o sol de agôsto o asfalto queimava. Em minha direção vinham mulheres com as sacolas de compras, garotos de bicicletas, homens barrigudos que paravam a cada barraca para beber água mineral. Parei na esquina da Arbat e da Rua Smolensk. Onde ir? Pensei em visitar Sacha Chuproff, que morava perto da estação de Kiev. É um artista e um amigo.

Entrei num **gastronom** para comprar alguma bebida forte. Vi uma pirâmide de garrafas: conhaque, vodca, **Gurgiani,** cada garrafa encerrava uma emoção: alegria, ou audácia, ou melancolia, ou raiva, ou confiança ilimitada, ou irritação. Um dia, tôdas estas emoções jorrarão de sua prisão de vidro. Mas agora, nas suas prisões que brilham sob a luz elétrica, elas dizem: "O tempo trabalha para nós. O nosso dia chegará. Então será festa para nós também...". Comprei uma garrafa de conhaque, um limão e saí da loja.

Chuproff estava em casa. No quarto havia uma desordem espantosa: cadernos de desenho e rolos de papel no chão, na mesa e até na sacada e janela. A cama estava desarrumada.

— Como vai? — perguntei.

— Canalhas! — respondeu. Trabalhei como um condenado para nada. Fiz um cartaz.

Sacha não era conformista. Em alguns ambientes liberais, consideravam-no um pintor de vanguarda, mas não conseguia vender suas telas "contaminadas pelas pútridas influências ocidentais". Por esta razão, começara a fazer cartazes: môças de expressão estática, com os muros do Kremlim como fundo, mineiros marchando para o futuro radiante, jovens engenheiros com o compasso enfiado no bôlso e a **História do Partido** debaixo do braço.

— Recusaram meu esbôço — disse Sacha. Esperava ter uma boa oportunidade com o **Dia dos Homicídios Públicos,** tinha pensado num cartaz a meu modo, mas preferiram os de Artemiev e Krantz.

— Posso ver êsse esbôço?

— Está no chão.

Abri o rolo. Com um sol que não se compreendia bem se era o da aurora ou o do crepúsculo, como fundo, viam-se um rapaz e uma môça: o sol os iluminava por trás e projetava suas sombras vermelhas oblìquamente. À esquerda, embaixo, as duas sombras se juntavam e formavam um charco de sangue que chegava perto de uma casa. À direita, jazia um homem, com os joelhos e os braços em cruz.

— Que acha? — perguntou Sacha.

Pensei um pouco, depois respondi:

— Muito expressivo. Mas o morto me parece estar muito em evidência, faz contraste com o conjunto.

— Talvez você tenha razão. É realista demais, não é verdade?

Abrimos a garrafa de conhaque. Sacha começou a falar de seus projetos, mas eu pensava em Zóia. A culpa era dela se eu não conseguia pensar em outra coisa senão no **Dia dos Homicídios Públicos.** Zóia é uma cadela. Era preciso avisar Pavlik. Não, agora já não era mais necessário. Já que recusei, Zóia terá mêdo. Cadela criminal, nos entendíamos tão bem. Mas agora não quero vê-la. É por culpa dela que agora estou aqui, suportando os desabafos dêste bêbado. Grande artista de vanguarda, grande pintor independente. Se amanhã proclamassem um **Dia dos Homossexuais,** pegaria o pincel e faria um cartaz.

— A garrafa está vazia — disse Sacha. Espere-me aqui, vou comprar outra. Sabe o que vamos fazer? Vou levá-lo à casa de um fulano extraordinário. Escreve versos. Você nunca conheceu um personagem igual.

Levantei-me titubeando. Vamos conhecer êsse gênio. É capaz de nos explicar tudo, absolutamente tudo? Certamente, pode explicar-nos tudo: trabalha como garçom num bar.

Durante o tempo necessário para comprar vodca, encontrar um táxi e ir para os arredores do Mercado Danilovski, minha bebedeira quase desapareceu por completo.

Na porta de um limpíssimo apartamento de um quarto só, um velhinho nos recebeu. Usava uma calça esportiva de tricô e um velho paletó de pijama.

— Entrem — disse. Prazer em conhecê-lo. Permita que me apresente: Arbatov Guennadil Vasilievich. Sente-se. Desculpe a desordem, nestes dias estou solteiro, minha mulher foi para o campo.

— Meu amigo Tólia gostaria de ouvir seus versos — disse Sacha.

— Não tenham pressa — respondeu o velho. Bebamos um pouco de vodca, falemos de tudo um pouco, conheçamo-nos melhor e os versos virão depois. E completou, dirigindo-se a mim:

— Não é verdade, sr. Tólia?

— Pode chamá-lo de Tólia — interveio Sacha.

— Absolutamente — retorquiu o velho. Seu honorável amigo e eu nos vemos pela primeira vez e eu não consigo ter intimidade com as pessoas que não conheço. É sòmente respeitando as pessoas que podemos nos elevar acima, como diria, desta terra de pecadores. Que acha disto, senhor Tólia?

Enquanto falava, o velho arrumava a mesa ràpidamente, colocando sôbre ela os copos, garfos, pratos, rabanetes, pepinos, pão cortado em fatias, lingüiça.

— Os homens são uns animais — disse sombriamente Chuproff que, evidentemente, pensava no seu cartaz recusado.

— Não, Sacha — disse o velho, sentido. Não devemos ofender os animais. Sabe o que falam as pessoas quando estão de bom humor? Falam dos animais. Por quê? Porque os animais são bons. Pode-se estar em desacôrdo sôbre tudo, mas sôbre os animais todos estão de acôrdo, êles são o único laço, o único ponto de contato entre os homens.

À medida em que esvaziávamos um copo atrás do outro, os discursos do velho se tornavam mais fracos e mais agudos. A certa altura, baixou a voz e disse:

— Nós ignoramos o que se esconde na alma dos outros. Quem de nós conhece o pêso do ódio que os outros sentem por nós? E o que é que faz nascer êsse ódio? Uma frase inoportuna, nosso comportamento, a forma de nosso nariz. A propósito — disse virando-se para mim — o senhor não é judeu?

— Por quê? Me pareço com um judeu?

— Sim, um pouco. Mas justamente, os judeus, êles sim, são sábios. Vivem no mêdo. Não no mêdo de Deus, mas dos homens. Para êles, qualquer um pode ser inimigo, e têm razão. Há algo mais terrível que o homem? Mata os animais para comer. Um animal não se importa com as ambições, com o poder, com a carreira. Nem conhece a inveja. Mas nós como fazemos ao saber que alguém nos quer ver mortos, alguém a quem ofendemos sem dar-nos conta, a quem ofendemos pelo único fato de existir? Basta que um homem se apaixone para cometer as maiores iniqüidades, os piores crimes. Mas não é disto que quero falar. Quero perguntar isto a vocês dois: estão certos de não existirem amigos capazes de assassiná-los?

— Todos estão prontos a fazer o mal — suspirou Chuproff, despejando no copo o que restava de vodca.

Quando Sacha e eu fomos embora, as ruas estavam vazias. Ouvimos a batida sêca de nossos saltos na calçada, mas esta batida, que costumava me agradar, agora não me causava nenhum prazer. Faltava exatamente uma semana para o **Dia dos Homicídios Públicos.**

Nos dias seguintes, não voltei para a redação e telefonei dizendo que estava indisposto. Passava o tempo na cama ou dando voltas pelo quarto, fazendo coisas desconexas. Só Valódia apareceu e foi logo perguntando:

— Não compreendo a necessidade dêsse decreto; por que fizeram isso?

Referia-se aos homens do govêrno. Como eu ficasse calado e não manifestasse nenhuma opinião, Valódia criou coragem para manifestar a sua:

— No fundo, esta história era inevitável. Reflete a essência da doutrina socialista.

— Por quê? — perguntei.

— Está na ordem das coisas. É necessário que legalizem o assassínio, que façam dêle um fenômeno normal e é por isso que não dão explicações. Antes, êles davam explicações, faziam propaganda. Por exemplo, durante a revolução...

— Mas não foi por isso que fizeram a revolução.

— É verdade. E em 1937?

— Que quer dizer?

— Era a mesma coisa. Podia-se matar quem se quisesse. Mas então temperavam essas coisas com môlho. Agora, nada de môlho. Matem e chega. E arrumem-se sòzinhos, como no **self-service.**

— Chega, Valódia. Seus monólogos anti-soviéticos não são nada espirituosos.

— Ofende-se por causa dêles? Quer defendê-los?

— Claro, o verdadeiro regime soviético tenho que defender.

— Que quer dizer com verdadeiro regime soviético? Aquêle no qual não existem comunistas, como em **O Dom Silencioso,** de Scholiokov?

— Não me amole, chega!

Ficamos silenciosos um momento, depois Valódia foi embora, ofendido.

Voltei para a cama, desabafando livremente meus pensamentos. Não acho certo que ridicularizem a revolução, não aprovo. Meu pai era comissário durante a guerra civil e sabia porque lutava. Lembro-me vagamente dêle. Prenderam-no em 1936, entre os primeiros. Depois da morte de minha mãe encontrei suas cartas e, lendo-as, me convenci de que os de nossa geração não têm nenhum direito de julgar êsse período. Nós podemos e devemos tomar nossas decisões; é tudo que podemos fazer e isso já é muito.

Sim, foi Arbatov, o velhinho da Avenida Danilovski que me perturbou assim. Eu não quero e não posso matar ninguém, mas outros quererão e poderão fazê-lo. E poderão também atirar contra mim. Acho que não tenho inimigos, mas quem pode sabê-lo? Qualquer bêbado pode meter-me uma bala na cabeça pelo simples gôsto de me ver agonizando no chão. Eu não deixarei que me assassinem, quero viver. Esconder-me-ei, entrincheirar-me-ei no meu quarto, não quero morrer, não quero. Mais vale um cachorro vivo que...

Chega, não percamos a cabeça. Calma. Mais vale um cachorro vivo. No próximo domingo ficarei em casa, na cama, lendo Anatole France. Quando passava a noite em casa de Zóia, ela me fazia pôr os chinelos e o robe de Pavlik. Agora compreendo porque. Parecia-lhe estar já viúva e ser casada comigo. Gostaria de saber como ela pretendia assassinar Pavlik. Eu ficarei no meu quarto, os meus vizinhos com certeza farão a mesma coisa. Mas talvez os assassinos queiram entrar à fôrça na minha casa. Precisarei bloquear a porta e, se conseguirem entrar, me defenderei. Um cachorro vivo vale mais que um cachorro morto.

Pulei da cama e olhei com repugnância o travesseiro no qual ficara a marca de minha cabeça. Era eu mesmo que me tinha apoiado ali, pensando ficar escondido em casa e tremendo pela minha preciosa vida como o último dos covardes? Mas então, que fazer? Descer à rua e gritar: "Cidadãos, não se matem, amem o seu próximo". E com que resultado? A quem salvaria? Não sei, não compreendo mais nada. Talvez tenha a sorte de sair ileso, esperemos que não seja tarde demais.

A 10 de agôsto, levantei-me às oito e me pus a ler. Mas sentia a necessidade irresistível de ir para a rua. Tudo me incitava a isso: os alto-falantes que derramavam rios de músicas marciais, os gatos que passeavam majestosamente no meio da rua e também o fato de que meus vizinhos ficassem fechados entre suas quatro paredes. Perto das 11, vesti-me, pus a cigarreira no bôlso interno do paletó, como um

escudo, do lado do coração, para proteger-me de uma bala, e desci as escadas sem pressa, procurando não fazer barulho. No patamar do terceiro andar, uma velha, ao ver-me, deu um grito e deixou cair sua sacola cheia de garrafas.

— Tólia, Tólia — implorou — lembra-se de quando era uma criança e ficava no meu colo. Eu ia sair para comprar iogurte para minha netinha Anuska. Tólia, Tólia, você não pode me querer mal...

Nesse momento, Zina, sua filha, que fôra minha colega de escola, apareceu na porta:

— Que aconteceu, mamãe, que é que lhe fizeram?

— Zina, leve sua mãe para casa — pedi. Eu irei comprar o iogurte para Anuska.

Fora, havia um ar pesado de temporal. Tirei o paletó e coloquei-o debaixo do braço. Percorri a Avenida Nikistki, sempre tão alegre e limpa. Naquele dia, não se viam as crianças brincando. Vi alguns adolescentes sentados nos bancos, as mangas da camisa enroladas, cuspindo nos canteiros com insolência. No meio da avenida, um homem de meia idade, com ar arrogante, levava numa corrente um boxer sem focinheira.

Na Praça Atbaski, vi gente que corria em direção ao metrô. Corri também. Havia um homem estendido no chão, a cabeça encostada na parede: a mesma posição do morto que tinha visto no cartaz desenhado por Chuproff. Tinha uma mancha vermelha na camisa, que ia aumentando aos poucos. No comêço não me dei conta de que estava morto. Quando me convenci, senti um arrepio na espinha. Não era o crime, nem a morte que me pertubava, mas a materialização quase sobrenatural das previsões gráficas de Chuproff. Por que o cadáver se encontrava exatamente na mesma posição; o povo em meu redor falava em voz baixa.

— É jovem.

— Quem o matou?

— Foi um homem alto, robusto. Aproximou-se dêle e atirou.

— E não há nenhum guarda.

— A polícia nunca aparece quando é preciso.

— Devagar, êste assunto não tem nada que ver com a polícia.

— Que diz? Mas se mataram um homem?

— E então, não lê os jornais? Hoje é permitido.

— Meu jovem, um morto é um morto. Depois de tudo, precisa-se ter consciência.

— Meu amigo, o senhor quer dizer que a consciência e os decretos não andam de acôrdo? Eu, no seu lugar, não faria êsse tipo de propaganda!

—Então quer dizer que o primeiro vagabundo que passa pode matar um homem sem que nada lhe aconteça?

— Leia os jornais. Está escrito: "O assassínio está autorizado". Portanto, quem tiver que ser morto, morto será, não se preocupe.

— E quem é que deve ser morto?

— Lá em cima, êles bem o sabem. Senão, não teriam feito tal decreto...

Abri caminho entre a multidão e me afastei.

A praça cheia de uma humilde piedade, tão concreta que se poderia tocá-la. De repente, alguém me deu um empurrão. Caí e antes que conseguisse levantar-me um homem se atirou pesadamente sôbre mim. Agarrou-me pela garganta, mas eu fiz um movimento violento e me libertei. Rolamos pelo chão batendo com a cabeça no asfalto. Consegui finalmente dar uma joelhada na barriga de meu adversário e êle me largou. Levantamo-nos. Atirou-se novamente. Esmurrei-o uma, duas, três vêzes na mandíbula. Cuspiu saliva e sangue e caiu, arrastando-se sôbre os joelhos. Eu arquejava, faltava-me a respiração. Recolhi o paletó.

— Canalha! Gritei.

E êle berrou atrás de mim:

— Por ordem da pátria...

Era hora de voltar para casa.

Com meus amigos, celebramos o aniversário da revolução de outubro. Estávamos reunidos em casa dos Pavlik, porque êles têm um apartamento independente de dois quartos e pratos e copos suficientes. Eu, no primeiro momento, não queria ir, não sabia o que pensava Zóia, se ela tinha vontade ou não de me ver. Portanto, quando Lila me falou da reunião, disse para pedir a Zóia que me telefonasse. E Zóia me telefonou. Cumprimentou-me como se não tivesse havido nada entre nós, depois disse:

— Por favor, venha, faço questão, espero-o. Se não vier, vai estragar a festa.

Respondi que iria, mas que levaria uma amiga comigo.

Queria que ela visse que não me interessava mais. Assim, telefonei para Svetlana. É desenhista, tem 23 anos, é simpática, e trabalha em nossa revista. Marquei encontro com ela para as nove e meia, na esquina do Stoletchinov, em frente da livraria.

Os outros estavam na mesa quando chegamos. As garrafas estavam meio vazias e os homens sem paletó. Mas não tinham começado ainda a apagar os tocos de cigarro no prato, e a mesa estava bastante arrumada. Fomos acolhidos por gritos de alegria. Todos berravam e olhavam para Svetlana. Lila ocupou-se dela. Igor ofereceu vodca. "Multa. Multa para os retardatários", berrava Valódia. Havia um barulho infernal. Igor não se afastava de Svetlana, Lila abraçava um rapagão que se chamava Iura, Valódia recitava os versos péssimos de um poeta da moda. Estavam todos muito alegres. Zóia se aproximou de mim e serviu-me vodca:

— E então? perguntou-me.

— Então? — respondi.

—Tólia, Tólia, quanto tempo sem nos vermos! — gritavam os outros.

— É verdade. A última vez foi quando fomos para o campo, na casa de Igor, quando proclamaram o **Dia dos Homicídios Públicos.**

De repente, todos se calaram. O silêncio se prolongou de maneira embaraçosa. Por fim, Pavlik disse:

— Eu e Zóia, no 10 de agôsto, ficamos em casa sossegadamente, tínhamos a televisão, o nosso gravador...

E assim as línguas se soltaram e se começou a falar do que acontecera em 10 de agôsto. Em Odessa, a escória do povo tinha matado o Chefe de Polícia. Na República Federativa Russa não eram tantas assim as vítimas: no máximo 800 ou 900, de acôrdo com os cálculos da Repartição Central de Estatísticas.

— Tão poucas? Será possível?

— Sim, até as rádios estrangeiras disseram o mesmo.

— Mas nos outros lugares, quantos massacres! Os georgianos atiraram-se sôbre os armênios, os armênios contra os azebargianos.

— E na Ásia Central? Mataram-se lá também?

— Ali, nada de lutas intestinas. Sòmente eliminar os russos.

— Na Ucrânia, consideraram o decreto como uma diretiva do partido. Constituíram esquadras especiais de jovens militantes, prepararam umas listas secretas, mas sempre há alguém que fala demais e as pessoas designadas foram avisadas a tempo e puseram-se a salvo. Desta maneira, as esquadras especiais falharam. O Comitê destituiu 14 secretários de setor e dois secretários de distrito.

— Nos países bálticos, não houve nenhuma vítima. O Comitê central deplorou que ali a educação política da massa tenha um nível tão baixo. Houve destituições também.

— Nós trancamos a porta, corremos as cortinas e jogamos xadrez.

— Meu marido queria sair, mas eu lhe disse: "Você não vai sair, pense nos seus". Mas não foi fácil retê-lo em casa.

— Eu e Zóia — disse Pavlik — só sentimos que ninguém viesse nos fazer companhia. Teríamos nos divertido...

Por fim, tudo estava acabado. Acabado. Ninguém o dizia, mas todos estavam contentíssimos. Notava-se pelas caras, pelos comentários tímidos, pelas risadinhas nervosas, que o dia 10 de agôsto — que ousavam lembrar pela primeira vez — fôsse agora coisa passada. Entre todos nós, sòmente quatro pessoas não disseram nada: Svetlana, Zóia, Valódia e eu. Eu pensava na madrugada de 11 de agôsto. Tinha saído de casa e encontrava-me na Rua Sadova, olhando para os carros-tanque da limpeza pública que lançavam jatos de água em tôda a largura da rua e depois passavam o rôlo e a escova.

Esperei que Svetlana olhasse para mim e fiz-lhe um sinal para vir comigo à cozinha, longe do barulho.

— Então, Svetlana, gostou? Está se divertindo?

— Todos foram muito gentis. Mas há uma coisa que não compreendi. Quando se falou do 10 de agôsto, por que razão êles ficaram tão contentes?

— Estão contentes por terem escapado à morte.

— Embora todos estivessem trancados em suas casas, compreende-se que estavam — e aqui, Svetlana parou, procurando uma palavra exata— aterrorizados.

Aterrorizados. Com uma única palavra, Svetlana respondera da maneira mais exata à pergunta que durante semanas e semanas tinham-se feito em vão milhões de pessoas perturbadas e desorientadas. Aquela môça, inconscientemente, elevara-se ao nível dos homens de Estado, dos sagazes dirigentes do povo, ao nível onde circulam as diretrizes secretas, as informações difundidas por tétricas repartições às quais se dirigem os funcionários obsequiosos. Abracei Svetlana e disse:

— Não falemos mais nisso. Quero beijá-la. Há muito tempo que o desejo.

E assim acompanhei Svetlana para sua casa e agora vou para a minha. Passo por ruas e ruazinhas que conheço tão bem que poderia percorrê-las com os olhos fechados. Nos portões, vêem-se casais que se despedem sem decidir a se separar. Ouve-se o som de um rádio, o ranger dos freios de um carro, as risadas de grupos que voltam para casa saindo de um restaurante. Em tôdas as casas, há gente que diz palavrões ou recita versos, ou que faz promessas de amor. É Moscou que fala.

Eu ando pela ampla avenida silenciosa, apalpando meu bôlso para ter certeza de que não perdi meu livrinho de anotações. Penso no que escrevi.

Qualquer homem de minha geração poderia escrever as mesmas coisas, qualquer homem que ame êste país maldito e maravilhoso. Eu julguei êste país, seu povo e eu mesmo, às vêzes com indulgência demais, outras vêzes com demasiada severidade. Mas quem tem o direito de me condenar?

Continuo andando e digo para mim mesmo: "Êste é o seu mundo, a sua vida, você é uma célula, uma partícula dêste conjunto. Não pode se deixar aterrorizar. Assuma suas responsabilidades, assim terá cumprido seu dever para com os demais". E parece-me sentir a aprovação que, silenciosamente, chega até mim, como resposta, das ruas e das praças, das margens do rio, das árvores e das casas adormecidas, iguais aos navios de uma frota gigantesca que navega para o desconhecido.

Aqui fala Moscou.

FIM

COMO COMER MUITO BEM E MANTER SUA PELE PERFEITA

VIVA MELHOR COM

CLAUDIA

DE JULHO

MODÊLO EXCLUSIVO DE CARDIN PARA CLAUDIA
e ainda uma entrevista com o famoso costureiro.

FESTAS: como organizar e oferecer uma festa de criança.

CARMEM DA SILVA: grande sonho, grande fuga.

O GOVÊRNO REVOLUCIONÁRIO ACABOU COM A CORRUPÇÃO?

SIM No que diz respeito à administração federal a resposta é afirmativa. A previdência social, por exemplo, não oferece mais o quadro desolador dos últimos anos, que a levou a uma decomposição comparável à total insolvência. Atualmente a arrecadação, melhor controlada, cresce sensìvelmente, ao passo que as despesas são fiscalizadas com rigor. Nos demais setores ocorre a mesma coisa. E o que é, talvez, o mais importante: quando do conhecimento de quaisquer abusos, o Govêrno revolucionário age rigorosamente. Mas a corrupção não funciona apenas em relação a dinheiro. Há corrupção política, na forma do empreguismo, através do qual se conquistam os apoios e as dedicações e se amolecem as resistências. Nesse particular, a conduta do Govêrno, sob a vigilância atenta do Presidente Castelo Branco, tem sido exemplar. Não se fazem nomeações novas neste Govêrno. As poucas que têm saído ou dizem respeito a órgãos novos criados, ou a serviços de tal forma desfalcados que ficam ameaçados até de paralisação. Muitos órgãos — o Samdu é exemplo que conheço de perto — necessitariam de maior número de funcionários para melhor atender seus serviços. Mas os reclamos de pessoal passam por uma triagem rigorosa antes de serem atendidos — e geralmente o são de forma bem modesta. É inútil salientar que essa orientação determina uma salutar transformação no próprio orçamento da República. Hoje, as despesas com pessoal e as não reprodutivas representam um percentual bem menor, no total, do que há dois anos. E, com isso, sobra mais dinheiro para obras em benefício do povo ou para a promoção do nosso desenvolvimento econômico. Nos planos estaduais e municipais, a ação profilática de combate à corrupção não progrediu tanto quanto no plano federal, indiscutìvelmente. Em boa parte isso se deve ao tamanho de nosso território e às limitações dos órgãos de investigação, que não têm mãos a medir com as denúncias que lhes chegam de tôda parte do País e que precisam ser cuidadosamente apuradas para evitarem-se injustiças. Mas tanto é positiva a resposta à pergunta, que a autoridade moral do Presidente Castelo Branco e do seu Govêrno é hoje reconhecida de modo incontroverso. E, diga-se de passagem, essa é a condição básica para o reerguimento da Nação, no plano econômico, político e social.

Herbert Levy
Deputado Federal

NÃO No sentido político, corrupção é a prática continuada de atos contrários à dignidade da vida pública. O golpe de 1.º de abril foi desfechado para "abolir a corrupção, punir os corruptos e confiscar-lhes os bens". Naquela ocasião anunciaram-se devassas nas administrações dos srs. Juscelino Kubitschek e João Goulart, o primeiro apontado como responsável pelas negociatas da construção de Brasília, o segundo pelas irregularidades no Banco do Brasil e outros órgãos. Até agora, dois anos passados, nada de concreto se apurou contra a probidade daqueles dois ex-Presidentes. Ao contrário, o antigo dirigente da **Novacap** preside hoje, com apoio do Govêrno, os destinos de Minas Gerais. Quanto a outros setores da administração federal, é suficiente recordar que o antigo presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico do Govêrno de Kubitschek e ex-Embaixador em Washington do Govêrno Goulart é o mesmíssimo sr. Roberto Campos, atual Ministro do Planejamento. Êstes são os fatos: não houve corrupção a abolir, nem corruptos a punir, nem bens a confiscar. Tanto o Presidente deposto como seu antecessor eram de origem legítima (eleitos pelo povo) e sofreram a mais severa fiscalização através da oposição parlamentar, da imprensa livre, das agremiações partidárias e do Tribunal de Contas da União. Êsses quatro instrumentos de fiscalização e denúncia não permitiram impunidades. No atual Govêrno, porém, pode-se logo ver que o resultado é bem inverso. Na verdade, tem sido oficialmente premiado o oportunista, ocasionando o degradante fenômeno do **bigorrilhismo.** Ademais, foram institucionalizados o voto à fôrça e a delação pelo mecanismo de ameaças montado pelos IPMs. A implantação dêsse policialismo veio, ainda, impedir o acesso à intimidade da administração, considerando-se **tentativa de subversão** qualquer denúncia contra o Govêrno. Quanto ao chamado **tráfico de influência**, precisamente os que mais prometeram moralidade são agora os primeiros a praticar o nepotismo e a desprezar o sistema do mérito no recrutamento dos servidores. No Estado do Rio, por exemplo, foram nomeados nestes dois últimos anos mais de 12.000 parentes e amigos do Governador. Para a instalação da Justiça Federal nos Estados vão ser premiados 750 outros parentes e protegidos dos moralistas **revolucionários.** Na verdade, a corrupção campeia agora mais do que nunca. Tornou-se uma regra de conduta, um fator de sucesso pessoal.

Doutel de Andrade
Deputado Federal

Resposta à carta do leitor Wilson Guimarães — São Paulo — SP

ÁGUA FERVENDO
NA XÍCARA E
A SEGUIR
O SAQUINHO:
PRONTO! UM CHÁ
DELICIOSO:

Tender Leaf

NATURALMENTE.

O ÚNICO
EM SAQUINHOS:
A MEDIDA
CERTA NA
FORMA QUE
CONVÉM

Chá Tender Leaf

(Para sua conveniência, embalagens com 12, 48 ou 100 saquinhos)

Mais um produto de qualidade FR Fleischmann-Royal

Luz, alegria da gente

Luz do dia, festa da vida. Luz das lâmpadas: a vida continua pela noite. Vibrando, palpitando, sorrindo, cantando: no aconchêgo dos lares, no festivo dos salões, no burburinho das ruas, praças e avenidas, nos hinos do trabalho. Quando luzes se acendem, nas mais variadas formas de iluminação, essa alegria festeja o gênio de Thomas Alva Edison. É então que você pode sentir a presença da General Electric — herdeira e continuadora do gênio inventivo de Edison.

LUZ É VIDA, LUZ É G-E

46.936